

E SE UMA CARTA PUDESSE MUDAR TUDO?



Mais de 100 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS

QUERIDO JOHN



QUERIDO JOHN



O Arqueiro

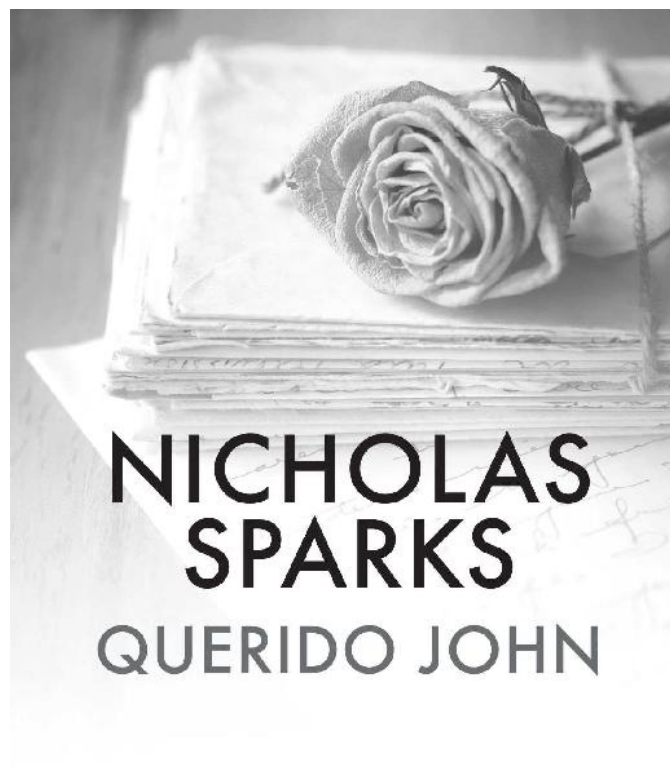
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.





Título original: *Dear John*

Copyright © 2006 por Nicholas Sparks
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Foto do autor reproduzida com permissão da Warner Bros. Entertainment Inc. Todos os direitos reservados.

tradução: Paulo Geiger

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Anna Beatriz Seilhe, Hermínia Totti e Renata Dib

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: © Susan Fox/ Trevillion Images

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S726q

Sparks, Nicholas

Querido John [recurso eletrônico]/ Nicholas Sparks; tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: Dear John

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-772-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Geiger, Paulo. II. Título.

17-44096

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Micah e Christine

Prólogo



Lenoir, 2006

O que significa amar de verdade outra pessoa?

Houve uma época em minha vida na qual eu pensava que sabia a resposta. Eu gostava de Savannah mais do que de mim mesmo, e tinha certeza de que ficaríamos juntos pelo resto da vida. Mas eu estava errado.

Ela me disse uma vez que a chave da felicidade era ter sonhos realizáveis, e os dela não eram nada fora do comum. Casamento, família... o básico. Ter um emprego estável, uma casa com cerca branca e uma minivan grande o bastante para levar nossos filhos para a escola, para o dentista, para o treino de futebol ou para os recitais de piano. Dois ou três filhos, ela nunca foi muito clara nesse aspecto, mas meu palpite é que, quando chegasse a hora, ia sugerir que deixássemos a vida seguir seu curso e Deus tomar a decisão por nós. Savannah era assim – no âmbito religioso, quero dizer – e suponho que esse foi um dos motivos pelos quais me apaixonei por ela. Fosse lá o que fosse acontecer em nossas vidas, eu podia me imaginar deitado a seu lado na cama no fim do dia enquanto conversávamos e ríamos, perdidos nos braços um do outro.

Para duas pessoas que se amam, essa realidade não soa tão absurda assim, não é mesmo? Era o que eu pensava também. Embora uma parte de

mim ainda acredite que seja possível, não vai acontecer. Quando eu for embora, será para nunca mais voltar.

Por agora, no entanto, fico sentado na encosta que dá para o rancho dela, esperando que Savannah apareça. Ela não vai poder me ver, é claro. No Exército eu aprendi muito bem a me camuflar no terreno, porque não tinha a menor vontade de morrer no meio do deserto iraquiano. Mas eu tinha que voltar para esta pequena cidade da Carolina do Norte, precisava descobrir o que havia acontecido. Queria saber a verdade.

Porém, Savannah nunca vai saber que estive aqui hoje.

Parte de mim se ressentia da ideia de ela estar tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe. Houve um tempo em que compartilhávamos a mesma história, mas isso foi há seis anos. Lembranças podem ter uma presença física, quase viva, e essa é outra característica que nos difere. Se as dela são como estrelas num céu noturno, as minhas são os espaços vazios e sombrios que existem entre elas. Tenho carregado o fardo das perguntas que me assombram desde a última vez em que estivemos juntos.

Por que fiz isso? Eu o faria novamente?

Foi culpa minha.

As folhas à minha volta estão apenas dando início a sua lenta transição para a cor do fogo, brilhando ao sol que vai surgindo no horizonte. Os pássaros começaram a sair dos ninhos e o ar está pleno dos aromas dos pinheiros e da terra, tão diferente do ar salgado de minha cidade natal.

A porta da frente se abre e eu a vejo. Apesar da distância que existe entre nós, prendo a respiração. Savannah se espreguiça antes de descer os degraus. Ela passa pelo portão que conduz ao pasto, que brilha como se fosse um oceano verde. Um cavalo relincha uma saudação, depois outro, e meu primeiro pensamento é que Savannah parece ser pequena demais para se movimentar com tanta tranquilidade entre eles. Mas ela sempre esteve à vontade com os cavalos. Meia dúzia deles pastava na grama junto ao mouro da cerca. Midas, seu cavalo árabe preto, estava um pouco afastado. Uma vez cavalgamos juntos e, enquanto eu me agarrava para não cair, ela

se mostrava tão relaxada em sua sela que poderia estar assistindo à televisão.

Savannah para e cumprimenta Midas. Acaricia seu focinho enquanto sussurra alguma coisa, dá uma palmadinha em suas ancas e, quando se afasta, as orelhas dele se levantam ao vê-la ir para o celeiro.

Ela volta carregando dois baldes com aveia. Pendura-os em duas estacas da cerca, e alguns cavalos vão trotando até lá. Quando dá um passo para trás, vejo seu cabelo se agitar na brisa. Enquanto Midas come, Savannah o prepara para seu passeio. Poucos minutos depois, ela o está conduzindo em direção às trilhas na floresta, com a mesmíssima aparência de seis anos atrás. Sei que isso não é verdade – eu a vi de perto no ano passado e notei as primeiras rugas começando a se formar em torno de seus olhos –, mas o prisma através do qual eu a via continua a ser o mesmo. Para mim, ela sempre terá 21 anos, e eu sempre terei 23. Eu ainda estava em meu posto na Alemanha – não tinha seguido para Fallujah, ou Bagdá, nem recebido sua carta, que li na estação ferroviária em Samawah nas primeiras semanas da campanha – e ainda voltaria para casa.

Agora, com 29 anos, às vezes me questiono quanto às escolhas que fiz. O Exército se tornou a única vida que conheço. Não sei se deveria ficar chateado ou satisfeito com isso; na maior parte do tempo, vivo mudando de ideia. Quando me perguntam, digo que sou um soldado raso, pois é assim que me vejo. Ainda moro na base militar na Alemanha, devo ter mil dólares guardados, e já faz anos que não saio com alguém. Não pratico mais surfe, nem quando estou de licença, mas em dias de folga saio com minha Harley para o norte ou para o sul.

A moto foi a única coisa boa que comprei para mim, embora custe uma fortuna por lá. Combina comigo, pois me tornei o tipo solitário. Meus companheiros já deram baixa, mas eu provavelmente serei mandado para o Iraque nos próximos meses. Ao menos são esses os boatos que circulam na base. Quando conheci Savannah Lynn Curtis – para mim, ela será sempre Savannah Lynn Curtis –, não poderia prever que a minha vida seguiria a direção que seguiu, ou acreditar que eu faria carreira no Exército.

Mas eu a conheci, e isso é o que faz com que minha vida atual seja tão estranha. Eu me apaixonei por ela quando estávamos juntos, e me apaixonei mais profundamente nos anos em que estivemos separados. Ainda não consigo acreditar que a nossa história terminou.

Fico refletindo sobre essas coisas e, como sempre, volto a pensar no tempo em que passamos juntos. E me vejo relembrando como tudo começou, pois agora essas lembranças são tudo que me resta.

PARTE UM

1



Wilmington, 2000

Meu nome é John Tyree. Nasci em 1977 e cresci em Wilmington, Carolina do Norte, uma cidade que se gaba por ter o maior porto do estado, assim como uma longa história. Hoje parece ser mais um local que surgiu por acaso. Com certeza, o clima era ótimo e as praias, perfeitas, mas não estava preparada para a onda de aposentados ianques do norte em busca de um lugar barato onde passar seus anos dourados.

A cidade está localizada numa faixa de terra limitada de um lado pelo rio Cape Fear e, do outro, pelo oceano. A Rodovia 17, que leva a Myrtle Beach e a Charleston, divide Wilmington e funciona como a via principal. Quando era garoto, meu pai e eu conseguíamos ir de carro do distrito histórico junto ao rio até Wrightsville Beach em dez minutos, mas os tempos são outros. Tantos semáforos foram instalados, tantos shoppings construídos com o passar dos anos que o percurso agora leva uma hora, sobretudo nos fins de semana, quando a região é invadida por turistas.

Wrightsville Beach, localizada numa ilha bem perto da costa, fica na extremidade norte de Wilmington e é, de longe, uma das praias mais populares do estado. As casas ao longo das dunas são ridiculamente caras, e a maioria delas é alugada por todo o verão. Outer Banks talvez seja mais atraente para os casais, devido a seu isolamento, aos cavalos selvagens e

ao voo dos irmãos Wright, mas em geral as pessoas que vão à praia nas férias se sentem mais à vontade quando têm um McDonald's ou um Burger King por perto, caso as crianças não gostem muito do cardápio local, e querem diversas opções de atividades noturnas.

Como meu pai tinha um emprego sólido, nossa situação era boa. Não maravilhosa, mas boa. Não éramos ricos, mas morávamos perto o bastante do bairro rico para que eu pudesse estudar num dos melhores colégios da cidade. Contudo, nossa casa não era como a de meus colegas. Era velha, pequena e parte da varanda já começava a desmoronar. Acho que só o quintal se salvava.

Nele crescia um grande carvalho, onde construí uma casa quando tinha 8 anos, com as sobras de madeira de um canteiro de obras. Meu pai não me ajudou nesse projeto (se ele acertasse um prego com o martelo, consideraríamos apenas um acidente); foi no mesmo verão em que aprendi a surfar. Suponho que, na época, eu deveria ter percebido como eu era diferente dele, mas isso só mostra como sabemos pouco sobre a vida quando somos crianças.

Enquanto meu pai era passivo e introspectivo, eu estava sempre em movimento e detestava ficar sozinho; enquanto ele valorizava muito a educação, para mim a escola era como um clube social com esportes. Ele vivia encurvado e tendia a arrastar os pés quando caminhava; eu pulava de um lugar para outro, sempre pedindo que ele cronometrasse minha corrida até o fim do quarteirão e de volta. Quando estava no oitavo ano, eu já era mais alto que meu pai. Um ano depois, eu conseguia vencê-lo na queda de braço. Nossas características físicas também eram díspares: enquanto ele tinha cabelo claro, olhos cor de avelã e sardas, meu cabelo e meus olhos eram castanhos e minha pele escurecia até atingir um bronzeado profundo em maio. Alguns de nossos vizinhos se espantavam com essas diferenças, o que faz sentido, suponho, considerando que meu pai me criou por conta própria. Quando fiquei mais velho, eu o ouvia às vezes cochichando sobre o fato de minha mãe ter ido embora quando eu tinha menos de 1 dia de idade. Eu suspeitava que ela tinha encontrado outra pessoa, mas meu pai

nunca confirmou isso. Tudo que ele me contou foi que ela não estava preparada para ser mãe. Ele não a xingava nem a elogiava. Aliás, sempre se assegurava de que eu a incluísse em minhas preces.

– Você me lembra sua mãe – dizia às vezes.

Nunca a conheci, e não tenho vontade de conhecê-la.

Acho que meu pai era feliz. Não tenho certeza porque ele quase nunca demonstrava emoções. Abraços e beijos foram coisas raras para mim enquanto eu crescia. Quando aconteciam, eu tinha a impressão de que eram sem vida, algo que meu pai fazia porque achava que devia fazer. No entanto, sei que me amava. Só não conseguia demonstrar.

Ele tinha mais vocação para ser um monge do que um pai. Foi o homem mais pacato que conheci. Fazia poucas perguntas sobre o que estava acontecendo em minha vida, raramente ficava zangado e raramente brincava. Viviam seguindo uma rotina. Fazia para mim ovos mexidos, torrada e bacon toda manhã, e me ouvia contar sobre a escola durante o jantar. Marcava consultas no dentista com dois meses de antecedência, pagava as contas na manhã de sábado, lavava roupa domingo à tarde e sempre saía de casa exatamente às 7h35. Não tinha traquejo social e todo dia passava longas horas sozinho, despejando pacotes e maços de correspondência nas caixas de correio que ficavam ao longo de sua rota. Não saía para encontros nem passava noites jogando pôquer com os amigos; o telefone podia ficar silencioso durante semanas. Quando tocava, era engano ou telemarketing. Sei como deve ter sido duro para ele me criar sozinho, mas meu pai nunca reclamou, mesmo quando o desapontei.

Eu passava as noites sozinho. Com as obrigações do dia finalmente cumpridas, ele ia para seu canto e para suas moedas. Era sua única grande paixão na vida. A maior satisfação do meu pai era ficar sentado no escritório, vendo sua coleção e tentando imaginar qual seria a próxima moeda que acrescentaria ao conjunto.

O herói de meu avô tinha sido um homem chamado Louis Eliasberg, um financista de Baltimore que fora a única pessoa a ter reunido uma coleção completa de moedas dos Estados Unidos, inclusive em todas as várias

datas e marcas da casa da moeda, que rivalizava com a do Smithsonian. Após a morte de minha avó, em 1951, meu avô ficou fascinado com a ideia de fazer uma coleção com o filho. Durante os verões, ele e meu pai iam de trem a várias casas da moeda para coletar itens novos em primeira mão ou visitar diversas exposições no sudeste.

Na época eles estabeleceram relações com negociantes em todo o país, e meu avô gastou uma fortuna durante anos, negociando e melhorando a coleção. Ao contrário de Eliasberg, no entanto, meu avô não era rico. Ele tinha uma mercearia em Burgaw que fechou quando a cidade ganhou seu primeiro supermercado. Mesmo assim, cada dólar extra ia para as moedas. Meu avô vestiu o mesmo paletó durante trinta anos, dirigiu o mesmo carro durante toda a sua vida, e estou certo de que meu pai foi trabalhar nos correios em vez de ir para a faculdade porque não tinha sobrado um vintém sequer para pagar seu ensino superior. Meu avô era sem dúvida um sujeito esquisito, assim como meu pai. *Tal pai, tal filho*. Quando o velho faleceu, ele deixou especificado no testamento que, se sua casa fosse vendida, o dinheiro seria empregado para adquirir ainda mais moedas, o que, provavelmente, era o que o filho faria de qualquer maneira.

Quando meu pai herdou a coleção, ela já era bem valiosa. No momento em que a inflação desandou e o ouro bateu em 850 dólares uma onça, ela valia uma pequena fortuna, mais que suficiente para ele se aposentar com conforto e sossego. Mas meu avô e meu pai não tinham feito aquela coleção por dinheiro; fizeram pela emoção da caça e pela ligação entre eles. Havia algo excitante na longa e difícil busca por uma moeda específica, em finalmente localizá-la, e depois nos trâmites da negociação para adquiri-la por um bom preço. Às vezes a moeda tinha um preço acessível, às vezes não, mas cada uma das peças que acrescentavam à coleção era um tesouro.

Meu pai esperava poder compartilhar comigo essa paixão, inclusive o sacrifício que isso requeria. Eu ganhava um único par de sapatos novos por ano; nunca havia dinheiro para comprar roupas. Ele não tinha uma câmera. A única foto que temos foi tirada numa exposição de moedas em Atlanta;

um negociante nos fotografou quando estávamos diante de seu estande, e a enviou para nós. Durante anos ficou pendurada acima da escrivaninha de meu pai. Na foto, ele está com o braço passado por cima do meu ombro, e nós dois estamos radiantes. Tenho na mão um *buffalo nickel* 1926-D, a moeda de cobre com um búfalo numa face e uma cabeça de índio na outra, em perfeito estado, que meu pai tinha acabado de comprar. Era uma das mais raras, porém acabamos tendo que comer feijão durante um mês, pois custara mais do que ele tinha esperado.

Mas esses sacrifícios não me incomodaram – por algum tempo, pelo menos. Quando meu pai começou a falar comigo sobre moedas – eu devia estar no primeiro ou no segundo ano do ensino fundamental na época –, falou de igual para igual. Quando um adulto trata uma criança assim, ela fica entusiasmada. Naquele período eu poderia lhe dizer quantas moedas *Saint-Gaudens double eagle* foram cunhadas em 1927, em comparação com 1924, e por que um *Barber dime* de 1895 cunhado em Nova Orleans valia dez vezes mais que a mesma moeda cunhada no mesmo ano na Filadélfia. Aliás, ainda posso. Só que, ao contrário de meu pai, posteriormente comecei a perder a paixão de colecionador. Parecia ser o único assunto sobre o qual meu pai era capaz de falar e, após seis ou sete anos de fins de semana passados com ele e não com amigos, eu queria cair fora.

Como a maioria dos meninos, comecei a me interessar por outras coisas: esportes, garotas, carros e música. Aos 14 anos, já passava pouco tempo em casa. Aos poucos, comecei a notar as diferenças no estilo de vida quando me comparava com a maioria de meus amigos. Enquanto eles tinham dinheiro para ir ao cinema ou para comprar tênis de marca, eu me via vasculhando o bolso em busca de moedas para comprar um hambúrguer no McDonald's. Alguns de meus amigos ganharam um carro quando completaram 16 anos; meu pai me deu um dólar de prata Morgan de 1883 cunhado em Carson City. Os rasgões em nosso sofá surrado eram tapados com um cobertor, e éramos a única família que eu conhecia que não possuía TV a cabo e micro-ondas. Quando a geladeira pifou, ele comprou uma usada com a tonalidade de verde mais abominável do mundo, que não

combinava com nada que havia na cozinha. Fiquei constrangido ao pensar que meus amigos poderiam vir me visitar, e culpei meu pai por isso. Sei que foi um sentimento cruel – se a falta de dinheiro me incomodava tanto, eu poderia ter feito algum bico –, mas é a verdade. Embora eu hoje lamente por ter sido tão imaturo, não posso desfazer o passado.

Meu pai percebeu que algo estava mudando, mas não sabia como lidar com a situação. Então continuou fazendo o que sabia – falar sobre moedas e preparar meus desjejuns e jantares –, porém o estranhamento entre nós aumentou. Ao mesmo tempo, eu me afastava dos amigos que sempre conhecera. Eles estavam se dividindo em grupinhos, de acordo com as marcas de camisas e tênis que compravam no shopping. Eu me sentia excluído e apenas observava. *Danem-se*, pensei. No ensino médio há lugar para qualquer um, e comecei a andar com as pessoas erradas, que não davam a mínima para nada. Passei a matar aula e a fumar, e fui suspenso três vezes por me meter em brigas.

Abandonei os esportes também. Eu corria e jogava futebol americano e basquete até o segundo ano do ensino médio. Mas às vezes, quando chegava em casa e meu pai me perguntava como eu estava indo, ele parecia ficar incomodado quando eu entrava em detalhes, pois era óbvio que não entendia nada do assunto. Meu velho nunca jogou num time em toda a sua vida. Foi assistir a um único jogo de basquete quando eu estava no segundo ano. Sentou na arquibancada, um sujeito estranho ficando careca, vestindo um surrado paletó esporte e meias que não combinavam. Embora não fosse obeso, suas calças lhe beliscavam a cintura, fazendo com que parecesse estar grávido de três meses, e eu não queria que soubessem do nosso parentesco. Fiquei constrangido só de vê-lo e, após o jogo, eu o evitei. Não me orgulho de ter feito isso, mas eu era assim.

E as coisas ficaram ainda piores. No ano da formatura, minha rebeldia chegou ao ápice. Por preguiça e descuido, minhas notas vinham declinando havia vários anos. Mais de uma vez meu pai me flagrou voltando para casa tarde da noite e com o hálito cheirando a bebida. Fui escoltado pela polícia depois de ter sido encontrado numa festa dominada por drogas e ál-

cool. Quando ele me mandou ficar de castigo, fugi para a casa de um amigo por algumas semanas, depois de dizer a meu pai, com raiva, que cuidasse da própria vida. Não pedi desculpas quando voltei; em vez disso, os ovos mexidos, a torrada e o bacon estavam na mesa pela manhã, como era de costume. Passei de ano raspando, e desconfio que o colégio deixou que me formasse só porque me queria fora de lá. Sei que meu pai ficou preocupado e, às vezes, com seu jeito tímido, tocava na questão da faculdade, mas eu já tinha decidido não ir. Eu queria um emprego, um carro, as coisas materiais sem as quais eu tinha vivido.

Quando se deu conta de que eu não tinha me inscrito nem mesmo para um curso profissional, meu pai se fechou no escritório pelo resto da noite e não falou comigo na manhã seguinte. No outro dia, tentou engatar outra conversa sobre moedas, como se tentando se agarrar ao companheirismo que de alguma forma se perdera entre nós.

– Lembra quando fomos para Atlanta e você encontrou aquele níquel com a cabeça de búfalo que tínhamos procurado durante tantos anos? Aquele com o qual nós tiramos uma foto?

Balancei a cabeça, toda a frustração da vida que eu levava com meu pai assomando à superfície.

– Estou farto de falar de moedas! – gritei com ele. – Não quero falar disso de novo! Você devia vender a maldita coleção e fazer outra coisa. *Qualquer coisa.*

Meu pai não disse nada, mas nunca me esquecerei de sua expressão de dor quando se enfurnou de volta no escritório. Eu o magoei. Desde então ele raramente voltou a tocar no assunto das moedas. Nem eu. Isso se tornou um abismo entre nós dois. Alguns dias mais tarde percebi que a única foto que tínhamos juntos também se fora, como se ele acreditasse que mesmo a mais tênue referência a moedas poderia me perturbar.

Enquanto crescia, nunca considerei a possibilidade de entrar para o Exército. Apesar de a Carolina do Norte ser uma das maiores áreas militares do país – existem sete bases num raio de poucas horas de carro a partir de Wilmington –, eu costumava pensar que as Forças Armadas eram para

fracassados. Que tipo de imbecil desejaria passar a vida recebendo ordens o tempo todo? Eu não!

Meus colegas de turma tinham ido para a Universidade da Carolina do Norte ou para a Universidade Estadual, enquanto os que não tinham sido bons estudantes ficaram para trás, pulando de um emprego para outro, tomando cerveja e evitando ao máximo tudo que pudesse requerer um mínimo de responsabilidade.

Eu caí nessa última categoria. Em poucos anos passei por uma sucessão de empregos: sendo ajudante de garçom no Outback, picotando ingressos no cinema local, carregando e descarregando caixas, fazendo panquecas em uma lanchonete e trabalhando como caixa em alguns lugares turísticos que vendiam porcarias.

Torrava cada vintém que ganhava, não tinha expectativa alguma sobre galgar posições de gerência, e acabava sendo despedido de cada emprego que arranjava. Por algum tempo não liguei para isso. Estava vivendo minha vida. Surfava e dormia até tarde, e como ainda morava com meu pai, não gastava nada de minha renda em coisas como aluguel, comida ou seguro. Além disso, nenhum de meus amigos estava se saindo melhor do que eu.

Um dia, eu me cansei daquela vida. Não me lembro de ter ficado especialmente infeliz, eu só não aguentava mais. Não me refiro ao surfe – em 1996, os furacões Bertha e Fran se aproximaram da costa, e aquelas foram algumas das melhores ondas em muitos anos –, mas comecei a me dar conta de que todas as noites eram iguais. Eu ficava bebendo cerveja e encontrava com alguém que tinha conhecido na escola, e um perguntava o que o outro estava fazendo. Não é preciso ser um gênio para descobrir que não tínhamos futuro algum. Nunca acreditava quando me contavam que gostavam de ser cavadores de valas, lavadores de vidraças ou transportadores de banheiros públicos, porque eu sabia muito bem que nenhuma dessas ocupações era o tipo de coisa com que tinham sonhado quando adolescentes. Eu posso ter sido preguiçoso em sala de aula, mas não era estúpido.

Saí com dezenas de mulheres durante aquele período. A maioria desses

relacionamentos não vale a pena ser lembrado. Usei mulheres e me deixei ser usado, e sempre guardei os sentimentos para mim. Só meu relacionamento com uma garota chamada Lucy é que chegou a durar mais que alguns meses e, por algum tempo, antes de inevitavelmente nos separarmos, pensei estar apaixonado. Ela estudava na Universidade da Carolina do Norte, era um ano mais velha que eu e queria trabalhar em Nova York depois de se formar.

– Gosto muito de você – disse Lucy em nossa última noite juntos –, mas queremos coisas diferentes. Você tem um grande potencial, mas, por alguma razão, está satisfeito de ficar andando sem rumo. – Ela hesitou antes de continuar: – Mais do que isso, eu nunca soube o que você realmente sente por mim.

Ela tinha razão. Pouco tempo depois, Lucy foi embora de avião sem se incomodar em dizer adeus. Um ano mais tarde, depois de conseguir o número de seu telefone com os pais, liguei para ela e conversamos durante vinte minutos. Estava noiva de um advogado e ia se casar em breve.

Essa ligação me afetou mais do que eu pensei que afetaria. No mesmo dia, eu havia sido demitido – mais uma vez – e fui me consolar no bar. A mesma multidão de fracassados estava lá. Foi quando me dei conta de que não queria passar mais uma noite à toa fingindo que tudo em minha vida corria bem. Em vez disso, comprei uma embalagem de seis cervejas e fui me sentar na praia. Foi a primeira vez em anos que pensei de verdade no que estava fazendo com minha vida e me perguntei se deveria aceitar o conselho de meu pai e me formar em alguma universidade. Contudo, eu deixara de estudar havia tanto tempo que essa ideia me pareceu estranha e ridícula. Chame isso de sorte ou azar, mas dois fuzileiros navais passaram correndo naquele momento. Jovens e atléticos, irradiavam autoconfiança. Se eles conseguiam ser assim, eu também conseguiria.

Fiquei meditando sobre o assunto por alguns dias, e no fim meu pai me ajudou a tomar a decisão. Não que eu tivesse conversado com ele sobre isso. Nós não nos falávamos. Mas uma noite eu estava indo em direção à cozinha e o vi sentado à sua escrivaninha, como sempre. Dessa vez, eu o

examinei com atenção. Seu cabelo tinha ido quase todo embora, e o pouco que restara estava totalmente grisalho. Aproximava-se da aposentadoria, e me ocorreu a ideia de que eu não tinha direito de deixá-lo na mão depois de tudo que tinha feito por mim.

Então, eu me alistei no Exército. Meu primeiro pensamento foi fazer parte dos fuzileiros navais, pois eram os caras com os quais eu tinha mais familiaridade. Wrightsville Beach estava sempre cheia de fuzileiros de Camp Lejeune ou Cherry Point, mas quando chegou a hora, escolhi o Exército. O recrutador da Marinha estava almoçando quando apareci por lá e o do Exército – cujo escritório fica bem em frente, no outro lado da rua – estava presente. No fim, a decisão parecia ter sido mais espontânea do que planejada, mas assinei na linha pontilhada para um serviço de quatro anos. Só depois que o recrutador me deu parabéns e um tapinha nas costas, me perguntei onde eu tinha me metido. Isso foi no final de 1997, e eu estava com 20 anos.

O campo de treinamento básico em Fort Benning era tão ruim quanto eu tinha imaginado. Tudo parecia ter sido projetado para nos humilhar e nos submeter a lavagem cerebral, para que obedecêssemos às ordens sem questionar, não importando quão estúpidas fossem, mas eu me adaptei mais rapidamente que muitos dos outros sujeitos. Depois de passar pelo pior, escolhi a infantaria. Durante os meses seguintes, fizemos uma série de simulações em lugares como a Louisiana e o bom e velho Fort Bragg, onde aprendemos as melhores maneiras de matar pessoas e destruir coisas.

Minha unidade fazia parte da Primeira Divisão de Infantaria – também conhecida como a Grande Divisão Vermelha –, e depois de algum tempo foi enviada para a Alemanha. Eu não falava uma só palavra em alemão, mas isso não teve importância, já que quase todo mundo com quem eu conversava falava inglês. No início foi fácil, depois se estabeleceu a verdadeira vida no Exército. Passei sete meses horríveis nos Bálcãs – primeiro na Macedônia, em 1999, depois em Kosovo, onde permaneci até o fim da primavera de 2000. A vida no Exército não era bem remunerada, mas, considerando que não havia aluguel a pagar nem despesas com alimenta-

ção, pela primeira vez na vida eu tinha dinheiro no banco. Não muito, mas o suficiente.

Passei a primeira licença em casa num tédio total. E a segunda em Las Vegas. Um de meus colegas tinha crescido lá e fomos todos parar na casa dele. Torrei quase tudo que tinha economizado. Em minha terceira licença, após ter voltado de Kosovo, eu estava precisando desesperadamente de uma pausa de verdade, e decidi ir para casa, na esperança de que a monotonia da visita bastasse para acalmar minha mente.

Meu pai e eu quase nunca nos falávamos por telefone, mas ele me escrevia cartas, sempre postadas no primeiro dia de cada mês. Não eram como as que meus companheiros recebiam das mães, irmãs ou esposas. Nada pessoal, nada que fosse muito sentimental, e nem uma palavra insinuando que sentia minha falta. Tampouco mencionava suas queridas moedas. Em vez disso, falava sobre mudanças ocorridas na vizinhança e um bocado sobre as condições do tempo. Quando escrevi lhe contando sobre um tiroteio em que estive envolvido, ele respondeu dizendo que estava contente por eu ter sobrevivido, mas não falou mais nada a respeito. Eu soube, pelo jeito com que se expressou, que não queria ouvir nada sobre as coisas perigosas que eu fazia. O fato de eu estar em risco o amedrontava. Assim, comecei a omitir os assuntos mais assustadores e lhe enviava cartas contando como ficar de guarda à noite era sem dúvida a tarefa mais tediosa já inventada, e que a única coisa empolgante que me coube fazer durante semanas foi tentar adivinhar quantos cigarros o outro guarda ia efetivamente fumar numa única noite. Meu pai terminava todas as cartas com a promessa de que escreveria outra vez. Desde então comecei a acreditar que ele era uma pessoa muito melhor do que jamais serei.

Mas eu amadureci nos últimos três anos. Sim, eu sei, sou um clichê ambulante: entrei como um garoto, saí como um homem. Mas todo mundo no Exército é obrigado a amadurecer, ainda mais se for da infantaria. Os outros lhe entregam um equipamento que custa uma fortuna e depositam a confiança em seus ombros. Se você estragar tudo, a penalidade é muito mais rigorosa do que ir para cama sem jantar. Claro, tem muita papelada,

todo mundo fuma e não há quem complete uma sentença sem um palavrão. Além disso, tem que responder aos questionários do pessoal do Centro de Treinamento de Oficiais da Reserva, caras que acabaram de sair da faculdade e pensam que soldados rasos como eu temos QIs de Neandertais. Mas você é obrigado a aprender a lição mais importante na vida: é necessário corresponder a suas responsabilidades, e é melhor que faça isso direito. Quando recebe uma ordem, você não pode recusar. Vidas dependem de você. Uma decisão errada e seu colega pode morrer. É isso que faz o Exército funcionar.

O erro que muita gente comete é se perguntar como é que soldados são capazes de arriscar suas vidas dia após dia, ou como conseguem lutar por algo em que talvez não acreditam. Ninguém faz isso. Trabalhei com soldados que eram de todos os pontos do espectro político; conheci alguns que odiavam o Exército e outros que estavam ali para fazer carreira. Encontrei gênios e idiotas, mas no fim das contas fazemos o que fazemos uns pelos outros. Por amizade. Não pelo país, não por patriotismo, não porque somos máquinas programadas para matar, mas por causa do cara que está a seu lado. Você luta por seu amigo, para mantê-lo vivo, e ele luta por você. Tudo que diz respeito ao Exército se baseia nessa simples premissa.

Entrei no Exército como fumante e quase expeli um pulmão durante o treinamento no campo. Ao contrário de praticamente todos em minha unidade, parei de fumar e não toquei em cigarros durante mais de dois anos. Moderei na bebida a ponto de uma ou duas cervejas por semana ser suficiente. Meu desempenho foi impecável. Fui promovido de soldado raso a cabo e, seis meses mais tarde, a sargento. Descobri que tinha aptidão para liderar. Comandei homens em situações de troca de tiros, e meu pelotão esteve envolvido na captura de um dos mais notórios criminosos de guerra nos Bálcãs. Meu comandante me recomendou para a Escola de Candidatos a Oficial, mas eu estava indeciso quanto a me tornar ou não um oficial, pois isso significava às vezes um trabalho administrativo e ainda mais papitada.

Quando tirei a terceira licença, eu tinha ganhado 10 quilos de músculos

e eliminara a flacidez de minha barriga. Passava a maior parte de meu tempo livre correndo, praticando boxe e levantamento de peso com Tony, um marombado de Nova York que sempre falava gritando, jurava que tequila era um afrodisíaco e era, de longe, meu melhor amigo na unidade.

Eu lia muito também. No Exército você dispõe de muito tempo para ler, e as pessoas trocam livros o tempo todo, ou pegam emprestado na biblioteca até as capas ficarem muito desgastadas. Não quero que tenham a impressão de que me tornei um erudito, porque não foi o caso. Eu não lia Chaucer, Proust ou Dostoiévski; lia sobretudo obras de suspense e de Stephen King e gostava particularmente de Carl Hiaasen, pois suas palavras fluíam com facilidade e ele sempre me fazia rir. Não pude deixar de pensar que, se as escolas indicassem esses livros na aula de inglês, teríamos muito mais leitores no mundo.

Ao contrário de meus colegas, eu me esquivava de qualquer companhia feminina. Soa estranho, certo? No auge da vida, numa atividade que injetava testosterona, o que poderia ser mais natural do que buscar um pouco de alívio com a ajuda de uma mulher? Não era para mim. Militares em geral têm relacionamentos difíceis e eu tinha visto divórcios suficientes para saber disso. Eu não me incomodaria de ter a companhia de alguém especial, mas é que nunca aparecia uma pessoa assim. Tony não conseguia entender.

– Vamos sair! – pedia ele. – Vem comigo.

– Não estou a fim.

– Como pode não estar a fim? Sabine vai levar uma amiga que é deslumbrante. Alta e loura, e gosta de tequila.

– Leva o Don. Tenho certeza de que ele gostaria de ir.

– Castelow? Nem a pau! Sabine não o suporta.

Eu não disse nada.

– Vamos nos divertir um pouco.

Fiz que não com a cabeça, pensando que preferia ficar sozinho a voltar a ser o tipo de pessoa que tinha sido, mas me peguei pensando se não ia acabar sendo tão monástico quanto meu pai.

Ao ver que não ia conseguir me fazer mudar de ideia, Tony não se pre-

ocupou em esconder sua insatisfação.

– Eu não entendo você às vezes.



Meu pai não me reconheceu a princípio quando foi me buscar no aeroporto. Quase deu um pulo quando lhe toquei o ombro. Parecia menor do que eu me lembrava. Em vez de me abraçar, ele apertou minha mão e perguntou como tinha sido o voo, mas nenhum de nós dois soube o que dizer em seguida, e foi assim que saímos do aeroporto. Era estranho estar de volta, eu me sentia desorientado e inseguro, como da última vez em que saíra de licença. No estacionamento, quando joguei as coisas na mala, vi um adesivo colado na traseira de seu velho Ford Escort: “Apoiem nossas tropas.” Eu não sabia quanto meu pai realmente acreditava naquilo, mas fiquei contente de ver o gesto de carinho.

Em casa, levei minhas coisas para meu antigo quarto. Estava tudo como eu me lembrava, até mesmo os troféus cobertos de poeira em minha estante e uma garrafa meio cheia de uísque bourbon escondida no fundo da gaveta de cuecas. O cobertor ainda estava sobre o sofá, a geladeira verde parecia gritar que não pertencia àquele lugar e a televisão pegava apenas quatro canais fora de foco. Meu pai tinha feito espaguete. Era o que comíamos às sextas-feiras. No jantar, tentamos conversar.

– É legal estar de volta.

Seu sorriso foi breve.

– Que bom – respondeu ele, bebendo um gole de leite, como sempre fazíamos no jantar.

Ele continuou concentrado em sua refeição.

– Você se lembra do Tony? Acho que falei dele em minhas cartas. Seja como for, ele acha que está apaixonado. O nome dela é Sabine, e tem uma filha de 6 anos. Eu avisei a ele que isso poderia não ser uma boa ideia, mas ele não me escuta.

Meu pai espalhou queijo parmesão no espaguete com cuidado, assegurando-se de que cada ponto recebesse a quantidade exata.

– Ah – disse ele. – Que coisa.

Depois disso, tratei de comer e nenhum de nós falou mais nada. Bebi um pouco de leite. Comi mais um pouco. O relógio tiquetaqueava na parede.

– Aposto que você está animado com sua aposentadoria. Pense nisso, você pode enfim sair de férias, conhecer o mundo!

Quase disse que ele poderia vir me visitar na Alemanha, mas não o fiz. Não queria deixá-lo constrangido. Ficamos enrolando nosso macarrão ao mesmo tempo e ele parecia considerar a melhor maneira de responder.

– Não sei – falei por fim.

Desisti de tentar conversar com ele e, a partir desse momento, os únicos sons eram os de nossos garfos tocando nos pratos. Quando terminamos de jantar, seguimos caminhos diferentes. Exausto por causa do voo, fui direto para a cama, despertando a toda hora, como acontecia lá na base.

Quando acordei, meu pai já estava no trabalho. Comi, li o jornal, tentei contactar um amigo, depois busquei minha prancha de surfe na garagem e fui para a praia. As ondas não estavam boas, mas não me importei. Fazia três anos que eu não subia numa prancha. Me senti enferrujado no início, mas até mesmo as marolinhas me deixaram feliz.

Era início de junho de 2000. Fazia muito calor e a água estava refrescante. De cima da prancha eu podia ver pessoas entrando com seus pertences em algumas das casas que ficavam logo além das dunas. Como já mencionei, Wrightsville Beach estava sempre cheia de famílias que alugavam casas por uma semana ou mais, porém ocasionalmente os locatários eram garotas que estudavam nas faculdades de Chapel Hill ou Raleigh. Eram essas que me interessavam, e notei um grupo delas de biquíni tomando seus lugares no deque traseiro de uma das casas próximas ao píer. Eu as observei por um momento, apreciando a vista, depois peguei outra onda e passei o resto da tarde perdido em pensamentos.

Cogitei passar no bar, mas imaginei que nada ou ninguém teria muda-

do, exceto eu mesmo. Peguei uma garrafa de cerveja na loja da esquina e me sentei no píer para apreciar o pôr do sol. A maioria das pessoas que estava pescando por lá já tinha ido embora, e as poucas restantes limpavam os peixes. Era a hora em que a cor do oceano começava a mudar do azul-escuro para o laranja. Nas ondas que estouravam além do píer eu podia ver pelicanos pousados em troncos e golfinhos deslizando na espuma das ondas. Sabia que aquele anoitecer traria a primeira noite de lua cheia, mas não estava pensando em nada específico, só deixando minha mente vagar. Acredite, conhecer uma garota era a última coisa que me passaria pela cabeça.

Foi quando eu a vi caminhando no píer. Ou melhor, eu *as* vi. Uma era alta e loura, a outra era uma atraente morena, as duas um pouco mais novas que eu. Colegas na faculdade, muito provavelmente. Vestiam short e frente única, e a morena carregava uma dessas grandes bolsas de tricô que as pessoas trazem às vezes para a praia quando pretendem ficar lá durante horas. Eu podia ouvi-las conversando e rindo à medida que se aproximavam.

– Ei! – chamei, quando estavam perto.

Não foi nada educado de minha parte, e não posso afirmar que estivesse esperando alguma resposta. A loura deu uma olhada em minha prancha e na cerveja em minha mão e me ignorou, revirando os olhos. A morena, no entanto, me surpreendeu.

– Olá, estranho – respondeu ela com um sorriso. Olhou para minha prancha. – Aposto que as ondas estavam ótimas hoje.

Seu comentário me pegou desprevenido, e notei uma inesperada afabilidade em suas palavras. Ela e a amiga continuaram até o fim do píer, e eu me peguei olhando para a garota quando se debruçou na balaustrada. Fiquei indeciso, sem saber se ia ou não até lá me apresentar. Decidi que não. Não faziam meu tipo, ou melhor, eu provavelmente não fazia o delas. Tomei um longo gole da cerveja, tentando não prestar atenção nelas.

Por mais que tentasse, no entanto, não consegui evitar que meu olhar voltasse a se fixar na morena. Procurei não prestar atenção no que estavam

dizendo, mas a loura tinha uma dessas vozes impossíveis de ignorar. Falava sem parar de um sujeito chamado Brad e de quanto ela o amava, e como sua irmandade era a melhor da universidade, e como a festa de fim de ano tinha sido a melhor de todos os tempos, e que a outra devia aderir no próximo ano, e que muitas de suas amigas estavam ficando com os piores tipos de caras das fraternidades, e uma delas até engravidara, mas a culpa era dela, pois tinha sido avisada sobre o sujeito.

A morena não falava muito. Eu não poderia dizer se ela se divertia ou se estava entediada com a conversa, mas de vez em quando ela ria. Mais uma vez, ouvi em sua voz um tom amigável e compreensivo. Quando afastei a garrafa de cerveja para um lado, vi que ela tinha posto a bolsa sobre a balaustrada.

Já estavam lá havia uns dez minutos quando dois caras subiram ao pter vestindo camisetas Lacoste, uma rosa e outra laranja, além de bermudas. Meu primeiro pensamento foi que um deles devia ser o Brad que a loura tinha mencionado. Os dois levavam cervejas e começaram a agir de forma furtiva quando se aproximaram, como se pretendessem surpreender as garotas. Talvez elas gostassem da presença deles, e após sustos, gritos e algumas palmadinhas amigáveis no braço, todos voltariam juntos, rindo e gargalhando ou fazendo aquilo que casais de estudantes universitários fazem, seja lá o que for.

Tudo poderia ter ocorrido assim mesmo, pois os garotos agiram exatamente como imaginei. Assim que chegaram bem perto, pularam em cima das garotas com um berro e as duas gritaram. Os rapazes emitiram um som que mais parecia um uivo, e o de camiseta rosa tomou um gole de cerveja. Ele se encostou na balaustrada, junto à bolsa, uma perna passada sobre a outra, os braços para trás.

– Ei, vamos preparar a fogueira daqui a pouco – disse o de laranja, passando os braços em volta da loura. Ele beijou o pescoço dela. – Vocês duas querem vir?

– Você quer? – perguntou a loura, olhando para a amiga.

– Claro – respondeu a morena.

O de rosa se afastou do parapeito, mas de algum modo sua mão devia ter esbarrado na bolsa, pois ela escorregou e caiu do outro lado. O som de impacto na água lembrou o de um peixe saltando.

– O que foi isso? – perguntou, se virando.

– Minha bolsa! – respondeu a morena, arquejando. – Você a derrubou!

– Sinto muito – disse ele, sem parecer sincero.

– Minha carteira está lá!

Ele fechou a cara.

– Eu disse que sinto muito.

– Você tem que pegá-la antes que afunde!

O garoto-propaganda da Lacoste não moveu um dedo. Ele não tinha a menor intenção de pular na água para pegar a bolsa. Era bastante provável que ele nunca a encontrasse, e depois teria de nadar toda a distância até a praia, algo não recomendável quando se esteve bebendo, como obviamente era o caso dele. Acho que a morena viu a mesma coisa na expressão do cara de camiseta rosa, pois apoiava agora as duas mãos na parte de cima do parapeito e um pé na de baixo.

– Não seja boba, ela já era – declarou o culpado, pondo as mãos sobre as dela para detê-la. – É perigoso demais. Pode haver tubarões lá embaixo. É só uma bolsa. Eu compro uma nova para você.

– Eu preciso daquela bolsa! Todo o meu dinheiro está lá!

Não era da minha conta, eu sabia. Mas tudo que consegui pensar quando me levantei de um salto e corri para a beira do píer foi: *Que se dane...*

2



Suponho que deva explicar por que pulei nas ondas para resgatar a bolsa da morena. Não foi por ter pensado que ela me olharia como uma espécie de herói, porque queria impressioná-la nem mesmo por eu dar a mínima para o dinheiro que ela tinha perdido. O que me levou a fazer isso foi a autenticidade de seu sorriso. Mesmo quando estava mergulhando na água, eu sabia como minha reação fora ridícula, mas já era tarde demais. Caí na água, afundei e voltei para a superfície. Quatro rostos me fitavam lá do parapeito. O cara de camiseta rosa estava visivelmente aborrecido.

– Onde ela está?

– Logo ali! – gritou a morena. – Acho que ainda consigo vê-la. Está afundando...

Precisei de um minuto para localizá-la na penumbra do crepúsculo que avançava, e a ondulação do mar fazia o possível para me empurrar para o píer. Nadei de lado, depois mantive a bolsa acima d'água o melhor que pude, apesar de já estar encharcada. As ondas fizeram com que meu nado de volta para a praia fosse menos difícil do que eu temia. A todo momento eu olhava para cima e via os quatro me acompanhando.

Finalmente meus pés tocaram o fundo e eu saí da arrebentação. Subi para a areia e nos encontramos no meio do caminho. Segurava a bolsa com firmeza.

– Aqui está.

– Obrigada – agradeceu a morena.

Quando seus olhos fitaram os meus, senti algo como um clique. Acredite, não sou um cara romântico. Nunca acreditei em amor à primeira vista, e ainda não acredito. Mesmo assim, houve alguma coisa ali, algo real, e não consegui afastar o olhar.

De perto eu a achei mais bonita do que eu tinha achado na primeira impressão, mas não por causa da sua aparência e, sim, por causa do seu jeito. Não era apenas seu sorriso, era a maneira casual com que afastava um fio de cabelo solto, o modo relaxado com que se comportava.

– Você não precisava fazer isso – disse ela, com certo espanto na voz. – Eu ia pegá-la de volta.

– Eu sei. Vi que você estava pronta para pular.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– Mas você sentiu uma necessidade irresistível de ajudar uma donzela em apuros?

– Algo assim.

Ela avaliou minha resposta por um momento, depois voltou sua atenção para a bolsa. Começou a retirar os objetos de dentro – carteira, óculos escuros, um tubo de filtro solar – e passou tudo para a loura antes de torcer a bolsa.

– Suas fotos ficaram molhadas – observou a loura, vasculhando a carteira.

A morena a ignorou, continuando a torcer a bolsa, num sentido e depois no outro. Quando finalmente se deu por satisfeita, pegou os objetos de volta e os repôs na bolsa.

– Obrigada mais uma vez – disse ela.

Seu sotaque não era do leste da Carolina do Norte, era mais vibrante, como se ela tivesse crescido nas montanhas perto de Boone ou na parte oeste próxima à fronteira da Carolina do Sul.

– Não foi nada de mais – murmurei, mas não me movi.

– Você quer uma recompensa ou coisa assim? – interveio o de camiseta rosa em voz alta.

Ela olhou para ele, depois de novo para mim.

– Você quer?

– Não – respondi com um aceno. – Só estou contente por ter ajudado.

– O cavalheirismo não está morto – afirmou ela.

Tentei captar um tom de provocação, mas em sua voz não havia nada indicando zombaria.

O de camiseta laranja me avaliou e notou meu corte de cabelo.

– Você é fuzileiro naval? – perguntou, tornando a abraçar a loura.

Balancei a cabeça.

– Não. Exército.

– Eu sou Savannah – apresentou-se a morena. – Savannah Lynn Curtis.

E esses são Brad, Randy e Susan.

Ela estendeu a mão.

– Sou John Tyree – disse, tomando a mão dela na minha.

Era quente, de veludosa maciez em alguns pontos, porém calosa em outros. De repente tomei consciência de que passara muito tempo desde a última vez que tinha tocado numa mulher.

– Bem, sinto que deveria fazer alguma coisa por você.

– Não precisa fazer nada.

– Você já jantou? – perguntou ela, ignorando meu comentário. – Estamos preparando um tipo de piquenique ao ar livre, com fogueira e tudo, e tem bastante para mais um. Gostaria de se juntar a nós?

Os rapazes trocaram olhares. Randy, o de camiseta rosa, parecia claramente incomodado com o convite, e admito que isso fez com que me sentisse melhor.

Você quer uma recompensa ou coisa assim? Que babaca!

– Boa! Vamos? – acrescentou Brad, não parecendo muito entusiasmado. – Vai ser divertido. Estamos alugando o espaço junto ao píer.

Ele apontou para uma das casas na praia, onde meia dúzia de pessoas espremeia no deque traseiro. Apesar de eu não ter a menor vontade de passar meu tempo com a dupla com camisetas da Lacoste, Savannah sorriu para mim de uma maneira tão bonita que as palavras saíram antes que eu pudesse contê-las:

– Parece legal. Deixem-me pegar minha prancha no píer. Estarei lá daqui a pouco.

– Então a gente se vê lá – disse Randy de repente e deu um passo em direção a Savannah, que o ignorou.

– Vou com você – sugeriu Savannah, saindo do grupo. – É o mínimo que posso fazer.

Começamos a andar em direção à duna, onde uma escada nos levaria ao píer. Os amigos dela ainda se demoraram um pouco, mas, quando ela acertou o passo com o meu, eles se viraram e começaram a ir em direção à praia. Com o canto do olho, vi a loura virar a cabeça e olhar para nós por trás do braço de Brad. Randy fez o mesmo, amuado. Não tinha certeza de que Savannah tivesse notado isso, até já termos caminhado alguns passos.

– Susan deve estar pensando que sou maluca por fazer isso – comentou ela.

– Fazer o quê?

– Caminhar com você. Ela acha que Randy é o cara perfeito para mim, e está tentando nos juntar desde que chegamos aqui. Ele ficou me seguindo o dia todo.

Assenti, sem saber ao certo como responder. Ao longe, a lua, cheia e reluzente, começava a lenta ascensão do mar, e vi que Savannah olhava para ela. Havia um lampejo prateado quando as ondas estouravam e espirravam água. Chegamos ao píer. O corrimão estava áspero de areia e sal, a madeira molhada começando a lascar. Os degraus rangiam à nossa subida.

– Onde você está servindo? – perguntou ela.

– Alemanha. Estou em casa de licença por algumas semanas, para visitar meu pai. E você é das montanhas, não é?

Ela me olhou com surpresa.

– Lenoir – respondeu, me analisando. – Deixe-me adivinhar... Meu sotaque, certo? Você acha que eu falo como se fosse do campo, não é?

– Nada disso.

– Bem, mas eu sou de lá mesmo. Cresci num rancho e tudo o mais. E,

sim, sei que tenho sotaque, mas me disseram que algumas pessoas acham isso charmoso.

– Parece que Randy pensa assim.

Isso escapou antes que eu pudesse evitar. No embaraçoso silêncio que se seguiu, ela passou a mão pelos cabelos.

– Randy parece ser um cara legal – observou ela –, mas não o conheço tão bem assim. Na verdade, não conheço muito bem a maioria das pessoas que está na casa, exceto Tim e Susan.

Ela espantou um mosquito.

– Você vai conhecer o Tim mais tarde. É um grande sujeito. Vai gostar dele. Todo mundo gosta – acrescentou Savannah.

– E você está aqui de férias por uma semana?

– Na verdade, um mês. Mas não são férias. Somos voluntários. Ouviu falar do projeto Hábítat para a Humanidade? Estamos aqui para ajudar a construir algumas casas. Minha família está envolvida no projeto há anos.

Olhei além do ombro dela. A casa parecia ganhar vida na escuridão. Mais pessoas haviam aparecido, o volume da música tinha aumentado, e toda hora dava para ouvir risadas. Brad, Susan e Randy já estavam cercados por um grupo de colegas que bebia cerveja e se parecia menos com benfeitores e mais com uma garotada de faculdade em busca de diversão. Ela devia ter notado a minha expressão e acompanhado meu olhar.

– Só vamos começar na segunda-feira. Eles logo vão descobrir que nem tudo é diversão e brincadeira.

– Eu não disse nada...

– Nem precisou. Mas você tem razão. Para a maioria deles, é a primeira vez que trabalham e só estão fazendo isso para terem algo diferente para botar no currículo quando se formarem na faculdade. Não têm ideia da quantidade de trabalho que realmente implica. Mas o que importa é que as casas serão construídas. Sempre são.

– Você já fez isso antes?

– Todo verão, desde que completei 16 anos. Eu costumava fazer isso no âmbito de nossa igreja, mas, quando fui para Chapel Hill formamos um

grupo lá. Bem, na verdade foi Tim quem começou. Ele também é de Lenoir. Acabou de se graduar e vai começar o mestrado neste outono. Eu o conheço desde pequena. Em vez de passar o verão fazendo bicos ou em casa, achamos que poderíamos oferecer a estudantes uma oportunidade de fazer a diferença. Todo mundo contribui para o aluguel da casa e arca com as próprias despesas durante o mês, e não cobramos nada pelo trabalho de construção de casas. Por isso era tão importante ter minha bolsa de volta. Eu não teria como comer o mês inteiro.

– Estou certo de que eles não deixariam você morrer de fome.

– Eu sei, mas não seria justo. Eles já estão fazendo uma coisa valiosa, e isso é mais do que suficiente.

Eu podia sentir meus pés escorregando na areia.

– Por que Wilmington? – perguntei. – Quero dizer, por que vir até aqui para construir casas, em vez de num lugar como Renoir ou Raleigh?

– Por causa da praia. Você sabe como as pessoas são. É bastante difícil conseguir que estudantes ofereçam voluntariamente seu tempo por um mês, só que é mais fácil num lugar como este. E quanto mais gente você tem, mais pode fazer. Este ano trinta pessoas se candidataram.

Assenti, consciente de como estávamos próximos um do outro enquanto caminhávamos.

– E você também já se formou?

– Não, vou cursar o último ano. E pretendo me especializar em educação especial, antes que você pergunte.

– Ia perguntar mesmo.

– Imaginei. Quando se está na faculdade, é isso que todo mundo pergunta.

– Todo mundo me pergunta se eu gosto de estar no Exército.

– E você gosta?

– Não sei.

Ela riu, e o som foi tão melodioso que tive vontade de ouvi-lo de novo.

Chegamos ao fim do píer. Peguei minha prancha e joguei as garrafas de cerveja vazias na lata de lixo. Estrelas começavam a surgir no céu, e as lu-

zes das casas contornando a linha das dunas me fizeram lembrar as abóboras iluminadas no Dia das Bruxas.

– O que o levou a se alistar no Exército? Levando em conta que você não sabe se gosta.

Precisei de um momento para pensar como responder a pergunta, passando a prancha para a outra mão.

– Acho que a coisa mais segura a se dizer é que, na época, eu precisava fazer isso.

Ela esperou que eu dissesse mais alguma coisa, porém, como não o fiz, ela simplesmente assentiu.

– Aposto que você está contente por estar de volta.

– Sem dúvida.

– Aposto que seu pai também está contente.

– Acho que sim.

– Ele está. Estou certa de que ele tem muito orgulho de você.

– Espero que sim.

– Você parece não ter muita certeza disso.

– Você teria que conhecer meu pai para compreender. Ele não é de falar muito.

Eu podia ver o luar refletido em seus olhos escuros, e sua voz era suave quando disse:

– Ele não precisa falar para sentir orgulho de você. Ele pode ser o tipo de pai que o demonstra de outras maneiras.

Fiquei pensando nisso, esperando que fosse verdade. Enquanto fazia essas ponderações, ouvi um grito vindo da casa e avistei algumas garotas perto da fogueira. Um dos rapazes envolvia uma menina nos braços e a empurrava. Ela ria e tentava se desvencilhar. Brad e Susan estavam aconchegados ali perto, mas Randy tinha desaparecido.

– Você disse que não conhece a maioria das pessoas com quem está, certo?

Ela balançou a cabeça e afastou uma mecha.

– Não muito bem. Nos conhecemos quando se candidataram, depois

nos encontramos hoje, quando chegamos aqui. Isto é, talvez tenhamos nos esbarrado de vez em quando no campus, e acho que muitos deles já se conhecem, mas eu não. A maioria está em fraternidades e irmandades. Eu vivo num dormitório. Mas formam um grupo legal.

Enquanto Savannah respondia, eu tinha a sensação de que ela era o tipo de pessoa que nunca falaria mal de ninguém. De alguma maneira, sua consideração com os outros não me surpreendia. Isso era parte de uma qualidade indefinível que eu tinha sentido nela desde o início, uma maneira de ser que a diferenciava.

– Quanto anos você tem? – perguntei, quando estávamos chegando na casa.

– Vinte e um. Acabei de fazer, no mês passado. E você?

– Vinte e três. Você tem irmãos ou irmãs?

– Não. Sou filha única. Apenas eu e meus pais, que ainda vivem em Lenoir, felizes como pinto no lixo, mesmo depois de 25 anos. Agora é sua vez.

– A mesma coisa. Só que no meu caso sempre fomos apenas eu e meu pai.

Eu sabia que minha resposta poderia levar à costumeira indagação sobre o destino da minha mãe. Para a minha surpresa, isso não aconteceu. Em vez disso, ela perguntou:

– Foi ele quem ensinou você a surfar?

– Não, aprendi sozinho quando era menino.

– Você é bom. Vi você surfando antes. Você faz com que pareça ser fácil, até mesmo gracioso. Fiquei com vontade de aprender a surfar.

– Ficarei feliz em ensinar, se quiser. Não é tão difícil. Que tal amanhã? Ela me encarou.

– Olha, não ofereça nada se não tiver certeza de que vai manter a oferta. – Ela segurou meu braço, deixando-me sem fala, e depois seguiu em direção à fogueira. – Está disposto a conhecer algumas pessoas?

Engoli em seco, sentindo a garganta subitamente áspera. Foi a coisa mais estranha que já me acontecera.



A casa tinha três andares, garagem nos fundos e seis ou sete quartos. Um enorme deque circundava o nível principal; havia toalhas penduradas nos corrimãos, e eu podia ouvir o som de muitas conversas vindo de todas as direções. Eu sentia o cheiro de salsichas de cachorros-quentes e de frango na churrasqueira; o cara debruçado sobre ela estava sem camisa e com um pano na cabeça, tentando parecer descolado. Não tinha dado certo, mas eu ri dele.

Em frente à casa, a fogueira fora armada num buraco na areia, e várias garotas com suéteres largos sentadas em cadeiras em volta fingindo estar alheias aos rapazes que as cercavam. Enquanto isso, eles se posicionavam de forma a destacar seus braços musculosos ou seus abdômens esculpidos, agindo como se não percebessem a presença delas. Tinham 20 e poucos anos e o desejo estava no ar. Acrescente praia e cerveja, e eu podia imaginar o que aconteceria depois; mas eu já teria ido embora havia muito tempo.

Quando Savannah e eu nos aproximamos, ela diminuiu o passo antes de apontar.

– Que tal ali, junto à duna?

– Está bem.

Sentamo-nos de frente para a fogueira. Algumas das outras garotas deram uma olhada, conferindo o novato, antes de retomar suas conversas. Randy enfim apareceu, indo em direção à fogueira com uma cerveja na mão. Ele viu nós dois e logo virou de costas.

– Frango ou cachorro-quente? – perguntou Savannah, aparentemente alheia ao que acontecia a seu redor.

– Frango.

– O que quer beber?

A luz da fogueira lhe conferia um novo ar de mistério.

– O que você for beber estará ótimo. Obrigado.

– Já volto.

Ela seguiu na direção dos degraus, e eu me forcei a não acompanhá-la. Em vez disso, fui até a fogueira, tirei a camisa e a pus numa cadeira vazia, depois voltei para o meu lugar. Ao erguer o rosto, vi o cara da churrasqueira flertando com Savannah. Desviei o olhar para considerar melhor o que estava acontecendo. Eu não sabia muito sobre ela e ainda menos sobre o que ela estaria pensando de mim. Além disso, não tinha vontade de começar algo que não poderia terminar. Em poucas semanas eu iria embora, e nada daquilo iria dar em algo sério. Disse a mim mesmo todas essas coisas, e acho que me convenci em parte de que devia ir para casa assim que terminasse de comer, quando meus pensamentos foram interrompidos pela visão de alguém que se aproximava. Alto e magro, o cabelo escuro já rareando e partido meticulosamente para um lado, ele me fez lembrar desses sujeitos que você encontra de vez em quando que parecem estar na meia-idade desde que nasceram.

– Você deve ser o John – disse ele com um sorriso, agachando-se diante de mim. – Meu nome é Tim Wheddon. – Ele estendeu a mão. – Soube o que fez por Savannah.

Apertei a mão dele.

– Prazer em conhecê-lo.

A princípio estava cauteloso, mas então notei que o sorriso de Tim era mais autêntico do que o de Brad ou o de Randy. Ele não mencionou minhas tatuagens, o que era incomum. Eu deveria ter comentado antes sobre elas, pois não eram exatamente pequenas e cobriam a maior parte de meus braços. Já tinham me falado certa vez que eu me arrependeria das tatuagens quando ficasse mais velho, mas na época em que as fiz realmente não me incomodei. E continuo não me incomodando.

– Você se importa que eu me sente aqui?

– Fique à vontade.

Ele se ajeitou confortavelmente na cadeira, nem perto demais nem afastado demais de mim.

– Estou contente que tenha vindo. Isto é, não é nada fora de série, mas

a comida é boa. Está com fome?

– Na verdade, morrendo de fome.

– Surfar dá fome.

– Você surfa?

– Não, mas essas estadias perto do mar sempre me deixam faminto.

Quando era garoto, costumávamos ir para Pine Knoll Shores todo verão. Você já foi lá?

– Só uma vez. Eu já tinha aqui tudo de que precisava.

Ele apontou para minha prancha.

– Você gosta das pranchas compridas, não?

– Gosto dos dois tipos, mas as compridas são mais adequadas para as ondas daqui. Você tem que pegar onda no Pacífico para aproveitar bem uma prancha curta.

– Você já foi para lá? Havaí, Bali, Nova Zelândia, lugares assim? Li que são o máximo.

– Ainda não – respondi. – Um dia, talvez.

A lenha na fogueira estalou, atirando centelhas em direção ao céu. Eu sabia que era minha vez de falar sobre ele.

– Soube que você está aqui para construir casas para os pobres.

– Foi Savannah quem contou? Sim, pelo menos este é o plano. São para algumas famílias que realmente as merecem, e com sorte elas estarão em suas próprias casas no final de julho.

– É uma bela iniciativa sua.

– Não sou apenas eu. Ei, posso pedir uma coisa?

– Quer que eu me ofereça como voluntário?

Ele riu.

– Não, não. Mas é engraçado, já ouvi isso antes. As pessoas me veem chegando e em geral correm na direção oposta. Acho que minhas intenções são muito fáceis de decifrar. Bem, sei que é improvável, mas fiquei pensando se você não conheceria meu primo. Ele está servindo em Fort Bragg.

– Sinto muito – falei. – Eu estava na Alemanha.

– Ramstein?

– Não. Essa base é da Força Aérea. Mas eu estou relativamente perto. Por quê?

– Estive em Frankfurt em dezembro. Passei o Natal lá com a minha família. Meus avós ainda vivem lá.

– Mundo pequeno.

– Você aprendeu alemão?

– Nem um pouco.

– Nem eu. O triste é que meus pais falam fluentemente, e eu ouvi alemão em casa durante anos, até tive algumas aulas antes de irmos. Mas não absorvi, sabe como é? Acho que dei sorte de passar no curso, pois a única coisa que consegui fazer foi assentir à mesa do jantar, fingindo compreender o que os outros diziam. A única salvação foi que meu irmão estava lá comigo, e assim pudemos bancar os idiotas juntos.

Eu ri. Tim tinha uma expressão franca. Gostei dele.

– Ei, posso buscar algo para você? – perguntou ele.

– Savannah está cuidando disso.

– Eu devia ter adivinhado. Ela é a anfitriã perfeita. Sempre foi.

– Savannah disse que vocês cresceram juntos.

Ele assentiu.

– O rancho da família dela fica ao lado do rancho da minha. Estudamos na mesma escola e na mesma universidade e frequentamos a mesma igreja. Ela é como se fosse minha irmãzinha. É especial.

Apesar do comentário sobre ela ser como uma irmã, pelo modo como disse “especial”, achei que os sentimentos dele eram mais profundos do que Tim deixava transparecer. Porém, ao contrário de Randy, ele não parecia estar com ciúmes pelo fato de ela me ter convidado. Antes que eu pudesse especular sobre isso, Savannah apareceu na escada e veio para a areia.

– Vejo que você conheceu o Tim – disse ela, acenando com a cabeça.

Em uma das mãos trazia dois pratos com frango, salada de batata e batatas fritas; na outra, duas latas de Pepsi Diet.

– Sim, eu quis vir até aqui agradecer a ele pelo que fez – explicou Tim

–, e depois resolvi chateá-lo com histórias de família.

– Ótimo. Eu esperava mesmo que vocês tivessem a oportunidade de se conhecer. A comida está servida. Você quer o meu prato, Tim? Posso subir e pegar outro para mim.

– Não, eu mesmo vou – respondeu Tim, levantando-se. – Vou deixar vocês atacarem a comida. Prazer em conhecê-lo, John. Se estiver por aqui amanhã ou qualquer outro dia, será sempre bem-vindo.

– Obrigado. Foi bom conhecer você também.

Um momento depois, Tim já estava a caminho da escada. Não olhou para trás, só deu um oi amigável para alguém que vinha na direção contrária, depois seguiu direto em frente.

Savannah me passou o prato e alguns talheres de plástico, depois me ofereceu um refrigerante e se sentou ao meu lado. Ajeitou o prato no colo e pegou sua bebida. Ela ergueu a lata.

– Você estava bebendo cerveja antes, mas disse que ia beber o mesmo que eu, por isso eu lhe trouxe uma dessas também. Não sabia ao certo o que você ia querer.

– Refrigerante está ótimo.

– Tem certeza? Tem muita cerveja no gelo, e tenho ouvido histórias sobre vocês, do Exército.

Dei uma risada.

– Prefiro o refrigerante – assegurei-lhe, abrindo minha lata. – Estou vendo que você não bebe álcool.

– Não – disse ela.

Seu tom não foi de presunção, apenas a confirmação de uma verdade. Gostei disso. Ela comeu um pouco do frango. Eu fiz o mesmo, e no silêncio fiquei me perguntando sobre Tim. Savannah tinha consciência do que ele sentia por ela? E o que será que ela sentia por ele? Ali havia alguma coisa, mas eu não conseguia imaginar o quê, a menos que Tim tivesse razão e entre os dois houvesse uma relação fraternal. Por algum motivo eu duvidava que esse fosse o caso.

– O que você faz no Exército? – perguntou ela finalmente, largando o

garfo.

– Sou sargento da infantaria. Pelotão das armas.

– Como é que é isso? Quero dizer, o que você faz no dia a dia? Fica atirando e explode coisas ou o quê?

– Às vezes. Mas na verdade é bem entediante na maior parte do tempo, ao menos quando estamos na base. Nós nos apresentamos de manhã, geralmente às seis horas, fazemos a chamada e nos dividimos em pelotões para os exercícios: basquete, corrida, levantamento de pesos, o que for. Em alguns dias temos aula sobre qualquer coisa, desde montagem e desmontagem de nossas armas, ou reconhecimento noturno, ou vamos para o estande de tiro, ou algo do gênero. Se não houver nada programado, voltamos para os alojamentos e jogamos videogame, lemos, malhamos ou fazemos qualquer outra atividade pelo resto do dia. Então nos reunimos de novo, às quatro horas, para saber o que vamos fazer no dia seguinte. E aí termina o dia.

– Videogame?

– Eu só malho e leio. Mas meus colegas gostam de jogar. Quanto mais violento, mais eles gostam.

– O que você lê?

Contei para Savannah, que ficou avaliando o que eu disse.

– E o que acontece quando vocês são enviados para uma zona de guerra?

– Aí é diferente – respondi, acabando de comer o frango. – Tenho que ficar de guarda e ajudar a resolver todo tipo de problema. Não dá para parar, mesmo quando não saio nas patrulhas. Somos a infantaria, então passamos boa parte do tempo fora.

– Você alguma vez já ficou com medo?

Fiquei procurando a resposta certa.

– Sim. Às vezes. Não é como estar aterrorizado o tempo todo, mesmo quando tudo em volta está um inferno. Você só está... reagindo, tentando sobreviver. As coisas acontecem tão rápido que não há tempo para pensar muito em nada, exceto em fazer seu trabalho e tentar não morrer. Isso ge-

ralmente afeta você depois, quando está mais lúcido. É quando se dá conta de como esteve perto da morte e vem a tremedeira, o vômito ou o que for.

– Não sei se poderia fazer o que você faz.

Eu não sabia se ela estava esperando uma resposta a esse comentário, então mudei de assunto:

– Por que educação especial?

– É uma longa história. Tem certeza de que quer ouvi-la?

Quando assenti, ela respirou fundo.

– Há um garoto em Lenoir chamado Alan. Eu o conheço desde pequena. Ele é autista e por muito tempo ninguém sabia o que fazer ou como se portar com ele. E isso me fazia sofrer, sabe? Sentia tanta pena, mesmo quando ainda era criança. Quando perguntava a meus pais sobre isso, eles diziam que talvez Deus tivesse planos especiais para Alan. No início isso não fazia sentido para mim, mas Alan tinha um irmão mais velho que era muito paciente com ele, *o tempo todo*. Nunca ficava desapontado com o caçula e, aos poucos, isso ia ajudando o irmão. Alan ainda vive com os pais e nunca poderá cuidar de si mesmo, mas já não está tão perdido como quando era mais jovem, e decidi que queria ser capaz de ajudar meninos como ele.

– Quantos anos você tinha quando decidiu isso?

– Doze.

– E você quer trabalhar com eles numa escola?

– Não. Quero fazer o que o irmão de Alan fez. Ele usou cavalos. – Savannah fez uma pausa, reunindo suas ideias. – Crianças autistas... É como se estivessem trancadas em seus próprios mundinhos, portanto geralmente a escola e a terapia se baseiam em rotinas. Mas eu quero mostrar a eles experiências que podem lhes abrir novas portas. No início, Alan tinha um medo terrível de cavalos, mas seu irmão continuou tentando. Após algum tempo, Alan já dava tapinhas ou acariciava seus focinhos, e passou a alimentá-los. Depois disso começou a montar. Eu me lembro do rosto dele na primeira vez em que montou em um cavalo... Foi tão incrível, sabe? Quero dizer, ele estava sorrindo, tão feliz quanto um menino possa ser. E é isso

que eu quero fazer esses meninos vivenciarem. Apenas... felicidade, mesmo que só por um breve momento. Foi quando soube o que queria fazer da vida.

Ela largou o garfo, parecendo embaraçada, depois afastou o prato para um lado.

– Isso parece maravilhoso – comentei.

– Vamos ver se acontece mesmo – disse ela. – Por enquanto é apenas um sonho.

– Então você também gosta de cavalos, certo?

– Sim. Tenho um árabe chamado Midas, e às vezes fico arrasada por estar aqui quando poderia estar cavalgando com ele. Mas meu plano ainda é ficar por aqui. Vou cavalgar o dia inteiro quando voltar. Você monta?

– Cavalguei uma vez.

– Gostou?

– Fiquei todo doído no dia seguinte.

Savannah riu e eu percebi que gostava de conversar com ela. Era fácil e natural, diferente do que acontecia com muitas outras pessoas. No céu, eu podia ver o Cinturão de Órion. Bem acima do horizonte, Vênus tinha surgido e brilhava num branco intenso. Rapazes e moças continuavam a subir e descer pelos degraus, flertando, com uma coragem induzida pela bebida. Suspirei.

– Acho que vou indo, para ver se fico um pouco com meu pai. Ele deve estar se perguntando onde estou. Isto é, se ainda estiver acordado.

– Quer ligar para ele?

– Não, acho melhor ir andando. É uma longa caminhada.

– Você não tem carro?

– Não. Peguei uma carona esta manhã.

– Quer que Tim leve você para casa? Tenho certeza de que ele não ligará.

– Não, está tudo bem.

– Não seja ridículo. Você disse que é uma longa caminhada, não disse? Vou pedir a ele que leve você. Vou chamá-lo.

Savannah saiu correndo antes que eu pudesse detê-la. Um minuto depois, Tim estava saindo da casa atrás dela.

– Tim vai levá-lo com o maior prazer – disse ela, parecendo estar muito contente consigo mesma.

Eu me virei para Tim.

– Tem certeza?

– Sem problema – declarou ele. – Minha caminhonete está lá fora, em frente à casa. Você pode pôr sua prancha atrás.

Fui até a cadeira onde estava minha camisa e a vesti, depois peguei minha prancha.

– Obrigado.

– Por nada – disse ele, tateando o bolso. – Volto em um instante com as chaves. É a caminhonete verde estacionada na grama. Vejo você lá na frente.

Quando ele saiu, voltei-me para Savannah.

– Foi um prazer conhecê-la.

Ela sustentou meu olhar.

– Você também. Nunca estive com um soldado antes. Eu me senti bem... protegida. Acho que Randy não vai me perturbar esta noite. Suas tatuagens provavelmente o assustaram.

Então ela as tinha notado.

– Vejo você por aí?

– Você sabe onde me encontrar.

Não tive certeza se com isso ela quis dizer que queria que eu viesse vê-la outra vez, ou se não. De muitas maneiras Savannah continuava a ser um completo mistério para mim.

– Mas estou um pouco desapontada por você ter esquecido – acrescentou ela, quase como numa reflexão tardia.

– Esquecido o quê?

– Você não disse que ia me ensinar a surfar?



Se Tim sentiu o efeito que Savannah tivera sobre mim, não deu qualquer indicação. Concentrou-se principalmente em dirigir, assegurando-se de que estava indo na direção certa. Era o tipo de motorista que para o carro quando o sinal fica amarelo.

– Espero que tenha se divertido – disse ele. – Sei que sempre é meio estranho quando não se conhece ninguém.

– Eu me diverti.

– Você e Savannah se deram bem logo de cara. Ela é especial, não? Acho que ela gostou de você.

– Tivemos uma boa conversa.

– Que bom. Eu fiquei um pouco preocupado. No ano passado os pais dela estiveram conosco. Esta é a primeira vez que Savannah vem sozinha. Sei que é uma grande garota, mas a galera que está aí não é bem o tipo de pessoa com quem ela normalmente se dá. A última coisa que eu queria é ela ter de ficar se esquivando desses caras a noite inteira.

– Tenho certeza de que ela daria conta.

– Sem dúvida. Mas tive a impressão de que alguns deles são bem persistentes.

– Claro que são. São só garotos.

Ele riu.

– Sim. – Apontou para a janela. – Em que direção agora?

Eu o orientei até pararmos em frente à casa. A luz no cantinho de meu pai estava acesa.

– Obrigado pela carona – falei, abrindo a porta.

– Sem problema! – Ele se debruçou no assento. – Ouça, como eu disse, fique à vontade para dar um pulo lá na casa a qualquer hora. Trabalhamos durante a semana, mas os fins de semana e as noites são livres.

– Vou me lembrar disso – prometi.



Entrei em casa e fui até o escritório de meu pai. Ele estava olhando um exemplar do *Greysheet*, um jornal especializado em moedas e cédulas, e se sobressaltou.

– Desculpe – falei, sentando no degrau único que separava o escritório do resto da casa. – Não queria assustar você.

– Tudo bem.

Ele hesitou se devia ou não largar o *Greysheet*.

– As ondas foram boas hoje – comentei, enquanto meu pai guardava o jornal. – Eu tinha quase esquecido essa sensação fantástica de estar na água.

Ele sorriu, mas não disse nada. Eu me remexi um pouco no degrau.

– Como foi o trabalho? – perguntei.

– A mesma coisa de sempre.

Ele voltou a ficar imerso em seus próprios pensamentos. A única coisa em que pude pensar foi que sua resposta também valia para as nossas conversas.

3



O surfe é um esporte solitário, no qual longos períodos de tédio são entremeados com uma atividade frenética. Ele ensina a fluir junto com a natureza em vez de lutar contra ela, tem a ver com estar *dentro* dela e *fora* de tudo o mais. Pelo menos é isso que dizem as revistas de surfe.

Nada é tão excitante quanto pegar uma onda e ficar dentro de uma muralha de água. Mas eu não sou como um monte desses caras de pele ressecada e cabelos viscosos que fazem isso o dia inteiro porque acham que é toda a essência e toda a finalidade da existência. Não é. Para mim, tem mais a ver com o fato de que o mundo é absurdamente barulhento e, quando você está na água, ele deixa de ser. Você pode ouvir o que está pensando.

Era isso que eu estava dizendo a Savannah quando íamos em direção ao mar no domingo, de manhã cedo. Pelo menos era o que eu achava que estava dizendo. Na maior parte do tempo eu divagava, tentando não deixar muito óbvio quanto gostava de vê-la de biquíni.

– É como montar a cavalo – disse ela.

– Como assim?

– Ouvir o que está pensando. É por isso que gosto de cavalgar.

Eu tinha chegado fazia poucos minutos. As melhores ondas costumam ser as da manhã, bem cedo. Era um desses dias claros com céu azul pressagiando muito calor, logo a praia estaria lotada muito em breve. Savannah estava sentada nos degraus atrás da casa, enrolada numa toalha. Apesar de

a festa ter com certeza continuado durante horas após minha partida, não havia uma única lata vazia ou sinal de sujeira em lugar algum. Minha impressão sobre o grupo melhorou um pouco.

Apesar da hora, o ar já estava quente. Ficamos algum tempo na areia à beira do mar repassando alguns princípios básicos, e eu lhe expliquei como subir na prancha. Quando Savannah achou que estava pronta, entrei na água carregando a prancha, caminhando ao lado dela.

Havia poucos surfistas na água, os mesmos que tinha visto no dia anterior. Eu tentava descobrir qual seria o melhor trecho para levar Savannah de modo que ela tivesse bastante espaço, quando me dei conta de que a perdera de vista.

– Espere, espere! – gritou ela atrás de mim.

Eu me virei. Savannah estava na ponta dos pés quando os primeiro respingos de água atingiram sua barriga, e a parte de cima de seu corpo estava toda arrepiada. Ela estava ofegante e de braços cruzados, arfando audivelmente.

– Está *frio*!

– Você vai se acostumar – respondi com um sorriso que era metade gozação.

– Não *gosto* de sentir frio. Eu *detesto* sentir frio.

– Você mora nas montanhas. Lá não neva?

– Sim, mas temos coisas chamadas casacos, luvas e chapéus que usamos para nos aquecer. E nos atirar nas águas do Ártico não é a primeira coisa que fazemos pela manhã.

– Engraçadinha.

Ela continuou saltitando dentro d'água.

Eu sorri. A respiração dela aos poucos se normalizou, mas os arrepios ainda estavam lá. Savannah deu mais um pequeno passo à frente.

– Vai funcionar melhor se você mergulhar na água de uma só vez, sem se torturar por etapas.

– Faça do seu jeito, que eu faço do meu – rebateu ela, sem se impressi-

onar com minha sabedoria. – Não consigo acreditar que você tenha preferido vir agora. Eu estava pensando em fazer a aula de tarde.

– A água está uns 20 graus – observei. – Não está tão gelada assim.

– Pronto, pronto – disse ela, finalmente se aclimatando. Descruzando os braços, fez mais uma série de inspirações, depois afundou um pouco mais, talvez uns 3 centímetros. – Acho que estou chegando lá.

– Não se apresse. Vá com calma.

– Vou mesmo – replicou ela, ignorando meu tom provocador.

Savannah deu um pequeno passo à frente, depois mais um. Enquanto ela se movia, seu rosto era uma verdadeira máscara de concentração. Gostei de vê-la assim, tão séria e tão intensa.

– Pare de rir de mim – disse ela, notando a minha expressão.

– Não estou rindo.

– Posso ver isso em seu rosto. Você está rindo de mim por dentro.

– Está bem. Vou parar.

Depois disso, ela avançou para me alcançar e, quando a água estava na altura de meus ombros, Savannah subiu na prancha. Mantive a prancha firme, tentando mais uma vez não olhar para ela, o que não era nada fácil. Eu me obriguei a ficar monitorando as ondas atrás de nós.

– E agora?

– Você se lembra do que precisa fazer? Remar com força, agarrar a prancha dos dois lados na parte da frente, depois ficar de pé?

– Entendido.

– É um pouco difícil no início. Não se surpreenda se cair. Se isso acontecer, deixe rolar. Geralmente acontece algumas vezes até pegar o jeito.

– Está bem – disse ela, e eu vi uma onda se aproximar.

– Prepare-se... – avisei, esperando o momento certo. – Certo, comece a remar...

Quando a onda nos atingiu, eu empurrei a prancha, dando-lhe algum impulso, e Savannah pegou a onda. Não sei o que eu estava esperando, mas certamente não era vê-la de pé, mantendo o equilíbrio, até a onda enfim

morrer na praia. Já em águas rasas, pulou da prancha quando ela desacelerou e, numa teatral exibição de habilidade, virou-se para mim.

– Que tal? – gritou.

Apesar da distância entre nós, eu não conseguia desviar o olhar dela.



– Eu fiz ginástica artística durante muitos anos – admitiu ela. – Sempre tive um bom senso de equilíbrio. Acho que devia ter mencionado isso quando você estava me dizendo que a onda ia me derrubar.

Ficamos mais de uma hora na água. Em todas as vezes, ela se pôs de pé e montou na onda até a praia com facilidade. Não tive dúvida de que, se quisesse, em pouco tempo Savannah seria capaz de dominar a técnica.

Depois, voltamos para a casa. Fiquei esperando enquanto ela subia a escada. Algumas pessoas já tinham se levantado. Havia três garotas no deque, olhando para o mar, mas a maioria ainda se recuperava da noite anterior. Savannah apareceu alguns minutos depois de short e camiseta, trazendo dois copos de café. Sentou-se comigo nos degraus.

– Eu não disse que a onda ia derrubar você – esclareci, olhando para a água ao lado dela. – Só disse que, se isso acontecesse, você devia deixar rolar.

– Sei – retrucou ela, com uma expressão maliciosa. – O café está bom?

– Está ótimo – respondi.

– Tenho sempre que começar o dia com um café. É meu único vício.

– Todo mundo deve ter um.

Ela olhou para mim.

– Qual é o seu?

– Eu não tenho nenhum – respondi, e ela me surpreendeu com uma cutucada brincalhona.

– Você sabia que a noite passada foi a primeira de lua cheia?

Eu sabia, mas achei melhor não admitir.

– Sério?

– Sempre gostei de luas cheias. Quando era menina, gostava de pensar que elas eram um presságio da sorte. Queria acreditar que sempre prenunciavam coisas boas. Como, por exemplo, se eu estivesse cometendo algum erro, seria sinal de que teria a oportunidade de começar tudo de novo.

Savannah parou de falar e levou o copo aos lábios. E eu vi o vapor do café quente envolver seu rosto.

– Qual é o seu programa para hoje? – perguntei.

– Parece que vamos ter uma reunião em algum momento do dia. Fora isso, nada. Bem, com exceção da igreja. Quero dizer, no meu caso. Por falar nisso, que horas são?

Olhei o relógio.

– Nove e pouco.

– Já? Então acho que não me resta muito tempo. O serviço é às dez.

Assenti, sabendo que nosso tempo juntos estava quase esgotado.

– Quer vir comigo? – perguntou ela.

– À igreja?

– Sim. Você não costuma ir?

Não sabia ao certo o que dizer. Obviamente isso era importante para ela. Embora tivesse a impressão de que minha resposta a desapontaria, não queria mentir.

– Na verdade, não – admiti. – Faz anos que não vou à igreja. Isto é, eu costumava ir quando era criança, mas...

Savannah esticou as pernas, esperando para ver se eu ia dizer mais alguma coisa. Como fiquei calado, ela ergueu a sobrancelha.

– E então?

– O quê?

– Quer vir comigo ou não?

– Não estou vestido de acordo. Só tenho esta roupa e duvido que daria tempo de ir em casa, tomar um banho e voltar. Não fosse isso, eu iria.

Ela me olhou de cima a baixo.

– Muito bem. – Deu um tapinha em meu joelho, a segunda vez que me

tocava. – Vou arranjar uma roupa para você.



– Você está ótimo – garantiu-me Tim. – O colarinho está um pouco apertado, mas ninguém vai notar.

No espelho, eu via um estranho vestido de calça cáqui, camisa passada e gravata. Não consegui me lembrar qual fora a última vez em que tinha usado gravata. Não tinha certeza se estava ou não contente com tudo aquilo. Enquanto isso, Tim parecia animado demais.

– Como foi que ela meteu você nisso? – perguntou ele.

– Não faço ideia.

Ele riu e deu uma piscadela.

– Não falei que ela gostou de você?



Temos capelães no Exército. Cheguei a conhecer alguns muito bem, e um deles – Ted Jenkins – era o tipo de pessoa na qual você confia na mesma hora. Ele não bebia e era sempre bem-vindo quando aparecia. Tinha uma esposa e dois filhos, e já estava servindo havia quinze anos, com experiência em conflitos familiares e vida militar em geral. Sempre que você se dispunha a conversar com Ted, ele realmente prestava atenção.

Não dava para contar *tudo* – afinal de contas, Ted era um oficial –, mas o fato é que tinha o tipo de presença que fazia você querer conversar com ele assim mesmo. Não sei explicar o que era, tirando o fato de ele ser um bom homem e um tremendo capelão militar. Falava de Deus com a mesma naturalidade com que você falaria de um amigo, e não no estilo moralizante e enfadonho de um sermão. Tampouco pressionava para que os soldados participassem dos cultos de domingo. Dependendo dos acontecimentos e de como estava perigosa a situação, ele se via falando para uma, duas ou

cem pessoas. Antes de meu pelotão ser enviado para os Bálcãs, Ted batizou cinquenta militares.

Eu tinha sido batizado quando menino, mas, como dissera para Savannah, não participava de um culto havia séculos. Tinha parado de ir com meu pai muito tempo atrás, e não sabia o que esperar. Não diria que estava ansioso por isso, mas a cerimônia não foi tão ruim assim. O pastor era discreto, a música foi boa, e o tempo não se arrastou como sempre me parecia quando eu era pequeno. No fim das contas, fiquei contente de ter ido, nem que fosse só por ter um assunto novo para falar com meu pai. E também por ter me permitido estar mais um pouco com Savannah.

Ela acabou se sentando entre mim e Tim, e eu a observava com o canto do olho enquanto ela cantava. Sua voz tinha um timbre tranquilo e grave, sempre afinado. Gostei de como soava. Tim ficou concentrado na Bíblia, e na saída parou para falar com o pastor, enquanto Savannah e eu o esperávamos à sombra de um corniso. Tim parecia estar animado.

– O pastor é amigo dele? – perguntei.

Apesar de estarmos na sombra, eu estava ficando com calor e podia sentir o suor começando a se formar.

– Não. Acho que foi o pai do Tim que indicou esta igreja. – Ela se abanou; em seu vestido de verão me fazia lembrar uma típica beldade sulista. – Estou contente por você ter vindo.

– Eu também.

– Está com fome?

– Começando a ficar.

– Temos alguma comida lá na casa, se quiser. E você poderá devolver ao Tim as roupas dele. Dá para ver que você está desconfortável.

– Isto não chega nem perto do calor que sinto com capacetes, botas e colete à prova de balas.

Ela inclinou a cabeça em minha direção.

– Gosto de ouvir você falar de coletes à prova de balas. Acho isso muito interessante.

– Você está me provocando?

– Só deixando registrado. – Ela se recostou graciosamente na árvore. – Acho que Tim está terminando.

Segui seu olhar e não notei nada de diferente.

– Como sabe?

– Vê como ele juntou as mãos? Significa que está se preparando para se despedir. Em um segundo ele vai estender a mão, sorrir e acenar com a cabeça, e depois dizer tchau.

Vi Tim fazer exatamente o que ela previra e vir em nossa direção. Notei a expressão de divertimento de Savannah. Ela deu de ombros.

– Quando se vive numa cidade pequena como a minha, não há muito que fazer além de observar as pessoas. Depois de algum tempo você começa a perceber padrões.

Em minha humilde opinião, ela tinha passado muito tempo observando Tim, mas eu não estava a fim de admitir isso.

– Ei, vocês... – Tim ergueu a mão. – Estão prontos para voltar?

– Estávamos esperando você.

– Sinto muito – disse ele.

– Você precisa mesmo ser o cara mais amigável da região, né?

– Eu sei – respondeu Tim. – Estou me esforçando para ficar mais antissocial.

Ela riu. Se o bate-papo familiar entre eles me deixou momentaneamente desconfortável, tudo foi esquecido quando Savannah enlaçou o braço no meu ao voltarmos para o carro.



Todos estavam acordados quando regressamos, a maioria já em trajes de banho, se bronzeando: alguns relaxavam no deque superior; a maior parte reunida na praia. Música alta irrompia de um som dentro da casa. Isopores cheios de cerveja estavam reabastecidos e já havia gente bebendo: a tradicional cura para a ressaca. Eu não tinha nada a criticar; na ver-

dade, uma cerveja ia cair muito bem, mas como eu tinha acabado de vir da igreja, imaginei que deveria me abster.

Dobrei as roupas de Tim do jeito que tinha aprendido no Exército, depois voltei para a cozinha. Ele havia preparado um prato de sanduíches.

– Sirva-se. Temos toneladas de comida. Sabe por que sei disso?

– Por quê?

– Porque passei três horas fazendo compras ontem para essa galera. – Ele lavou as mãos e as enxugou numa toalha. – Agora é a minha vez de me trocar. Savannah deve estar chegando.

Ele saiu da cozinha. Sozinho, olhei em volta. O lugar era decorado no tradicional estilo de casas de praia: muitos móveis de vime de cores claras, luminárias feitas de conchas, miniaturas de faróis em cima da lareira e pinturas em cores pastel representando a costa.

Os pais de Lucy tiveram um lugar como aquele uma vez, em Bald Head Island. Passavam os verões lá. Se eles soubessem o que Lucy e eu fizemos naquela casa quando eles não estavam...

– Ah! – exclamou Savannah. Ela tornara a vestir o biquíni, mas usava shorts sobre a parte de baixo. – Que bom que voltou ao normal.

– Como assim “normal”?

– Seus olhos não estão mais saltando por causa do colarinho apertado demais.

Sorri.

– Tim fez alguns sanduíches.

– Ótimo. Estou morrendo de fome. Já pegou um?

– Ainda não.

– Bem, vamos atacar. Detesto comer sozinha.

Comemos de pé, na cozinha. As garotas deitadas no deque não tinham percebido nossa presença, e pude ouvir uma delas falando sobre o que tinha feito com um dos rapazes na noite anterior. Nada daquilo soava como se estivessem na cidade para uma missão voluntária em favor dos pobres. Savannah franziu o nariz, como se dissesse “Informação demais para minha cabeça”.

– Quer uma bebida? – perguntou Savannah.

– Sim, uma água.

Ela se inclinou para pegar duas garrafas. Tentei não olhar, mas o fiz assim mesmo e, francamente, gostei do que vi. Fiquei pensando se Savannah saberia que eu estava olhando, e concluí que sabia, pois estava de novo com aquele ar de divertimento. Pôs as garrafas no balcão.

– Depois disso, quer surfar outra vez?

Como eu poderia resistir?



Passamos a tarde na água. Por mais que eu gostasse da visão que tinha de Savannah deitada na prancha, gostei ainda mais de vê-la surfando. Para melhorar as coisas, ela pediu para ficar me observando surfar enquanto se aquecia na praia, e fui agraciado com a oportunidade de usufruir daquela visão enquanto curtia as ondas.

No meio da tarde estávamos deitados sobre as toalhas, perto, mas não demais, do resto do grupo. Alguns olhares curiosos foram lançados em nossa direção, mas em geral ninguém parecia se incomodar com o fato de eu estar ali, exceto Randy e Susan. Susan fechou a cara para Savannah; Randy se contentava em ficar junto a ela e Brad, lambendo as feridas. Não se via Tim em parte alguma.

Savannah estava deitada de bruços, uma visão tentadora. Eu estava de costas a seu lado, tentando cochilar naquele calor preguiçoso, mas distraído demais pela presença dela.

– Ei – disse ela –, conte-me sobre suas tatuagens.

Virei a cabeça para ela.

– O que quer saber?

– Sei lá, por que você as tem, o que significam...

Eu me ergui apoiado em um cotovelo, apontei para meu braço esquerdo, onde havia uma águia e uma bandeira.

– Este é o emblema da infantaria, e isto é como somos identificados: companhia, batalhão, regimento. Todos em meu pelotão têm uma dessas. Nós a fizemos logo após o treinamento básico em Fort Benning, na Geórgia, quando estávamos comemorando.

– Por que está escrito “Quebra-nozes” embaixo?

– É meu apelido. Eu o ganhei no treinamento básico, cortesia de nosso amado sargento. Eu não estava conseguindo montar meu fuzil rápido o bastante, e ele disse que ia dar um chute em uma certa parte de meu corpo se eu não desse um jeito naquilo. O apelido pegou.

– Ele parece ser uma pessoa agradável – brincou ela.

– Ah, sim. Nós o apelidamos de Lúcifer.

Ela sorriu.

– E o arame farpado que está em cima, o que é?

– Nada – respondi, balançando a cabeça. – Eu fiz isso antes de me alistar.

– E o outro braço?

Era um ideograma chinês. Eu não queria falar sobre isso, e balancei a cabeça.

– É do tempo em que passei pela fase “Estou perdido e não dou a mínima para isso”. Não significa nada.

– Não é um ideograma chinês?

– É.

– Então o que significa? Deve significar alguma coisa. Como bravura, honra, ou algo parecido.

– É algo obsceno.

– Ah – disse ela, com um piscar de olhos.

– Hoje não significa nada para mim.

– Não deixe isso à mostra se um dia for à China.

Eu ri.

– Vou me lembrar disso.

Ela ficou em silêncio por um momento.

– Você era um rebelde, né?

Assenti.

– Fui, muito tempo atrás. Bem, na verdade não foi há tanto tempo assim. Mas parece que foi.

– Era a isso que você se referia quando disse que o Exército foi uma coisa de que você estava precisando na época?

– Tem sido bom para mim.

Ela refletiu sobre isso.

– Naquela época você teria pulado na água para pegar a minha bolsa?

– Não. Provavelmente teria rido do que aconteceu.

Ela avaliou minha resposta, perguntando a si mesma se devia acreditar em mim.

– Então fico contente por você ter se alistado. Eu precisava mesmo daquela bolsa.

– Que bom.

– E o que mais?

– E o que mais o quê?

– O que mais você pode contar sobre a sua vida?

– Não sei. O que quer saber?

– Conte-me alguma coisa que ninguém sabe sobre você.

Considerarei a questão.

– Posso dizer quantas moedas de 10 dólares com cabeça de índio e borda estriada foram cunhadas em 1907.

– Quantas?

– Quarenta e duas. A intenção nunca foi que chegassem ao público. Alguns homens da casa da moeda as fizeram para eles mesmos e alguns amigos.

– Você gosta de moedas?

– Não tenho certeza. É uma longa história.

– Temos tempo.

Eu hesitei enquanto Savannah apanhava sua bolsa.

– Espere – disse ela, tirando um tubo da bolsa. – Você pode me contar

depois de passar um pouco de protetor solar nas minhas costas. Acho que estou ficando queimada.

Apliquei o protetor nas costas e nos ombros dela e provavelmente fui um pouco além. Depois disso, passei os minutos seguintes contando a ela sobre meu avô e meu pai, sobre as exposições de moedas e sobre o bom e velho Eliasberg. Mas não respondi especificamente à pergunta que ela me fizera, pela simples razão de que não tinha muita certeza de qual seria a resposta.

– E seu pai ainda coleciona moedas?

– O tempo todo. Ao menos, acho que sim. Não conversamos mais sobre esse assunto.

– Por que não?

Contei essa história também. Não me pergunte por quê. Eu deveria estar mostrando o que tenho de melhor e descartando o lado podre, mas com Savannah isso não seria possível. Por algum motivo ela me fazia querer dizer a verdade, mesmo a conhecendo tão pouco. Quando terminei, ela tinha uma expressão curiosa.

– Sim, eu fui um idiota – reconheci, sabendo que provavelmente haveria palavras mais precisas para descrever o que eu tinha sido, todas obscenas o bastante para chocá-la.

– Você foi, mas não era nisso que eu estava pensando. Tentei imaginar você naquela época, pois agora você não se parece nada com aquela pessoa.

O que eu poderia dizer? Inseguro, optei pela atitude de meu pai, e não disse nada.

– Como é o seu pai?

Fiz um breve relato. Enquanto eu falava, ela apanhava um punhado de areia e deixava escorrer entre os dedos, como que se concentrando na minha escolha de palavras. No fim, mais uma vez eu me surpreendi ao admitir que meu pai e eu éramos quase estranhos.

– Vocês são mesmo – afirmou ela, mas sem me julgar. – Você está lon-

ge há alguns anos e admite que mudou. Como ele poderia conhecer você agora?

Eu me sentei. A praia estava lotada, e ninguém queria ir embora. Randy e Brad jogavam frisbee à beira d'água, correndo e gritando.

– Eu sei. Mas não é só isso. Sempre fomos estranhos um para o outro. É muito difícil conversar com ele.

Assim que falei, percebi que Savannah era a primeira pessoa a quem eu fazia essa confidência. Estranho. Mas àquela altura a maior parte do que eu estava contando a ela soava estranho.

– A maioria das pessoas de nossa idade diz isso a respeito dos pais.

Talvez, pensei. Mas meu caso era diferente. Não se tratava de uma divergência entre gerações. Um bate-papo normal com o meu pai sempre foi impossível, a menos que fosse sobre moedas. No entanto, não disse mais nada, e Savannah ficou alisando a areia diante dela. Quando falou, sua voz era suave:

– Eu gostaria de conhecê-lo.

Eu me virei para ela.

– É?

– Seu pai parece ser interessante. Sempre gostei de pessoas que têm essa... paixão pela vida.

– Paixão por moedas, não pela vida – corriji.

– É a mesma coisa. Paixão é paixão. É a empolgação entre os espaços tediosos da vida, não importa para onde ela é dirigida. – Ela remexeu os pés na areia. – Bem, pelo menos na maior parte das vezes. Não estou me referindo a vícios.

– Como o que você tem com a cafeína.

Savannah sorriu, revelando a pequena abertura entre os dois dentes da frente.

– Exatamente. Podem ser moedas, esporte, política, cavalos, música ou religião. As pessoas mais tristes que conheci na vida são as que não tinham nenhum interesse profundo. Paixão e satisfação andam juntas, e sem elas qualquer felicidade é apenas temporária, pois não há nada que a faça

durar. Gostaria de ouvir seu pai falar sobre moedas, porque é quando você vê uma pessoa em seu melhor, e descobre que a felicidade do outro é contagiosa.

As palavras dela me impactaram. Apesar da opinião de Tim de que Savannah era ingênua, parecia muito mais madura do que a maioria das pessoas de nossa idade. No entanto, considerando a aparência dela no biquíni, mesmo que estivesse recitando a lista telefônica eu teria ficado impressionado.

Savannah se levantou e ficou sentada a meu lado, seu olhar acompanhando o meu. O jogo de frisbee estava muito animado. Brad arremessou o disco e dois rapazes correram para apanhá-lo. Os garotos mergulharam ao mesmo tempo, estatelando-se na água rasa quando suas cabeças se chocaram. O que estava de short vermelho se ergueu meio tonto, gritando palavras e com as mãos na cabeça, o short coberto de areia. Os outros riram, e eu me peguei sorrindo e franzindo a testa ao mesmo tempo.

– Você viu isso? – perguntei.

– Espere – disse ela. – Já volto.

Savannah correu até o de short vermelho. Ele a viu se aproximar e ficou imóvel, assim como o cara a seu lado. Savannah, eu me dei conta, causava o mesmo efeito em todo mundo, não apenas em mim. Eu a vi falar e sorrir, olhando daquele jeito sério para o sujeito, que assentia enquanto ela falava, parecendo um adolescente que estava sendo punido. Ela voltou e se sentou outra vez a meu lado. Não perguntei nada, sabendo que não era da minha conta.

– Normalmente eu não diria nada, mas pedi que controlasse o linguajar, por causa das famílias que estão aqui – explicou. – A praia está cheia de crianças.

Eu devia ter imaginado.

– Você sugeriu que ele dissesse “caramba” ou “que droga”?

Ela me olhou de esguelha com um ar malicioso.

– Algum problema com essas expressões?

– Não. Estou até pensando em adotá-las em meu pelotão. Vão ser um

reforço no fator intimidação quando estivermos arrombando portas e lançando RPGs.

Ela deu uma risadinha.

– O que é um RPG?

– É o nome técnico das granadas lançadas por foguete. – Eu gostava mais dela a cada minuto que passava, era mais forte do que eu. – O que vai fazer esta noite?

– Não tenho nada planejado. Bem, com exceção da reunião. Por quê? Quer me levar para conhecer o seu pai?

– Não. Bem, pelo menos não esta noite. Na verdade eu gostaria de lhe mostrar Wilmington.

– Está me convidando para sair?

– Sim – admiti. – Eu a trago de volta quando você quiser. Sei que precisa trabalhar amanhã, mas tem um lugar que quero lhe mostrar.

– Que tipo de lugar?

– Um típico daqui. Especializado em frutos do mar. É mais pela experiência do que pela comida.

– Eu não costumo sair com estranhos – disse finalmente –, e só nos conhecemos ontem. Acha que posso confiar em você?

– Eu não confiaria.

Ela riu.

– Bem, neste caso, creio que posso abrir uma exceção.

– Sério?

– Sim – respondeu ela. – Tenho uma queda por caras honestos com corte à escovinha. A que horas?

4



Cheguei em casa às cinco horas. Embora não sentisse que estava queimado de sol, isso ficou óbvio quando entrei no chuveiro. A água espetava meu peito e meus ombros, e o rosto estava cálido, como se eu tivesse uma febre baixa. Depois fiz a barba pela primeira vez desde que voltei para casa, vesti um short limpo e uma das poucas camisas de abotoar relativamente apresentáveis que eu tinha, azul-clara. Lucy a tinha comprado, jurando que era a cor perfeita para mim. Arregacei as mangas e vasculhei meu armário em busca de um antigo par de sandálias.

Pela fresta da porta eu via meu pai em sua escrivaninha, e me toquei de que pela segunda noite seguida eu tinha outros planos para o jantar. Não havia passado tempo com ele no fim de semana. Ele não ia reclamar, eu sabia, mas senti uma pontada de culpa. Depois que deixamos de falar sobre moedas, o café da manhã e o jantar eram as únicas coisas que compartilhávamos, e agora eu o estava privando até mesmo disso. Talvez eu não tivesse mudado tanto quanto pensava. Estava morando em sua casa, consumindo sua comida, prestes a lhe perguntar se podia pegar seu carro emprestado. Em outras palavras, levando minha própria vida e me aproveitando dele no processo.

Fiquei pensando no que Savannah diria disso, mas creio que já sabia a resposta. Ela se parecia muito com aquela pequena voz chamada consciência. Naquele momento a voz me sussurrava que, se eu me sentia culpado,

era sinal de que talvez estivesse fazendo algo de errado. Decidi que passaria mais tempo com ele.

Quando abri a porta, meu pai pareceu surpreso de me ver ali.

– Oi, pai – falei, sentando em meu lugar de sempre.

– Oi, John.

Assim que falou, olhou para sua escrivaninha e passou a mão no cabelo ralo. Como não falei mais nada, ele se deu conta de que deveria me perguntar alguma coisa.

– Como foi seu dia? – indagou finalmente.

– Foi ótimo, na verdade. Passei a maior parte dele com Savannah, a garota de quem lhe falei ontem à noite.

– Ah. – Seus olhos se desviaram para um lado, recusando-se a encarar os meus. – Você não me falou sobre ela.

– Não falei?

– Não, mas tudo bem.

Já era tarde. Pela primeira vez ele pareceu perceber que eu estava preparado para sair, mas não reuniu coragem para perguntar sobre isso.

Eu remexi na camisa e resolvi livrá-lo daquele constrangimento.

– Vou levá-la para jantar esta noite – avisei. – Posso pegar o carro emprestado?

– Ah... está bem.

– Quero dizer, você não precisa do carro esta noite? Posso pedir a um amigo, ou algo assim.

– Não, pode pegar.

Procurou as chaves no bolso. Nove em dez pais as teriam jogado; o meu as estendeu.

– Tudo bem com você? – perguntei.

– Só estou cansado.

Eu me levantei e peguei as chaves.

– Pai?

Ele ergueu os olhos outra vez.

– Sinto muito por não ter jantado com você nestes dois últimos dias.

– Está tudo bem – respondeu ele. – Eu compreendo.



O sol começava seu lento descanso quando saí, o céu era um turbilhão de cores exuberantes que contrastavam dramaticamente com os céus vespertinos que eu conhecera na Alemanha. O trânsito estava um horror, como costuma acontecer nas noites de domingo, e precisei de quase trinta minutos respirando fumaça de escapamentos para voltar à praia e estacionar o carro.

Abri a porta da casa sem bater. Dois sujeitos que assistiam a um jogo de beisebol no sofá me ouviram entrar.

– Ei – disseram, com ar desinteressado e sem manifestar surpresa.

– Vocês viram Savannah?

– Quem? – perguntou um deles, obviamente sem prestar muita atenção em mim.

– Esquece. Eu vou encontrá-la.

Atravessei a sala de estar em direção ao deque traseiro, vi os mesmos caras da noite anterior fazendo churrasco, e mais algumas pessoas, mas nenhum sinal de Savannah. Tampouco a vi na praia. Estava a ponto de voltar quando senti que alguém me tocava no ombro.

– Quem você está procurando? – perguntou ela.

Eu me virei.

– Uma garota. Ela costuma perder coisas no píer, mas aprende rápido quando se trata de surfar.

Savannah pôs as mãos nos quadris e sorriu. Vestia um short e uma blusa regata, seu rosto estava corado, e notei que tinha passado um pouco de rímel e batom. Apesar de eu ter gostado de sua beleza natural, ela estava ainda mais impactante do que eu me lembrava. Senti uma fragrância de limão quando ela se inclinou em minha direção.

– É tudo que eu sou? Uma garota? – perguntou, num tom ao mesmo

tempo brincalhão e sério, e por um instante imaginei como seria abraçá-la.

– Ah! – exclamei, fingindo surpresa. – É você!

Os dois caras no sofá olharam para nós, depois tornaram a olhar para a tela.

– Pronta para ir? – perguntei.

– Só preciso pegar minha bolsa – disse ela.

Apanhou-a no balcão da cozinha, e fomos em direção à porta.

– Aonde estamos indo, por falar nisso?

– O Barraco do Camarão.

Ela ergueu a sobrancelha.

– Você está me levando para comer num lugar que tem a palavra “barraco” no nome?

– Sou um soldado mal remunerado do Exército. É tudo que posso me permitir.

Ela me deu um esbarrão enquanto caminhávamos.

– É por isso que não costumo sair com estranhos.



O Barraco do Camarão fica no centro de Wilmington, na zona histórica à margem do rio Cape Fear. Numa extremidade dessa região ficam nossos típicos pontos turísticos: lojas de suvenires, antiquários, restaurantes de alto padrão, cafés e firmas imobiliárias. Na outra, Wilmington exibia seu caráter de cidade portuária: grandes armazéns e prédios comerciais ultrapassados. Duvido que os turistas se aventurassem nesse lugar. Foi para lá que eu me dirigi. Aos poucos as multidões iam rareando, até que não havia ninguém nas calçadas e a área se mostrava mais abandonada.

– Onde fica esse lugar? – perguntou Savannah.

– Um pouco mais adiante – respondi.

– Parece um tanto afastado, não?

– É uma espécie de instituição local – expliquei. – O dono não se im-

porta com a vinda dos turistas. Nunca se importou.

Um minuto depois, diminuí a velocidade e entrei num pequeno estacionamento junto a um dos armazéns. Havia algumas dezenas de carros parados em frente ao Barraco do Camarão, como sempre, e o lugar em nada tinha mudado. Desde que eu o conhecia sempre parecera decrépito, com uma varanda larga e atulhada, pintura descascando e a linha do telhado torta, dando a impressão de que estava prestes a desabar, apesar de suportar furacões desde a década de 1940. O exterior era decorado com redes, calotas, placas, uma velha âncora, remos e algumas correntes enferrujadas. Junto à porta de entrada, havia um barco a remo quebrado.

O céu começava sua lenta transição para a escuridão quando fomos em direção à entrada. Pensei se devia ou não procurar a mão de Savannah, mas acabei não fazendo nada. Tinha muito pouca experiência com garotas de quem realmente gostasse. Apesar de só ter se passado um dia desde que a conhecera, eu já sabia que estava pisando em território novo.

Savannah apontou para o barco a remo.

– Talvez por isso ele tenha aberto o restaurante. O barco dele afundou.

– Pode ser. Ou talvez alguém o tenha deixado aí e não se deu o trabalho de levar de volta. Está pronta?

– Como nunca – respondeu ela.

Empurrei a porta. Não sei o que Savannah estava esperando, mas sua expressão denotava satisfação quando entrou. Um longo bar se estendia de um lado, havia janelas que davam para o rio e, na área dos clientes, bancos de piquenique feitos de madeira. Algumas garçonetes com cabeleiras enormes – não pareciam ter mudado mais do que a decoração – se moviam entre as mesas levando pratos com comida. Era possível sentir o cheiro gorduroso de comida frita e de fumaça de cigarros no ar, mas de algum modo aquilo parecia ser bem adequado. A maior parte das mesas estava ocupada, mas fui em direção a uma que ficava junto ao jukebox. Estava tocando música country, mas não saberia dizer quem era o cantor. Sou mais do roque clássico.

Avançamos, passando entre as mesas. Os clientes tinham o aspecto de

quem dava duro para se sustentar: trabalhadores de construção civil, motoristas de caminhão... Eu não via tantos bonés da NASCAR juntos desde... Bem, nunca tinha visto tantos. Alguns caras de meu pelotão eram fãs, mas ficar olhando um bando de sujeitos guiando carros em círculo o dia inteiro nunca me atraía. Sentamos de frente um para o outro, e vi como ela passava os olhos pela sala.

– Gosto de lugares como este – comentou Savannah. – Era aonde você costumava vir quando morava aqui?

– Não, era mais para ocasiões especiais. Eu tinha o costume de ir a um bar chamado Leroy's.

Ela pegou um cardápio plastificado enfiado entre um porta-guardanapo de metal e um vidro com ketchup picante.

– Isto é muito melhor – disse ela. Abriu o cardápio. – Então, qual é o prato que fez este lugar ficar famoso?

– Camarão.

– Jura? Camarão é a especialidade do Barraco do Camarão?

– Sim. Todo tipo de camarão que você possa imaginar. Sabe a cena de *Forrest Gump* em que Bubba fica listando todas as formas de preparar camarão? Grelhado, sauté, na brasa, com molho cajun, com limão, coquetel de camarão... Este é o lugar.

– Você gosta como?

– Gosto deles frios, com molho coquetel. Ou fritos.

Ela fechou o cardápio.

– Pode escolher. Ela o deslizou na minha direção. – Confio em você.

Enfiei o cardápio de volta no lugar, apoiado no porta-guardanapo.

– E então?

– Frio. Servido num balde. É a experiência perfeita.

Ela se inclinou sobre a mesa.

– E quantas mulheres você trouxe aqui? Para essa experiência perfeita, quero dizer.

– Incluindo você? Deixe-me pensar... – Fiquei tamborilando na mesa.
– Uma.

– Sinto-me honrada.

– Era mais um lugar para mim e meus amigos quando queríamos comer em vez de beber. Não havia comida melhor depois de passar o dia surfando.

– Como logo vou descobrir.

A garçonete apareceu e fiz o pedido. Quando perguntou o que queríamos beber, ergui as mãos.

– Chá gelado, por favor – disse Savannah.

– Dois – acrescentei.

Quando a garçonete se afastou engatamos numa conversa leve e descontraída, que não interrompemos quando ela trouxe as bebidas. Conversamos de novo sobre a vida no Exército; por alguma razão, Savannah parecia fascinada por ela. Perguntou-me também como era crescer naquela cidade. Contei-lhe mais do que achava que contaria sobre meus anos de ginásio, e provavelmente falei demais sobre os três anos antes do alistamento.

Ela escutava, fazendo uma ou outra pergunta, e me dei conta de que fazia muito tempo que não tinha um encontro como aquele; alguns anos, talvez mais. Seja como for, nenhum desde Lucy. Eu não tinha identificado nenhuma razão para isso, mas agora, sentado diante de Savannah, repensava essa decisão. Estava gostando de ficar a sós com ela, e queria conhecê-la melhor. Não só esta noite, mas amanhã também, e no dia seguinte. Tudo nela – desde o jeito fácil com que ria, até sua perspicácia, sua evidente preocupação com os outros – me impactava, como algo novo e desejável. Além disso, o tempo que passamos juntos também me fez perceber como eu sou solitário. Não tinha admitido isso para mim mesmo, mas após dois dias com Savannah, eu sabia que era verdade.

– Vamos pôr alguma música para tocar – disse ela, interrompendo meus pensamentos.

Eu me levantei, vasculhei os bolsos à procura de algumas moedas e as inseri na máquina. Savannah pousou ambas as mãos no vidro e se inclinou para a frente enquanto lia os títulos, depois escolheu algumas canções. Quando voltamos para a mesa, a primeira já estava tocando.

– Sabe de uma coisa? Acabo de perceber que eu fui o único a falar esta noite – comentei.

– Você é bom de papo – observou ela.

Desenrolei meus talheres do guardanapo de papel.

– E quanto a você? Você já sabe tudo sobre mim, mas não sei nada sobre você.

– Claro que sabe – rebateu ela. – Você sabe quantos anos tenho, a faculdade que frequento, minha especialização e o fato de que não bebo. Sabe que sou de Lenoir, que vivo num rancho, gosto de cavalos e passo meus verões construindo casas. Você sabe muita coisa.

Sim, eu sabia mesmo. Inclusive coisas que Savannah não tinha mencionado.

– Não é o bastante – repliquei. – Sua vez.

– Pergunte o que quiser.

– Fale-me sobre seus pais – pedi.

– Está bem – disse ela, pegando um guardanapo. Enxugou as gotas condensadas em seu copo. – Meus pais estão casados há 25 anos e ainda são loucamente apaixonados. Eles se conheceram na faculdade de Appalachian State, e mamãe trabalhou num banco durante alguns anos, até engravidar. Desde então, tem sido uma mãe em tempo integral, o tipo que está disponível para todos os outros também. Ajudante em sala de aula, motorista voluntária, treinadora de nosso time de futebol, chefe da comissão de pais e professores, tudo isso. Agora que não estou em casa, ela passa os dias como voluntária para a biblioteca, as escolas, a igreja, o que for. Papai é professor de história e treina o time de vôlei da escola desde que eu era pequena. No ano passado chegaram às finais estaduais, mas perderam. Também é diácono em nossa igreja, onde é o responsável pelo grupo de jovens e pelo coro. Quer ver uma foto?

– Claro – respondi.

Ela tirou a carteira da bolsa. Ao empurrar a foto na mesa, nossos dedos se roçaram.

– Está um pouco desbotada nas beiradas, por causa da água do mar.

Mas dá para ter uma ideia.

Girei a foto. Savannah era mais parecida com o pai do que com a mãe.

– Belo casal.

– Eu amo esses dois – disse ela, guardando a carteira. – Eles são o máximo.

– Por que você vive num rancho, se o seu pai é professor?

– Não é um rancho muito produtivo. Já foi, quando era de meu avô, mas ele teve de vender muitos lotes para pagar os impostos. Quando meu pai o herdou, estava reduzido a 4 hectares, com uma casa, estábulos e um curral. É mais um grande quintal do que um rancho. Nós nos referimos a ele como rancho, mas acho que isso transmite uma imagem errada.

– Lembro de você ter dito que fazia ginástica, mas também jogou vôlei no time de seu pai?

– Não – respondeu. – Isto é, ele é um grande técnico, mas sempre me incentivou a fazer o que eu achava melhor para mim. E não era vôlei. Tentei, e até que deu certo, mas não era disso que eu gostava.

– Você gosta de cavalos.

– Desde menina. Minha mãe me deu a estatueta de um cavalo quando eu era bem pequena, e foi assim que tudo começou. Ganhei meu primeiro cavalo no Natal, quando tinha 8 anos, e ainda é o melhor presente de Natal que já recebi. Era uma égua velha e gentil chamada Slocum, e ela foi perfeita para mim. O combinado era que eu teria que cuidar dela: alimentá-la, escová-la e manter a estrebaria limpa. Tendo que lidar com ela e os outros animais, além da escola e da ginástica, não sobrava tempo para mais nada.

– “Outros animais”?

– Entre a minha infância e a minha adolescência nossa casa era uma espécie de fazenda. Tivemos cães, gatos, até mesmo uma lhama, por algum tempo. Eu era uma boba quando se tratava de animais perdidos. A coisa chegou a um ponto em que meus pais nem discutiam mais comigo. Muitas vezes havia quatro ou cinco ao mesmo tempo. Às vezes aparecia alguém procurando seu bichinho perdido e, quando não o encontrava, levava um dos resgatados. Nossa casa era um viveiro de animais perdidos.

– Seus pais eram pacientes.

– Sim, eles eram. Mas também tinham um fraco por animais perdidos.

Mesmo negando isso, minha mãe era pior do que eu.

Eu a estudei por um momento.

– Aposto que era boa aluna.

– Sim. Eu era a oradora da turma.

– Por que isso não me surpreende?

– Não sei. Por quê?

Não respondi.

– Você já teve um namorado firme?

– Agora estamos chegando ao que interessa, hein?

– Eu só perguntei.

– O que você acha?

– Não faço ideia.

Ela riu.

– Então... vamos deixar isso de lado por enquanto. Um pequeno mistério faz bem à alma. Além disso, estou querendo apostar que você pode imaginar por conta própria.

A garçonete chegou trazendo o balde com camarões e um par de recipientes plásticos com molho coquetel, os depositou sobre a mesa e encheu nossos copos de chá com a eficiência de quem já fazia isso havia muito tempo. Girou sobre os calcanhares sem perguntar se precisávamos de mais alguma coisa.

– Este lugar é lendário por sua hospitalidade.

– Ela só está ocupada – disse Savannah, pegando um camarão. – Ela sabia que você estava me interrogando e quis me deixar sozinha com meu inquisidor.

Ela descascou o camarão e depois o mergulhou no molho antes de comer um pedaço. Eu tirei alguns do balde e pus no meu prato.

– O que mais você quer saber?

– Não sei. Qualquer coisa. Qual é a melhor parte de se estar na faculdade?

Ela refletiu sobre isso enquanto se servia.

– Bons professores – respondeu finalmente. – Na faculdade às vezes você consegue escolher os professores, contanto que seja flexível em sua grade de horários. Eu gosto disso. Antes de começar, esse foi o conselho que meu pai me deu. “Sempre escolha o curso em função do professor, não do tema.” Ele sabe que você tem que estudar certas matérias para se graduar, mas na opinião dele ter bons professores é algo que não tem preço. Eles o inspiram, o entretêm, e no fim você aprende bastante, mesmo não tendo consciência disso.

– Isso acontece porque eles têm paixão pelo tema que ensinam – falei.

Ela pestanejou.

– Exatamente. E ele tinha razão. Tive aulas sobre assuntos que nunca pensei que me interessariam, e bem distantes de minha especialização. No entanto, ainda me lembro dessas aulas como se as estivesse tendo agora.

– Estou impressionado. Pensei que você ia dizer que ir aos jogos de basquete era a melhor parte de estar na faculdade.

– Eu gosto disso também. Assim como gosto dos amigos que estou fazendo e da independência que estou ganhando. Aprendi um bocado desde que deixei Lenoir. Quero dizer, minha vida era maravilhosa e meus pais são ótimos, mas... eu estava protegida lá. Tive algumas experiências que me abriram os olhos.

– Como o quê?

– Um monte de coisas. Como a pressão de ter de beber e de ficar com um sujeito toda vez que saía. Eu detestei a faculdade no primeiro ano. Achei que não me encaixava nela, e não me encaixava mesmo. Implorei a meus pais que me deixassem voltar ou pedir uma transferência, mas eles não concordaram. Acho que sabiam que eu me arrependeria disso. Só depois de algum tempo, em meu segundo ano, conheci algumas garotas que sentiam o mesmo que eu em relação a esse tipo de coisa, e desde então tem sido muito melhor. Eu me juntei a alguns grupos de estudantes cristãos, passava as manhãs de sábado num abrigo em Raleigh ajudando os pobres, e não me senti pressionada a ir a essa ou àquela festa, ou sair com um

ou outro sujeito. E se eu vou a uma festa, essa pressão não me atinge. Simplesmente aceito o fato de que não tenho que fazer o que todo mundo faz. Posso fazer o que acho certo.

O que explicava por que estive comigo na noite anterior, pensei. E agora também, aliás.

Ela se animou.

– É mais ou menos o que aconteceu com você, eu acho. Nos últimos anos eu cresci. Viu? Além de nós dois sermos craques no surfe, também temos isso em comum.

Eu ri.

– Pois é. Tive que enfrentar muita coisa para crescer.

– Meu pai me ensinou que cada uma das pessoas à nossa volta está lutando por algo, e que para elas as coisas são tão difíceis quanto as que você está enfrentando.

– Seu pai é um homem inteligente.

– Meus pais são. Acho que os dois se formaram entre os cinco primeiros na faculdade. Foi assim que se conheceram. Estudando na biblioteca. A educação era realmente importante para os dois, e é como se tivessem feito de mim um projeto deles. Eu já sabia ler antes de ir para o jardim de infância. E falavam comigo como se eu fosse uma adulta, até onde consigo lembrar.

Por um momento fiquei pensando em como minha vida teria sido diferente se eles tivessem sido os meus pais, mas afastei tais ideias. Sabia que meu pai tinha feito o melhor que podia, e não lamentava o que acontecera comigo. Lamento quanto à jornada, talvez, mas não quanto ao destino. Porque seja lá como tudo tivesse acontecido, de algum modo eu acabei comendo camarão num sombrio barracão no centro com uma garota que eu já sabia que nunca iria esquecer.



Depois do jantar voltamos para a casa, que, surpreendentemente, estava tranquila. Ainda havia música tocando, mas a maioria das pessoas relaxava em torno da fogueira, como se estivessem se preparando para acordar cedo na manhã seguinte. Tim estava entre eles, absorto numa conversa séria. Para minha surpresa, Savannah pegou minha mão e me fez parar antes de chegarmos até o grupo.

– Vamos caminhar um pouco?

No céu, algumas nuvens ralas se espalhavam entre as estrelas, e a lua, ainda cheia, pairava logo acima do horizonte. Uma leve brisa soprava em meu rosto, e eu podia ouvir o incessante movimento das ondas quando morriam na praia. A maré já tinha baixado, e fomos para a areia mais dura e compacta à beira d'água. Savannah pôs a mão em meu ombro para se equilibrar enquanto descalçava as sandálias. Quando terminou, fiz o mesmo e caminhamos alguns passos em silêncio.

– É tão lindo aqui. Quero dizer, eu gosto das montanhas, mas isto é lindo. É... sereno.

Eu senti que essas mesmas palavras poderiam descrevê-la, e não soube o que dizer.

– Não consigo acreditar que só conheci você ontem – acrescentou. – Parece que o conheço há muito mais tempo.

Sua mão estava quente e confortável na minha.

– Estava pensando a mesma coisa.

Savannah sorriu, como se estivesse sonhando, estudando as estrelas.

– Eu me pergunto o que Tim deve estar pensando de tudo isso – murmurou. Olhou para mim. – Ele acha que sou um pouco ingênua.

– E você é?

– Às vezes – admitiu ela, e eu ri. – Quero dizer, quando vejo duas pessoas caminhando desse jeito fico pensando: “Ah, isso é tão romântico.” Não penso que estão indo transar atrás das dunas. Eu simplesmente nunca me dou conta disso antes, e fico sempre surpresa quando descubro depois. Eu nunca aprendo. Como na noite passada, depois que você foi embora. Eu

soube de duas pessoas que fizeram exatamente isso, e não consegui acreditar.

– Eu ficaria mais surpreso se isso não tivesse acontecido.

– É disso que eu não gosto na faculdade, aliás. É como um monte de gente que não acredita que esses anos são importantes de verdade, e por isso acha que tem permissão para experimentar... seja lá o que for. É uma visão sem qualquer compromisso sobre coisas como sexo, bebida e drogas. Sei que soa antiquado, mas eu não entendo isso. Talvez esse seja o motivo para eu não querer ir me sentar junto à fogueira, como todo mundo. Para ser franca, estou meio desapontada com essas duas pessoas de quem ouvi falar, e não quero me sentar lá tentando fingir que está tudo bem. Sei que são boas pessoas, já que estão aqui para ajudar, mas a questão continua a ser a mesma. Não se deve guardar isso para alguém que se ame? Será que o sexo não significa alguma coisa?

Eu sabia que ela não estava esperando respostas.

– Quem contou sobre esses dois? – perguntei.

– Tim. Acho que ele ficou desapontado também, mas o que poderia fazer? Mandá-los embora?

Tínhamos caminhado uma boa distância pela praia, e começamos a voltar. A distância eu podia ver o círculo de silhuetas desenhadas pela fogueira. A maresia tinha gosto de sal, e alguns caranguejos se dispersaram e entraram em suas tocas quando nos aproximamos.

– Sinto muito – disse ela. – Eu saí do sério.

– Em relação a quê?

– Por ter ficado tão... chateada quanto a isso. Eu não deveria julgar os outros. Não cabe a mim.

– Todo mundo faz isso – repliquei. – É da natureza humana.

– Eu sei. Não sou perfeita. Afinal, a única coisa que importa é o julgamento de Deus, e aprendi bastante para saber que ninguém pode presumir que sabe a vontade Dele.

Sorri.

– Que foi? – perguntou ela.

– Sua forma de falar me faz lembrar nosso capelão. Ele diz as mesmas coisas.

Quando nos aproximamos da casa, nos afastamos da beira d’água e fomos para a areia mais fofa, mais escorregadia a cada passo. Senti que Savannah segurava a minha mão com mais força. Fiquei pensando se ela a largaria quando chegássemos perto da fogueira, e fiquei desapontado quando fez isso.

– Ei – chamou Tim, em tom amigável. – Vocês estão de volta.

Randy também estava lá, com aquela sua expressão emburrada. Para ser sincero, eu estava ficando um pouco cansado do ressentimento dele. Brad estava atrás de Susan, reclinada em seu peito. Susan parecia estar indecisa quanto a demonstrar estar contente, para poder obter detalhes de Savannah, ou aborrecida, para agradar Randy. Os outros, obviamente indiferentes, voltaram a suas conversas. Tim se levantou e veio em nossa direção.

– Como foi o jantar?

– Ótimo – respondeu Savannah. – Tive uma amostra da cultura local. Fomos ao Barraco do Camarão.

– Deve ter sido divertido – comentou.

Tentei detectar algum tom sutil de ciúme, mas não encontrei nenhum.

– Não querem se juntar a nós? – perguntou ele. – Estamos começando a nos recolher, nos preparando para amanhã.

– Na verdade, estou com um pouco de sono. Eu estava indo acompanhar John até seu carro, e depois entrar. A que horas temos que acordar?

– Às seis. Vamos tomar café às sete, porque temos que estar no local às sete e meia. Não esqueça o filtro solar. Vamos estar debaixo do sol o dia inteiro.

– Vou lembrar. Você tem que alertar todos os outros.

– Já fiz isso. E vou tornar a fazer amanhã. Mas você vai ver, alguns não vão escutar e ficarão queimados.

– Vejo você amanhã – disse ela.

– Certo. – Ele voltou sua atenção para mim. – Estou contente que tenha

vindo hoje.

– Eu também – respondi.

– Se estiver entediado e sem ter o que fazer nas próximas semanas, sempre temos espaço para uma ajuda extra.

Eu ri.

– Sabia que ia acabar sugerindo isso.

– Eu sou quem eu sou – disse ele, estendendo a mão. – Seja como for, espero vê-lo de novo.

Apertamos as mãos. Tim voltou a seu lugar e Savannah fez um aceno em direção à casa. Fomos até a duna, parando para calçar as sandálias, depois seguimos pela passarela de madeira que atravessava o gramado e circundamos a casa. Um minuto depois, estávamos no carro. No escuro, não consegui ver a expressão de Savannah.

– Eu me diverti muito hoje – afirmou ela.

Engoli em seco.

– Quando posso vê-la novamente?

Era uma pergunta simples, até mesmo esperada, mas fiquei surpreso ao perceber o desejo que havia em minha voz. Nós nem sequer tínhamos nos beijado.

– Isso depende de você. Você sabe onde estou.

– Que tal amanhã à noite? – sugeri. – Conheço outro lugar onde toca uma banda, e é muito divertido.

Ela passou uma mecha de cabelo para trás da orelha.

– Que tal na noite seguinte? Pode ser? É que o primeiro dia de trabalho é sempre... excitante e cansativo ao mesmo tempo. Vamos ter um grande jantar coletivo, e eu não deveria perdê-lo.

– Sim, está tudo bem – concordei chateado.

Ela deve ter percebido algo em minha voz.

– Como o Tim disse, você será bem-vindo se quiser aparecer.

– Não, está tudo bem. Terça-feira à noite, então.

Continuamos ali de pé, num desses momentos constrangedores. Ela se afastou de mim antes mesmo de eu tentar beijá-la. Normalmente, eu teria

ido em frente, só para ver o que aconteceria; talvez eu nunca me abrisse quanto ao que sentia, mas era impulsivo e rápido na hora de agir. Com Savannah, eu me sentia estranhamente paralisado. Ela tampouco parecia estar com pressa.

Um carro passou, quebrando o encantamento. Ela deu um passo em direção à casa, depois parou e pôs a mão em meu braço. Num gesto inocente, beijou-me no rosto. Foi quase fraternal, mas seus lábios eram macios e seu perfume me envolveu, e permaneceu mesmo depois que Savannah recuou.

– Eu me diverti de verdade – murmurou. – Não creio que vá esquecer o dia de hoje durante muito, muito tempo.

Senti sua mão deixar meu braço e depois ela desapareceu, subindo as escadas da casa.

Mais tarde naquela noite, eu me jogava e me revirava na cama, revivendo os acontecimentos do dia. Finalmente me sentei, pensando que deveria ter dito a ela quanto aquele dia significara para mim. Pela janela vi uma estrela cadente cruzar o céu com um rastro branco e brilhante. Quis acreditar que era um presságio, mas não tinha certeza de quê. Em vez disso, a única coisa que consegui foi reviver pela centésima vez a sensação do beijo de Savannah em meu rosto, e me perguntar como eu poderia ter me apaixonado por uma garota que só tinha conhecido no dia anterior.

5



— Bom dia, pai – cumprimentei, entrando cambaleante na cozinha, ainda incomodado com a luz clara da manhã.

Meu pai estava de pé, diante do fogão. O cheiro de bacon pairava no ar.

– Ah... Oi, John.

Eu me sentei, ainda tentando despertar.

– Sei que ainda é cedo, mas queria encontrar você antes que fosse para o trabalho.

– Vou preparar um pouco mais de comida.

Ele parecia animado, apesar dessa violação da rotina. Eram momentos como este que me faziam achar que meu pai estava contente por eu estar em casa.

– Tem café? – perguntei.

– Está no bule.

Eu me servi uma xícara e fui até a mesa. O jornal estava lá, do jeito que tinha chegado. Meu pai sempre o lia durante o café da manhã. Sabendo disso, deixei-o no lugar. Ele brincava que queria ser o primeiro a ler, e costumava fazer isso exatamente na mesma ordem.

Eu esperava que meu pai perguntasse como tinha sido a noite anterior com Savannah, mas ele não disse nada, preferindo se concentrar no que estava fazendo. Olhando o relógio, sabia que Savannah estaria partindo para o lugar do trabalho em alguns minutos, e me perguntei se estaria pensando

em mim tanto quanto eu pensava nela. Na correria da manhã, eu duvidava que estivesse.

– O que você fez na noite passada? – perguntei, tentando afastar meu pensamento de Savannah. Meu pai continuou cozinhando, como se não tivesse me ouvido. – Pai?

– Sim?

– Como foi na noite passada?

– Como foi o quê?

– Sua noite. Aconteceu alguma coisa excitante?

– Não – disse ele. – Nada.

Meu pai sorriu para mim antes de virar duas fatias de bacon na frigideira. Ouvi o chiado da fritura ficar mais intenso.

– Eu me diverti muito. – Resolvi tomar a iniciativa de contar. – Savannah é realmente especial. Aliás, fomos juntos à igreja ontem.

De algum modo, eu pensava que ele me questionaria sobre isso, e admito que queria que o fizesse. Imaginei que poderíamos ter uma conversa de verdade, do tipo que outros pais devem ter com os filhos, e que ele talvez risse e fizesse uma ou duas brincadeiras. Em vez disso, meu pai acendeu mais uma boca do fogão. Pôs um pouco de óleo numa frigideira pequena e começou a preparar uma omelete.

– Você se incomodaria de pôr o pão na torradeira? – perguntou.

Suspirei.

– Não – respondi, já sabendo que comeríamos em silêncio. – Sem problema.



Passei o resto do dia surfando, ou melhor, tentando surfar. O mar tinha acalmado durante a noite, e as pequenas ondas não estavam me entusiasmando. O John de antigamente talvez tivesse ido para Oak Island, ou até mesmo Atlantic Beach, onde poderia pegar uma carona para Shackleford

Banks na esperança de achar algo melhor. Mas hoje eu simplesmente não estava a fim.

Em vez disso, surfei onde tinha surfado nos dois dias anteriores. A casa ficava um pouco mais além, na praia, e parecia quase desabitada. A porta de trás estava fechada, as toalhas não estavam mais lá e ninguém passou pela janela nem saiu para o deque. Eu me perguntei quando estariam de volta. Talvez lá para as quatro ou cinco horas, e decidi que já teria ido embora nesse horário. Em primeiro lugar, não haveria motivo para eu estar ali, e a última coisa que queria era que Savannah pensasse que eu era um assediador.

Fui embora por volta das três e passei no Leroy's. O bar era mais escuro e sujo do que eu me lembrava, e detestei o lugar assim que passei pela porta. Sempre o tinha considerado um bom bar, e comprovei isso ao ver um homem solitário debruçado sobre copos do mais fino uísque do Tennessee, esperando encontrar nele um refúgio para os problemas da vida. Leroy estava lá, e me reconheceu quando entrei. Quando sentei junto ao bar na mesma hora ele levou um copo à torneira da cerveja e começou a enchê-lo.

– John, quanto tempo! Evitando encrenca?

– Tentando – respondi. Olhei em volta para o bar enquanto ele escorregava o copo para mim. – Gostei do que você fez com o lugar – falei, apontando por cima do ombro.

– Que bom. Tudo isso é para você. Vai comer alguma coisa?

– Não. Só a cerveja está bom, obrigado.

Ele enxugou o balcão, jogou o pano em cima do ombro e foi atender o pedido de outra pessoa. Um momento depois, senti uma mão tocar meu ombro.

– John! O que está fazendo aqui?

Era um dos meus ex-amigos. De repente, me dei conta de que eu detestava tudo que dizia respeito ao Leroy's, inclusive as pessoas que o frequentavam. Não fazia ideia de por que tinha vindo, fora o fato de que não tinha outro lugar para ir.

– Oi, Toby.

Alto e muito magro, Toby se sentou a meu lado. Dava para sentir que ele já estava embriagado. Fedia como se não tivesse tomado um banho havia dias, e sua camisa estava manchada.

– Ainda brincando de Rambo? – perguntou, arrastando as palavras. – Parece que você andou malhando.

– É – respondi, sem querer entrar no assunto. – O que anda fazendo, Toby?

– Andando por aí. Pelo menos ultimamente. Estava trabalhando no mercado até umas semanas atrás, mas o dono é um babaca.

– Ainda morando com os pais?

– Claro – afirmou ele, quase parecendo orgulhoso disso. Pegou a garrafa e deu um grande gole, depois fixou o olhar em meus braços. – Você está com um bom aspecto. Tem malhado muito?

– Um pouco.

– Você está ótimo.

Não consegui achar algo para dizer. Toby tomou mais um gole.

– Ei, tem uma festa esta noite na casa da Mandy – disse ele. – Você se lembra da Mandy, não?

Sim, eu me lembrava. Uma garota de meu passado que tinha durado menos que um fim de semana.

– Os pais dela estão em Nova York e aquilo vai bombar. Quer se juntar a nós?

Ele apontou com o ombro para quatro caras numa mesa de canto, onde havia três baldes de cerveja vazios. Reconheci dois deles, mas os outros me eram estranhos.

– Não posso – respondi. – Combinei de jantar com o meu pai. Obrigando mesmo assim.

– Deixa o velho para lá. A Kim estará na festa!

Outra mulher de meu passado, outra lembrança que fez eu me retrair por dentro. Eu mal conseguia suportar a pessoa que costumava ser.

– Não posso – recusei novamente, balançando a cabeça. Levantei-me,

deixando o copo intacto à minha frente. – Eu prometi. E ele está deixando eu ficar lá com ele. Você sabe como é.

Toby assentiu.

– Então vamos sair juntos este fim de semana. Tem um grupo que vai surfar em Ocracoke.

– Talvez – retruquei, sabendo que a possibilidade era zero.

– O telefone do seu pai ainda é o mesmo?

– Sim – respondi.

Fui embora, certo de que ele não ia ligar e de que jamais voltaria ao Leroy's.



A caminho de casa comprei bifes para o jantar, além de uma salada, molhos para salada e algumas batatas. Não foi fácil carregar a sacola junto com minha prancha de surfe até em casa, mas não me incomodei com a caminhada. Fazia isso havia anos, e os sapatos eram bem mais confortáveis do que as botas que me acostumara a usar.

Uma vez em casa fui buscar a churrasqueira na garagem, e também um saco de carvões e fluido para isqueiro. A churrasqueira estava enferrujada, como se não tivesse sido usada durante anos. Sentei-me no pórtico traseiro e limpei-a dos restos de carvão antes de remover com um jato de mangueira as teias de aranha e de pô-la para secar ao sol.

Adicionei um pouco de sal, pimenta e alho em pó aos bifes, envolvi as batatas em papel-alumínio e as pus no forno, e botei a salada numa tigela. Quando a churrasqueira ficou seca, acendi o carvão e pus a mesa lá atrás, no quintal.

Meu pai chegou exatamente quando eu estava pondo os bifes na churrasqueira.

– Oi, pai – falei por cima do ombro. – Pensei em fazer nosso jantar esta noite.

– Ah – disse ele.

Aparentemente levou um momento até entender que não ia cozinhar para mim.

– Como quer seu bife?

– Ao ponto – respondeu ele. Continuava de pé junto à porta de correr de vidro.

– Parece que você não usou a churrasqueira desde que fui embora. Mas deveria. Nada melhor do que um bife grelhado. Fiquei com água na boca o tempo todo enquanto voltava para casa.

– Vou trocar de roupa.

– Os bifes estarão prontos em uns dez minutos.

Voltei para a cozinha, peguei as batatas e a tigela com a salada – juntamente com o molho para salada, manteiga e molho para o bife – e coloquei tudo na mesa. Ouvi a porta do pátio deslizar ao se abrir, e meu pai apareceu, trazendo dois copos com leite e mais parecendo um turista num cruzeiro. Usava short, meias pretas, tênis e uma camisa havaiana toda florida. Suas pernas eram muito brancas, como se não tivesse usado short durante muitos anos. Ou nunca. Pensando bem, não tenho certeza de já tê-lo visto de short antes. Fiz o máximo para fingir que sua aparência era normal.

– Bem a tempo – disse, voltando para a churrasqueira.

Pus os bifes nos dois pratos e coloquei um diante do meu pai.

– Obrigado – agradeceu ele.

– Por nada.

Meu pai colocou a salada no prato e desembulhou sua batata. Passou um pouco de manteiga nela, depois encheu o bife de molho, formando uma pequena poça no prato. Tudo normal e esperado, exceto pelo fato de que fez tudo isso em silêncio.

– Como foi seu dia? – perguntei, como sempre.

– Normal.

Ele sorriu de novo, mas não acrescentou mais nada. Meu pai, o desajustado social. Mais uma vez me perguntei se para ele conversar era tão difícil, e tentei imaginar como teria sido sua juventude. Como foi que en-

controu uma esposa? Sabia que era uma pergunta mesquinha, mas não maldosa. Eu estava curioso de verdade. Ficamos comendo, e por algum tempo só o som dos talheres nos fez companhia.

– Savannah disse que gostaria de conhecer você.

Ele cortou um pedaço de bife.

– A garota com quem você está saindo?

– Sim – respondi. – Acho que você vai gostar dela.

Ele assentiu.

– Ela estuda na Universidade da Carolina do Norte – expliquei.

Meu pai sabia que era a vez dele, e pude perceber seu alívio quando lhe ocorreu uma nova pergunta.

– Como você a conheceu?

Contei a ele sobre a bolsa, descrevendo a cena, tentando fazer a história o mais humorística possível, mas ele não riu.

– Isso foi bem típico de você – observou.

Outra pausa na conversa. Cortei mais um pedaço de bife.

– Pai, você se incomodaria se eu fizesse uma pergunta pessoal?

– Claro que não.

– Como você e mamãe se conheceram?

Era a primeira vez em anos que eu lhe perguntava sobre ela. Como nunca fizera parte de minha vida e como eu não tinha lembranças dela, raramente senti necessidade de fazer isso. Mesmo agora, eu não me importava; só queria que ele falasse comigo. Meu pai ganhou tempo acrescentando manteiga a sua batata, e eu sabia que não queria responder.

– Nós nos conhecemos numa lanchonete – disse por fim. – Sua mãe era uma garçonete.

Esperei. Aparentemente não haveria continuação.

– Ela era bonita?

– Sim – respondeu.

– Como ela era?

Ele amassou a batata e pôs sal.

– Como você – concluiu.

– Como assim?

– Humm... Ela sabia ser... teimosa.

Não soube ao certo o que pensar, nem mesmo a que ele se referia. Antes que eu pudesse falar sobre isso, ele se levantou da mesa e pegou seu copo.

– Quer um pouco mais de leite? – perguntou, e eu soube que não ia falar mais nada sobre ela.

6



O tempo é uma coisa relativa. Sei que não sou o primeiro a se dar conta disso, e minha constatação não tem nada a ver com energia ou massa ou velocidade da luz ou qualquer outra coisa que Einstein possa ter postulado. Não, tem a ver com as horas se arrastando enquanto eu esperava por Savannah.

Depois que meu pai e eu terminamos de jantar, fiquei pensando nela; pensei nela de novo logo depois de acordar. Passei o dia surfando e, embora as ondas estivessem melhores do que no dia anterior, não consegui me concentrar de verdade e decidi parar no meio da tarde.

Fiquei indeciso quanto a comer ou não um hambúrguer num lugarzinho ali na praia, mas resolvi voltar para casa, na esperança de talvez levar Savannah para comer lá mais tarde. Li um pouco do último romance de Stephen King, tomei uma chuva e vesti uma calça jeans e uma camisa polo, depois li por mais algumas horas antes de olhar o relógio e ver que na verdade só tinham se passado vinte minutos. Era a isso que estava me referindo quando disse que o tempo é uma coisa relativa.

Quando meu pai chegou em casa e viu como eu estava vestido, me ofereceu as chaves do carro.

– Você está indo se encontrar com Savannah? – perguntou.

– Sim – respondi, levantando-me do sofá. Peguei as chaves. – Talvez eu chegue tarde.

Ele coçou a nuca.

– Está bem.

Por alguma razão, meu pai parecia assustado.

– Então, é isso. Vejo você mais tarde?

– Provavelmente estarei dormindo.

– Não falei no sentido literal.

– Ah, está bem.

Encaminhei-me para a porta. Assim que a abri, eu o ouvi suspirar.

– Eu também gostaria de conhecê-la – disse, numa voz tão abafada que quase não ouvi.



O sol lançava uma luz enviesada na água quando cheguei na casa. Ao sair do carro, percebi que estava nervoso. Não consegui me lembrar de qual fora a última vez que uma garota me deixara dessa forma, e não conseguia afastar a ideia de que, de algum modo, as coisas talvez tivessem mudado entre nós. Não sabia como ou por que me sentia assim; tudo que sabia era que não estava certo do que faria se meus temores se confirmassem.

Não me dei o trabalho de bater à porta. Simplesmente fui entrando. A sala de estar estava vazia, mas ouvi vozes no final do corredor. O grupo habitual de pessoas estava no deque. Saí e perguntei por Savannah, e me informaram que ela estava na praia.

Fui até a areia e congelei quando a vi sentada perto da duna, ao lado de Randy, Brad e Susan. Ela não tinha percebido minha presença, e a ouvi rir de algo dito por Randy. Eles pareciam ser um casal tanto quanto Susan e Brad. Eu sabia que não eram, que só deviam estar comentando algo sobre a casa que estavam construindo ou trocando impressões sobre os últimos dois dias, mas não gostei do que vi. Nem gostei do fato de Savannah estar sentada tão perto dele. Mas ela sorriu quando me viu, como se não houvesse nada de errado.

– Aí está você – disse ela. – Estava me perguntando se ia aparecer.

Randy sorriu. Apesar do comentário dela, ele ostentava uma expressão quase vitoriosa. *Quando o gato não está, os ratos fazem a festa.*

Savannah se levantou e veio em minha direção. Ela estava usando uma blusa branca sem mangas e uma saia leve e esvoaçante que oscilava quando ela caminhava. Pela nova cor de seus ombros, notei que devia ter passado horas ao sol. Quando chegou bem perto, ficou na ponta dos pés e me deu um beijo no rosto.

– Oi – cumprimentou ela, passando um braço por minha cintura.

– Oi.

Ela se inclinou um pouco para trás, como que avaliando minha expressão.

– Parece que você sentiu saudades de mim – disse, com uma voz provocante.

Não consegui pensar numa resposta, e ela deu uma piscadela diante da minha incapacidade de admitir que realmente sentira.

– Talvez eu tenha sentido saudades de você também.

Toquei em seu ombro nu.

– Pronta para ir?

– Como sempre.

Fomos em direção ao carro e eu peguei na mão dela, seu toque me fazendo sentir que tudo estava bem com o mundo. Bem, quase tudo...

– Vi você falando com Randy – falei, tentando manter um tom de voz neutro.

Ela apertou minha mão.

– Ah, você viu?

Tentei novamente.

– Imagino que vocês se conheceram melhor enquanto trabalhavam.

– Com certeza. Eu tinha razão, aliás. Ele é um cara legal. Depois de terminar aqui, irá para Nova York, para um estágio de seis semanas na Morgan Stanley.

– Hummm – resmunguei.

Ela riu, entrecortando a respiração.

– Está com ciúme?

– Não.

– Ótimo – concluiu, apertando de novo minha mão. – Porque não há motivo para estar.

Gostei dessa última parte. Savannah não precisava dizer isso, mas eu não poderia estar mais feliz pelo fato de ter dito. Quando chegamos ao carro, abri a porta para ela.

– Estava pensando em levar você ao Oysters. É um clube noturno perto da praia. Mais tarde tem uma banda, e poderíamos ir lá dançar.

– O que faremos até lá?

– Está com fome? – perguntei, pensando no hambúrguer do lugar pelo qual tinha passado antes.

– Não muito – disse ela. – Comi alguma coisa quando cheguei, por isso ainda estou meio sem fome.

– Que tal uma caminhada pela praia?

– Hummm, talvez mais tarde.

Era óbvio que ela tinha algo em mente.

– Por que não me diz o que quer fazer?

Sua expressão se iluminou.

– Que tal irmos dar um oi para o seu pai?

Não sabia se tinha entendido bem.

– Sério?

– Sim – respondeu ela. – Só por pouco tempo. Depois poderemos comer algo e ir dançar.

Quando hesitei, ela pôs a mão em meu ombro.

– Por favor!



Não fiquei muito feliz com a ideia, mas não podia dizer não. Eu prefe-

riria ter ela só para mim pelo resto da noite. Não compreendi por que Savannah queria ver meu pai, a menos que isso significasse que ela não se importava tanto quanto eu em ficarmos a sós. Para ser sincero, esse pensamento me deixou deprimido.

Mas Savannah estava de bom humor quando falou sobre o trabalho que tinham realizado nos últimos dois dias. Planejaram começar com as janelas amanhã. Randy, pelo que fiquei sabendo, havia trabalhado ao lado dela nos dois dias, o que explicava a “redescoberta amizade”.

Poucos minutos depois, estávamos estacionando na entrada de casa. Notei que a luz estava acesa no cantinho do meu pai. Quando desliguei o motor, fiquei remexendo as chaves antes de sairmos do carro.

– Eu contei que meu pai fala pouco, não é?

– Sim – respondeu. – Mas isso não importa. Eu só quero conhecê-lo.

– Por quê? – perguntei.

Eu sabia como isso ia soar, mas não consegui evitar.

– Porque ele é a única família que você tem. E foi ele quem criou você.



Quando meu pai se recuperou do choque de eu ter voltado trazendo Savannah, e depois de apresentar os dois, ele passou a mão rapidamente no cabelo ralo e ficou olhando para o chão.

– Sinto muito por não termos avisado com antecedência, mas não culpe o John – disse Savannah. – A culpa foi minha.

– Ah, tudo bem.

– Pegamos você numa hora ruim?

– Não. – Ele olhou para cima e novamente para o chão. – É um prazer conhecê-la.

Por um momento ficamos todos na sala de estar, sem dizer nada. Savannah sorriu de modo muito natural, mas eu me perguntei se meu pai tinha notado.

– Quer beber alguma coisa? – perguntou ele, como se de repente se lembrasse de que ele era o anfitrião.

– Estou bem, obrigada. John me contou que você é um grande colecionador de moedas.

Ele se voltou para mim, como se perguntando se deveria responder.

– Eu tento – disse por fim.

– Foi isso que interrompemos? – perguntou ela, naquele mesmo tom provocante que usava comigo.

Para minha surpresa, ouvi meu pai dar uma gargalhada nervosa. Não muito alto, mas assim mesmo uma gargalhada. Incrível.

– Não, você não interrompeu nada. Eu estava examinando uma nova moeda que consegui hoje.

Enquanto falava, pude sentir que ele tentava avaliar como eu reagiria. Savannah ou não percebeu, ou fingiu que não.

– Sério? – perguntou. – Que tipo de moeda?

Meu pai passou o peso do corpo de uma perna para a outra. Depois, para meu espanto, ergueu o olhar para ela.

– Gostaria de vê-la?



Ficamos quarenta minutos no cantinho do meu pai.

Na maior parte do tempo permaneci sentado ouvindo-o contar histórias que eu sabia de cor. Como a maioria dos colecionadores sérios, ele só guardava em casa algumas moedas, e eu não tinha a menor ideia de onde guardava as outras. Ele fazia um rodízio com a coleção a cada duas semanas, e novas moedas apareciam como num toque de magia. Era comum não haver mais do que uma dúzia ao mesmo tempo em seu escritório, e nunca nenhuma que fosse valiosa, mas tive a impressão de que ele mostrou a Savannah um centavo de Lincoln comum que a deixou fascinada.

Savannah fez dezenas de perguntas, que eu ou qualquer livro sobre nu-

mismática poderia ter respondido, mas, à medida que passavam os minutos, elas ficavam mais sutis. Em vez de perguntar por que uma moeda poderia ser particularmente valiosa, ela perguntava quando e onde ele a tinha encontrado, e foi agraciada com histórias de tediosos fins de semana da minha juventude, passados em lugares como Atlanta, Charleston, Raleigh e Charlotte.

Meu pai falou muito sobre essas viagens. Ainda tinha a tendência de se fechar por longos momentos, mas nesses quarenta minutos disse mais do que dissera a mim desde que eu chegara de licença. De meu ponto de vista, vi a paixão à qual ela tinha se referido, mas era uma paixão que eu vira mil vezes antes, e isso não mudou minha opinião de que ele usava as moedas como uma forma de evitar a vida em vez de abraçá-la. Eu tinha parado de conversar com ele sobre moedas porque queria falar sobre outras coisas; meu pai parou de falar porque sabia como eu me sentia, e não era capaz de falar sobre qualquer outra coisa.

Contudo, naquele momento, meu pai estava feliz. Pude ver como seus olhos brilhavam quando ele apontava para uma moeda, mostrando a marca da casa da moeda ou a nitidez da estampa, ou como o valor de uma moeda podia variar por ela ostentar flechas ou guirlandas. Mostrou a Savannah moedas de teste, moedas cunhadas em West Point, um dos seus tipos preferidos para colecionar. Pegou uma lupa para mostrar a ela as falhas e, quando Savannah empunhou a lupa, vi a animação estampada no rosto de meu pai. Apesar do que sentia em relação a moedas, não pude deixar de sorrir, simplesmente por ver meu pai tão feliz.

Mas ainda era o meu pai, e não havia nenhum milagre. Após ter mostrado as moedas e contado tudo sobre elas, seus comentários ficaram cada vez mais espaçados. Começou a se repetir e o percebeu, o que o fez se retrair e ficar cada vez mais silencioso. Savannah deve ter percebido esse crescente desconforto, pois fez um gesto em direção às moedas em cima da mesa.

– Obrigada, Sr. Tyree. Aprendi muito hoje.

Meu pai sorriu, obviamente exausto, e aproveitei essa deixa para me

levantar.

– É, mas já está na hora de irmos embora – disse.

– Ah, está bem.

– Foi maravilhoso conhecer você.

Quando meu pai assentiu outra vez, Savannah se aproximou e lhe deu um abraço.

– Vamos repetir isso um dia.

Embora meu pai a tenha abraçado de volta, isso me fez lembrar os abraços insossos que eu ganhava quando criança. Fiquei pensando se ela estava tão constrangida quanto ele.



No carro, Savannah parecia perdida em pensamentos. Eu deveria perguntar sobre a impressão que tivera de meu pai, mas não tinha certeza se queria ouvir a resposta. Meu pai e eu não tínhamos a melhor das relações, mas ele era a única família que eu tinha.

No entanto, quando Savannah se virou para mim, estava sorrindo.

– Obrigada por me trazer para conhecê-lo. Seu pai tem um coração tão... caloroso.

Nunca tinha ouvido ninguém descrevê-lo assim, mas gostei.

– Estou contente que tenha gostado dele.

– Eu gostei – disse ela, e isso soou sincero. – Ele é... gentil. – Olhou para mim. – Mas agora compreendo por que teve tantos problemas quando era mais jovem. Ele não me pareceu ser o tipo de pai que impõe disciplina e exige obediência.

– Ele não fez isso – concordei.

– E você, é claro, se aproveitou disso.

Eu ri.

– Sim, acho que sim.

Ela balançou a cabeça.

– Devia ter tido mais juízo.

– Eu era só um garoto.

– Ah, a velha desculpa da juventude. Você sabe que isso não o absolve, não é? Nunca me aproveitei de meus pais.

– Sim, a criança perfeita. Acho que você já mencionou isso.

– Está sendo irônico?

– Claro que não.

Ela continuou a olhar para mim.

– Acho que está – decidiu finalmente.

– Talvez só um pouquinho.

Ela ficou pensando em minha resposta.

– Bem, talvez eu tenha merecido isso. Mas só para você saber, eu não era perfeita.

– Não?

– Claro que não. Por exemplo, lembro muito bem que tirei B numa prova do quarto ano.

Fingi estar chocado.

– Não, não me diga uma coisa dessas!

– É verdade.

– Como conseguiu se recuperar disso?

– O que você acha? – Ela deu de ombros. – Disse a mim mesma que isso nunca mais ia acontecer.

Não duvidei.

– Está com fome agora?

– Pensei que nunca ia perguntar.

– Está a fim de quê?

Savannah enrolou o cabelo num descuidado rabo de cavalo, depois o soltou.

– Que tal um grande e suculento hambúrguer?

Assim que disse isso, eu me peguei pensando se Savannah não era boa demais para ser verdade.



— Sou obrigada a reconhecer que você me leva para comer nos lugares mais interessantes – disse Savannah, olhando por cima do ombro.

A distância, atrás da duna, era possível ver a longa fila de clientes indo embora do Joe's Burger.

– É o melhor da cidade – falei, dando uma mordida em meu enorme hambúrguer.

Savannah estava sentada perto de mim na areia, olhando para a água. Os hambúrgueres estavam fantásticos, apetitosos e grossos. E as batatas fritas caíram bem, embora estivessem um pouco gordurosas. Enquanto comia, ela olhava para o mar. Parecia se sentir mais em casa do que eu.

Pensei de novo no modo como falara com meu pai. No modo com que falava com todo mundo, na verdade, inclusive comigo. Savannah tinha a rara capacidade de saber exatamente do que as pessoas precisavam e ainda assim ser verdadeira consigo mesma. Não consegui me lembrar de ninguém parecido com ela, e me perguntei mais uma vez por que ela tinha gostado de mim. Éramos tão diferentes quanto duas pessoas podem ser. Savannah era uma garota doce, criada por pais atenciosos, sempre desejosa de ajudar quem precisasse; eu era um soldado tatuado do Exército, quase sempre um estranho em minha própria casa. Ao lembrar como ela tinha tratado meu pai, pude entender com que delicadeza os pais dela a tinham criado. E, quando se sentou a meu lado, eu me vi desejando poder ser mais como ela era.

– Em que está pensando?

Sua voz gentil me arrancou de meus pensamentos.

– Estava me perguntando por que você está aqui – confessei.

– Porque gosto da praia. Não faço isso com muita frequência. Não há muitas ondas ou barcos de pesca de camarão no lugar de onde venho. – Quando viu minha expressão, ela me deu um tapinha na mão. – Estou aqui porque quero.

Pus de lado o que restava de meu hambúrguer, me perguntando por que isso me incomodava tanto. Para mim, era um sentimento novo, ao qual com certeza eu não estava acostumado. Ela me deu outro tapinha – agora no braço – e voltou a olhar para a água.

– Isto aqui é deslumbrante. A única coisa que falta é um pôr do sol. Aí seria perfeito.

– Teríamos que ir para o outro lado do país – comentei.

– Sério? Está tentando me dizer que o sol se põe no oeste?

Notei o brilho malicioso em seus olhos.

– Foi isso que ouvi dizer.

Ela só tinha comido metade do hambúrguer. Enfiou o resto no saco e o dobrou de modo que o vento não o carregasse. Então esticou as pernas e se virou para mim com um olhar sedutor e inocente ao mesmo tempo.

– Quer saber em que eu estava pensando? – perguntou.

– Quero.

– Estava pensando que gostaria que você tivesse estado comigo nesses dois últimos dias. Isto é, eu gostei de conhecer melhor as pessoas. Almoçamos juntos, e o jantar ontem à noite foi muito divertido, mas eu senti que alguma coisa estava errada, como se algo estivesse faltando. Só quando vi você na praia percebi que esse algo era você.

Engoli em seco. Em outra vida, em outra época, eu a teria beijado naquele momento. Em vez disso, a única coisa que consegui fazer foi ficar olhando para ela. Savannah sustentou meu olhar sem o menor sinal de constrangimento.

– Passar um tempo com você parece ser... a coisa certa, de certo modo

– disse ela. – É fácil, do jeito que deveria ser. Como acontece com os meus pais. Eles se sentem confortáveis juntos. Cresci pensando que gostaria de algo assim um dia. – Ela fez uma pausa. – Queria que você os conhecesse.

Minha garganta estava seca.

– Eu também gostaria.

Ela deslizou suavemente a mão para dentro da minha, os dedos se entrelaçando aos meus.

Ficamos ali sentados num silêncio sereno. À beira d'água, andorinhas beliscavam a areia em busca de alimento; um bando delas se dispersou quando uma onda veio dar na praia. O céu tinha escurecido e as nuvens eram mais ameaçadoras. Na praia, eu via casais espalhados, caminhando sob um céu cada vez mais anil.

Enquanto estávamos ali sentados, o ar se encheu com o barulho das ondas. Eu estava maravilhado com a sensação de como tudo parecia ser tão novo. Novo e confortável, como se nos conhecêssemos desde sempre. E olha que não éramos um casal de verdade. Uma voz dentro da minha cabeça me fez lembrar: *é provável que jamais sejamos*. Em pouco mais de uma semana eu voltaria para a Alemanha e tudo isso ficaria para trás. Eu tinha passado tempo suficiente com meus colegas de profissão para saber que é preciso mais do que alguns dias especiais para que um relacionamento a longa distância sobreviva. Eu tinha ouvido caras de minha unidade jurar que estavam apaixonados, mas isso nunca durava.

Seria possível desafiar essa norma? Por mais doido que isso pudesse parecer, ela estava se tornando parte de mim, e eu já estava apavorado com a possibilidade de não poder passar o dia de amanhã com ela. Ou depois de amanhã, ou depois, ou depois. Talvez conseguíssemos vencer todas as improbabilidades.

– Ali! – Eu a ouvi gritar. Apontava para o mar.

Percorri com os olhos, mas não vi nada. A meu lado, Savannah se levantou de repente e começou a correr em direção à água.

– Venha! – gritou por cima do ombro. – Depressa!

Levantei-me e fui atrás dela, intrigado. Comecei a correr e a alcancei.

Ela parou na beira da água, a respiração entrecortada.

– O que foi? – perguntei.

– Bem ali!

Forcei o olhar e vi aquilo a que ela se referia. Havia três deles montados nas ondas, um depois do outro, desaparecendo quando chegavam à parte rasa, para reaparecer depois um pouco mais adiante.

– São golfinhos – falei. – Eles passam pela ilha quase toda noite.

– Eu sei! Parece que estão surfando.

– Sim, acho que sim. Estão só se divertindo. Como não há ninguém na água, eles se sentem seguros para brincar.

– Eu queria ir com eles.

– Eles vão parar de brincar, ou vão prosseguir ao longo da praia, até encontrarem algum lugar seguro. Eu os vejo quando estou surfando. Se ficam curiosos, chegam bem perto e dão uma espiada em você.

Continuamos a observar os golfinhos enquanto eles se afastavam de nós, desaparecendo de vista sob um céu que se tornava opaco.

– Acho que está na hora de ir.

Voltamos para o carro, parando no caminho para pegar o resto de nosso jantar.

– Não sei se a banda já começou a tocar, mas não vai demorar muito.

– Não tem importância – disse ela. – Tenho certeza de que vamos achar algo para fazer. Além disso, tenho que avisá-lo: não sou boa dançarina.

– Não precisamos ir se você não quiser. Podemos ir a outro lugar, mais do seu agrado.

– Onde, por exemplo?

– Você gosta de navios?

– Que tipo de navios?

– Grandes – respondi. – Conheço um lugar de onde podemos ver o *USS North Carolina*.

Ela fez uma cara engraçada, e soube que a resposta era não. Tive vontade de ter um apartamento só meu, um lugar onde poderia levá-la. Mesmo

que eu tivesse, Savannah não iria concordar em ficar sozinha comigo. Não a culpo. Sou apenas humano.

– Espere! – exclamou ela. – Já sei aonde podemos ir.

– Onde?



Considerando que o grupo de Savannah só tinha começado a trabalhar no dia anterior, a casa estava muito adiantada. A maior parte da estrutura estava terminada, e o telhado tinha sido erguido. Savannah olhou pela janela do carro antes de se virar para mim.

– Gostaria de andar um pouco por aí? Ver o que estamos fazendo?

– Adoraria.

Eu a segui quando saiu do carro, notando como o luar brincava em seu rosto. Quando pisei no chão sujo do canteiro de obra, percebi que dava para ouvir o som de canções vindas de algum rádio, de uma das janelas de cozinha na vizinhança. Alguns passos depois da entrada, Savannah deu a volta à estrutura com visível e óbvio orgulho. Eu a acompanhei, perto o bastante para passar um braço em torno dela, e ela inclinou a cabeça sobre meu ombro, relaxando apoiada em mim.

– Foi aqui que passamos os últimos dois dias – disse ela quase num sussurro, na quietude da noite. – O que acha?

– Acho ótimo – respondi. – Aposto que a família está empolgada.

– Está mesmo. E é uma família muito legal. Eles realmente merecem este lugar, depois do que fizeram por ele. O furacão Fran destruiu sua casa e eles não tinham seguro. É uma mãe solteira com três filhos. O marido se mandou anos atrás. As crianças tiram boas notas e cantam no coro juvenil da igreja. E são tão educados... Você percebe que a mãe trabalhou duro para garantir que eles fizessem tudo certo, sabe?

– Então você os conheceu?

Ela acenou na direção da casa.

– Eles estiveram aqui nesses dois dias. Quer dar uma olhada lá dentro?
Relutantemente, eu a deixei ir.

– Vá na frente.

O lugar não era grande, tinha mais ou menos o mesmo tamanho da casa de meu pai, mas o térreo era mais aberto, o que o fazia parecer maior. Savannah me levou pela mão e me fez visitar cada aposento, descrevendo suas características, a imaginação preenchendo detalhes. Ela divagou sobre qual seria o papel de parede ideal para a cozinha e a cor do ladrilho na entrada, o tecido para a cortina na sala de estar, e como decorar a cornija acima da lareira. Sua voz transmitia a mesma admiração e alegria que tinha expressado quando avistou os golfinhos. Por um momento, consegui imaginar como ela deve ter sido quando criança.

Levou-me de volta à porta da frente. A distância os primeiros roncões de trovões podiam ser ouvidos. Quando estávamos na entrada da casa, eu a abracei.

– Vai ter uma varanda também com lugar para duas cadeiras de balanço, ou até mesmo um balanço. Vão poder ficar aqui nas noites de verão e a igreja deles fica logo ali. É por isso que esta localização é perfeita para essa família.

– Do jeito que você fala, parece que realmente os conhece.

– Não, não de verdade. Conversei um pouco com eles, mas só estou adivinhando isso tudo. Foi o que fiz em cada casa que ajudamos a construir. Eu a percorro e tento imaginar como será a vida de seus moradores. Isso faz o trabalho na casa ficar muito mais divertido.

A lua estava agora oculta pelas nuvens, que escureciam o céu. Após um instante, uma chuva leve começou a cair, tamborilando no telhado. Os carvalhos ao longo da rua, carregados de folhas, farfalhavam na brisa, enquanto o trovão ecoava pela casa.

– Podemos sair antes que a tempestade chegue.

– Não temos aonde ir, lembra? Além disso, sempre gostei de tempestades.

Eu a puxei mais para perto, respirando seu perfume. Seu cabelo tinha

um aroma doce, como o de morangos maduros. Ficamos olhando a chuva apertar. A única luz vinha dos lampiões da rua, deixando metade do rosto de Savannah oculto na sombra.

Os trovões soavam acima de nossas cabeças, e começou a chover ainda mais. Vi as gotas baterem no chão coberto de serragem, formando grandes poças na sujeira, e me senti grato pelo fato de, apesar da chuva, ainda fazer calor. A um lado avistei alguns caixotes vazios. Afastei-me dela para pegá-los e comecei a empilhá-los, improvisando assentos. Não seria tão confortável, mas era melhor do que ficar de pé.

Quando Savannah se sentou a meu lado, eu soube de repente que vir até aqui tinha sido a coisa certa a fazer. Era a primeira vez que estávamos realmente sozinhos, mas parecia que estávamos juntos desde sempre e para sempre.

8



Os caixotes me fizeram duvidar de minha sensatez, mas Savannah parecia não estar se incomodando. Ou fingia que não.

– Sinto muito. Achei que seria mais confortável.

– Está ótimo. Minhas pernas estão cansadas e meus pés doendo. Isto foi perfeito.

Lembrei das noites em que tinha de ficar de guarda, quando imaginava estar sentado ao lado da garota dos meus sonhos e me sentindo de bem com o mundo. Sabia agora o que estivera perdendo durante todos aqueles anos. Quando senti Savannah apoiar a cabeça em meu ombro, eu me vi desejando não ter entrado no Exército. Queria não estar de serviço no outro lado do oceano, desejei ter escolhido outro caminho na vida, um que permitisse continuar a ser uma parte do mundo dela. Ser um estudante em Chapel Hill, passar parte de meus verões construindo casas, cavalgar a seu lado.

– Você está calado.

– Desculpe. Só estava pensando na noite de hoje.

– Coisas boas, espero.

– Sim, coisas boas.

Savannah se remexeu em seu assento e senti sua perna roçar na minha.

– Eu também. Mas estava pensando em seu pai. Ele sempre foi como nesta noite? Um tanto tímido e desviando o olhar quando fala com as pessoas?

- Sim, por quê?
- Só por curiosidade.

A poucos metros de nós, a tempestade parecia chegar ao auge quando mais uma rajada de chuva irrompeu das nuvens. O estrondo dos trovões parecia um canhão. Se houvesse janelas, teriam estremecido em seus caixilhos.

Savannah chegou mais perto e coloquei meu braço em volta dela. Ela cruzou as pernas na altura dos tornozelos e se deixou apoiar em mim, e senti que poderia abraçá-la assim para sempre.

– Você é diferente da maioria dos caras que conheço – observou ela, a voz soando baixa e íntima em meus ouvidos. – Mais maduro, menos... insensato.

– E não se esqueça de meu corte à escovinha e de minhas tatuagens.

– Corte à escovinha, concordo. Tatuagens... Bem, parece que elas vêm junto com o pacote. Ninguém é perfeito.

Eu lhe dei uma cutucada, fingindo estar magoado.

– Bem, se eu soubesse o que você ia achar delas, não as teria feito.

– Não acredito em você. Mas sinto muito, não devia ter dito isso. Estava falando mais do que acho sobre eu mesma ter uma. Em você, elas meio que projetam certa... imagem. Acho que combinam com você.

– Que imagem seria essa?

Ela apontou para as tatuagens, uma a uma, começando com o ideograma chinês.

– Esta aqui me diz que você vive segundo suas próprias regras e nunca se importa com o que as pessoas pensam. A da infantaria mostra que você se orgulha do que faz. E o arame farpado... bem, isso tem a ver com a sua personalidade quando era mais jovem.

– É um perfil bem psicológico. Mas acho que apenas gostei dos desenhos.

– Estou pensando em me graduar em psicologia, como matéria alternativa.

– Acho que você já fez isso.

Embora o vento estivesse mais forte, a chuva começava a diminuir.

– Você já se apaixonou alguma vez? – perguntou ela.

– Isso veio do nada e de repente.

– Ser imprevisível faz as mulheres serem mais misteriosas.

– Faz mesmo. Respondendo a sua pergunta, eu não sei.

– Como pode não saber?

Hesitei, tentando achar o que dizer.

– Eu namorei uma garota poucos anos atrás e, na época, achava que estava apaixonado. Ao menos era o que eu dizia a mim mesmo. Mas agora, quando penso nisso, eu... não tenho mais certeza. Sentia carinho por ela, mas mal pensava nela quando estávamos separados. Não éramos um casal, se é que isso faz algum sentido.

Ela ficou pensando em minha resposta, mas não disse nada.

– E quanto a você?

Seu rosto se anuviou.

– Não – respondeu.

– Mas pensou que estava. Como eu, certo?

Quando ela respirou fundo, eu continuei:

– Em meu pelotão, eu tenho que usar um pouco de psicologia também. E meus instintos dizem que houve um namoro sério em seu passado.

Ela sorriu, mas havia alguma coisa triste em seu sorriso.

– Eu sabia que você ia imaginar isso – disse numa voz abafada. – Sim, houve. Durante meu ano de caloura na faculdade.

– E você tem certeza de que não o amava?

Ela demorou para responder.

– Não, não tenho.

Olhei para ela.

– Você não precisa me contar.

– Tudo bem – falou Savannah, erguendo a mão para me interromper. – Mas é difícil. Tentei esquecer o caso, e é uma coisa que nunca contei nem mesmo a meus pais. Nem a ninguém, na verdade. É tão clichê, sabe? Uma garota de cidade pequena vai para a faculdade e conhece um belo veterano,

que também é presidente de sua fraternidade. Ele é popular, rico e simpático. Ele a trata como se ela fosse especial, então a jovem concorda em ir ao baile de inverno com ele, em um desses hotéis elegantes fora da cidade, apesar de ter sido advertida de que esse cara não é tão gentil e delicado quanto aparenta.

Ela fechou os olhos, como que reunindo energia para continuar.

– Ela ignora a opinião dos amigos. Mesmo não tendo bebido, ela começa a ficar meio tonta. Ele se oferece para levá-la de volta ao quarto de hotel, para que possa se deitar. E o que ela se lembra depois disso é de estarem na cama se beijando. No início ela gosta, mas o quarto está girando e só mais tarde lhe ocorre que talvez alguém, talvez ele, tenha posto alguma coisa na bebida.

Ela começou a falar mais rápido, as palavras tropeçando umas nas outras.

– Depois ele começa a apalpar seus seios, e o vestido e a calcinha são arrancados. Ele agora está em cima dela e é tão pesado que ela não consegue tirá-lo de lá, e ela se sente sem forças e quer que ele pare, porque nunca tinha feito isso antes, mas então já está tão tonta que mal pode falar e não consegue gritar por socorro. Ele provavelmente ia ter o que queria se um casal não tivesse aparecido. Ela sai cambaleando do quarto com o vestido na mão. De algum modo consegue chegar no banheiro do saguão e começa a chorar. Outras garotas aparecem, veem a maquiagem borrada e o vestido arrancado e, em vez de lhe oferecer apoio, riem dela, agindo como se ela soubesse muito bem o que iria acontecer. Por fim, ela acaba ligando para um amigo, que vem buscá-la de carro, e é inteligente o bastante para não lhe fazer perguntas em todo o caminho de volta.

Quando Savannah terminou a história, eu estava contraído de raiva. Não sou nenhum santo no que concerne ao sexo feminino, mas nunca forçaria uma mulher a fazer algo que não quisesse.

– Sinto muito.

– Você não tem que sentir nada. Não foi você quem fez isso.

– Eu sei. Mas não sei que outra coisa poderia dizer. A menos...

Interrompi o que ia dizer. Pude ver as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto, e o fato de ter estado chorando tão silenciosamente me fez sofrer.

– A menos o quê?

– A menos que você queira que eu... não sei. Que eu dê uma surra nesse panaca.

Ela me devolveu uma rápida e triste risada.

– Você não tem ideia de quantas vezes eu quis fazer isso.

– Eu farei. Só me dê um nome e prometo deixar você fora disso.

Ela apertou minha mão.

– Eu sei que você faria.

– Estou falando sério.

Ela abriu um sorriso fraco, parecendo ao mesmo tempo exaurida e dolorosamente jovem.

– É por isso que não direi o nome dele. Mas, acredite em mim, fico emocionada. Foi legal de sua parte oferecer.

Ficamos lá sentados, de mãos dadas. A chuva tinha parado e eu podia ouvir o rádio do vizinho outra vez. Não conhecia a canção, mas dava para reconhecer que era do início da era do jazz. Um dos caras de minha unidade era fanático por jazz.

– Seja como for, era a isso que me referia quando disse que nem tudo foi fácil em meu ano de caloura. E foi por isso que quis deixar a faculdade. Meus pais, abençoados sejam, pensaram que eu estava com saudades de casa e me obrigaram a ficar. Porém... mesmo tendo sido tão ruim, aprendi algo sobre mim mesma. Que eu podia passar por uma coisa assim e sobreviver. Isto é, eu sabia que poderia ter sido pior, muito pior, mas isso era tudo com que eu poderia lidar naquela época. E aprendi com isso.

Quando terminou, lembrei-me de algo que ela tinha dito.

– Foi Tim quem trouxe você de volta do hotel naquela noite?

Ela ergueu os olhos, espantada.

– Como adivinhou?

– Quem mais você poderia ter chamado?

Ela assentiu.

– Sim, acho que você tem razão. E ele foi ótimo. Até hoje Tim não me perguntou sobre os detalhes, e eu não lhe contei. Mas desde então ele tem sido um pouco protetor, e não posso dizer que isso me incomoda.

No silêncio que se seguiu, refleti como ela fora corajosa, não só naquela noite, mas depois dela. Se não me tivesse contado eu jamais suspeitaria que lhe tivesse acontecido algo ruim. Fiquei maravilhado por Savannah ter conseguido manter sua visão otimista do mundo.

– Prometo agir como um perfeito cavalheiro.

Ela se virou para mim.

– Do que está falando?

– Desta noite. De amanhã à noite. De sempre. Não sou como aquele sujeito.

Ela passou um dedo pelo meu queixo e senti minha pele se arrepiar ao seu toque.

– Eu sei – disse ela, parecendo se divertir. – Por que acha que estou aqui com você?

Sua voz era tão suave, e de novo tive de conter o impulso de beijá-la. Não era disso que ela precisava, não agora, mesmo sendo difícil pensar em qualquer outra coisa.

– Sabe o que Susan disse depois daquela primeira noite? Quando você foi embora e eu voltei a me juntar ao grupo?

Fiquei aguardando.

– Disse que você tinha um aspecto assustador. Que você seria a última pessoa na Terra com quem ela ia querer ficar sozinha.

Eu ri.

– Já ouvi coisas piores sobre mim.

– Não, você não entendeu o que eu quis dizer. Ela não sabia do que estava falando, porque quando você me entregou a bolsa na praia o que eu vi foi honestidade e confiança e até mesmo certa delicadeza, mas nada que fosse assustador. Sei que isso pode parecer loucura, mas senti que já o conhecia.

Abaixo do lampião da rua uma névoa se elevava do solo, remanescente

do calor do dia. Grilos começaram a se fazer ouvir, cantando uns para os outros. Olhei para Savannah, depois para o teto, depois para meus pés, e por fim de novo para Savannah. Ela apertou minha mão, e eu suspirei, maravilhado com o fato de que, durante uma licença comum, num lugar comum, eu me apaixonei por uma garota extraordinária chamada Savannah Lynn Curtis.

Ela viu a minha expressão, mas a interpretou mal.

– Sinto muito se deixei você desconfortável. Eu faço isso às vezes. Isto é, vou longe demais. Deixo escapar o que estou pensando sem levar em consideração como isso vai afetar os outros.

– Você não me deixou desconfortável. Só que ninguém nunca disse algo assim para mim.

Quase parei ali, mas estava ciente de que o momento passaria se mantivesse as palavras dentro de mim.

– Você não faz ideia de quanto estes últimos dias significaram para mim. Conhecer você foi a melhor coisa que já me aconteceu. – Hesitei, sabendo que, se parasse agora, nunca conseguiria dizer isso a mais ninguém. – Eu amo você.

Sempre imaginei que seria difícil pronunciar essas palavras, mas não foi. Em toda a minha vida nunca tivera tanta certeza de algo, e por mais que esperasse ouvir um dia Savannah me dizer aquelas mesmas palavras, o que mais importava era saber que eu tinha esse sentimento para oferecer, sem condições nem expectativas.

Lá fora o ar começava a esfriar, e vi poças d'água brilhando ao luar. As nuvens começavam a se desfazer, e, entre elas, brilhava uma estrela ocasional, como para me fazer lembrar do que acabara de admitir.

– Você alguma vez imaginou algo assim? Você e eu, quero dizer?

– Não – respondi.

– Isso me assusta um pouco.

Meu estômago se revirou e imediatamente tive certeza de que ela não sentia a mesma coisa.

– Você não precisa me dizer de volta. Não foi por isso que eu disse...

– Eu sei. Você não entendeu. Não fiquei assustada pelo que você me disse. E sim porque eu queria dizer isso também. Eu amo você, John.

Mesmo agora, não tenho muita certeza de como aconteceu. Em um momento estávamos falando, e no momento seguinte ela se inclinou em minha direção. Por um segundo, perguntei-me se beijá-la iria quebrar o encanto sob o qual nós dois estávamos, mas era tarde demais para parar.

Quando seus lábios encontraram os meus, soube que poderia viver cem anos e visitar todos os países do mundo, mas nada ia se comparar àquele momento único em que beijei pela primeira vez a garota dos meus sonhos e soube que meu amor ia durar para sempre.

9



Acabamos ficando até tarde. Depois de deixarmos a casa, levei Savannah de volta para a praia e caminhamos por um longo trecho na areia até ela começar a bocejar. Acompanhei-a até a porta e nos beijamos novamente, enquanto mariposas esvoaçavam na luz da varanda.

Eu tinha pensado muito em Savannah no dia anterior, mas não se comparava com minha obsessão no dia seguinte. Eu me via sorrindo sem nenhum motivo, algo que até meu pai percebeu quando voltou para casa do trabalho. Não fez nenhum comentário, mas não pareceu surpreso quando lhe dei um tapinha nas costas ao saber que ele tinha planejado fazer uma lasanha.

Falei sem parar sobre Savannah, e depois de algumas horas ele voltou para seu cantinho. Apesar de ter falado pouco, acho que estava feliz por mim. Tive certeza disso quando voltei para casa tarde naquela noite e encontrei no balcão um prato de biscoitos de manteiga de amendoim recém-assados, junto com um bilhete que me informava de que havia leite na geladeira.

Eu tinha levado Savannah para tomar um sorvete, depois a levei de carro para a parte turística no centro de Wilmington. Ficamos caminhando e vendo as lojas, e descobri que ela se interessava por antiguidades. Depois a levei para ver o navio de guerra, mas não ficamos por muito tempo. Ela tinha razão, era muito chato. Eu a levei para casa, e ficamos em torno da fogueira com seus colegas.

Nas duas noites seguintes, Savannah veio para minha casa e meu pai fez o jantar. Na primeira, ela não perguntou nada a respeito de moedas, e foi um esforço manter a conversa. Meu pai quase que só ouvia, embora Savannah fizesse o possível para manter a conversa agradável e tentasse incluí-lo. Pela força do hábito, nós dois ficamos falando enquanto meu pai se concentrava em seu prato. Quando foi embora, Savannah estava com a testa franzida. Será que a impressão que ela tinha de meu pai havia mudado?

Para minha surpresa, ela pediu para voltarmos lá na noite seguinte, onde mais uma vez ela e meu pai ficaram no alpendre, discutindo moedas. Olhando para eles, eu me perguntava como Savannah estava lidando com uma situação com a qual eu há muito me acostumara. Ao mesmo tempo, rezava para que ela fosse mais compreensiva do que eu jamais tinha sido. Quando saímos, percebi que eu não tinha com que me preocupar. Enquanto caminhávamos na praia ela falou de meu pai de forma elogiosa, louvando em particular o modo como ele tinha me criado. Suspirei aliviado por ela parecer ter aceitado meu pai do jeito que ele era.

Minha presença na casa da praia estava se tornando cada vez mais regular. A maior parte das pessoas de lá já sabia meu nome. Cansados do longo dia de trabalho, eles se agrupavam em torno da televisão às sete ou às oito horas, em vez de ficar bebendo ou flertando na praia. Todos estavam queimados de sol e usavam curativos nos dedos para cobrir as bolhas.

Na noite de sábado, o pessoal da casa pareceu ter encontrado as reservas de energia que faltavam. Apareci exatamente quando um grupo descarregava de uma van uma caixa após outra de cerveja. Ajudei na tarefa e me dei conta de que desde a primeira noite em que tinha conhecido Savannah eu não tomava um gole de álcool. Como no fim de semana anterior, a churrasqueira era usada, e comemos junto à fogueira, depois fomos caminhar pela praia. Eu tinha trazido um cobertor e um cesto de piquenique com salgadinhos para mais tarde e, deitados de costas, assistimos a um espetáculo de estrelas cadentes. Era uma dessas noites perfeitas, com uma brisa na medida exata para não ficarmos nem com calor nem com frio, e

conversamos e nos beijamos durante horas antes de adormecermos um nos braços do outro.

Quando o sol começou a se erguer do mar na manhã de domingo, eu me sentei ao lado de Savannah. Seu rosto estava iluminado pelo clarão do amanhecer, o cabelo espalhado pelo cobertor. Tinha um braço cruzado sobre o peito e o outro acima da cabeça, e tudo que consegui pensar foi que gostaria de passar cada manhã, pelo resto de minha vida, despertando ao lado dela.

Fomos à igreja outra vez. Tim estava com seu jeito animado peculiar, apesar de quase não termos nos falado durante toda a semana. Ele tornou a me perguntar se eu não gostaria de ajudar na casa. Respondi que iria embora na sexta-feira seguinte e por isso não sabia quanta ajuda poderia dar.

– Acho que você está sendo insistente com ele – disse Savannah, sorrindo para Tim.

Ele ergueu os braços.

– Ao menos você não vai poder dizer que não tentei.

Foi talvez a semana mais idílica que já passei. Meus sentimentos por Savannah só tinham se fortalecido, mas à medida que os dias passavam comecei a sentir uma excruciante ansiedade à ideia de que tudo aquilo chegaria ao fim. Sempre que esses sentimentos afloravam, eu tentava afastá-los, mas no domingo à noite quase não consegui dormir. Eu me mexia e me revirava na cama. Tentava imaginar como poderia me sentir feliz sabendo que ela estava do outro lado do oceano, cercada de homens, um dos quais poderia chegar a sentir exatamente o que eu sentia em relação a ela.



Na segunda-feira à noite, não encontrei Savannah. Pedi a alguém que fosse ao quarto dela e enfiei a cabeça em cada banheiro. Não estava atrás no deque nem na praia com os outros.

Desci até a praia e fiquei perguntando, recebendo como resposta um

dar de ombros indiferente. Alguns nem tinham percebido que ela não estava lá, até que uma das garotas – Sandy ou Cindy, não tenho certeza – apontou para mais longe na praia e disse que a tinha visto ir para lá havia cerca de uma hora.

Levou um tempo até eu encontrá-la. Percorri a praia nas duas direções e finalmente fui até o píer perto da casa. Num pressentimento, subi os degraus, ouvindo as ondas quebrarem abaixo de mim. Quando avistei Savannah, pensei que tivesse vindo ao píer para procurar golfinhos ou observar os surfistas. Só quando cheguei perto percebi que estava chorando.

Nunca soube o que fazer quando via uma pessoa chorar. Meu pai nunca chorava. Se o fazia, nunca foi na minha frente. A última vez que eu tinha chorado foi com uns 8 anos, quando caí da árvore e torci o pulso. Em minha unidade no Exército eu tinha visto alguns caras chorarem. Eu lhes dava um tapinha nas costas e ia embora, deixando a tarefa de consolá-los para alguém com mais experiência.

Antes que eu conseguisse decidir o que fazer, Savannah me viu. Ela enxugou os olhos vermelhos e inchados, tentando se acalmar. Sua bolsa, a que eu resgatara do mar, estava apertada entre suas pernas.

– Você está bem? – perguntei.

– Não – respondeu ela, e meu coração se apertou.

Não sabendo mais o que fazer, fiquei onde estava. Savannah suspirou. Enfie as mãos nos bolsos enquanto assentia.

– Você prefere ficar sozinha?

– Preciso mesmo dizer?

Eu hesitei.

– Sim.

Ela soltou uma risada melancólica.

– Você pode ficar. Na verdade, seria bom se viesse se sentar perto de mim.

Eu me sentei e, após um breve momento de indecisão, passei o braço em torno dela. Por algum tempo ficamos ali sentados sem falar nada. Sa-

vannah respirava devagar. Enxugou as lágrimas que continuavam a escorrer por sua face.

– Eu comprei uma coisa para você – disse ela após um instante. – Espero que goste.

– Com certeza vou gostar – murmurei.

Ela fungou.

– Sabe no que eu estava pensando quando você chegou? Em nós. No modo como nos conhecemos e nos falamos na primeira noite, como você mostrou suas tatuagens e despertou o ciúme de Randy. Na sua cara de pateta quando surfamos pela primeira vez...

Quando ela parou de falar, eu apertei sua cintura.

– Estou certo de que tem um elogio escondido em algum lugar aí.

Ela tentou sorrir, mas não se saiu muito bem.

– Eu me lembrei de tudo que houve naqueles primeiros dias. E o mesmo vale para toda a semana. Passar um tempo com seu pai, sair para tomar um sorvete, até mesmo ficar olhando para aquele barco idiota.

– Não vamos voltar lá – prometi, mas ela ergueu as mãos para me fazer parar.

– Você não está me deixando terminar. E não está me entendendo. O que eu quis dizer é que amei cada momento e não esperava isso. Não vim aqui para me apaixonar por você.

Não consegui dizer nada. Ela passou uma mecha de cabelo para trás da orelha.

– Seu pai é fantástico. Acho que fez um trabalho magnífico ao criar você. Sei que você não acha isso, e...

Quando ela pareceu ter ficado sem palavras, eu balancei a cabeça, perplexo.

– E é por isso que você estava chorando? Por causa do que eu sinto em relação a meu pai?

– Não – disse ela. – Você não estava me escutando? – Savannah fez uma pausa, como que tentando organizar seus pensamentos caóticos. – Eu não queria me apaixonar por ninguém. Não estava preparada para isso. Já

passsei por algo assim antes e não terminou bem para mim. Sei que agora é diferente, mas você vai embora dentro de poucos dias, e tudo isso vai ter acabado...

– Não tem que acabar.

– Mas vai – retrucou ela. – Sei que podemos nos falar por telefone de vez em quando, e nos ver quando você estiver de licença. Mas não será a mesma coisa. Não vou conseguir ver suas expressões. Não vamos poder ficar deitados juntos na praia olhando as estrelas. Nem sentar um diante do outro e compartilhar segredos. E não vou sentir seu braço em volta de mim, como sinto agora.

Desviei o rosto, sentindo uma crescente sensação de frustração e de pânico. Tudo que ela estava dizendo era verdade.

– Tudo isso me ocorreu hoje quando eu estava olhando as estantes na livraria. Fui lá procurar um livro para você. Quando o achei, comecei a imaginar como você reagiria quando eu lhe desse. A questão é que eu sabia que encontraria você dentro de poucas horas, e então eu *iria* saber, e isso resolvia tudo. Porque mesmo que você não gostasse, eu sabia que íamos superar isso, porque poderíamos resolver isso olho no olho. Foi isto que percebi quando vim me sentar aqui. Que tudo é possível quando estamos juntos.

Ela hesitou, depois continuou:

– Logo isso não vai ser mais possível. Eu sabia desde que nos conhecemos que você só ficaria aqui por duas semanas, mas não pensei que seria tão difícil me despedir.

– Não quero me despedir – falei, virando delicadamente seu rosto para mim.

Eu podia ouvir as ondas batendo nas estacas. Um bando de gaivotas passou acima de nós, e inclinei-me para beijá-la, meus lábios mal roçando os dela. Seu hálito recendia a canela e menta, e de novo senti como se estivesse voltando para casa.

Na esperança de desviar sua mente de pensamentos tão sombrios, dei-lhe um rápido apertão e apontei para sua bolsa.

– Então, que livro você comprou para mim?

Ela primeiro demonstrou surpresa, depois se lembrou do que tinha mencionado antes.

– Ah, sim! Você tem que me prometer que vai ler.

– Certo – respondi. – Eu prometo.

Ainda assim, ela hesitou. Quando o entregou a mim, li o título. No primeiro momento, não soube o que pensar. Era um livro sobre autismo e síndrome de Asperger. Eu já tinha ouvido falar de ambas as condições, mas não sabia muito sobre elas.

– É de uma de minhas professoras – explicou ela. – É a melhor professora que tenho na faculdade. Suas aulas estão sempre cheias. É uma das maiores especialistas em todas as formas de transtornos de desenvolvimento, e uma das poucas que focam sua pesquisa em adultos.

– Fascinante – comentei, não me dando o trabalho de esconder minha falta de entusiasmo.

– Acho que você pode aprender alguma coisa – pressionou ela.

– Tenho certeza que sim. Mas não entendo por que...

– Quero que você leia por causa do seu pai. E do modo como vocês agem um com o outro.

– O que isso tem a ver?

– Não sou uma especialista, mas este livro foi indicado nos dois semestres em que tive aulas com ela. Eu tinha que estudá-lo todas as noites. Ela entrevistou mais de trezentos adultos com transtornos.

– E...?

Ela sentiu a tensão que havia em minha voz e me estudou com um ligeiro ar de apreensão.

– Sei que sou apenas uma estudante, mas passo muitas das minhas horas no laboratório trabalhando com crianças que têm a síndrome de Asperger... Vi isso bem de perto e também tive a oportunidade de conhecer alguns dos adultos que minha professora entrevistou. – Ela se ajoelhou diante de mim e se inclinou, tocando em meu braço. – Seu pai é muito parecido com alguns deles.

Acho que eu já sabia aonde Savannah ia chegar, mas, por algum motivo, quis que fosse explícita.

– O que isso quer dizer? – perguntei, esforçando-me para não me afastar dela.

Sua resposta demorou a vir.

– Acho que seu pai pode ter a síndrome de Asperger.

– Meu pai não é retardado.

– Eu não disse isso – protestou ela. – A síndrome de Asperger é um transtorno de desenvolvimento.

– Não me importa o que seja – retruquei, elevando a voz. – Meu pai não tem isso. Ele me criou, ele trabalha, paga suas contas. Foi casado uma vez.

– É possível ter Asperger e ainda assim ser funcional...

Enquanto falava, ocorreu-me algo que ela tinha dito antes.

– Espere – falei, tentando lembrar como ela tinha se expressado, e sentindo minha boca começar a ficar seca. – Antes, você disse que achava que meu pai tinha feito um trabalho maravilhoso ao me criar.

– Sim – disse ela. – E eu realmente acho isso...

Minha mandíbula enrijeceu quando entendi o que Savannah queria dizer, e olhei para ela como se estivesse vendo-a pela primeira vez.

– Porque você acha que ele é tipo o Dustin Hoffman em *Rain Man*. E que, *levando isso em conta*, ele fez um bom trabalho.

– Não, você não entendeu. O espectro da síndrome de Asperger vai de leve a severa...

Eu quase não estava escutando.

– E você o respeita pelo mesmo motivo. Não é como se você gostasse dele de verdade.

– Não, espere...

Eu me afastei e me levantei. Precisava de algum espaço. Fui até o parapeito do lado oposto ao dela. Ela insistira em visitá-lo... não porque queria passar um tempo com ele. Porque queria *estudá-lo*.

Meu estômago deu um nó.

– Foi por isso que queria vê-lo, não é?

– O quê?

– Não porque gostasse dele, mas porque queria saber se tinha razão.

– Não!

– Pare de mentir! – gritei.

– Não estou mentindo!

– Você ficou lá sentada perto dele, fingindo estar interessada em suas moedas, mas na verdade o estava avaliando, como se fosse um macaco numa jaula.

– Não foi nada disso! – replicou Savannah, pondo-se de pé. – Eu respeito seu pai...

– Porque você acha que ele tinha problemas e os superou! – berrei, completando a frase por ela. – Sim, estou percebendo.

– Não, você está enganado. Eu gosto do seu pai...

– E foi por isso que fez esse pequeno experimento, certo?

Minha expressão era dura. Ela balançou a cabeça.

– Não!

Pela primeira vez ela pareceu estar questionando o que tinha feito, e seu lábio começou a tremer. Quando falou outra vez, sua voz tremia:

– Você tem razão. Eu não devia ter feito isso. Mas eu só queria que você o compreendesse.

– Por quê? – perguntei, dando um passo em sua direção. Podia sentir meus músculos ficando tensos. – Eu o compreendo muito bem. Cresci com ele, lembra? Vivi com ele.

– Eu estava tentando ajudar – disse ela, os olhos baixos. – Quis que você fosse capaz de se relacionar com ele.

– Não pedi a sua ajuda. Não quero a sua ajuda. Isso não é da sua conta. Ela se virou e enxugou uma lágrima.

– Não é mesmo. Só pensei que você ia querer saber.

– Saber o quê? – perguntei. – Que você está pensando algo errado sobre ele? Que eu não deveria esperar ter um relacionamento normal com meu pai? Que tenho que falar sobre moedas se quiser conversar com ele?

Não escondi a raiva que havia em minha voz. Com o canto do olho, vi dois pescadores vindo em nossa direção. Meu olhar os impediu de chegar mais perto, o que provavelmente foi bom. Enquanto olhávamos um para o outro eu não estava esperando que Savannah respondesse e, na verdade, não queria que o fizesse. Ainda tentava fixar na minha mente a ideia de que as horas que ela passara com meu pai não haviam sido nada além de um estudo.

– Talvez – murmurou Savannah.

Pestanejei, sem ter certeza de que ela tinha dito o que eu achava que tinha.

– O quê?

– Você me ouviu. – Ela deu de ombros levemente. – Talvez seja a única coisa sobre a qual você possa falar com seu pai. Talvez seja tudo que ele consegue fazer.

Senti minhas mãos se fecharem.

– Então você está me dizendo que tudo depende de mim?

Não esperava que respondesse, mas ela o fez.

– Não sei – respondeu Savannah, olhando em meus olhos. Eu ainda via suas lágrimas, mas a voz estava surpreendentemente firme. – Foi por isso que comprei o livro, para que você o leia. Você o conhece melhor do que eu. E eu nunca disse que ele não é funcional. Obviamente ele é. Mas pense sobre isso. Suas rotinas, o fato de que não olha para as pessoas quando fala com elas, inexistência de qualquer vida social...

Eu me afastei de forma brusca, querendo dar um soco em alguma coisa. Qualquer coisa.

– Por que está fazendo isso? – perguntei, em voz baixa.

– Porque, se fosse comigo, eu ia querer saber. E não estou dizendo isso porque quero magoar você ou insultar seu pai. Só disse porque queria muito que você o compreendesse.

Sua candura deixava dolorosamente claro que ela acreditava no que estava dizendo. Mesmo assim, não me importei. Eu me virei e comecei a andar pelo píer. Só queria ir embora.

– Aonde está indo? John! Espere!

Eu a ignorei. Apertei o passo e, um minuto depois, cheguei à escada do píer. Eu a desci correndo, cheguei na areia e fui em direção à casa. Não fazia ideia se ela estava me seguindo ou não. Quando me aproximei do grupo, muitos rostos se voltaram para mim. Minha expressão era de raiva, e eu sabia disso. Randy tinha uma cerveja na mão, e deve ter visto Savannah se aproximar, porque se moveu para bloquear minha passagem. Dois ou três de sua fraternidade fizeram o mesmo.

– O que está havendo? – gritou ele. – O que há de errado com Savannah?

Eu o ignorei, mas senti ele agarrar meu braço.

– Ei, estou falando com você.

Não foi um gesto sensato. Eu senti o bafo de cerveja em seu hálito e sabia que o álcool estava lhe dando coragem.

– Me deixa passar – pedi.

– Ela está bem? – perguntou ele.

– Me deixa passar ou vou quebrar seu pulso.

– Ei, o que está acontecendo? – Ouvi a voz de Tim vindo de algum lugar atrás de mim.

– O que você fez com ela? – perguntou Randy. – Por que Savannah está chorando? Você a machucou?

Senti a adrenalina subir em meu sangue.

– Última chance.

– Não há motivo para tudo isso! – gritou Tim, agora mais perto. – Pare com isso!

Senti alguém tentar me segurar por trás. O que aconteceu em seguida foi instintivo. Bati com o cotovelo com força em seu plexo solar e ouvi um súbito gemido quando exalou o ar; então agarrei a mão de Randy e a torci até estalar. Ele gritou e caiu de joelhos, enquanto percebi outra pessoa correndo em minha direção. Girei o cotovelo às cegas e senti que atingi algo.

– O que você fez? – ouvi Savannah gritar.

Na areia, Randy estava todo encolhido, segurando o pulso; o sujeito

que tinha me segurado por trás arquejava, de quatro no chão.

– Você o machucou! – gritou ela num lamento, passando correndo por mim. – Ele só estava querendo apartar a briga!

Eu me virei. Tim estava estirado no chão, segurando o rosto, com sangue jorrando entre seus dedos. O quadro parecia ter paralisado todos, menos Savannah, que se ajoelhou a seu lado.

Tim gemia e, apesar das batidas do coração em meu peito, senti um buraco no estômago. Por que tinha que machucar justamente ele? Quis perguntar se Tim estava bem; quis lhe dizer que não fora minha intenção machucá-lo. Não fora eu quem tinha começado. Mas não ia adiantar. Não agora. Eu não poderia pretender que eles perdoassem e esquecessem, não importa quanto eu gostaria que isso não tivesse acontecido.

Mal consegui ouvir Savannah chorar, aflita, quando comecei a recuar. Olhei para os outros, certificando-me de que me deixariam passar.

– Ah, meu Deus... Você está sangrando muito... Temos que levá-lo a um médico...

Continuei a me afastar de costas, depois me virei e subi a escada. Atravessei a casa depressa, depois descii os degraus, indo em direção ao carro. Antes que eu percebesse, já estava na rua, amaldiçoando a mim mesmo e toda aquela noite.

10



Não sabia para onde ir, por isso dirigi sem destino por algum tempo, os acontecimentos da noite repassando em minha mente. Ainda estava com raiva de mim mesmo pelo que tinha feito a Tim – aos outros, nem tanto – e com raiva de Savannah pelo que havia acontecido no pír.

Mal conseguia lembrar como tinha começado. Em um minuto estava pensando que a amava mais do que imaginara ser possível. No minuto seguinte, estávamos brigando. Eu me sentia ultrajado pelo que ela tinha feito, mas não conseguia entender por que estava tão zangado. Não era o caso de meu pai e eu sermos tão próximos assim; nem mesmo de eu achar que realmente o conhecia. Então por que fiquei com tanta raiva? E por que ainda estava?

Porque é possível que Savannah esteja certa?

No entanto, isso não importava. Certa ou errada, e daí? Como isso iria mudar alguma coisa? E por que seria da conta dela?

Enquanto dirigia, eu passava da raiva à aceitação, e para a raiva outra vez. Revivia a sensação de meu cotovelo esmagando o nariz de Tim, o que piorava as coisas. Por que ele tinha vindo até mim? Não fui eu quem comecei.

E Savannah... Sim, eu teria que ir lá amanhã para me desculpar. Sabia que ela acreditava honestamente no que estava dizendo e que, à sua maneira, tentava ajudar. Se ela tivesse razão, eu ia querer saber. Isso explicaria muitas coisas...

Mas depois do que eu fizera a Tim? Como ela ia reagir a isso? Ele era o melhor amigo dela. Mesmo que eu jurasse que tinha sido um acidente, isso resolveria as coisas? E quanto ao que eu fizera com os outros? Savannah sabe que eu sou um soldado, mas agora que tinha visto uma pequena demonstração do que isso significava, ainda sentiria o mesmo em relação a mim?

Já passava de meia-noite quando cheguei em casa. Entrei na sala às escuras, dei uma espiada no escritório de meu pai e fui até o quarto. Ele não estava acordado, é claro; ia para a cama todos os dias à mesma hora. Um homem de rotinas, como Savannah salientara.

Arrastei-me para a cama, sabendo que não ia dormir e querendo poder voltar atrás e recomeçar aquela noite. Não queria pensar em meu pai, em Savannah ou no que eu havia feito com o nariz de Tim. Mas fiquei a noite toda olhando para o teto, incapaz de escapar de meus pensamentos.

Levantei-me quando ouvi meu pai na cozinha. Estava vestindo as mesmas roupas da noite anterior.

- Bom dia, pai.
- Ei, John. Quer tomar café?
- Claro. O café está pronto?
- No bule.

Enchi uma xícara. Enquanto meu pai cozinhava, olhei as manchetes no jornal, sabendo que ele leria antes a seção principal, depois a local, ignorando a de esportes e a de cultura e sociedade. Um homem de rotinas.

- Como foi a sua noite? – perguntei.
- O mesmo de sempre – respondeu ele.

Não fiquei surpreso quando ele não perguntou nada de volta. Em vez disso, passou a espátula pelos ovos mexidos. O bacon estava chiando. Depois ele se virou para mim e eu já sabia o que ia pedir.

- Você se incomodaria de pôr o pão na torradeira?



Meu pai saiu para trabalhar exatamente às 7h35.

Depois que saiu, passei os olhos pelo jornal, sem interesse em ler as notícias, sem saber o que fazer em seguida. Não tinha vontade de surfar nem de sair de casa. Estava cogitando me arrastar de volta para a cama e tentar descansar um pouco quando ouvi um carro estacionar em frente à casa. Imaginei que era alguém distribuindo folhetos, oferecendo-se para limpar as calhas ou retirar o mofo do telhado; fiquei surpreso quando bateram à porta.

Eu a abri e fiquei paralisado. Lá estava Tim.

– Oi, John – disse ele. – Sei que ainda é cedo, mas você me deixaria entrar?

Uma grande faixa de esparadrapo cobria seu nariz, e a pele em torno dos olhos estava machucada e inchada.

– Sim... claro – respondi, afastando-me para um lado, ainda tentando processar o fato de que ele estava lá.

Tim passou por mim e entrou na sala de estar.

– Quase não consegui achar sua casa. Quando deixei você aqui antes, já era tarde e não estava prestando muita atenção. Passei por aqui algumas vezes até finalmente identificá-la.

Ele sorriu de novo, e percebi que carregava um pequeno saco de papel.

– Quer um pouco de café? – perguntei, saindo de meu estado de choque. – Acho que ainda resta uma xícara no bule.

– Não, obrigado, estou bem. Estive acordado a noite toda, e é melhor evitar cafeína. Espero me deitar assim que voltar para casa.

Assenti.

– Ei, ouça, quanto ao que aconteceu ontem à noite... – comecei. – Eu sinto muito. Não era a minha intenção...

Ele ergueu as mãos para me interromper.

– Está tudo bem. Sei que não foi intencional. E eu deveria ter agido melhor. Deveria ter tentado segurar um dos outros caras.

– Dói muito?

– Agora está tudo bem. Levou um tempo para aparecer um médico.

Mas ele jurou que meu nariz vai ficar novinho em folha. Pode ser que eu fique com uma pequena saliência, mas espero que isso me dê um ar mais durão.

Sorri, depois me senti mal por isso.

– Como disse, sinto muito.

– Aceito suas desculpas – disse ele. – E as valorizo. Mas não foi por isso que vim até aqui.

Ele foi em direção ao sofá.

– Incomoda-se se eu me sentar? Ainda estou um pouco tonto.

Sentei na beirada da espreguiçadeira, inclinando-me para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. Tim se sentou no sofá, ajeitando-se até ficar confortável. Pôs o saco de papel a seu lado.

– Quero conversar com você sobre Savannah. E sobre o que aconteceu ontem à noite.

O som do nome dela trouxe tudo de volta, e eu desviei o olhar.

– Você sabe que somos bons amigos, certo? – Não esperou por uma resposta. – Ontem à noite no hospital falamos durante horas, e só quis vir aqui para pedir a você que não fique zangado pelo que ela fez. Ela sabe que cometeu um erro e que não cabia a ela fazer um diagnóstico de seu pai. Você tinha razão quanto a isso.

– Então por que Savannah não está aqui?

– Neste momento, ela está na construção. Alguém tem que ficar encarregado enquanto eu me recupero. E Savannah não sabe que estou aqui.

Balancei a cabeça.

– Não sei por que fiquei tão zangado.

– Porque você não queria ouvir o que ela disse – respondeu Tim, a voz tranquila. – Eu costumava sentir a mesma coisa quando ouvia alguém falar de meu irmão, Alan. Ele é autista.

Ergui os olhos.

– Alan é seu irmão?

– Sim, por quê? – perguntou. – Savannah contou sobre ele?

– Um pouco – respondi, lembrando que ela também havia comentado

sobre o irmão que era tão paciente com ele, o que a tinha inspirado a se especializar em educação especial.

No sofá, Tim se contraiu todo quando tocou no machucado embaixo do olho.

– Quero que saiba que concordo com você. Não era o papel dela, e eu lhe disse isso. Você se lembra de eu lhe dizer que às vezes Savannah era ingênua? Era a isso que me referia. Ela quer ajudar as pessoas, mas às vezes isso não dá muito certo.

– Não foi culpa dela. Minha reação foi exagerada.

Ele me olhou fixamente.

– Você acha que ela pode ter razão?

Juntei as mãos.

– Não sei. Acho que não, mas...

– Mas não sabe. E mesmo se soubesse, não tem certeza se isso faria alguma diferença, certo? – Não esperou por minha resposta. – Passei por isso também. Lembro o que meus pais e eu passamos com Alan. Por muito tempo não sabíamos o que havia de errado com ele. E sabe o que eu decidi depois de todo esse tempo? Que não importava. Eu ainda o amo e cuido dele, e sempre o farei. Porém... conhecer a condição do meu irmão me ajudou a facilitar as coisas entre nós. Quando descobri, acho que parei de esperar que ele se comportasse de determinada maneira. E sem essas expectativas foi mais fácil aceitá-lo.

Fiquei digerindo aquela informação.

– E se meu pai não tiver a síndrome de Asperger? – perguntei.

– Ele pode não ter.

– E se eu achar que meu pai tem essa síndrome? Será que o nosso relacionamento vai mudar?

Tim suspirou.

– Não é tão simples assim, ainda mais em casos brandos. E pelo que Savannah me contou sobre ele, honestamente, não creio que possa haver muita mudança. E por que deveria haver? Ele trabalha, ele criou você... o que mais se pode esperar de um pai?

Fiquei pensando nas palavras de Tim enquanto flashes de meu pai passavam por minha cabeça.

– Savannah comprou um livro para você, não foi?

– Não sei onde ele está – admiti.

– Estou com ele aqui.

Tim me entregou o saco de papel. Por algum motivo, o livro parecia mais pesado do que na noite anterior.

– Obrigado.

Ele se levantou, e eu sabia que a conversa estava chegando ao fim. Foi até a porta, mas, já com a mão na maçaneta, virou-se para mim.

– Você sabe que não é obrigado a ler.

– Eu sei.

Abriu a porta, depois parou. Antes de sair, ele perguntou:

– Posso pedir uma coisa importante, John?

– Lógico.

– Não parta o coração de Savannah, está bem? Sei que ela o ama, e quero que ela seja feliz.

Soube então que eu tinha razão quanto aos sentimentos de Tim por ela. Eu o observei pela janela quando se encaminhava para o carro, certo de que ele estava apaixonado por ela também.

Pus o livro de lado e saí para caminhar um pouco; quando voltei, continuei a evitá-lo. Não posso explicar por que fiz isso, a não ser pelo fato de que ele, de certo modo, me amedrontava. Algumas horas depois, no entanto, afastei a sensação e passei o resto da tarde absorvendo seu conteúdo e evocando lembranças de meu pai.

Não havia como fazer um diagnóstico claro nem regras precisas e rápidas. Alguns pacientes com síndrome de Asperger tinham QI baixo, enquanto outros, com um autismo ainda mais severo, eram considerados gênios em relação a determinados assuntos. Alguns eram capazes de se desempenhar tão bem em sociedade que ninguém nunca notaria que tinham a síndrome; outros tinham de ser internados em instituições.

Li perfis de pessoas com Asperger que eram prodígios em música ou

matemática, mas também que sua incidência é tão rara quanto a de prodígios na população geral. Porém, mais importante, aprendi que quando meu pai era jovem havia poucos médicos que entendiam as características e os sintomas da síndrome, e que, se havia algo de errado, os pais dele talvez nem tivessem sabido. Crianças com Asperger ou autismo eram tidas como retardadas ou retraídas e, se não ficavam aos cuidados de instituições, os pais se consolavam com a esperança de que um dia os filhos poderiam se curar. A diferença entre Asperger e o autismo às vezes se resumia ao seguinte: uma pessoa com autismo vive em seu próprio mundo, enquanto uma com Asperger vive em nosso mundo, de um modo que ela mesma escolheu.

Por esse critério, era possível dizer que a maioria das pessoas tem Asperger.

Mas havia alguns indícios de que Savannah tinha razão quanto a meu pai. Suas rotinas inalteradas, sua inaptidão social, sua falta de interesse em qualquer coisa que não fosse moedas, sua vontade de estar sozinho... Essas características poderiam ser pequenas extravagâncias de qualquer um, mas com meu pai parecia ser diferente. Como acontece com algumas pessoas que têm síndrome de Asperger, ele parecia estar sendo forçado a viver uma vida na qual essas opções já estavam predeterminadas. Aprendi que, no mínimo, isso *poderia* explicar o comportamento dele. Se fosse isso, a questão não era se meu pai *iria* mudar, mas sim que ele era *incapaz* de mudar. Foi quando eu me dei conta de que isso poderia explicar duas questões que sempre me atormentaram em relação a minha mãe: O que ela tinha visto nele? E por que o deixara?

Tinha consciência de que nunca iria saber, e não queria insistir no assunto. Mas dando asas à imaginação numa casa silenciosa, consegui visualizar um homem tranquilo engatando uma conversa sobre sua coleção de moedas raras num jantar com uma pobre e jovem garçonete, uma mulher que passava as noites sonhando com uma vida melhor. Talvez ela tivesse flertado com ele, talvez não, mas meu pai ficou atraído por ela e continuou a se exhibir durante o jantar. Com o passar do tempo, ela pode ter percebido

nele a bondade e a paciência que depois ele usaria ao me criar. Pode ser que tenha interpretado corretamente sua natureza tranquila e sabia que ele não era uma pessoa irascível e nunca seria violento. Mesmo sem amá-lo, isso pode ter sido suficiente, e por esse motivo concordou em se casar com ele, pensando que poderiam vender as moedas e viver, se não felizes para sempre, ao menos confortavelmente para sempre. Minha mãe ficou grávida e depois, quando constatou que ele não iria sequer considerar a ideia de vender as moedas, se deu conta de que estava presa a um marido que demonstrava pouco interesse em qualquer coisa que ela fizesse. Talvez a solidão tenha sido demais, ou talvez ela fosse apenas egoísta, mas seja como for, ela aproveitou a primeira oportunidade para ir embora após o bebê nascer.

Ou talvez não tenha sido nada disso.

Duvidava que conseguisse alguma vez saber a verdade, mas isso de fato não me importava. No entanto, eu me importava com meu pai. Compreendi que ele era afetado por uma condição e tinha formado um conjunto de regras que o ajudava a se encaixar no mundo. E, mesmo com essa dificuldade, ele encontrara um caminho para que eu pudesse me tornar o homem que eu era. Para mim, isso era mais que suficiente.

Ele era meu pai e tinha feito o melhor que podia. Agora eu sabia disso. Quando enfim fechei o livro, fiquei olhando pela janela, pensando em como eu me sentia orgulhoso dele, enquanto tentava engolir o bolo que se formara em minha garganta.



Quando meu pai voltou do trabalho e mudou de roupa, fomos para a cozinha para começar a fazer o espaguete. Eu o fiquei estudando em todos os movimentos que fazia, sabendo que estava fazendo exatamente a mesma coisa que me fez ficar zangado com Savannah. É estranho como o conhecimento modifica a percepção.

Notei a precisão de seus movimentos, a maneira com que abriu a caixa de espaguete antes de colocá-la de lado, o modo com que manejou a espátula num ângulo cuidadosamente reto enquanto dourava a carne. Eu sabia que ia acrescentar sal e pimenta e, um instante depois, ele o fez. Sabia que ia abrir a lata de molho de tomate logo depois disso e, mais uma vez, não estava enganado. Como de costume, não perguntou como fora o meu dia, preferindo trabalhar em silêncio. Ontem, eu atribuiria isso ao fato de sermos estranhos um para o outro; hoje compreendia que havia a possibilidade de que sempre seríamos. Mas, pela primeira vez na vida, isso não me incomodou.

Durante o jantar, não perguntei como fora seu dia, sabendo que ele não ia me responder. Em vez disso, contei sobre Savannah e como passávamos o tempo juntos. Depois eu o ajudei com a louça, continuando nossa conversa unilateral. Quando terminamos, ele pegou o pano outra vez. Enxugou o balcão pela segunda vez, depois girou o saleiro e o pimenteiro até estarem na mesmíssima posição em que estavam quando chegou em casa. Tive a impressão de que meu pai queria acrescentar algo à conversa e não sabia como, mas talvez eu estivesse tentando me sentir melhor. Isso pouco importava. Eu sabia que ele estava pronto para se retirar para seu cantinho.

– Pai, que tal você me mostrar algumas das moedas que comprou recentemente?

Ele me olhou como se não tivesse certeza de ter ouvido bem, depois olhou para o chão. Tocou em seu cabelo, cada vez mais ralo. Quando tornou a olhar para mim, parecia quase assustado.

– Está bem.

Fomos juntos para seu refúgio. Quando senti sua mão pousar de forma suave em minhas costas, tudo que pude pensar foi que havia anos não me sentia tão próximo dele.



Na noite seguinte, no píer, admirando o luar prateado que parecia brincar no oceano, eu me perguntava se Savannah ia aparecer. Na noite anterior, depois de passar horas examinando moedas com meu pai e curtindo a excitação em sua voz enquanto as descrevia, eu fui de carro até a praia. No assento a meu lado estava o bilhete que tinha escrito para Savannah, pedindo que viesse se encontrar comigo ali. Coloquei-o num envelope e o pus no carro de Tim. Eu sabia que ele lhe passaria sem abrir, não importava quanto quisesse fazê-lo. No curto espaço de tempo em que o conhecia, eu já acreditava que Tim, como meu pai, era uma pessoa muito melhor do que eu jamais seria.

Era a única coisa que achei que poderia fazer. Por causa daquela briga, sabia que não seria mais bem-vindo na casa da praia; tampouco queria ver Randy, Susan ou qualquer outra pessoa, logo seria impossível entrar em contato com Savannah. Ela não tinha celular, e eu não sabia o número do telefone da casa da praia.

O bilhete era a minha única opção.

Eu tinha cometido um erro. Minha reação fora exagerada e eu sabia disso. Não somente com ela, mas também com os outros. Eu poderia simplesmente ter ido embora. Randy e seus companheiros, mesmo levantando pesos e se considerando atletas, não teriam chance contra alguém treinado para imobilizar pessoas com rapidez e eficiência. Se isso tivesse acontecido na Alemanha, eu poderia ter sido preso. O governo não era muito con-

descendente com quem usasse as habilidades adquiridas da maneira errada.

Fiquei olhando o relógio no dia seguinte, conjecturando se ela iria aparecer. A hora que tinha sugerido chegou e passou. Soltei um suspiro de alívio quando um vulto apareceu a distância. Do jeito como se movia, eu sabia que tinha de ser Savannah. Eu me encostei no parapeito enquanto esperava. Ela começou a andar mais devagar quando me avistou, até chegar e parar. Nenhum abraço, nenhum beijo. Essa súbita formalidade me doeu.

– Recebi seu bilhete.

– Estou contente por você ter vindo.

– Tive que sair furtivamente, para ninguém saber que você estava aqui. Ouvi algumas pessoas falando sobre o que fariam se você aparecesse de novo.

– Sinto muito. Sei que você só estava tentando ajudar, e eu levei para o lado errado.

– E...?

– E sinto pelo que fiz a Tim. Ele é um grande sujeito, e eu devia ter mais cuidado.

Ela manteve o olhar firme, sem piscar.

– E...?

Fiquei trocando os pés, sabendo que não seria totalmente sincero no que estava a ponto de dizer, mas sabendo também que ela queria ouvir isso assim mesmo. Suspirei.

– E a Randy e ao outro cara também.

Ela não desviava o olhar.

– E...?

Eu estava perplexo. Vasculhei minha mente antes de procurar seus olhos.

– E...

– E o quê?

– E... não sei – confessei. – Mas seja o que for, sinto por isso também.

Seu rosto assumiu uma expressão curiosa.

– Isso é tudo?

Pensei mais um pouco.

– Não sei o que dizer além disso – admiti.

Mas alguns segundos depois notei a tênue sugestão de um sorriso. Savannah chegou mais perto de mim.

– Isso é tudo?

Eu não disse nada. Ela chegou ainda mais perto e, para minha surpresa, enlaçou meu pescoço.

– Você não precisa se desculpar – sussurrou. – Não há motivo para sentir tanto. Eu provavelmente teria reagido da mesma maneira.

– Então por que esse interrogatório?

– Porque isso me fez saber que eu tinha razão desde o início. Você tem um bom coração, John.

– Do que está falando?

– Exatamente o que você ouviu. Naquela noite, Tim me convenceu de que eu não tinha o direito de dizer o que disse. Você tinha razão. Não sou capacitada a fazer qualquer tipo de avaliação profissional, mas fui arrogante o bastante para pensar que sim. Quanto ao que aconteceu na praia, eu vi tudo. Não foi culpa sua. Mesmo o que aconteceu com Tim não foi culpa sua, mas foi legal você ter se desculpado.

Ela se encostou em mim. Quando fechei os olhos, sabia que não queria nada mais além de abraçá-la assim para sempre.



Mais tarde, depois de termos ficado boa parte da noite conversando e nos beijando na praia, passei um dedo ao longo de seu rosto.

– Obrigado – sussurrei.

– Pelo quê?

– Pelo livro. Acho que agora compreendo meu pai um pouco melhor. Tivemos um bom momento juntos ontem à noite.

– Isso me alegra muito.

– E obrigado por ser quem você é.

Quando ela franziu o cenho, beijei sua testa.

– Se não fosse por você, eu não teria sido capaz de dizer algo assim sobre meu pai. Você não sabe quanto isso significa para mim.



Embora Savannah tivesse que trabalhar no dia seguinte, Tim foi compreensivo quando ela explicou que seria a última oportunidade de nos vermos antes que eu voltasse para a Alemanha. Quando fui buscá-la, ele desceu os degraus da casa e se postou ao lado do carro. Ele estendeu a mão através da janela.

– Foi um prazer conhecer você, John.

– Igualmente – repliquei, e estava sendo sincero.

– Cuide-se, está bem?

– Vou tentar – respondi enquanto apertávamos as mãos, tomado pela sensação de que havia uma conexão entre nós.

Savannah e eu passamos a manhã no Aquário de Fort Fisher, enfeitados pelas estranhas criaturas lá expostas. Vimos peixes-agulhas com seus longos narizes e pequeninos cavalos-marinhos; no tanque maior havia tubarões-enfermeiros e corvinas vermelhas. Rimos quando mexemos com os caranguejos-eremitas, e Savannah comprou para mim, na loja de presentes, um chaveiro de pinguim como lembrança.

Depois eu a levei a um restaurante ensolarado junto à água, e ficamos de mãos dadas em cima da mesa enquanto contemplávamos os veleiros balançando devagar nos embarcadouros. Perdidos um no outro, mal notamos o garçom, que teve de voltar à mesa três vezes até abrímos nossos cardápios.

Eu estava maravilhado com a facilidade com que Savannah demonstra-

va suas emoções e com a ternura de sua expressão quando lhe contei sobre meu pai. Quando me beijou, depois disso, saboreei a doçura de seus lábios.

– Um dia vou me casar com você.

– É uma promessa?

– Se você quiser que seja.

– Bem, então você precisa me prometer que voltará para mim quando sair do Exército. Não vou poder casar com você se não estiver por perto.

– Está combinado.

Depois passamos pelos terrenos da Oswald Plantation, uma casa de antes da Guerra Civil, lindamente restaurada, que se gabava de ter um dos mais belos jardins do estado. Contornamos os canteiros de flores silvestres que explodiam em milhares de cores diferentes no preguiçoso calor do sul.

– A que horas é seu voo amanhã? – perguntou ela.

O sol começava a baixar devagar no céu sem nuvens.

– Cedo – respondi. – Devo chegar ao aeroporto antes de você acordar.

Ela assentiu.

– E vai passar a noite com seu pai, certo?

– Eu tinha planejado isso. Acho que não passei tanto tempo com ele quanto deveria, mas estou certo de que ele entenderá...

Ela balançou a cabeça, me interrompendo.

– Não, não mude seus planos. Quero que passe esse tempo com seu pai. Estava esperando que fizesse isso. É por isso que estou com você o dia inteiro.

Caminhamos ao longo de uma elaborada trilha margeada por uma sebe.

– Então, o que pretende fazer? – perguntei. – Isto é, quanto a nós.

– Não vai ser fácil – respondeu Savannah.

– Sei que não vai. Mas não quero que isso termine.

Parei, sabendo que palavras não seriam o bastante. Em vez disso, eu a abracei por trás, beijei seu pescoço e sua orelha, saboreando sua pele ave-ludada.

– Vou ligar para você o máximo que puder. Quando não puder, escreve-

rei. Vou tirar outra licença no ano que vem. Eu a encontrarei onde você estiver.

Ela se inclinou para trás, tentando vislumbrar meu rosto.

– Vai mesmo?

Eu a apertei mais contra mim.

– É claro. Não estou feliz por deixar você, e o que eu mais gostaria é de estar servindo mais perto, mas isso é tudo que posso prometer agora. Posso pedir uma transferência assim que chegar lá, e o farei, mas nunca se sabe como essas coisas se desenrolam.

– Eu sei – murmurou ela.

Por alguma razão, sua expressão solene me deixou nervoso.

– Você vai me escrever? – perguntei.

– Claro que vou! – respondeu ela sorrindo. – Como é que você tem coragem de me perguntar isso? E pode esperar, porque as minhas cartas são incríveis.

– Não duvido.

– Estou falando sério – disse ela. – É o que fazemos lá em casa quase todo feriado. Escrevemos cartas para pessoas com quem nos importamos muito. Nós lhes dizemos quanto significam para nós e como ansiamos pela hora em que poderemos vê-las outra vez.

Eu tornei a beijar seu pescoço.

– Então, o que eu signifíco para você? E quanto você está ansiosa para me ver outra vez?

Ela se inclinou para trás.

– Você terá que ler minhas cartas.

Eu ri, mas senti meu coração apertar.

– Vou sentir saudades de você.

– E eu de você.

– Você não parece estar tão triste assim.

– É porque já chorei por isso, lembra? Além do mais, não é como se eu não fosse vê-lo de novo. Finalmente percebi isso. Sim, vai ser difícil, mas a vida anda depressa. Vamos nos ver outra vez. Sei disso. Posso sentir. As-

sim como posso sentir que você gosta de mim e como meu amor por você é grande. Sei, no fundo de meu coração, que vamos conseguir superar isso. Muitos casais conseguem.

Eu queria acreditar nela. Queria mais do que qualquer outra coisa, mas me perguntava se seria mesmo tão simples.

Quando o sol desapareceu no horizonte, voltamos para o carro e eu a levei para a casa da praia. Parei um pouco antes na rua, para que ninguém pudesse nos ver, e quando saímos do carro e a envolvi em meus braços. Beijamo-nos e eu a segurei bem junto a mim, sabendo com certeza que o próximo ano seria o mais longo da minha vida. Fiquei desejando ardentemente nunca ter me alistado, ser um homem livre.

– Acho que está na hora de ir.

Ela assentiu, começando a chorar. Senti um aperto no peito.

– Vou escrever para você – prometi.

– Está bem.

Savannah enxugou as lágrimas e procurou algo na bolsa. Tirou uma caneta e um pequeno pedaço de papel e começou a escrever.

– Este é o endereço de minha casa e o número de meu telefone, certo? E meu endereço de e-mail.

Assenti.

– Lembre-se de que vou mudar de dormitório no ano que vem, mas vou informar você assim que tiver o novo endereço. Mas você sempre poderá chegar até mim através de meus pais. Eles vão me passar tudo que você enviar.

– Eu sei. Você já está com meus dados, certo? Mesmo se eu sair em alguma missão, as cartas chegarão até mim. O e-mail também. O Exército é muito bom em configurar computadores, mesmo no meio do nada.

Ela abriu os braços como uma criança desamparada.

– O fato de você ser um soldado me assusta.

– Vou ficar bem.

Abri a porta do carro e tirei a carteira do bolso. Pus dentro dela o papel em que Savannah escrevera, depois abri os braços de novo. Ela veio até

mim e eu a abracei durante um longo tempo, imprimindo a sensação de seu corpo de encontro ao meu.

Desta vez foi ela quem se apartou. Buscou algo na bolsa mais uma vez e tirou um envelope.

– Escrevi isto para você ontem à noite. Para ler no avião. Não leia antes disso, está bem?

Assenti e a beijei uma última vez, depois escorreguei para trás do volante e dei a partida no carro. Quando ele começou a andar, eu a ouvi gritar.

– Dê um alô a seu pai. Diga que talvez eu o visite algumas vezes nas próximas duas semanas, está bem?

Deu um passo para trás quando o carro começou a se afastar. Ainda podia vê-la pelo espelho retrovisor. Pensei em parar. Meu pai compreenderia. Ele sabia quanto Savannah significava para mim, e gostaria que passássemos nossa última noite juntos.

Porém continuei dirigindo, vendo sua imagem no espelho ficar cada vez menor, sentindo meu sonho se esvair.



O jantar com meu pai foi mais silencioso do que o normal. Eu não tinha energia para começar uma conversa, e até mesmo meu pai percebeu isso. Fiquei sentado à mesa enquanto ele cozinhava, mas em vez de se concentrar em seus preparativos ele olhava para mim de vez em quando, com uma silenciosa preocupação nos olhos. Fiquei espantado quando ele desligou o gás e se aproximou de mim.

Quando chegou bem perto, pôs a mão em minhas costas. Não disse nada, mas não precisava. Eu sabia que compreendia meu sofrimento. Ele ficou ali imóvel, como se tentasse absorver minha dor, na esperança de tirá-la de mim e fazer com que fosse dele.



Pela manhã, meu pai me levou de carro para o aeroporto e ficou ao meu lado no portão enquanto eu aguardava a chamada para o voo. Quando chegou a hora, meu pai estendeu a mão. Em vez disso, eu o abracei. Seu corpo estava rígido, mas não me importei.

– Eu amo você, pai.

– Também amo você, John.

– Vê se acha algumas moedas boas, está bem? – acrescentei, recuando.

– Quero saber tudo sobre elas.

Ele olhou para o chão.

– Eu gosto da Savannah. É uma boa garota.

Isso foi repentino; mas de algum modo era exatamente o que eu queria ouvir.



No avião, sentei-me com a carta que Savannah tinha escrito no colo. Embora quisesse abri-la imediatamente, esperei até o avião se elevar da pista e decolar. Da janela eu podia ver a linha do litoral, e procurei primeiro pelo píer, depois pela casa. Perguntei-me se ela ainda estaria dormindo, mas quis imaginar que estivesse na praia, esperando a passagem do avião.

Quando senti que estava preparado, abri o envelope. Ela tinha posto nele uma foto sua, e subitamente desejei ter deixado para ela uma foto minha. Fiquei olhando para seu rosto durante muito tempo. Respirei fundo e então comecei a ler:

Querido John,

Há tanta coisa que quero dizer, mas não sei por onde começar. Deveria começar dizendo que amo você? Ou que os dias que passei com você foram os mais felizes da minha vida? Ou que nesse curto

período em que o conheci passei a acreditar que fomos feitos um para o outro? Tudo em que posso pensar é que eu gostaria de estar segurando sua mão e vendo o seu sorriso esquivo.

No futuro próximo, sei que vou reviver mil vezes o tempo que passamos juntos. Ouvirei seu riso e verei seu rosto e sentirei seus braços em volta de mim. Vou sentir saudades de tudo isso, mais do que possa imaginar. Você é um cavalheiro muito raro, John, e eu valorizo isso em você. Durante todo o tempo em que estivemos juntos, nunca me pressionou a dormir com você, e não tenho como lhe dizer quanto isso significa para mim. Fez com que o nosso relacionamento pareça ser ainda mais especial, e é assim que sempre me lembrarei dos nossos momentos juntos. Como uma luz pura e branca, de tirar o fôlego.

Pensarei em você todos os dias. Parte de mim tem medo de que chegue uma hora em que você não se sinta da mesma maneira, que de algum modo esqueça o que compartilhamos, portanto eis o que quero fazer: onde quer que esteja, e não importa o que esteja acontecendo em sua vida, quando for a primeira noite de lua cheia – como na primeira vez em que nos conhecemos – quero que me encontre no céu noturno. Quero que pense em mim e na semana que compartilhamos, porque é exatamente o que estarei fazendo. Se não pudermos estar juntos, pelo menos poderemos compartilhar esse momento, e, talvez, possamos fazer isso durar para sempre.

Eu amo você, John Tyree, e vou fazê-lo cumprir a promessa que me fez. Se você voltar, vou me casar com você. Se romper a promessa, estará partindo meu coração.

*Com amor,
Savannah*

Pela janela e através das lágrimas em meus olhos eu via camadas de nuvens se estendendo abaixo de mim. Não tinha ideia de onde estávamos.

Tudo que eu sabia era que queria voltar para casa e estar no lugar onde deveria estar.

PARTE DOIS



Horas depois, durante a minha primeira e solitária noite de volta à Alemanha, li a carta outra vez. As lembranças me pareciam mais reais do que a minha vida como soldado. Conseguia sentir a mão de Savannah na minha e podia ver seu cabelo molhado balançando. Eu ria alto quando me lembrava do dia em que ela subiu em sua primeira onda.

O período em que estive com Savannah havia me mudado, e os homens de meu pelotão notaram essa diferença. Durante as semanas seguintes, meu amigo Tony me provocava sem parar. Foi culpa minha, por ter contado sobre ela. O problema é que Tony queria saber mais do que eu estava disposto a compartilhar. Assim, enquanto eu lia a carta em silêncio, ele ficou à minha frente, rindo como um idiota.

– Conta mais sobre seu romance selvagem durante a licença.

Eu me forcei a manter os olhos pregados na página, fazendo o máximo para ignorá-lo.

– Savannah, certo? Bonito nome. Soa tão... delicado, mas aposto que ela foi uma tigresa, certo?

– Cala a boca, Tony.

– Ah, nem vem! Não fui eu que sugeri que você tinha que sair um pouco? Finalmente você me ouviu! Agora chegou a hora do pagamento. Quero saber *os detalhes*.

– Não é de sua conta.

– Você tomou tequila com ela? Eu disse que isso sempre funciona. –

Tony ergueu as mãos. – Vamos lá! Pelo menos isso você pode me contar, não pode?

– Não quero falar sobre isso.

– Você está apaixonado?

– Estou, e daí? Terminamos?

Ele balançou a cabeça e se levantou.

– Você está caidinho de amor.

Tony saiu do quarto rindo, mas eu sabia que tinha razão. Eu estava louco por Savannah, da cabeça aos pés. Faria qualquer coisa para estar com ela, e pedi uma transferência para os Estados Unidos. Meu comandante pareceu considerar a questão. Quando me perguntou o motivo, falei de meu pai. Ele ouviu por alguns momentos, depois se inclinou para trás em sua cadeira.

– As probabilidades não são boas, a menos que o estado de saúde de seu pai esteja em questão.

Desapontado, saí do gabinete dele ciente de que não iria para lugar algum nos próximos dezesseis meses. Na noite de lua cheia seguinte, deixei os alojamentos e fui até um dos gramados que usávamos para jogos de futebol. Deitei-me de costas e fiquei olhando para a lua, me lembrando de tudo e detestando o fato de estar tão longe.

Desde o início, Savannah e eu trocávamos telefonemas e cartas com frequência. Enviávamos e-mails também, mas logo descobri que Savannah preferia escrever cartas, e queria que eu fizesse o mesmo. Ela me escreveu uma vez:

Sei que não é tão instantâneo quanto o e-mail, mas é disto que eu gosto nas cartas: a surpresa de encontrar uma na caixa de correio e da expectativa que sinto enquanto me preparo para abri-la. Gosto de poder levá-la comigo para ler quando quiser, e de poder me encostar numa árvore e sentir a brisa em meu rosto quando vejo suas palavras no papel. Gosto de imaginar sua aparência en-

quanto a escrevia: que roupa estava usando, o que havia à sua volta, o jeito com que você segurava a caneta. Sei que isso é um clichê provavelmente fora de moda, mas fico pensando em você sentado numa tenda, a uma mesa de armar, com um lampião aceso a seu lado enquanto o vento sopra lá fora. É tão mais romântico do que ler alguma coisa na mesma máquina que se usa para baixar uma música ou fazer pesquisa para um trabalho.

Eu sorria ao ler isso. Savannah estava enganada quanto à tenda e ao lampião, mas eu precisava admitir que ela descrevera uma realidade mais interessante do que a luminária fluorescente e a escrivaninha fornecida pelo governo em nossos alojamentos.

Os dias e as semanas passavam, mas meu amor só ficava ainda mais forte. Às vezes eu me afastava dos companheiros para ficar sozinho. Levava comigo a foto de Savannah e estudava cada traço dela. Era estranho, mas, à medida que o verão virava outono e depois mudava para inverno, eu me sentia mais agradecido por ter aquela fotografia. Por meio dela pude perceber que Savannah tinha uma pequena pinta sob o olho esquerdo e que seu sorriso era um pouco torto. Eram imperfeições que de algum modo a tornavam perfeita a meus olhos. Só era estranho eu ter precisado de uma foto para conhecê-las.

De algum modo, continuei com a minha vida. Por mais que sentisse saudades de Savannah, eu tinha um trabalho a fazer. A partir de setembro, devido a um conjunto de circunstâncias que para o próprio Exército foi difícil explicar, meu pelotão foi enviado para Kosovo pela segunda vez, para se juntar à Primeira Divisão Blindada em mais uma missão para manutenção da paz, enquanto quase todos os outros na infantaria eram enviados de volta para a Alemanha.

Foi relativamente calmo e não precisei disparar um só tiro, mas isso não significou que passei meus dias colhendo flores e ansiando por Savannah. Eu ficava atento a qualquer loucura. Quando se é obrigado a ficar em

estado de alerta durante horas, ao cair da noite se está exausto. Passei dois ou três dias sem pensar constantemente em Savannah. Isso fazia com que meu amor fosse menos real? Eu me fiz essa pergunta dezenas de vezes durante aquela estada, mas sempre decidia que não, porque sua imagem me surpreendia quando eu menos esperava, me esmagando com a mesma dor que sentira no dia em que a deixei. Qualquer coisa era capaz de despertá-la: um amigo contando sobre sua mulher, a visão de um casal de mãos dadas ou até mesmo o modo como alguns aldeões sorriam para nós quando passávamos.

As cartas de Savannah chegavam a cada dez dias mais ou menos, e já formavam uma pilha quando voltei para a Alemanha. Nenhuma era como a carta que eu li no avião; a maioria era casual e em tom de conversa. Eu conhecia os detalhes de sua vida cotidiana: que eles tinham terminado a primeira casa um pouco depois do prazo, o que tornou as coisas mais difíceis na construção da segunda. Nesta eles tiveram de trabalhar mais horas, mesmo com as pessoas envolvidas tendo ficado mais eficientes em suas tarefas. Soube que planejaram uma grande festa para toda a vizinhança depois de terem completado a primeira casa. E que a equipe tinha comemorado indo ao Barraco do Camarão, e que Tim havia adorado o ambiente.

Soube que ela estava animada por estudar psicologia da adolescência com um tal de Dr. Barnes, que acabara de ter um artigo importante publicado em algum jornal especializado. Eu não precisava acreditar que Savannah pensava em mim cada vez que martelava um prego na madeira ou ajudava a colocar uma janela. Eu gostava de pensar que o que havia entre nós era mais profundo. Com o tempo, essa crença fez meu amor por ela ficar mais forte ainda.

Claro que eu queria saber se ela ainda se importava comigo, e quanto a isso Savannah nunca me desapontou. Acho que foi por isso que guardei todas as cartas que me enviou. No fim de cada carta havia sempre algumas frases, ou mesmo um parágrafo, em que ela escrevia algo que me fazia parar e pensar. Eu me surpreendia relendo passagens e tentando imaginar sua voz enquanto as lia. Como esta, na segunda carta que recebi:

Quando penso em você e no que compartilhamos, sei que para os outros seria fácil minimizar nosso tempo juntos como um simples subproduto de dias e noites passados junto ao mar, um “namorico” que, a longo prazo, não significaria absolutamente nada. É por isso que não conto a ninguém sobre nós. Eles não compreenderiam, e não sinto necessidade de explicar, apenas porque sei, em meu coração, que aquilo foi real. Quando penso em você, não consigo deixar de sorrir, sabendo que de algum modo você me completou. Eu amo você, agora e sempre, e sonho com o dia em que me tomará novamente nos braços.

Ou esta, numa carta que me enviou após eu ter mandado uma foto minha:

E, por fim, quero agradecer pela foto. Eu a guardei em minha carteira. Você parece estar saudável e feliz, mas tenho que confessar que chorei quando a vi. Não por tristeza, mas porque ela me fez lembrar que você é a melhor coisa que me aconteceu.

E esta, de uma carta que escreveu quando eu estava em Kosovo:

Sua última carta me deixou preocupada. Quero saber de tudo, preciso saber de todos os detalhes, mas me pego prendendo a respiração e ficando assustada por você nunca me contar como sua vida realmente é. Aqui estou eu, me preparando para ir para casa no Dia de Ação de Graças e preocupada com provas, enquanto você está em algum lugar perigoso, cercado de gente que quer lhe fazer mal. Eu só gostaria que essas pessoas conhecessem você como eu conheço, porque então você estaria em segurança. Assim como me sinto segura quando estou em seus braços.

O Natal naquele ano foi triste, mas isso sempre acontece quando se está longe de casa. Não foi o meu primeiro Natal solitário durante meus anos de serviço militar. Todos tinham sido passados na Alemanha, e um grupo de caras em nosso alojamento improvisou uma espécie de árvore: uma lona verde presa a um pedaço de pau e decorada com luzes piscantes.

Mais de metade de meus camaradas tinha ido para casa, mas eu fui um dos azarados que ficou para o caso de nossos amigos russos enfiarem na cabeça que ainda éramos seus inimigos mortais. A maioria dos que ficaram foi até a cidade para comemorar a véspera do Natal se embebedando com cerveja alemã. Eu já havia aberto o pacote que Savannah tinha me enviado: um suéter que me fez pensar ser mais do estilo de Tim, e uma porção de biscoitos caseiros. Eu havia mandado um perfume.

Como presente para mim mesmo, liguei para Savannah. Ela não estava esperando e eu senti a emoção em sua voz. Acabamos falando durante mais de uma hora. Eu tinha me esquecido de sua entonação e de sua pronúncia peculiar, que ficavam mais acentuadas sempre que começava a falar depressa. Recostei-me na cadeira, ouvindo-a descrever a neve que caía. Ao mesmo tempo, olhando pela janela, percebi que estava nevando. Isso fez com que eu me sentisse perto de Savannah mais uma vez.

Em janeiro de 2001 comecei a contagem regressiva dos dias que faltavam para vê-la de novo. Minha licença de verão seria em junho e eu estaria fora do Exército em menos de um ano. Isso era tangível e real, próximo o bastante para permitir que eu sonhasse com minha volta para a Carolina do Norte; por outro lado, isso também fazia com que o tempo passasse devagar. Não é o que acontece sempre que se deseja que determinada coisa aconteça? Se não fossem as cartas de Savannah, eu não tinha dúvida de que a espera pareceria muito mais prolongada.

Meu pai também escrevia. Não com a frequência de Savannah, mas segundo sua própria programação mensal regular. Para minha surpresa, suas cartas estavam sendo duas ou três vezes mais extensas do que o normal. As páginas adicionais eram exclusivamente sobre moedas. Em meu tempo livre eu ia ao centro dos computadores fazer um pouco de pesquisa por mi-

nha conta. Fazia uma busca por determinadas moedas, obtinha sua história, e passava a informação numa carta a meu pai. Juro que, na primeira vez que fiz isso, achei ter visto lágrimas na carta seguinte que ele me enviou. Esperava que ele tivesse examinado os dados que lhe enviei com a mesma intensidade com que estudava o *Greysheet*.

Em fevereiro, fui enviado com outras tropas da OTAN para um desses “exercícios de fingir que estamos numa batalha em 1944” nos quais supostamente enfrentamos um ataque de tanques no interior da Alemanha. Uma coisa sem sentido, na minha opinião. Esse tipo de guerra já não existe há muito tempo, da mesma forma que os galeões espanhóis disparando seus canhões à queima-roupa, e a cavalaria dos Estados Unidos galopando para salvar quem estava em perigo. Naqueles dias, eles nunca diziam quem seria o suposto inimigo, mas todo mundo sabia que eram os russos, o que fazia menos sentido ainda, já que agora eles são tidos como nossos aliados. Mesmo que não fossem, mesmo que estivessem construindo secretamente milhares de tanques em alguma fábrica na Sibéria com a intenção de se apoderar da Europa, qualquer ofensiva com tanques seria enfrentada com ataques aéreos e nossas próprias divisões mecanizadas, em vez da infantaria.

Mas quem era eu para discordar, certo? O tempo também estava horrível, com uma frente fria fora do comum chegando do Ártico justo quando as manobras começaram. Foi épico, com neve, chuva, granizo e ventos que chegavam a 80 quilômetros por hora, o que me fez pensar nas tropas de Napoleão na retirada de Moscou. Fazia tanto frio que se formou gelo em minhas sobrelhas, doía quando se respirava e meus dedos grudaram no cano do fuzil quando eu o toquei sem querer. Ardeu como o inferno quando os desgrudei e perdi um pouco de pele nas pontas ao fazê-lo. Depois disso, mantive o rosto sempre coberto e a mão na coronha. Caminhava na lama fria tentando ao máximo não me transformar numa estátua de gelo enquanto fingia estar combatendo o inimigo.

Passamos dez dias fazendo isso. Meus homens e eu sofremos de hipotermia e fomos parar na enfermaria. Toda aquela experiência foi a coisa

mais ridícula e idiota pela qual o Exército me fez passar. E isso significa muito, tendo em vista tudo o que já fiz pelo bom e velho Tio Sam. No fim, nosso comandante veio nos visitar na enfermaria, cumprimentando meu pelotão pelo trabalho bem-feito. Eu quis dizer que talvez nosso tempo tivesse sido mais bem aproveitado estudando táticas de guerra moderna. Em vez disso, fiz continência e agradei, por ser o bom militar que sou.

Passei os meses seguintes na base. Tínhamos aulas ocasionais sobre armamentos ou navegação, e de vez em quando eu ia até a cidade para uma cerveja com os camaradas, mas na maior parte do tempo levantei toneladas de peso, corri centenas de quilômetros e acabei com Tony toda vez que subimos ao ringue.

A primavera na Alemanha não foi tão ruim quanto pensei que seria. A neve derreteu, surgiram as flores e o ar começou a ficar mais quente. Bem, não tão quente, mas acima do ponto de congelamento, e isso foi o bastante para eu e meus companheiros vestirmos shorts e sairmos para jogar frisbee. Quando junho chegou, eu já estava impaciente para voltar à Carolina do Norte. Savannah havia terminado a graduação e começado as aulas do mestrado. Assim, planejei visitá-la em Chapel Hill. Teríamos duas gloriosas semanas juntos, já que ela iria comigo visitar meu pai em Wilmington. Eu me sentia nervoso, animado e assustado quando pensava nisso.

Sim, nós tínhamos trocado correspondência e falado ao telefone. Sim, eu tinha ido contemplar a lua logo na primeira noite de lua cheia, e em suas cartas ela me contara que tinha feito isso também. Mas eu não a via fazia quase um ano, e não tinha ideia de como ela reagiria quando estivessemos um diante do outro. Correria para meus braços quando eu saísse do avião ou teria uma reação mais contida, talvez um gentil beijo no rosto? Começaríamos imediatamente uma conversa fácil e espontânea ou nos veríamos falando do clima e nos sentindo constrangidos um em relação ao outro? Eu ficava acordado à noite, imaginando mil diferentes cenários.

Tony sabia pelo que eu estava passando, mas teve a sensibilidade de não comentar. Em vez disso, quando o dia chegou, ele me deu um tapinha nas costas.

– Está preparado? – perguntou ele.

– Sim.

Ele sorriu.

– Não se esqueça de comprar uma tequila.

Fiz uma careta e Tony soltou uma risada.

– Vai correr tudo bem. Ela ama você, homem. Tem que amar, considerando quanto você está doido por ela.



Em junho de 2001 recebi minha licença e fui direto para casa, voando de Frankfurt para Nova York, e de lá para Raleigh. Era uma noite de sexta-feira, e Savannah tinha prometido ir me buscar no aeroporto antes de me levar a Lenoir para conhecer seus pais. Ela me fez essa pequena surpresa um dia antes do voo. Bem, eu não tinha nada contra conhecer seus pais. Tinha certeza de que eram pessoas maravilhosas e tudo o mais, mas preferiria ter Savannah só para mim, ao menos nos primeiros dias. É um tanto difícil recuperar o tempo perdido com os pais por perto.

Mesmo que não chegássemos a uma consumação física – e, conhecendo Savannah, estava certo de que não chegaríamos –, como seus pais me tratariam se eu ficasse com a filha deles fora até altas horas, mesmo se tudo que fizessemos fosse ficar deitados sob as estrelas? Claro, ela era adulta, mas eu não tinha ilusões de que eles fossem compreensivos quanto a isso. Ela seria sempre a garotinha deles.

Mas Savannah tinha um argumento ao me propor isso. Eu tinha duas semanas de licença. Se veríamos o meu pai no segundo fim de semana, teríamos que visitar os dela no primeiro. Além disso, ela estava muito animada com a ideia de me apresentar a eles. Fiquei me perguntando se poderia segurar a mão dela e especulando se devia lhe propor fazer um pequeno desvio no caminho para Lenoir.

Assim que o avião pousou, minha expectativa aumentou e pude sentir as batidas do meu coração chegarem às alturas. Não sabia como agir. De-

veria correr a seu encontro assim que a avistasse ou caminhar casualmente, frio e controlado? Ainda não tinha certeza, mas já estava no corredor. Atirei a mochila sobre o ombro quando emergi da rampa de acesso ao terminal. No primeiro momento não a vi. Quando perscrutei a área pela segunda vez, eu a vi à minha esquerda e percebi que todas as minhas preocupações tinham sido em vão. Assim que me avistou, ela veio correndo num ímpeto só. Mal tive tempo de largar a mochila antes de ela pular em meus braços. O beijo que se seguiu foi como ingressar em um reino mágico, completo, com linguagem e geografia próprias, mitos fabulosos e maravilhas para todas as suas eras. Quando ela recuou e sussurrou que estava com saudades, senti como se estivesse inteiro outra vez.

Não sei por quanto tempo ficamos ali juntos, mas, quando finalmente começamos a caminhar em direção à esteira das bagagens, pus minha mão na dela sabendo que a amava não só mais do que da última vez que a vira, como mais do que eu amaria qualquer outra pessoa.

No caminho a conversa rolou fácil, mas fizemos um pequeno desvio. Encostamos numa parada de beira de estrada e trocamos carícias como dois adolescentes. Foi maravilhoso. Poucas horas depois, chegamos à casa de Savannah. Seus pais estavam esperando no pórtico de uma bela residência vitoriana de dois andares. Para minha surpresa, a mãe dela me abraçou assim que me aproximei, depois me ofereceu uma cerveja. Recusei, principalmente porque sabia que eu seria o único a beber, mas apreciei o esforço. Os pais de Savannah eram parecidos com ela: amistosos, abertos, muito inteligentes. Minha visita foi muito agradável. Savannah ficou o tempo todo segurando a minha mão, o que só me fez ficar mais à vontade. À noite, saímos para uma longa caminhada ao luar. Quando voltamos para a casa, era como se nunca tivéssemos nos separado.

Não é preciso dizer que dormi no quarto de hóspedes. Não tinha esperado outra coisa, e o quarto era muito melhor do que a maioria dos quartos em que eu estivera, com mobília clássica e um colchão confortável. Contudo, estava abafado e eu abri a janela, esperando que o ar da montanha trouxesse um bem-vindo frescor. O dia tinha sido longo – eu ainda estava

no fuso horário da Alemanha – e adormeci de imediato. Acordei uma hora depois ao ouvir a porta do quarto se abrindo. Savannah, vestindo um confortável pijama de flanela e meias, fechou a porta atrás de si e veio até a cama, na pontas dos pés.

Pôs um dedo na boca, para me manter calado.

– Meus pais me matariam se soubessem que estou fazendo isso – sussurrou.

Arrastou-se pela cama, ao meu lado, e ajeitou as cobertas, puxando-as até o pescoço. Pus os braços em volta dela, adorando o toque de seu corpo contra o meu.

Ficamos nos beijando e rindo a maior parte da noite, depois ela se esgueirou de volta a seu quarto. Adormeci outra vez e acordei com a luz do sol entrando pela janela. O cheiro do café da manhã invadiu o quarto, pairando no ar. Vesti uma camiseta e calça jeans e descí até a cozinha. Savannah estava à mesa, falando com a mãe enquanto o pai lia o jornal. Tomei um lugar à mesa e a mãe de Savannah me serviu uma xícara de café antes de pôr um prato com bacon e ovos à minha frente. Savannah estava animada e com um aspecto de indescritível frescor à luz suave da manhã.

– Dormiu bem? – perguntou, os olhos brilhando de malícia.

Assenti.

– Na verdade, tive o mais maravilhoso dos sonhos.

– Ah, é? – exclamou sua mãe. – Com que sonhou?

Senti Savannah me chutar debaixo da mesa. Ela balançou a cabeça de forma quase imperceptível. Devo admitir que adorei ver Savannah se retorcendo toda, mas já tinha ido longe o bastante. Fingi que estava me concentrando.

– Agora não consigo me lembrar.

– Odeio quando isso acontece – disse a mãe. – O que achou dos ovos?

– Deliciosos. Obrigado. – Olhei para Savannah. – Qual é o programa de hoje?

Ela se debruçou sobre a mesa.

– Estava pensando em fazermos um passeio a cavalo. Você toparia?

Quando hesitei, ela riu.

– Você vai sobreviver. Eu prometo.

– Para você é fácil dizer isso.



Ela cavalgou Midas; para mim, sugeriu um quarto de milha chamado Pepper, que seu pai costumava montar. Passamos a maior parte do dia percorrendo trilhas, galopando em campo aberto, explorando essa parte do mundo dela. Ela tinha preparado um piquenique para o almoço e comemos num lugar de onde se avistava Lenoir. Apontou para a escola que tinha frequentado e as casas de pessoas que conhecia. Ocorreu-me então que ela não só gostava de lá, como nunca quisera viver em outro lugar.

Passamos seis ou sete horas em cima de uma sela, e fiz o melhor que pude para acompanhar Savannah, embora isso fosse quase impossível. Não acabei com a cara no chão, mas houve uns poucos momentos em que corri esse risco. Em determinada hora, Pepper se rebelou e tive de fazer um grande esforço para contê-lo. No entanto, só quando estava me aprontando para o jantar percebi o verdadeiro problema: minhas coxas doíam como se tivessem sido marteladas durante muito tempo.

Na noite de sábado, Savannah e eu fomos jantar num aconchegante restaurante italiano. Depois, sugeriu que fôssemos dançar, mas àquela altura eu mal conseguia me mexer. Ela assumiu uma expressão consternada e me fez parar.

– Dói quando aperto aqui? – perguntou enquanto agarrava a minha perna.

Dei um pulo e gritei. Por algum motivo, ela achou graça.

– Doeu!

Ela sorriu.

– Só estava checando.

– Checando o quê?

– Se uma garotinha pequena como eu conseguiria fazer um sujeito grande e forte do Exército como você gritar.

Esfreguei minha perna.

– Não faça esse teste novamente, por favor.

– Sinto muito.

– Não parece que você sente muito.

– Bem, eu sinto. Mas é um pouco engraçado, não acha? Quero dizer, montei tanto tempo quanto você e estou bem.

– Você monta o tempo todo.

– Já não montava faz um mês.

– Ah, está bem.

– Vamos lá. Admita. Foi um pouco engraçado, não foi?

– Nem um pouco.



No domingo fomos à igreja com a família dela. Eu estava dolorido demais para fazer qualquer outra coisa, então me instalei no sofá e assisti a um jogo de beisebol com o pai dela. A mãe de Savannah trouxe sanduíches, e passei a tarde me contraindo todo cada vez que tentava mudar de posição, enquanto o jogo ia para a prorrogação.

Conversar com o pai dela era fácil também. Falamos sobre a vida no Exército, o que ele ensinava, o time que ele treinava e suas esperanças quanto ao futuro. Eu gostei dele. De meu lugar podia ouvir Savannah e a mãe batendo papo na cozinha e, de vez em quando, Savannah vinha para a sala com um cesto de roupa para dobrar enquanto a mãe começava outra rodada na máquina de lavar. Embora fosse uma universitária graduada e adulta, ela ainda trazia a roupa suja para lavar na casa da mãe.

Naquela noite fomos de carro para Chapel Hill, e Savannah me mostrou seu apartamento. Era despojado no que concerne à mobília, porém relativamente novo. Tinha uma lareira a gás e uma pequena varanda com

vista para o campus. Apesar de o tempo estar quente, ela acendeu o fogo e fizemos um lanche de biscoitos e queijo, o que era quase tudo que Savannah tinha para oferecer. Para mim aquilo era muito romântico, embora já tivesse percebido que estar sozinho com Savannah sempre me fazia sentir assim. Conversamos até quase meia-noite, mas Savannah estava mais calada do que o normal. Em certo momento, ela foi até o quarto. Quando não voltou, fui procurá-la. Estava sentada na cama e eu parei na porta.

Ela apertou as mãos e soltou um longo suspiro.

– Então... – começou.

– Então... – respondi, quando ela se calou.

Ela deixou escapar mais um longo suspiro.

– Está ficando tarde e tenho aula amanhã de manhã bem cedo.

Assenti.

– Você deveria dormir um pouco.

– É – disse ela, como se não tivesse considerado a questão, e se virou para a janela.

Pelas persianas eu podia ver raios de luz penetrando no quarto, vindos do estacionamento. Ela ficava linda quando estava nervosa.

– Então... – disse ela outra vez, como se falasse com a parede.

Ergui as mãos.

– Posso dormir no sofá.

– Você não se incomoda?

– De forma alguma – respondi.

Na verdade, não era o que eu queria, mas eu podia entender. Ainda olhando para a janela, ela não fez menção de se levantar.

– É que ainda não estou pronta – disse, numa voz suave. – Isto é, eu pensei que estivesse, e parte de mim realmente quer. Tenho pensado nisso nas últimas semanas e este parecia ser o momento certo, sabe? Nós nos amamos e isso é o que as pessoas fazem quando estão apaixonadas. Foi fácil dizer isso a mim mesma quando você não estava aqui, mas agora...

Sua voz foi sumindo.

– Está tudo bem – falei.

– Você ficou assustado? Na sua primeira vez?

Fiquei pensando na melhor forma de responder a isso.

– Acho que é diferente para homens e mulheres.

– Sim, suponho que sim. – Ela fingiu arrumar as cobertas. – Está chateado?

– Nem um pouco.

– Mas está desapontado.

– Bem... – admiti, e ela riu.

– Sinto muito.

– Não tem por que se desculpar.

Savannah ponderou sobre isso.

– Então por que essa sensação de que eu devo me desculpar?

– Bem, sou um soldado solitário – declarei e ela riu outra vez. Eu ainda podia sentir o nervosismo na voz dela.

– O sofá não é muito confortável – disse, aflita. – E é pequeno. Você não vai poder se esticar. E não tenho cobertores extras. Deveria ter apanhado em casa, mas esqueci.

– Isso é um problema.

– É.

Fiquei esperando.

– Acho que você podia dormir comigo – arriscou ela.

Esperei, enquanto ela continuava com seu próprio debate interior. Finalmente ela deu de ombros.

– Quer tentar? Apenas dormir?

– Como você quiser.

Pela primeira vez, os ombros dela relaxaram.

– Então está bem. Só me dê um minuto para me trocar.

Levantou-se da cama, atravessou o quarto e abriu uma gaveta. O pijama que escolheu era semelhante ao que tinha usado na casa dos pais, e eu voltei para a sala de estar, onde vesti um de meus shorts de exercícios e uma camiseta. Quando voltei, ela já estava debaixo dos cobertores. Fui até o outro lado da cama e me arrastei para seu lado. Ela ajeitou os cobertores

antes de apagar a luz, depois ficou deitada de costas, olhando para o teto. Eu fiquei deitado de lado, olhando para ela.

– Boa noite – sussurrou.

– Boa noite.

Eu sabia que não conseguiria dormir. Pelo menos, não agora. Estava... animado demais. Mas não queria me mexer nem me virar.

– Ei – sussurrou ela por fim.

– Sim?

Virou-se de lado para ficar de frente para mim.

– Só quero que saiba que esta é a primeira vez que durmo com um homem. A noite inteira, quero dizer. É um passo a mais, certo?

– É – concordei. – É um passo a mais.

Ela passou a mão em meu braço.

– E agora, se alguém perguntar, você poderia dizer que tecnicamente dormimos juntos.

– Verdade.

– Mas não vai contar para ninguém, vai? Isto é, não quero ficar com essa fama.

Contive meu riso.

– Será o nosso segredinho.



Os dias seguintes foram tranquilos. Savannah tinha aulas pela manhã e voltava para casa pouco depois do almoço. Isso me dava a oportunidade de dormir até tarde, algo com que todo recruta sonha quando fala em sair de licença. No entanto, acordar antes do amanhecer é um hábito difícil de quebrar. Assim, todos os dias eu despertava antes de Savannah, preparava um bule de café e pegava o jornal. Às vezes trazia bagels ou croissants; outras vezes, comíamos flocos de cereais. Foi fácil interpretar nossa pequena rotina como uma prévia dos primeiros anos de nossa futura vida

juntos, uma felicidade conquistada sem esforço que era quase boa demais para ser verdade.

Ou, pelo menos, eu tentava me convencer disso. Quando estávamos com seus pais, Savannah era de fato a garota da qual eu me lembrava. O mesmo acontecera em nossa primeira noite a sós. Mas depois disso... comecei a notar diferenças. Acho que eu não tinha me dado conta de que ela estava vivendo uma vida completa e gratificante mesmo sem mim. O calendário pregado na porta da geladeira listava o que havia para fazer quase todo dia: concertos, palestras, meia dúzia de festas. Notei que Tim estava agendado também para um almoço ocasional. Ela cursava quatro matérias, dava aula em seu estágio de docência e nas tardes de quinta-feira encontrava o orientador dela. Sua vida era exatamente aquela que descrevia em suas cartas. Quando voltava para o apartamento me contava como fora seu dia, enquanto preparava na cozinha alguma coisa para comer. O orgulho era perceptível em seu tom de voz.

Nada incomum nisso. Mas eu tinha uma sensação deprimente a cada nova história. Por mais que estivéssemos juntos, e por mais que gostássemos um do outro, tínhamos tomado rumos muito diferentes.

Desde a última vez que eu a vi, Savannah havia terminado a graduação, estava dando aulas, tinha arranjado e mobiliado o próprio apartamento. Sua vida tinha entrado numa nova fase, enquanto nada tinha mudado do meu lado, a menos que eu pudesse contar como mudança o fato de que agora eu sabia armar e desarmar oito tipos de armas, e não seis, e tinha incrementado meu levantamento de peso em mais 14 quilos. E, é claro, havia cumprido minha parte em fazer os russos pensarem duas vezes se estivessem considerando se invadiam ou não a Alemanha com dezenas de divisões mecanizadas.

Não me entenda mal. Continuava gamado por Savannah e havia momentos em que ainda sentia a intensidade dos sentimentos dela por mim. Na maior parte do tempo, foi uma semana maravilhosa. Depois que ela saía, eu caminhava pelo campus ou corria pela pista junto ao ginásio, aproveitando esse tempo de ociosidade. Quando Savannah voltava para o apar-

tamento, normalmente eu já tinha acabado e tomado um banho, e passávamos o resto da tarde juntos. Na noite de terça-feira encontramos um grupo de colegas dela para jantar no centro de Chapel Hill. Foi mais divertido do que eu havia pensado que seria, embora a maior parte da conversa estivesse ligada à psicologia.

Na tarde de quarta-feira, Savannah me levou numa excursão a suas aulas e me apresentou a seus professores. Depois, naquela tarde, nos encontramos com algumas pessoas a quem eu fora apresentado na noite anterior. À noite compramos comida chinesa e levamos para o apartamento. Ela estava usando um top que realçava seu bronzado e a única coisa que me veio à cabeça foi que Savannah era a mulher mais sexy que eu já vira.

Na quinta-feira eu quis passar uma noite a sós com ela, e decidi surpreendê-la com algo especial. Enquanto estava tendo aula, fui até o shopping e esbanjei uma pequena fortuna num terno novo e em sapatos. Fiz reservas no restaurante que o vendedor dos sapatos me dissera ser o melhor da cidade. Cinco estrelas, menu exótico, garçons alinhados, tudo que ela merecia. No entanto, assim que entrou pela porta, ela me contou que tinha planejado passar outra noite com os amigos. Estava tão animada com isso que não me dei o trabalho de contar o que tinha planejado.

Claro que fiquei desapontado. Eu adorava passar a noite com os amigos de Savannah. Mas quase todo dia? Após um ano separados, tínhamos tão pouco tempo para ficar juntos. O que me incomodava era que ela não parecia compartilhar esse desejo. Nos últimos meses achei que passaríamos o máximo de tempo um com o outro, compensando um ano de separação. Mas estava chegando à conclusão de que talvez eu tivesse me enganado. O que significava... o quê? Que isso não era tão importante para ela quanto era para mim? Eu não sabia, mas levando em conta meu estado de espírito eu provavelmente deveria ter ficado no apartamento e deixado ela ir sozinha. Em vez disso, fiquei alheio a tudo e me recusei a participar da conversa. Savannah deve ter percebido que eu estava zangado, mas toda vez que perguntava se algo estava me incomodando eu exibia meu melhor lado passivo-agressivo negando.

– Só estou cansado.

Ela tentou melhorar as coisas. De vez em quando procurava minha mão, lançava-me um rápido sorriso quando achava que o veria e me empanturrava de refrigerante e batatas fritas. Passado um tempo, no entanto, Savannah se cansou de minha atitude e desistiu. Não a culpo por isso.

Quase não nos falamos ao voltarmos para casa. Na cama, ficamos em extremidades opostas do colchão. Pela manhã, já estava melhor e pronto para ir em frente. Infelizmente, ela não. Quando saí para pegar o jornal, Savannah deixou o apartamento sem tocar no café da manhã, e acabei tomando-o sozinho.

Eu sabia que tinha ido longe demais, e planejei acertar as coisas assim que ela chegasse em casa. Queria me abrir quanto aos meus sentimentos, contar o que havia planejado e me desculpar pelo meu comportamento. Presumi que Savannah entenderia. Deixaríamos tudo para trás com um jantar romântico. Era exatamente disso que precisávamos, pensei, já que iríamos para Wilmington no dia seguinte para passar o fim de semana com meu pai.

Acredite ou não, eu queria vê-lo, e imaginava que, à sua maneira, ele também estava ansioso por minha visita. E pela visita de Savannah. Agora ela tinha um papel importante em minha vida.

Balancei a cabeça. Savannah. Sempre Savannah. Tudo nesta viagem, tudo em minha vida, sempre me levava a ela.



À uma hora terminei de malhar, tomei banho, empacotei a maior parte das minhas coisas e liguei para o restaurante para confirmar a minha reserva. Sabia qual era a agenda de Savannah e supunha que estaria chegando a qualquer momento. Sem ter outra coisa para fazer, sentei-me no sofá e liguei a televisão. Jogos, novelas, programas de propaganda disfarçados de informativos, talk shows... O tempo se arrastava nessa espera.

Conferi minha bagagem três ou quatro vezes, esvaziei a máquina de lavar e coloquei as roupas para secar. Savannah com certeza estava a caminho de casa. Alguns minutos mais tarde, escovei os dentes pela segunda vez e olhei de novo pela janela. Ainda nada de Savannah. Liguei o rádio, ouvi algumas canções, mudei de estação seis ou sete vezes antes de desligar. Nada. Àquela altura já eram quase duas horas. Fiquei pensando onde ela poderia estar, a minha frustração começando a surgir. Disse a mim mesmo que ela provavelmente tinha uma explicação plausível e fiquei repetindo esse mantra. Abri minha mochila e tirei o último livro de Stephen King. Enchi um copo com água gelada, procurei uma posição confortável no sofá, mas, quando percebi que estava lendo a mesma frase repetidas vezes, pus o livro de lado.

Mais quinze minutos se passaram. Trinta. Quando ouvi o carro de Savannah estacionando, minha mandíbula estava trincada e eu rangia os dentes. Às quinze para as três, ela abriu a porta. Era toda sorrisos, como se não houvesse nada de errado.

– Oi, John. – Foi até a mesa e começou a tirar coisas da mochila. – Sinto muito ter chegado um pouco tarde, mas uma aluna veio me dizer que tinha adorado a aula e que por minha causa queria se especializar em educação especial. Dá para acreditar nisso? Ela queria se aconselhar quanto ao que fazer, a que cursos assistir, quem eram os melhores professores... e a maneira com que ouvia minhas respostas...

Savannah balançou a cabeça e prosseguiu:

– Foi tão... gratificante. O modo com que essa garota prestava atenção em tudo que eu dizia... Bem, isso me fez sentir como se eu realmente fizesse diferença para alguém. Você ouve professores falarem desse tipo de experiência, mas nunca imaginei que aconteceria comigo.

Forcei um sorriso e ela o interpretou como uma deixa para continuar.

– Seja como for, ela me perguntou se eu tinha algum tempo para discutir isso de verdade e, embora eu tenha dito que só dispunha de alguns minutos, uma coisa levou a outra e acabamos indo almoçar juntas. Ela é in-

crível! Só tem 17 anos, mas já está na faculdade! Não tem como não admirá-la.

Ela queria que eu fosse um eco de seu entusiasmo, mas não consegui fazer isso.

– Ela parece ser ótima – comentei.

Ao ouvir minha resposta, Savannah pareceu me olhar de verdade pela primeira vez, e não fez nenhum esforço para esconder o que estava sentindo.

– O que há de errado? – perguntou ela.

– Nada – menti.

Ela afastou a mochila com um suspiro de desgosto.

– Você não quer falar sobre isso? Está bem. Mas deveria saber que isso está ficando um pouco cansativo.

– O que quer dizer com isso?

Ela se virou para mim.

– O modo como está agindo. Você é fácil de interpretar, John. Você está zangado, mas não quer me dizer por quê.

Hesitei, sentindo que estava na defensiva. Quando finalmente falei, esforcei-me em manter a voz firme.

– Desculpe. Pensei que você estaria em casa horas atrás...

Ela ergueu as mãos.

– É isso? Já expliquei o que houve. Acredite ou não, eu tenho responsabilidades agora. E, se não me engano, pedi desculpas pelo atraso assim que passei pela porta.

– Eu sei, mas...

– Mas o quê? Minhas desculpas não foram o bastante?

– Não disse isso.

– Então o que é?

Quando não consegui encontrar as palavras, ela pôs as mãos nos quadris.

– Quer saber o que eu acho? Você ainda está zangado por causa da noite passada. Mas deixe-me adivinhar: não quer falar sobre isso, certo?

Fechei os olhos.

– Na noite passada, *você*...

– Eu? Seja lá o que tenha a dizer, eu não fiz nada de errado. A noite passada poderia ter sido divertida, teria sido divertida, mas você ficou lá sentado como se quisesse dar um tiro em alguém.

Ela estava exagerando. Bem, talvez não estivesse. Seja como for, fiquei calado.

– Sabe que hoje precisei pedir desculpas por você? Como acha que me senti? Lá estava eu, falando bem sobre você o ano inteiro, contando a meus amigos como você era um cara legal, como era maduro, como me sinto orgulhosa do trabalho que você está fazendo. E eles acabaram vendo um lado seu que eu nunca tinha visto antes. Você foi... rude.

– E você pensou, por um momento, que eu pudesse estar agindo assim porque não queria estar lá?

Isso a fez parar, mas só por um instante. Cruzou os braços.

– Talvez o modo como você se comportou ontem à noite tenha sido a razão do meu atraso hoje.

A declaração de Savannah me pegou de surpresa. Eu não tinha considerado essa hipótese.

– Sinto muito quanto à noite passada.

– Deve sentir mesmo! Eles são meus amigos!

– Sei que são seus amigos – retruquei, levantando-me do sofá. – Estivemos com eles a semana toda!

– E o que *isso* quer dizer?

– Exatamente o que eu disse. Talvez eu quisesse estar a sós com você. Pensou nisso alguma vez?

– Você quer estar a sós comigo? Bem, não está agindo como se quisesse. Estivemos a sós esta manhã. Estamos a sós desde que entrei agora por aquela porta. Estávamos a sós quando tentei ser legal e deixar isso tudo para trás, mas você só quer brigar.

– Eu não quero brigar! – disse, fazendo o máximo para não gritar.

Eu me virei, tentando controlar a raiva, mas, quando tornei a falar,

pude ouvir o tom agourento em minha voz.

– Eu só queria que as coisas fossem como no verão passado.

– Como assim?

Eu estava detestando aquilo. Não queria dizer que não me sentia importante. O que eu queria era semelhante a pedir a alguém que o ame, e isso nunca funcionou. Em vez disso, tentei contornar o assunto.

– No verão passado, nós passamos mais tempo juntos.

– Não, não passamos – contestou. – Eu trabalhava nas casas o dia inteiro.

Savannah estava certa. Ao menos em parte. Tentei de novo.

– Não acho que isso faça muito sentido, mas parece que tivemos mais tempo para conversar no ano passado.

– E é isso que está incomodando você? Que eu esteja ocupada? Que eu tenha uma vida? O que você esperava que eu fizesse? Que faltasse às aulas a semana toda? Dizer que estava doente nos dias em que dou aula? Deixar de fazer meu dever de casa?

– Não...

– Então o que você quer?

– Não sei.

– Mas quer me humilhar na frente dos meus amigos?

– Não humilhei você – protestei.

– Não? Então por que Tricia me chamou para falar comigo hoje? Por que ela sentiu que precisava me dizer que nós dois não temos nada em comum, e que eu poderia arranjar alguém muito melhor?

Aquilo me feriu, mas não tenho certeza de que ela tenha percebido o que tinha dito. A raiva às vezes faz com que isso seja impossível, como eu sabia muito bem.

– Eu apenas queria estar a sós com você na noite passada. Isso é tudo que estou tentando dizer.

Minhas palavras não fizeram efeito.

– Então por que não me disse isso? Algo como: “Não estou muito a

fim de sair com outras pessoas hoje.” Isso é tudo que você deveria ter dito. Não sou telepata, John.

Abri a boca para responder, mas não disse nada. Em vez disso, me virei e fui para o outro lado do quarto. Olhei pela porta do terraço, não com raiva pelo que ela tinha dito, apenas... *triste*. Ocorreu-me que de algum modo eu a tinha perdido.

Não queria mais falar sobre o assunto. Nunca fui bom nisso de falar, e percebi que o que realmente queria era que ela atravessasse o quarto e pusesse os braços em torno de mim, para dizer que compreendia o que estava me afligindo, e que não havia motivo para preocupação.

Mas nada disso aconteceu. Em vez disso, falei para a janela, sentindo-me estranhamente só.

– Você tem razão. Devia ter dito isso a você. E sinto muito quanto a isso. E sinto pelo modo como agi na noite passada, e por ter me aborrecido porque você chegou tarde. Foi só porque eu queria estar com você o máximo que pudesse nesta viagem.

– Você diz isso como se pensasse que eu não quero as mesmas coisas. Eu me virei.

– Para ser sincero, não tenho certeza do que você quer. Com isso, saí porta afora.



Não voltei até o anoitecer.

Não sabia aonde ir, nem mesmo por que tinha saído, além de sentir que precisava ficar sozinho. Andei pelo campus debaixo de um sol tórrido, indo da sombra de uma árvore para outra. Não verifiquei se ela tinha me seguido, mas sabia que não.

A certa altura parei e comprei uma garrafa de água gelada. Sentia que era necessário suar, para me livrar da raiva e da tristeza e do desapontamento que não conseguia afastar de mim.

Uma coisa era certa: Savannah tinha atravessado aquela porta preparada para uma discussão. Suas respostas foram muito rápidas, e percebi que tinham sido mais ensaiadas do que espontâneas, como se a raiva dela estivesse cozinhando durante a maior parte do dia. Ela sabia muito bem como eu ia agir e, embora eu talvez tivesse merecido essa raiva pelo modo como agira na noite anterior, o fato de ela não ter levado em consideração sua própria culpa ou os meus sentimentos ficou me corroendo durante a maior parte da tarde.

As sombras iam ficando mais compridas à medida que o sol se punha, mas eu ainda não estava pronto para voltar. Comprei duas fatias de pizza e uma cerveja em um desses pequenos quiosques que dependem dos estudantes para sobreviver. Terminei de comer e caminhei mais um pouco até enfim rumar de volta para o apartamento dela. Já eram quase nove horas e a montanha-russa emocional em que eu estava havia me exaurido. Ao chegar à rua, vi que o carro de Savannah ainda estava no mesmo lugar e que havia uma lâmpada acesa no quarto. O resto do apartamento estava às escuras.

Fiquei pensando se a porta estaria trancada, mas a maçaneta girou com facilidade. A porta do quarto estava fechada pela metade, a luz se projetava no corredor, e fiquei na dúvida se ia até lá ou se ficava na sala. Não queria enfrentar a raiva dela, mas respirei fundo e segui pelo curto corredor. Enfieei a cabeça pela abertura da porta. Ela estava sentada na cama, vestindo uma camisa grande demais, que lhe chegava ao meio da coxa. Levantou os olhos de uma revista, numa tentativa de sorriso.

– Oi – falei.

– Oi.

Atravessei o quarto e me sentei na beirada da cama.

– Sinto muito – disse. – Por tudo. Você tinha razão. Fui um idiota na noite passada, e não deveria ter envergonhado você na frente de seus amigos. E não deveria ter ficado tão zangado com seu atraso. Não vai acontecer de novo.

Ela me surpreendeu dando um tapinha no colchão.

– Vem cá – sussurrou.

Fui até a cabeceira da cama e me sentei apoiado nela, pondo um braço em torno de Savannah. Ela se recostou em mim e senti o movimento regular de seu peito subindo e descendo com a respiração.

– Não quero mais discutir – disse ela.

– Nem eu.

Quando acariciei seu braço, ela suspirou.

– Aonde você foi?

– Na verdade, a lugar nenhum – respondi. – Apenas andei pelo campus. Comi uma pizza. Fiquei pensando um pouco.

– Em mim?

– Em você. Em mim. Em nós.

Ela assentiu.

– Eu também. Ainda está zangado?

– Não. Estava, mas estou cansado demais para continuar zangado.

– Eu também – repetiu. Levantou a cabeça para me encarar. – Quero dizer uma coisa que estive pensando enquanto você estava fora. Posso?

– Claro.

– Eu me dei conta de que era eu quem devia pedir desculpas. Quero dizer, por passar tanto tempo com meus amigos. Acho que foi isso que me tirou do sério naquela hora. Eu sabia o que você estava tentando dizer, mas não queria ouvir. Você tinha razão, pelo menos em parte. Mas sua conclusão estava errada.

Olhei para ela com ar de dúvida. Savannah continuou:

– Você acha que eu fiz você passar tanto tempo com meus amigos porque já não é mais tão importante para mim quanto era antes, certo?

Ela não esperou por uma resposta.

– Mas não foi essa a razão. É exatamente o oposto. Fiz isso porque você é muito importante para mim. Não tanto porque queria que você conhecesse meus amigos, ou que eles conhecessem você, mas por minha causa.

Ela fez uma pausa, indecisa.

– Não sei aonde você quer chegar.

– Lembra que eu disse que extraía força do fato de estar com você?

Quando assenti, ela deslizou os dedos pelo meu peito.

– Não estava brincando quanto a isso. O verão passado significou muito para mim. Mais do que você imagina. Quando você foi embora, fiquei um caco. Pergunte ao Tim. Quase não conseguia trabalhar nas casas. Sei que minhas cartas o fizeram pensar que tudo estava bem e em ordem, mas não estava. Eu chorava toda noite e ficava imaginando e esperando e querendo que você viesse andando pela praia. Toda vez que via alguém com o cabelo cortado curto sentia meu coração bater mais depressa, mesmo sabendo que não era você. Toda vez. Sei que o que está fazendo é importante, e entendo que seu posto é no outro lado do oceano, mas não creio que eu tivesse compreendido como seria duro quando você não estivesse por perto. Parecia que isso ia quase me matar, e levou muito tempo para eu começar a me sentir normal outra vez. E nesta viagem de agora, por mais que eu quisesse ver você, por mais que o ame, há uma parte em mim aterrorizada com a ideia de me despedaçar novamente quando nosso tempo acabar. Estou sendo puxada em duas direções, e minha resposta tem sido fazer tudo que posso para não passar de novo pelo que passei nesse último ano. Assim, tentei nos manter ocupados, sabe? Protegendo meu coração de ficar quebrado mais uma vez.

Senti minha garganta se apertar, mas não disse nada. Então, ela continuou:

– Hoje percebi que estava magoando você nesse processo. Que não era justo com você, mas ao mesmo tempo estou tentando ser justa comigo também. Dentro de uma semana você terá ido embora, e sou eu quem vai ter de descobrir como funcionar depois da despedida. Algumas pessoas são capazes disso. Você é uma delas. Quanto a mim...

Ela olhou para suas mãos.

– Não sei o que dizer – admiti por fim.

Ela riu.

– Não estou querendo uma resposta, porque não creio que exista uma.

Mas sei que não quero magoar você. É tudo que sei. Espero poder encontrar um modo de ser mais forte neste verão.

– Mais forte? Deixa comigo. Podemos *exercitar* isso juntos – brinquei, e fui gratificado ao ouvir o som de sua risada.

– É, isso vai funcionar. Dez flexões e vou ficar novinha em folha, certo? Gostaria que fosse tão simples. Mas vou conseguir. Pode não ser fácil mas ao menos desta vez não vai ser um ano inteiro. Foi isso que fiquei me repetindo hoje. Que você vai estar em casa para o Natal. Mais alguns meses e tudo isso terá passado.

Eu a abracei, sentindo o calor de seu corpo. Podia sentir seus dedos através do tecido fino de minha camisa e senti que ela a puxava delicadamente, expondo a pele de meu ventre. Foi uma sensação elétrica. Saboreei seu toque e inclinei-me para beijá-la.

Havia um novo tipo de paixão em seu beijo, algo vibrante e vívido. Senti sua língua encontrar a minha, consciente de como seu corpo estava reagindo, e respirei fundo quando seus dedos começaram a procurar o fecho da minha calça. Quando deslizei as mãos mais para baixo, percebi que ela estava nua sob a camisa. Embora tudo que eu quisesse era que isso continuasse, me obriguei a recuar, a parar antes que fosse longe demais, para evitar algo para o qual eu não tinha certeza de que ela estivesse pronta.

Antes que eu pudesse fazer algo, Savannah subitamente despiu a camisa. Minha respiração se acelerou quando olhei para ela. No mesmo instante, ela ergueu minha camisa. Beijou minhas costelas, depois meu peito, e senti suas mãos puxando minha calça.

Levantei-me da cama e tirei a camisa, depois deixei a calça cair no chão. Beije seu pescoço e seus ombros e senti o calor de seu hálito em minha orelha. A sensação de sua pele contra a minha era de um fogo ardente, e começamos a fazer amor.

Foi tudo como eu tinha sonhado que seria. Quando terminamos, envolvi Savannah em meus braços, tentando gravar na memória cada sensação. No escuro, disse num sussurro quanto a amava.

Fizemos amor uma segunda vez, e quando Savannah enfim adormeceu, fiquei olhando para ela. Tudo nela era deliciosamente sereno, mas por algum motivo não pude evitar uma inoportuna sensação de medo. Por mais terno e excitante que tivesse sido, não consegui deixar de pensar que havia um traço de desespero em nossas ações, como se estivéssemos nos agarrando à esperança de que aquilo sustentaria nosso relacionamento e nosso futuro.



O restante de minha licença foi como eu tinha esperado que fosse. Além do fim de semana com meu pai, durante o qual ele cozinhou para nós e falou sem parar sobre moedas, ficamos sozinhos o maior tempo possível. De volta a Chapel Hill, assim que Savannah terminava as aulas do dia, passávamos juntos nossas tardes e noites. Caminhamos ao longo das lojas em Franklin Street, fomos ao Museu de História da Carolina do Norte, em Raleigh, e até passamos algumas horas no zoológico. Em minha penúltima noite na cidade, fomos jantar no restaurante elegante que o vendedor de sapatos tinha recomendado. Ela não me deixou olhar enquanto se aprontava, mas quando saiu do banheiro estava fascinante. Eu a fiquei observando durante o jantar, pensando em quão sortudo era por estar com ela.

Não fizemos amor novamente. Após nossa noite juntos, acordei na manhã seguinte com Savannah me olhando, as lágrimas rolando pelo rosto. Antes que eu pudesse perguntar o que havia de errado, ela pôs um dedo em meus lábios e balançou a cabeça.

– A noite passada foi maravilhosa, mas não quero falar sobre isso.

Em vez disso, ela se enroscou em mim, e eu a mantive assim por um longo tempo, ouvindo o som de sua respiração. Soube então que algo tinha mudado entre nós, mas naquele momento não tive coragem para descobrir o quê.

Na manhã de minha partida, Savannah me levou de carro ao aeroporto. Ficamos juntos no portão de embarque, esperando a chamada para meu

voo, seu polegar traçando pequenos círculos no dorso de minha mão. Quando chegou a hora do embarque, ela caiu em meus braços e começou a chorar. Quando viu minha expressão, forçou um riso, mas eu senti a tristeza que havia nele.

– Sei que prometi não chorar, mas não consigo evitar.

– Vai ficar tudo bem, são apenas seis meses. Com tudo que está rolando na vida, você vai se espantar com a rapidez com que isso vai passar.

– É fácil falar – disse ela, fungando. – Mas você tem razão. Desta vez serei forte. Vou ficar bem.

Assenti, e por um longo momento ficamos apenas nos olhando.

– Você vai se lembrar de olhar para a lua cheia? – perguntou.

– Sempre – prometi.

Trocamos um último beijo. Eu a abracei com força e sussurrei que a amava, depois me obriguei a soltá-la. Joguei a mochila sobre o ombro e me encaminhei para a rampa. Olhando por cima do ombro, vi que Savannah já tinha ido embora, escondida em algum lugar na multidão.

No avião, recostei-me no assento, rezando para que Savannah tivesse me dito a verdade. Embora soubesse que ela me amava e sentia carinho por mim, eu compreendia de repente que amor e carinho não eram sempre o bastante. Os tijolos de nosso relacionamento eram instáveis sem a argamassa do tempo que passamos juntos, um tempo sem a ameaça iminente de uma separação pairando entre nós. Embora eu não quisesse admitir, havia muita coisa sobre ela que eu não conhecia. Não tinha percebido como minha partida no ano anterior a afetara e, apesar das muitas horas de ansiedade pensando sobre isso, não estava certo quanto a como a distância poderia afetá-la agora.

Nosso relacionamento estava começando a parecer o movimento de um pião. Quando estávamos juntos, tínhamos o poder de mantê-lo girando e o resultado era belo e mágico, quase num sentido infantil e maravilhoso; quando estávamos separados, o giro começava inevitavelmente a ficar mais lento. Ficávamos vacilantes e instáveis, e eu sabia que tinha de encontrar um meio de evitar que caíssemos por terra.



Eu tinha aprendido a lição do ano anterior. Não só escrevi mais cartas da Alemanha durante os meses de julho e agosto, como também liguei para Savannah com mais frequência. Eu prestava cuidadosa atenção ao que ela dizia, tentando captar quaisquer sinais de tristeza e ansiando por ouvir palavras de afeição ou desejo.

No início, ficava nervoso antes de fazer essas ligações; no fim do verão, eu já ficava esperando por elas. As aulas de Savannah iam bem. Ela passou duas semanas com os pais e depois começou o semestre do outono. Na primeira semana de setembro começamos a contagem regressiva dos dias que faltavam para a minha baixa. Eram cem dias. Era mais fácil falar de dias do que de semanas ou meses; de algum modo isso fazia a distância entre nós encolher a algo mais íntimo, algo com que nós dois sabíamos que poderíamos lidar. O mais difícil ficara para trás. Descobri que, à medida que eu virava os dias no calendário, as preocupações que tinha quanto a nosso relacionamento começavam a diminuir. Estava certo de que nada no mundo poderia nos impedir de ficar juntos.

Então veio o 11 de Setembro.



As imagens do 11 de Setembro ficarão comigo para sempre. Olhei para a fumaça que saía das Torres Gêmeas e do Pentágono e percebi a expressão sombria dos homens à minha volta enquanto viam pessoas pulando do prédio para a morte. Testemunhei o colapso dos prédios e a espessa nuvem de poeira de destroços que se elevou em seu lugar. Senti-me injuriado quando a Casa Branca foi evacuada.

Eu sabia que os Estados Unidos iriam reagir ao ataque. A base entrou em alerta máximo. Nos dias que se seguiram, foi como se todas as diferenças pessoais e afiliações políticas tivessem desaparecido. Por um curto período de tempo éramos todos simplesmente americanos. Nunca estive tão orgulhoso de meus homens.

Escritórios de recrutamento em todo o país ficaram cheios de pessoas que queriam se alistar. Entre os já alistados, o desejo de servir ficou mais forte do que nunca. Tony foi o primeiro em meu pelotão a prorrogar seu tempo de serviço por mais dois anos. Um por um, os outros seguiram seu exemplo. Até mesmo eu, que estava aguardando a baixa honrosa em dezembro e contando os dias que faltavam para ir para casa e para Savannah, deixei-me levar pela febre e acabei me realistando.

Seria fácil dizer que fui influenciado pelo que estava acontecendo à minha volta. Não foi o caso. Mais do que pelo patriotismo, eu me sentia ligado pelos laços da amizade e da responsabilidade. Conhecia meus homens e a ideia de abandoná-los num momento como aquele me pareceu

uma inimaginável covardia. Tínhamos passado por muita coisa juntos. Não podia abandonar o serviço naqueles dias finais de 2001.

Liguei para Savannah e contei o que estava havendo. No início ela me apoiou. Como todo mundo, ficara horrorizada com o que tinha acontecido e compreendeu o sentimento do dever que pesava sobre mim. Estava orgulhosa de mim.

Porém, logo a realidade se impôs. Ao optar por servir meu país, eu tinha feito um sacrifício. Embora a investigação sobre os perpetradores do atentado tenha sido concluída depressa, o ano de 2001 terminou sem nossa participação em qualquer acontecimento. Nossa divisão de infantaria não atuou na derrubada do governo do Talibã no Afeganistão, o que foi um desapontamento para todo o meu pelotão. Em vez disso, passamos a maior parte do inverno cavando e nos preparando para o que todos sabiam que seria uma futura invasão do Iraque.

Creio que foi nessa época que as cartas de Savannah começaram a mudar de padrão. Antes semanais, começaram a chegar a cada dez dias, depois a cada duas semanas. Tentei me consolar com o fato de que o tom não havia mudado, mas com o tempo isso mudou também. Já não havia as longas passagens nas quais ela descrevia como imaginava nossa vida juntos, passagens que no passado tinham me deixado com um sentimento de antecipação. Nós dois sabíamos que o sonho estava agora a uma distância de dois anos. Escrever sobre um futuro tão distante a fazia lembrar quanto ainda faltava para que acontecesse, algo doloroso demais.

Quando maio chegou, eu me consolei com a ideia de que pelo menos poderíamos nos ver em minha próxima licença. Mas o destino conspirou contra nós mais uma vez. Poucos dias antes de minha volta para casa, meu comandante me chamou para uma reunião. Meu pai sofrera um infarto. Ele já tinha providenciado uma licença emergencial. Em vez de ir para Chapel Hill para duas semanas gloriosas com Savannah, fui para Wilmington e passei meus dias junto ao leito de meu pai, respirando o cheiro de antisséptico que sempre me fazia pensar mais em morte do que em cura.

Quando cheguei, meu pai estava na unidade de terapia intensiva, e per-

maneceu lá na maior parte de minha licença. Sua pele tinha uma palidez acinzentada e sua respiração era rápida e superficial. Na primeira semana ele alternava entre estar consciente e inconsciente. Quando estava consciente demonstrava emoções que eu quase nunca tinha visto nele: um medo desesperado, confusão momentânea e uma tocante gratidão por eu estar ao lado dele.

Mais de uma vez segurei sua mão, outra coisa que fazia pela primeira vez na vida. Por estar entubado, ele não podia falar, por isso falei por nós dois. Conteí um pouco do que estava acontecendo na base, mas falei principalmente sobre moedas. Li para ele o *Greysheet*; quando terminei, fui até sua casa e apanhei exemplares antigos que meu pai guardava em sua gaveta e também os li para ele. Fiz buscas de moedas na internet e recitei o que estava sendo oferecido e a que preços. Os preços me surpreenderam, e suspeitei que a coleção de meu pai, a despeito da queda nos valores das moedas, já que o ouro estava no apogeu, devia valer dez vezes mais do que a casa que ele possuía havia muitos anos. Meu pai, incapaz de dominar a arte até mesmo de uma conversa simples, tinha ficado mais rico do que qualquer pessoa que eu conhecia.

Ele não estava interessado em seu valor. Desviava os olhos toda vez que eu mencionava isso, e logo me lembrei de algo que tinha esquecido: que para meu pai, a busca das moedas era muito mais interessante do que as moedas em si, e que cada moeda representava uma história com um final feliz.

Com isso em mente, esquadrinhei meu cérebro, fazendo o possível para me lembrar das moedas que tínhamos encontrado juntos. Como meu pai mantinha registros bastante precisos, eu os repassava antes de dormir, e pouco a pouco resgatava essas lembranças. No dia seguinte, relembrava as histórias de nossas viagens a Raleigh ou Charlotte ou Savannah. Embora nem os médicos tivessem certeza de que ele conseguiria escapar, meu pai sorriu mais naquelas semanas do que eu me lembrava de ele ter feito. Voltou para casa um dia antes do previsto para minha partida, e o hospital providenciou alguém para cuidar dele enquanto se recuperava.

Mas se minha estada no hospital fortaleceu meu relacionamento com meu pai, só piorou o relacionamento com Savannah. Não me entenda mal, ela veio ficar comigo sempre que pôde, e demonstrou todo apoio e simpatia. Mas como eu passei muito tempo no hospital, isso não ajudou a reparar as fissuras que tinham começado se formar em nossa relação. Para ser sincero, eu nem sabia o que queria dela. Quando estava lá, eu queria ficar sozinho com meu pai, mas quando não estava, eu a queria a meu lado. De algum modo, Savannah percorria esse campo minado sem reagir ao estresse que eu direcionava a ela. Parecia saber o que eu estava pensando e se antecipava ao que eu queria, até mesmo melhor do que eu.

Sim, o que precisávamos era de mais tempo juntos. Apenas tempo. Comparando nosso relacionamento a uma bateria, o tempo que eu passava no outro lado do oceano estava drenando sua energia sem parar, e nós dois precisávamos de um tempo para recarregá-la. Uma vez, sentado ao lado de meu pai e ouvindo os bipes de seu monitor cardíaco, eu me dei conta de que Savannah e eu tínhamos passado juntos apenas quatro das últimas 104 semanas. Mesmo com as cartas e os telefonemas, eu às vezes me perguntava como tínhamos sobrevivido por tanto tempo.

Ocasionalmente conseguíamos sair para caminhar, e jantamos juntos duas vezes. Mas como Savannah estava em período letivo, ela não podia ficar. Acabávamos discutindo. Embora ela nada dissesse quanto isso, e até mesmo negasse quando o assunto vinha à tona, eu sabia que a questão era o fato de que eu já deveria estar em casa, e não estava. Foi a primeira e única vez que Savannah mentiu para mim.

Deixamos essa discussão para trás o melhor que pudemos, e a despedida foi mais um momento de lágrimas, se bem que menos do que na última vez. Seria reconfortante pensar que foi porque estávamos nos acostumando um com o outro, ou ficando mais maduros, porém, já no avião, eu sabia que algo irrevogável tinha mudado entre nós. Menos lágrimas tinham sido derramadas porque a intensidade do sentimento entre nós se diluía.

Foi uma dolorosa constatação, e na noite de lua cheia seguinte eu me vi vagueando pelo campo de futebol. Como tinha prometido, lembrei os

momentos passados com Savannah em minha primeira licença. Pensei na segunda licença também, porém, por mais estranho que pareça, não quis pensar na terceira, pois creio que já sabia o que ela tinha pressagiado.

Com o passar do verão meu pai continuou a melhorar. Em suas cartas ele escreveu que o levavam para dar uma volta no quarteirão três vezes por dia, todo dia, cada percurso durando exatamente vinte minutos. No entanto, até mesmo essa caminhada era difícil para ele. Se havia algo de positivo nisso, foi que lhe deu alguma coisa com a qual ocupar seu dia além das moedas. Além de lhe escrever cartas com mais frequência, comecei a ligar para ele às terças e sextas, exatamente a uma hora da tarde, só para ter certeza de que estava bem.

Procurava detectar quaisquer sinais de fadiga em sua voz e com frequência o lembrava que devia se alimentar bem, dormir bastante e tomar seus remédios. Sempre era eu quem falava a maior parte do tempo. Para meu pai, falar ao telefone era ainda mais difícil do que se comunicar pessoalmente, e sempre tive a impressão de que ele queria desligar o aparelho o mais rápido que pudesse. Às vezes eu o provocava quanto a isso, mas nunca tive certeza de que meu pai sabia que eu estava brincando. Isso me divertia e, embora ele nunca risse em resposta, seu tom ficava mais leve, mesmo que por pouco tempo, antes de ficar em silêncio outra vez. Mas tudo bem. Eu sabia que ele ansiava pelos telefonemas. Sempre atendia ao primeiro toque e eu podia imaginá-lo olhando o relógio enquanto aguardava a ligação.

Agosto virou setembro, depois outubro. Savannah terminou seus estudos em Chapel Hill e voltou para casa, começando a procurar emprego. Nos jornais, eu li sobre o que acontecia nos Estados Unidos e como os países europeus queriam encontrar um caminho que evitasse entrarmos em guerra com o Iraque. As coisas estavam tensas nas capitais de nossos aliados na OTAN; as notícias mencionavam demonstrações de cidadãos e veementes declarações de seus líderes de que os Estados Unidos estavam prestes a cometer um terrível engano. Enquanto isso, nossos líderes tentavam fazê-los mudar de ideia. Eu e todos em meu pelotão continuávamos a

nos preparar, treinando com determinação. Em novembro, meu pelotão e eu fomos para Kosovo mais uma vez. Não ficamos lá por muito tempo, mas foi mais que suficiente. Eu já estava cansado dos Bálcãs e cansado de ser um guardião da paz também. O mais importante era que eu e todos que estávamos servindo sabíamos que a guerra no Oriente Médio estava se aproximando, quisesse a Europa ou não.

Durante esse período as cartas de Savannah ainda chegavam, e eu ligava bastante para ela. Costumava ligar antes do amanhecer, como sempre fizera – para ela seria perto da meia-noite. Embora no passado eu sempre a tivesse encontrado, agora mais de uma vez ela não estava em casa. Embora tentasse me convencer de que estava com amigos ou com os pais, era difícil evitar que meus pensamentos desandassem. Depois de desligar, eu às vezes me via imaginando se Savannah tinha encontrado outro homem. Ligava mais duas ou três vezes durante a hora seguinte, ficando mais furioso a cada toque não respondido.

Quando enfim atendia, eu poderia perguntar onde estava, porém nunca o fazia. Nem ela me dava essa informação. Eu sabia que estava cometendo um erro ao ficar calado, simplesmente porque era impossível tirar isso da cabeça, mesmo quando tentava me concentrar na conversa. Eu ficava tenso ao telefone e ela reagia da mesma maneira. Nossas conversas passaram a ser mais uma troca rudimentar de informações do que uma alegre troca de afeição. Depois de desligar eu sempre me odiava por estar com ciúmes e me punia durante os dias seguintes, prometendo a mim mesmo que não deixaria aquilo acontecer de novo.

Outras vezes, no entanto, Savannah demonstrava ser a mesma pessoa de quem eu me lembrava, e podia sentir quanto ela ainda gostava de mim. Nesses períodos, eu a amava tanto quanto sempre amara e tinha saudades daqueles tempos mais simples do passado. Sabia, é claro, o que estava acontecendo. À medida que nos afastávamos, eu ficava mais desesperado por salvar o que uma vez tínhamos compartilhado. Só que meu desespero nos distanciava ainda mais.

Começamos a ter discussões. Eu não conseguia lhe dizer o que estava

sentindo... Ao mesmo tempo, não podia deixar de pensar que ele estava me aticando ou que nem tentava aliviar o que me atormentava. Eu detestava essas ligações ainda mais do que detestava meus ciúmes, mesmo sabendo que as duas coisas se entrelaçavam.

Apesar de nossas dificuldades, eu nunca duvidei que iríamos superá-las. Queria viver com Savannah mais do que já tinha querido qualquer outra coisa. Em dezembro comecei a ligar com mais frequência e fiz o melhor que pude para controlar meus ciúmes. Eu me forçava a ser otimista ao telefone, na esperança de que ela estivesse querendo saber mais de mim. Achava que as coisas estavam melhorando, e na superfície estavam, porém quatro dias antes do Natal lembrei que eu estaria em casa em menos de um ano. Em vez da resposta animada que eu esperava, ela ficou em silêncio. Tudo que eu podia ouvir era o som de sua respiração.

– Você me ouviu? – perguntei.

– Sim – respondeu ela, numa voz suave. – Só que já ouvi isso antes.

Era verdade, e nós dois sabíamos, mas eu não dormi bem durante quase uma semana.

A lua cheia caiu no ano-novo. Embora eu tivesse saído para contemplá-la e relembrar a semana em que tínhamos nos apaixonado, essas imagens vieram desfocadas, como que anuviadas pela avassaladora tristeza que eu sentia por dentro. Ao voltar, vi dezenas de homens agrupados em círculos fumando cigarros, como se não tivessem nada com que se preocupar. Perguntei-me o que estariam pensando ao me ver caminhar. Perceberiam que eu estava perdendo o que mais me importava? Ou que eu estava novamente querendo ser capaz de mudar o passado?

Não sei, e não perguntei. O mundo estava mudando depressa. As ordens que estávamos esperando foram dadas na manhã seguinte. Poucos dias depois, meu pelotão estava na Turquia, onde começamos a nos preparar para invadir o Iraque pelo norte. Tivemos reuniões nas quais aprendemos nossas missões, estudamos a topografia e repassamos planos de batalha. Havia pouco tempo livre, mas quando nos aventurávamos fora do campo era difícil ignorar os olhares hostis do povo. Ouvimos rumores de

que a Turquia estava planejando negar acesso a nossas tropas a caminho da invasão e que havia negociações em curso para assegurar que não fizessem isso. Já tínhamos aprendido a ouvir rumores com uma pulga atrás da orelha, mas dessa vez eles tinham sido verdadeiros e o meu pelotão e os demais fomos enviados para o Kuwait e começamos tudo de novo.

Pousamos no meio da tarde de um dia com um céu sem nuvens e nos vimos cercados de areia por todos os lados. Fomos colocados num ônibus, viajamos durante horas e chegamos ao que era a maior cidade de tendas que eu havia visto. O Exército fez o possível para torná-la confortável. A comida era boa, mas era tudo muito monótono. A entrega do correio era deficiente – não recebi nenhuma carta – e as filas para o telefone tinham sempre um quilômetro de comprimento. Entre os exercícios, meus homens e eu nos reuníamos tentando adivinhar quando começaria a invasão, ou praticávamos vestir nossas roupas de proteção química o mais depressa possível. O plano para meu pelotão era reforçar outras unidades de diferentes divisões numa difícil ofensiva sobre Bagdá. Em fevereiro, após o que já parecia ser um zilhão de anos no deserto, estávamos mais preparados do que nunca.

Àquela altura, muitos soldados já estavam no Kuwait desde meados de novembro, e o gerador de boatos operava a todo vapor. Ninguém sabia o que ia acontecer. Ouvi falar de armas biológicas e químicas; ouvi que Saddam Hussein tinha aprendido sua lição na operação Tempestade no Deserto e estava entrincheirando a Guarda Republicana em volta de Bagdá, na esperança de manter uma última e sangrenta resistência. Em 17 de março, soube que haveria guerra. Em minha última noite no Kuwait, escrevi cartas para as pessoas que amava, caso não sobrevivesse: uma para meu pai e uma para Savannah. Naquela noite eu era parte de um comboio que se estendia por 160 quilômetros para dentro do Iraque.

Combates eram esporádicos, ao menos no início. Como nossa força aérea dominava os céus, pouco havia a temer lá na frente, enquanto passávamos por estradas geralmente desertas. O Exército iraquiano, na maior parte do tempo, não era visto em parte alguma, o que só aumentava a tensão

que eu sentia, tentando prever o que meu pelotão estava prestes a enfrentar. Às vezes recebíamos o alerta de fogo de morteiros inimigos, nos enfiávamos em nossas roupas de proteção química e depois verificávamos que tinha sido alarme falso. Os soldados estavam tensos. Não dormi três dias seguidos.

Ao adentrarmos ainda mais a região, aprendi a primeira lei associada à Operação Liberdade do Iraque: civis e soldados inimigos costumam ter exatamente a mesma aparência. Ouviam-se tiros, atacávamos, e houve momentos em que não tínhamos certeza de em quem estávamos atirando. Quando chegamos ao Triângulo Sunita, a guerra começou a ficar mais intensa. Ouvimos falar de batalhas em Fallujah, Ramadi e Tikrit, todas envolvendo outras unidades de outras divisões. Meu pelotão se juntou ao 82º aerotransportado num ataque a Samawah, e foi lá que experimentamos pela primeira vez um combate real.

A Força Aérea tinha preparado o terreno. Bombas, mísseis e morteiros já estavam explodindo desde o dia anterior. Quando atravessamos a ponte para entrar na cidade, meu primeiro pensamento foi de espanto ante a quietude que reinava. Meu pelotão tinha como objetivo um bairro distante, onde deveríamos ir de casa em casa para limpar a área dos inimigos. Enquanto avançávamos, as imagens se sucediam depressa: os restos carbonizados de um caminhão, o corpo sem vida do motorista; uma construção parcialmente demolida, ruínas fumegantes de automóveis aqui e ali. Tiros isolados de fuzil nos mantinham com os nervos à flor da pele. Durante nossa patrulha, às vezes civis corriam para fora com os braços erguidos, e fazíamos o possível para salvar os feridos.

No início da tarde, nós nos preparávamos para voltar, mas fomos atacados por fogo pesado de dentro de uma casa. Grudados num muro, nossa posição era precária. Dois homens deram cobertura enquanto eu levava o resto do pelotão, atravessando aquele verdadeiro estande de tiro, para um lugar mais seguro no outro lado da rua; foi quase um milagre ninguém ter sido morto. De lá disparamos na posição inimiga, devastando-a por completo. Usei uma granada para explodir a porta da frente, levei meus ho-

mens até lá, pus a cabeça para dentro e olhei. A fumaça era pesada e o ar cheirava a enxofre. O interior estava destruído, mas pelo menos um soldado iraquiano tinha sobrevivido.

Assim que nos aproximamos, ele começou a atirar de um vão que havia sob o assoalho. Tony foi atingido de raspão na mão, e nós respondemos com centenas de balas. O barulho era tal que eu não conseguia ouvir meus próprios gritos, mas mantive o dedo apertando o gatilho. Lascas de gesso, tijolo e madeira voavam enquanto o interior era devastado. Quando finalmente paramos de atirar, eu estava certo de que ninguém poderia ter sobrevivido, mas só para ter mais certeza joguei outra granada na abertura que levava ao nicho sob o assoalho, e corremos para fora antes que explodisse.

Após vinte minutos da experiência mais intensa da minha vida, a rua estava tranquila, exceto pelo zunido em meus ouvidos e os sons de meus homens vomitando, xingando e comentando a experiência. Enfaixei a mão de Tony e voltamos pelo mesmo caminho pelo qual tínhamos vindo. Após algum tempo estávamos na estação ferroviária, que tinha sido ocupada por nossas tropas, extremamente exauridas. Naquela noite, recebemos a primeira entrega de cartas em quase seis semanas.

Havia seis cartas de meu pai. Mas de Savannah havia apenas uma:

Querido John,

Estou escrevendo esta carta na mesa da cozinha, sem saber como dizer o que estou prestes a contar. Parte de mim gostaria que você estivesse aqui comigo para que eu pudesse fazer isso em pessoa, mas nós dois sabemos que isso é impossível. Então, aqui estou, procurando palavras com lágrimas no rosto e esperando que você de algum modo me perdoe.

Sei que este é um momento terrível para você. Tento não pensar na guerra, mas não consigo evitar as imagens, e estou apavorada o tempo todo. Assisto ao noticiário e leio os jornais, sabendo que

você está no meio disso tudo, tentando descobrir onde você está e pelo que está passando. Rezo toda noite pedindo que volte para casa em segurança, e continuarei sempre a fazê-lo. Você e eu compartilhamos algo maravilhoso, e quero que nunca se esqueça disso. Nem quero que pense que não significou para mim tanto quanto eu signifiquei para você. Você é uma pessoa rara e linda, John. Eu me apaixonei por você, porém, mais do que isso, conhecê-lo me fez perceber o significado do verdadeiro amor. Durante os últimos dois anos e meio tenho contemplado todas as luas cheias e lembrado tudo por que passamos. Estarei sempre contente por termos ficado juntos. Para mim, isso quer dizer que nossas almas estarão unidas para sempre.

Há muito mais coisas também. Quando fecho os olhos, vejo seu rosto; quando caminho, é quase como se pudesse sentir sua mão na minha. Essas coisas ainda são reais para mim, mas se antes me confortavam, agora me fazem sofrer. Compreendi seus motivos para ter ficado no Exército e respeitei sua decisão. Ainda respeito, mas ambos sabemos que nosso relacionamento mudou depois disso. Nós mudamos. Talvez o tempo de separação tenha sido demais, talvez seja por causa de nossos mundos tão diferentes. Não sei. Toda vez que brigamos eu me odiei. De algum modo, apesar de ainda nos amarmos, perdemos aquele elo mágico que nos mantinha juntos.

Sei que isso soa como uma desculpa, mas por favor acredite em mim quando digo que não pretendia me apaixonar por outra pessoa. Se eu mesma não sei como isso aconteceu, como você poderia? Devido a tudo que vivemos, não posso continuar mentindo para você. Mentir iria comprometer tudo que compartilhamos, e não quero fazer isso, mesmo sabendo que você se sentirá traído.

Vou compreender se não quiser mais falar comigo, assim como vou compreender se começar a me odiar. Parte de mim me odeia. Escrever esta carta me obriga a reconhecer isso e, quando me olho

no espelho, sei que estou olhando para alguém que não tem certeza de que merece ser amada. E digo isso com sinceridade.

Mesmo que você possa não querer ouvir isto, quero que saiba que será sempre parte de mim. Em nosso tempo juntos você conquistou um lugar especial em meu coração, que eu levarei comigo para sempre e que ninguém poderá substituir. Você é um herói e um cavalheiro, é gentil e honesto; porém, mais do que isso, é o primeiro homem que amei. E não importa o que o futuro trará, você sempre será, e sei que minha vida será melhor por causa disso.

Sinto muito.

Savannah

PARTE TRÊS



Ela estava apaixonada por outra pessoa.

No mesmo instante, o mundo pareceu ficar mais lento. Meu primeiro instinto foi dar um soco na parede, mas apenas amassei a carta e a joguei para um lado. Naquele momento eu estava com uma raiva incrível; mais do que me sentir traído, sentia que ela havia esmagado tudo que fazia algum sentido no mundo. Eu a odiei, e odiei o homem sem nome e sem rosto que a roubara de mim. Fantasiei o que faria se alguma vez ele cruzasse o meu caminho, e a imagem não era nada bonita.

Ao mesmo tempo, ansiava por falar com ela. Quis voar imediatamente para casa, ou pelo menos ligar para ela. Parte de mim não queria acreditar naquilo, não podia acreditar. Não agora, não depois de tudo por que havíamos passado. Só faltavam nove meses! Depois de quase três anos, seria tão impossível esperar um pouco mais?

Porém não fui para casa e não liguei para Savannah. Não escrevi de volta nem tive contato com ela outra vez. Minha única ação foi recuperar a carta que tinha amarrotado. Alisei-a o melhor que pude, coloquei-a de volta no envelope e decidi levá-la comigo como se fosse um ferimento sofrido em combate. Nas semanas seguintes eu me tornei um combatente, fugindo para o único mundo que ainda me parecia real. Fui voluntário em toda missão que fosse considerada perigosa e quase não falava com ninguém em minha unidade. Não confiava em ninguém na cidade, e estaria mentindo se dissesse que fui paciente e compreensivo quando lidava com

iraquianos de qualquer espécie. Apesar de quase não dormir, meus sentidos estavam aguçados enquanto continuávamos a ser a ponta de lança na ofensiva sobre Bagdá. Ironicamente, foi só arriscando a vida que encontrei algum alívio da angústia que sentia ao pensar em Savannah e na realidade de que nosso relacionamento tinha acabado.

Minha vida acompanhou as mudanças no destino da guerra. Menos de um mês após eu receber a carta, Bagdá caiu. Apesar de um breve período promissor no início, as coisas ficaram piores e mais complicadas à medida que as semanas e os meses passavam. No fim, essa guerra não fora diferente de qualquer outra, sempre uma busca pelo poder e uma disputa de interesses. Entretanto, essa compreensão não fez com que a minha vida ficasse mais fácil. Após a queda de Bagdá, foram atribuídos os papéis de policial e de juiz a cada soldado em meu pelotão. Não tínhamos sido treinados para isso.

Mais de uma vez fui abordado por civis iraquianos que me diziam que certo indivíduo tinha roubado isto ou aquilo, ou cometido este ou aquele crime, e me pediam que fizesse alguma coisa a respeito. Essa não era nossa tarefa. Estávamos lá para manter certa aparência de ordem – o que significava basicamente matar insurgentes que tentavam matar outros civis – até que os locais fossem capazes de assumir e lidar com isso por conta própria. Esse processo específico não foi rápido nem fácil.

Enquanto isso, outras cidades se desintegravam no caos, e éramos enviados para restaurar a ordem. Nós limpávamos uma cidade dos insurgentes, mas, como não havia tropas suficientes para ficarem lá e mantê-la segura, os insurgentes conseguiam ocupá-la outra vez assim que saíamos de lá. Houve dias em que todos os meus homens, mesmo que não o fizessem abertamente, questionavam a utilidade de um determinado exercício.

O que estou dizendo é que não sei como descrever o estresse, a monotonia e a confusão que reinaram naqueles nove meses, exceto dizer que havia muita areia. Sim, sei que é um deserto, e sim, passei grande parte de meu tempo na praia, mas a areia lá era diferente. Ela entrava em suas roupas, sua arma, em caixas fechadas, em sua comida, em suas orelhas, pelo

nariz adentro e entre seus dentes. Quando eu cuspia, sentia sempre seu atrito em minha boca. Na maior parte do tempo, o Iraque não foi uma experiência tão ruim assim, mas às vezes era pior do que o inferno. No fim das contas, as pessoas não vão querer ouvir que um sujeito de minha unidade atirou sem querer num garotinho que só aconteceu de estar no lugar errado na hora errada. Ou que vi soldados serem feitos em pedaços quando foram de encontro a uma mina nas estradas nas cercanias de Bagdá. Ou que vi sangue formando poças na rua como se fosse água da chuva, escorrendo de partes de corpos. Não, as pessoas vão preferir ouvir falar de areia, porque isso mantém a guerra a uma distância segura.

Cumpri meu dever da melhor forma que sabia, realistei-me e fiquei no Iraque até fevereiro de 2004, quando finalmente fui mandado de volta para a Alemanha. Assim que voltei, comprei uma Harley e tentei fingir que havia saído da guerra sem cicatrizes; mas os pesadelos eram intermináveis e eu acordava na maioria das manhãs banhado em suor. Durante o dia estava sempre com os nervos à flor da pele e ficava irritado por qualquer coisa. Enquanto caminhava pelas ruas da Alemanha, era impossível não vigiar com cautela grupos de pessoas que pareciam estar vagando junto a prédios, e passava revistando janelas do centro comercial em busca de atiradores de elite. Meu psicólogo – todos tiveram que consultar um – me explicou que isso era normal e que com o tempo ia passar, mas eu às vezes me perguntava se realmente passaria.

Depois que deixei o Iraque, meu serviço na Alemanha parecia não ter quase nenhum sentido. Claro, eu trabalhava durante as manhãs e tinha aulas de navegação e de armamentos, mas as coisas tinham mudado. Por causa do ferimento na mão, Tony deu baixa e ganhou um Coração Púrpura, a condecoração para os feridos na guerra; foi enviado de volta ao Brooklyn logo após a queda de Bagdá. Outros quatro de meus homens receberam baixa honrosa no final de 2003 quando seu tempo de serviço terminou. Em suas mentes tinham cumprido seu dever, e era tempo de começar o restante de suas vidas. Eu, por outro lado, tinha me realistado. Não tinha certeza de que era a decisão certa, mas não sabia que outra coisa fazer.

Agora eu me sentia subitamente deslocado. Meu pelotão estava cheio de novatos. Embora fossem bons rapazes, não era a mesma coisa. Não eram os amigos com os quais eu vivera nos campos de treinamento e nos Bálcãs, não tinha ido à guerra com eles, e lá no fundo eu sabia que nunca estaria tão próximo deles quanto estivera de meu pelotão anterior. Para a maior parte dos nossos soldados eu era um estranho, e mantive as coisas assim. Eu me exercitava sozinho e evitava contato pessoal o máximo possível. Tornei-me o velho sargento cascudo para eles, alegando não querer nada mais do que garantir que voltassem inteiros para suas mães. Eu dizia isso o tempo todo ao meu pelotão, e estava sendo sincero. Faria o que fosse necessário para mantê-los em segurança. Mas, como disse, não era a mesma coisa.

Sem meus amigos, dediquei-me a meu pai o melhor que pude. Após meu turno no campo de batalha, passei com ele uma licença que tinha sido adiada, na primavera de 2004, depois outra mais tarde, no verão. Passamos mais tempo juntos nessas quatro semanas do que nos dez anos anteriores. Como ele havia se aposentado, estávamos livres para passar o dia como quiséssemos. Eu me senti à vontade nas rotinas dele. Tínhamos o café da manhã, saíamos em nossas três caminhadas e jantávamos juntos. Nos intervalos, falávamos de moedas e até compramos duas enquanto eu estava na cidade. A internet fazia com que isso fosse mais fácil do que era antigamente, e embora a busca já não fosse tão excitante, não sei se isso fazia diferença para meu pai.

Falei com negociantes de moedas com quem não tinha contato havia mais de quinze anos, mas foram tão amistosos e informativos quanto sempre tinham sido, e se lembraram de mim com prazer. O mundo das moedas, constatei, era pequeno, e quando nossa encomenda chegava – eram sempre enviadas em menos de 24 horas – meu pai e eu nos revezávamos para examinar as moedas, assinalando qualquer defeito existente, e em geral concordando com o grau que lhes fora conferido pelo Serviço Profissional de Classificação de Moedas, uma companhia que avalia a qualidade de qualquer moeda que lhe seja submetida. Embora minha mente se desvi-

asse às vezes para outras coisas, meu pai conseguia ficar olhando para uma moeda durante horas, como se ela guardasse o segredo da vida.

Não falamos muito sobre outros assuntos, mas não precisávamos disso. Ele não queria falar sobre o Iraque. Nenhum de nós dois tinha uma vida social para comentar. Contudo, eu estava preocupado com meu pai. Quando caminhava, sua respiração ficava ofegante. Quando sugeri que vinte minutos de caminhada talvez fossem demais, ele retrucou dizendo que o médico lhe afirmara que vinte minutos eram exatamente do que ele precisava.

Fui conversar com o médico e ouvi a última coisa que gostaria de ouvir: o coração de meu pai sofrera um dano considerável e, na opinião do médico, já era um milagre ele estar se movimentando tão bem. Falta de exercício seria ainda pior para ele.

Talvez tenha sido essa conversa com o médico, ou talvez tenha sido só porque eu queria melhorar meu relacionamento com meu pai, mas o fato é que nos demos melhor do que nunca nessas duas visitas. Em vez de pressioná-lo a manter uma conversa constante, eu me sentava com ele em seu cantinho, lendo um livro ou fazendo palavras cruzadas enquanto meu pai examinava moedas. Havia algo sereno e honesto nessa minha ausência de expectativas, e creio que meu pai estava pouco a pouco lidando melhor com a recente mudança que houvera entre nós dois.

Às vezes eu o surpreendia olhando para mim de um modo quase estranho. Passávamos horas juntos, a maior parte do tempo não falando absolutamente nada, e foi dessa maneira tranquila, despretensiosa, que ficamos amigos. Com frequência eu me surpreendia querendo que meu pai não tivesse jogado fora nossa fotografia, e quando chegou o momento de voltar para a Alemanha eu sabia que ia sentir falta dele como nunca sentira antes.

O outono de 2004 passou devagar, assim como o inverno e a primavera de 2005. A vida se arrastava sem acontecimentos marcantes. Ocasionalmente, rumores de um retorno ao Iraque interrompiam a monotonia de meus dias, mas como eu já tinha estado lá, a ideia de voltar pouco me afetou. Se ficasse na Alemanha, tudo bem. Se fosse para o Iraque, tudo bem

também. Como todo mundo, eu acompanhava o que estava acontecendo no Oriente Médio, mas assim que largava o jornal ou desligava a televisão, minha mente vagava para outras coisas.

Naquela época eu tinha 28 anos e não conseguia evitar o sentimento de que mesmo tendo vivenciado mais experiências do que a maioria das pessoas de minha idade, minha vida ainda estava estacionada. Tinha me alistado no Exército para amadurecer e, embora tudo indicasse que isso havia acontecido, às vezes me perguntava se era verdade.

Eu não possuía uma casa nem um carro, e com exceção do meu pai, estava totalmente só no mundo. Enquanto meus colegas tinham as carteiras estufadas de fotos de filhos e esposas, minha carteira continha um único e desbotado instantâneo de uma mulher que eu amei e perdi. Ouvia soldados falando de suas esperanças quanto ao futuro, enquanto eu não tinha plano algum. Às vezes me perguntava o que meus homens achavam de minha vida, pois havia momentos em que os surpreendia olhando para mim com curiosidade. Nunca lhes contei nada de meu passado. Não sabiam de Savannah ou de meu pai, ou de minha amizade com Tony. Tais lembranças eram minhas e somente minhas, pois eu tinha aprendido que era melhor manter algumas coisas em segredo.



Em março de 2005 meu pai teve um segundo infarto, que levou a uma pneumonia e a outro período na UTI. Quando recebeu alta, os remédios que tomava não permitiam que dirigisse, mas o assistente social do hospital me ajudou a encontrar alguém para trazer as compras de que necessitasse.

Em abril ele voltou para o hospital, onde lhe disseram que parasse com suas caminhadas também. Em maio estava tomando várias pílulas por dia, e eu soube que passava a maior parte do dia na cama. As cartas que escrevia eram quase ilegíveis, não só porque estava fraco, mas porque suas

mãos tinham começado a tremer. Depois de muito insistir e implorar ao telefone, convenci uma vizinha de meu pai – uma enfermeira que trabalhava no hospital local – a tomar conta dele regularmente, e com isso suspirei aliviado, enquanto continuava a contar os dias que faltavam para minha baixa, em junho.

Mas as condições de saúde de meu pai continuaram a piorar nas semanas seguintes, e ao telefone eu percebia sinais de um cansaço que parecia se aprofundar a cada vez que falava com ele. Pela segunda vez na vida pedi para ser transferido para casa. Meu comandante foi mais receptivo do que tinha sido antes. Pesquisamos um lugar adequado – e chegamos a preencher os papéis de transferência para Fort Bragg para treinamento em aerotransporte –, mas quando falei de novo com o médico ele me disse que o fato de eu estar mais perto não seria de grande ajuda para meu pai, e que eu considerasse interná-lo numa unidade de tratamento estendido. Meu pai precisava de mais cuidados do que eu poderia lhe prover em casa, ele me assegurou. Tinha tentado durante algum tempo convencê-lo disso – ele então só estava se alimentando de sopa –, mas meu pai se recusou a considerar o caso até que eu voltasse de licença. Por algum motivo, explicou o médico, meu pai estava determinado em receber-me em casa uma última vez.

Essa constatação foi arrasadora, e no táxi do aeroporto para casa eu tentei me convencer de que o médico estava exagerando. Mas não estava. Meu pai não conseguiu se levantar do sofá quando abri a porta, e foi impactante ver que no ano que se passara desde que o vira pela última vez ele parecia ter envelhecido trinta anos. Sua pele estava quase cinzenta, e fiquei chocado ao notar como tinha emagrecido. Com um nó na garganta, trouxe minha mochila para dentro.

– Oi, pai.

No início, fiquei pensando se ele tinha me reconhecido, mas depois ouvi um sussurro entrecortado.

– Oi, John.

Fui até o leito e me sentei a seu lado.

– Você está bem?

– Estou – respondeu ele, e por muito tempo ficamos ali sentados juntos, sem dizer mais nada.

Depois fui inspecionar a cozinha e fiquei espantado com o que encontrei lá. Latas de sopa vazias amontoadas por toda parte. Havia manchas no fogão, o lixo transbordava, e pratos mofados estavam empilhados na pia. Maços de correspondências que não tinham sido abertas cobriam a pequena mesa da cozinha. Era evidente que a casa não era limpa havia muitos dias. Meu primeiro impulso foi confrontar a vizinha que tinha concordado em cuidar dele. Mas essa discussão teria que esperar.

Em vez disso, achei uma lata de canja de galinha com macarrão e a esquentei no fogão imundo. Depois de encher uma tigela, eu a levei para meu pai numa bandeja. Ele sorriu debilmente e pude ver como estava grato. Esvaziou a tigela, raspando-a para aproveitar cada migalha, e a enchi de novo, ficando com mais raiva ainda e me perguntando quando meu pai tinha comido pela última vez. Quando ele limpou a tigela, eu o ajudei a se deitar. Ele adormeceu em poucos minutos.

A vizinha não estava em casa, então passei o resto da tarde e da noite limpando a casa, começando pela cozinha e pelo banheiro. Quando fui trocar os lençóis da cama dele e vi que estavam imundos, fechei os olhos e dominei o impulso de torcer o pescoço da vizinha.

Depois que a casa ficou razoavelmente limpa, sentei-me na sala, olhando meu pai dormir. Ele parecia muito pequeno sob o cobertor. Quando me inclinei para acariciar seu cabelo, algumas mechas se soltaram. Comecei a chorar, com a certeza de que meu pai estava morrendo. Era a primeira vez que eu chorava em muitos anos, e a única vez na vida em que chorei por meu pai, mas durante muito tempo as lágrimas não cessaram.

Eu sabia que ele era um bom homem, uma pessoa gentil e, apesar de ter tido uma vida atribulada, tinha feito o melhor que pôde para me criar. Nunca erguera a mão contra mim nem manifestara raiva, e comecei a me atormentar com lembranças dos anos que tinha desperdiçado o culpando.

Lembrei de minhas últimas duas visitas em casa e sofri com a ideia de que nunca mais compartilharíamos momentos simples como aqueles.

Mais tarde, carreguei meu pai para a cama. Ele estava leve em meus braços, leve demais. Puxei as cobertas para agasalhá-lo bem e fiz minha cama no chão a seu lado, ouvindo-o ofegar e roncar. Acordou tossindo no meio da noite e parecia que não ia parar; eu estava me preparando para levá-lo para o hospital, quando a tosse finalmente cedeu.

Ele ficou aterrorizado quando percebeu aonde eu queria levá-lo.

– Não... – pediu, com a voz fraca. – Não quero ir.

Fiquei indeciso, mas afinal não o levei. Para um homem de rotina, o hospital não era apenas um lugar estranho, mas também perigoso. Exigia mais energia para se ajustar do que ele sabia que conseguiria reunir. Foi então que notei que ele tinha sujado os lençóis de novo.

Quando a vizinha veio no dia seguinte, as primeiras palavras que proferiu foram de desculpas. Explicou que não tinha limpado a cozinha durante vários dias porque uma de suas filhas adoecera, mas que trocava os lençóis todos os dias e se assegurava de que meu pai dispunha de bastante comida enlatada. Vi em seu rosto como estava exausta, e todas as palavras de censura que eu tinha ensaiado se desvaneceram. Disse-lhe que estava grato pelo que fizera, mais grato do que ela poderia imaginar.

– Fiquei contente por poder ajudar. Ele sempre foi tão gentil. Nunca reclamou do barulho que meus filhos faziam quando eram adolescentes e sempre comprou deles o que quer que estivessem vendendo quando precisavam juntar dinheiro para excursões da escola ou coisas desse tipo. Ele cuidava bem do quintal e sempre aceitava quando lhe pedia para tomar conta da minha casa. Foi o vizinho perfeito.

Eu sorri. Encorajada, ela continuou:

– Mas você precisa saber que nem sempre ele me deixava entrar. Não gostava de onde eu guardava as coisas, de como eu limpava a casa ou de como eu movia uma pilha de papéis na escrivaninha dele. Às vezes, quando estava se sentindo bem, ele era bastante inflexível em não me deixar

entrar, e uma vez ameaçou chamar a polícia quando tentei entrar assim mesmo. Eu só...

Ela interrompeu o que estava dizendo, e eu completei por ela:

– Você não sabia o que fazer.

A culpa estava estampada em seu rosto.

– Está tudo bem. Sem você, não sei o que eu teria feito.

Ela assentiu, aliviada, antes de desviar o olhar.

– Estou feliz por estar em casa, porque queria falar com você sobre a situação dele. – Ela espanou um fiapo invisível da roupa. – Sei de um lugar ótimo onde ele pode ficar. A equipe é excelente. Conheço o diretor e ele conhece o médico de seu pai. Sei como é duro ouvir isso, mas creio que seria o melhor para ele. Queria...

Quando ela parou, deixando o resto da declaração em suspenso, senti como sua preocupação com meu pai era autêntica. Abri a boca para responder, mas não disse nada. Não era uma decisão tão fácil quanto parecia. Aquela casa era o único lugar que meu pai conhecia, em que se sentia à vontade. O único lugar no qual suas rotinas faziam sentido. Se uma estada no hospital já o aterrorizava tanto, ser obrigado a viver em algum lugar novo provavelmente o mataria. A questão não era apenas a de onde ele morreria, mas como morreria. Sozinho em casa, onde dormiria em lençóis sujos e possivelmente passaria fome até morrer? Ou com pessoas que poderiam alimentá-lo e limpá-lo, num lugar que o aterrorizava?

Com um tremor na voz que não consegui controlar, fiz a pergunta:

– Onde é?



Passei as duas semanas seguintes cuidando de meu pai. Alimentei-o o melhor que pude, lia para ele o *Greysheet* quando estava acordado, e dormia no chão ao lado de sua cama. Ele se sujava quase toda noite, o que me

obrigou a comprar fraldas geriátricas, para seu grande constrangimento. Ele dormia a maior parte da tarde.

Enquanto meu pai ficava no sofá, eu visitava várias instituições de terapia: não só a que a vizinha tinha recomendado, mas as que estavam num raio de duas horas de distância. No fim, ela tinha razão. O lugar que mencionara era limpo e a equipe parecia ser muito profissional, porém o mais importante foi que o diretor pareceu ter assumido um interesse pessoal no atendimento a meu pai. Se era por causa da vizinha ou do médico de meu pai, nunca descobri.

O preço não estava em questão. A instituição era notoriamente cara, mas como meu pai tinha uma aposentadoria, seguro social, Medicare e seguro privado adicional (posso imaginá-lo assinando para o vendedor do seguro na linha pontilhada anos atrás, sem compreender de fato o que estava pagando), eu tinha certeza de que o único custo seria o emocional. O diretor, com uns 40 anos e cabelo grisalho, cujos modos gentis me lembraram de certo modo Tim, foi compreensivo e não pressionou por uma decisão imediata. Em vez disso, ofereceu-me uma verdadeira pilha de informações e desejou tudo de bom para meu pai.



Naquela noite levantei a questão da mudança para meu pai. Eu teria que voltar em alguns dias e não tinha escolha, não importa quanto quisesse evitar isso.

Ele não disse nada. Expliquei meus motivos e minhas preocupações na esperança de que entendesse. Não fez perguntas, mas seus olhos ficaram arregalados com o choque, como se tivesse acabado de ouvir sua sentença de morte.

Quando terminei, ele precisou de um momento a sós. Dei um tapinha em sua perna e fui para a cozinha beber um copo d'água. Quando voltei

para a sala, meu pai estava todo encurvado no sofá, abatido e tremendo. Foi a única vez que o vi chorar.



Na manhã seguinte, comecei a empacotar as coisas de meu pai. Passei por todas as suas gavetas, armários e guarda-roupas. Numa das gavetas só havia meias; em outra, apenas camisas. Em seu arquivo, tudo estava etiquetado e organizado. Eu não deveria me surpreender. Meu pai, diferentemente da maioria da humanidade, não tinha nenhum segredo. Não tinha vícios, diários, interesses escusos nem uma caixa com coisas privadas. Não encontrei nada que me esclarecesse mais alguma coisa quanto à sua vida interior, nada que pudesse me ajudar a compreendê-lo depois que se fosse. Meu pai era aquilo que sempre parecera ser, e de repente me dei conta de quanto eu o admirava por isso.



Quando terminei de juntar suas coisas, meu pai estava acordado no sofá. Após alguns dias se alimentando com frequência, ele recobrou um pouco as forças. Havia um tênue brilho em seus olhos, e notei que tinha uma pá encostada na beirada da mesa. Ele segurava um pedaço de papel. Nele se via o que parecia ser um mapa rabiscado às pressas, com a legenda “QUINTAL” escrita por uma mão trêmula.

– O que é isto?

– É seu – respondeu ele e apontou para a pá.

Peguei-a, segui o roteiro mostrado no mapa até o carvalho no quintal, contei os passos e comecei a cavar. Em minutos ouvi o barulho da pá se chocando com metal e tirei de lá uma caixa. E mais uma debaixo dela. E mais uma ao lado. Dezesseis pesadas caixas ao todo. Sentei-me no pórtico enxugando o suor do rosto antes de abrir a primeira.

Eu já sabia o que ia encontrar. Fiquei ofuscado com o reflexo de moedas de ouro brilhando na causticante luz do sol de um verão do Sul. No fundo daquela caixa encontrei o *buffalo nickel* 1926-D que tínhamos ido buscar e encontrado juntos, sabendo que era a única moeda que de fato significava algo para mim.



No dia seguinte, o último de minha licença, tomei providências em relação à casa: despachei a correspondência, encontrei alguém que cortasse a grama e guardei as moedas desenterradas num cofre no banco. Cuidar desses detalhes tomou a maior parte do dia. Depois, no jantar, tomamos juntos uma última tigela de canja de galinha com macarrão e legumes levemente cozidos antes de levá-lo para a clínica. Desempacotei as coisas dele, decorei o quarto com os itens que achei que meu pai iria gostar e pus a coleção de doze anos de *Greysheet* no chão, debaixo da mesa. Mas não era suficiente, e depois de explicar a situação ao diretor, fui até casa outra vez para recolher ainda mais lembranças, o tempo todo esperando conhecer meu pai o bastante para saber o que realmente era importante para ele.

Minhas tentativas de tranquilizá-lo foram em vão. Ele continuou paralisado de medo, seu olhar de partir o coração. Mais de uma vez me ocorreu a noção de que eu o estava matando. Sentei-me na cama a seu lado, consciente das poucas horas que restavam antes de eu ter que ir para o aeroporto.

– Tudo vai ficar bem. Eles vão cuidar de você.

As mãos dele continuavam a tremer.

– Está bem – disse, numa voz quase inaudível.

Senti as lágrimas começando a se formar.

– Quero dizer uma coisa a você, está bem? – Inspirei fundo, focando meu pensamento. – Você é o melhor pai que existe no mundo. Só mesmo um grande pai para ter aguentado alguém como eu.

Meu pai não respondeu. No silêncio, senti todas as coisas que sempre

quis dizer a ele forçando caminho para chegar à superfície, palavras que tinham levado toda uma vida para se formar.

– Estou sendo sincero, pai. Sinto muito por todas as coisas ruins pelas quais fiz você passar e por não ter ficado com você mais tempo. Você é a melhor pessoa que conheci. É o único que nunca ficou zangado comigo, nunca me julgou e, de algum modo, me ensinou mais sobre a vida do que qualquer filho poderia pedir. Sinto não poder ficar com você agora, e estou me odiando por ter que fazer isso com você. Mas estou com medo, pai. Não sei o que mais posso fazer.

Minha voz soava embargada e irregular em meus próprios ouvidos, e a única coisa que queria era que ele pusesse um braço em torno de mim.

– Está bem – disse ele finalmente.

Sorri com essa resposta. Não consegui evitar.

– Eu amo você, pai.

A isso ele soube responder, pois sempre tinha sido parte de sua rotina.

– Também amo você, John.

Eu o abracei, depois me levantei e trouxe o último número de *Greysheet*. Quando cheguei à porta, parei uma vez mais e olhei para ele.

Pela primeira vez desde que chegara lá, o medo tinha quase ido embora. Meu pai segurava o jornal perto do rosto e vi que a página tremia um pouco. Seus lábios se moviam, concentrado em ler as palavras, e me obriguei a estudá-lo, esperando poder memorizar seu rosto para sempre.

Foi a última vez que o vi vivo.



Meu pai morreu sete semanas depois. Recebi uma licença de emergência para comparecer ao funeral.

O voo de volta aos Estados Unidos está embaçado em minha memória. Tudo que consegui fazer foi ficar olhando pela janela, para o cinza disforme do oceano milhares de metros abaixo de mim, desejando ter ficado com ele em seus momentos finais. Não tinha me barbeado nem tomado banho, nem mesmo trocado de roupa depois de ouvir a notícia, como se ir até lá do jeito como passava meu dia a dia significasse que aceitava totalmente a ideia de que ele se fora.

No terminal e no caminho para minha casa, percebi que estava ficando cada vez mais enraivecido com as cenas da vida cotidiana que se desenrolavam à minha volta. Via pessoas dirigindo seus carros ou caminhando, ou entrando e saindo de lojas, agindo normalmente, mas para mim nada parecia normal.

Foi somente quando voltei para casa que me lembrei de que tinha desligado todos os aparelhos quase dois meses antes. Sem luz, a casa parecia estar estranhamente isolada na rua, como se não pertencesse a ela. *Como meu pai*, constatei. De algum modo esse pensamento permitiu que eu chegasse até a porta.

Enfiado no batente de nossa casa estava o cartão de visitas de um advogado chamado William Benjamin; no verso, ele alegava representar meu pai. Como eu tinha suspendido o serviço telefônico, liguei da casa vi-

zinha, e fiquei surpreso quando ele apareceu bem cedo na manhã seguinte, com sua pasta na mão.

Levei-o para dentro da casa em penumbra, e ele se sentou no sofá. Seu terno devia custar mais do que eu ganhava em dois meses. Depois de se apresentar e dar os pêsames por minha perda, ele disse:

– Estou aqui porque gostava de seu pai. Foi um de meus primeiros clientes, então não vou cobrar por isso. Ele me procurou logo após você nascer para fazer um testamento. Todo ano, na mesma data, eu recebia pelo correio uma carta dele, onde listava todas as moedas que tinha adquirido. Ele as estava destinando a você desde que você era um menino.

Eu estava chocado demais para conseguir falar.

– Seja como for, seis semanas atrás ele me escreveu uma carta informando que você finalmente estava de posse das moedas, e queria ter certeza de que tudo estava em ordem, de modo que atualizei seu testamento uma última vez. Quando me contou onde estava vivendo, imaginei que não estivesse muito bem, por isso liguei para ele. Seu pai não disse muita coisa, mas me deu permissão para falar com o diretor, que me prometeu que me informaria quando seu pai falecesse, para que eu pudesse me encontrar com você. Logo, aqui estou.

Ele começou a vasculhar a pasta, então acrescentou:

– Sei que está cuidando dos preparativos para o funeral e que a hora não é boa, mas seu pai me avisou que você não ia ficar muito tempo e que eu deveria cuidar dos negócios dele. São palavras dele, não minhas. Bem, aqui está. – Ele me passou um envelope pesado. – O testamento dele, uma lista com cada moeda da coleção, inclusive sua qualidade e a data de aquisição, e todas as providências para o funeral... que já está pago, aliás. Eu prometi a ele que cuidaria do espólio até a aprovação do último detalhe, mas isso não será um problema, já que o inventário é pequeno e você é filho único. Se quiser, posso encontrar alguém que fique com tudo que você não quiser manter, e faço os arranjos necessários para vender a casa também. Seu pai disse que talvez você não tivesse tempo para isso. – Ele fechou a pasta. – Como disse, gostei de seu pai. Em geral você tem que con-

vencer as pessoas da importância de todas essas medidas, mas não seu pai. Ele era um homem metódico.

– É – concordei. – Ele era.



Como tinha dito o advogado, tudo fora providenciado. Meu pai havia escolhido o tipo de sepultura que queria, separado sua roupa e até optado por seu caixão. Eu deveria ter esperado por essa atitude, mas isso só reforçou minha convicção de que nunca o compreendera de fato.

Em seu funeral, num dia quente e chuvoso de agosto, poucas pessoas compareceram. Dois ex-colegas de trabalho, o diretor da clínica, o advogado e a vizinha eram os únicos a meu lado durante o enterro. Partiu meu coração – por completo, em um milhão de pedaços – que no mundo inteiro só essas pessoas tivessem conhecido o valor de meu pai. Depois que o pastor terminou a oração, me perguntou se eu queria acrescentar alguma coisa. Minha garganta estava apertada, e precisei reunir todas as forças que tinha para simplesmente balançar a cabeça e declinar.



De volta em casa, sentei na beirada da cama de meu pai. Àquela altura a chuva tinha cessado e a luz do sol se esgueirava pela janela. A casa tinha um odor estagnado, quase bolorento, mas eu ainda era capaz de sentir o cheiro de meu pai em seu travesseiro. A meu lado estava o envelope que o advogado tinha trazido. Tirei os papéis que ele continha. O testamento vinha primeiro. Debaixo dele estava a fotografia emoldurada que meu pai tinha retirado de sua escrivaninha havia tanto tempo, a única fotografia existente de nós dois.

Eu a trouxe bem para perto do rosto e fiquei olhando para ela até as lágrimas encherem meus olhos.



Naquela tarde, Lucy, minha antiga ex-namorada, apareceu. Quando a vi à porta, não soube o que dizer. Já não era mais a garota bronzeada da minha adolescência; em seu lugar estava uma mulher vestindo um terninho escuro muito caro e uma blusa de seda.

– Sinto muito, John – sussurrou ela, vindo até mim.

Lucy me deu um abraço apertado, e a sensação de seu corpo contra o meu foi como a de um copo de água fresca num dia quente de verão. Usava um perfume muito suave, que não identifiquei, mas que me fez pensar em Paris, mesmo nunca tendo estado lá.

– Acabei de ler o obituário. Sinto por não ter conseguido ir ao funeral.

– Tudo bem – respondi e fui em direção ao sofá. – Não quer entrar?

Ela se sentou a meu lado. Quando notei que não estava usando a aliança, ela recolheu a mão.

– Não deu certo. Eu me divorciei no ano passado.

– Sinto muito.

– Eu também – disse ela, procurando minha mão. – E com você, está tudo bem?

– Sim – menti. – Estou bem.

Conversamos um pouco sobre os velhos tempos; ela não acreditou muito em minha alegação de que seu último telefonema tinha me levado a me alistar no Exército. Eu expliquei que era exatamente do que estava precisando na época. Ela me contou de sua carreira – ajudava a projetar e instalar pontos de venda em lojas de departamentos – e perguntou sobre o Iraque. Eu falei da areia. Ela riu e não me perguntou mais nada sobre isso. Com o tempo, nossa conversa foi perdendo o ímpeto quando percebemos quanto havíamos mudado. Talvez porque uma vez tínhamos sido tão próximos, ou talvez porque ela fosse mulher, pude sentir como ela me examinava, já sabendo o que perguntaria em seguida.

– Você está apaixonado por alguém, não está?

Mantive as mãos no colo e olhei pela janela. No lado de fora o céu estava novamente escuro e nublado, prenunciando mais chuva.

– Sim – admiti.

– Qual é o nome dela?

– Savannah.

– Ela está aqui?

Hesitei.

– Não.

– Quer falar sobre isso?

Não, quis dizer. Não queria falar sobre isso. Tinha aprendido no Exército que histórias como a nossa eram tão chatas quanto previsíveis. Embora todos pedissem, na verdade ninguém queria ouvi-las.

Mas eu contei tudo, do início ao fim, com mais detalhes do que pretendia, e mais de uma vez ela procurou minha mão. Não tinha percebido como fora difícil manter tudo dentro de mim, e quando terminei creio que Lucy soube que eu precisava ficar sozinho. Beijou-me no rosto e foi embora.

Comecei a percorrer a casa. Ia de quarto em quarto, pensando em meu pai e em Savannah, me sentindo um estranho, e aos poucos chegando à constatação de que havia outro lugar aonde eu tinha que ir.



Naquela noite, pela primeira vez na vida, dormi na cama de meu pai. A tempestade tinha passado e fazia muito calor. Mesmo abrindo a janela, fiquei me mexendo e rolando na cama durante horas. Quando me arrastei para fora dela na manhã seguinte, achei as chaves do carro de meu pai penduradas na cozinha. Joguei minha bagagem no banco de trás e peguei algumas coisas da casa que queria guardar comigo. Não havia muito além da fotografia. Depois disso, liguei para o advogado e aceitei sua oferta de vender o imóvel.

Na garagem, levou alguns segundos até o motor pegar. Saí de ré, fechei a porta da garagem e a tranquei. Do pátio, fiquei olhando para a casa, pensando em meu pai e sabendo que nunca mais veria aquele lugar.



Fui de carro até a clínica, peguei os pertences de meu pai e depois saí de Wilmington, seguindo para oeste pela interestadual. Já fazia anos desde a última vez que estivera nessa estrada, mas a sensação de familiaridade começou a voltar em ondas. Passei pelas cidades de minha juventude e por Raleigh, em direção a Chapel Hill, onde as lembranças lampejaram com dolorosa intensidade, e me surpreendi afundando o pé no acelerador, tentando deixá-las para trás.

Passei por Burlington, Greensboro e Winston-Salem. Exceto por uma

parada num posto de gasolina, fui sempre em frente, incapaz de sequer pensar em comer. A fotografia de meu pai estava no assento a meu lado, e de vez em quando eu tentava relembrar o menino do retrato. Em certo ponto virei à direita tomando o rumo do norte e seguindo por uma pequena estrada que serpenteava em meio a montanhas de picos azuis que se estendiam para o norte e para o sul.

Já era quase noite quando encostei o carro e fiz check-in num surrado hotel de beira de estrada. Depois de alguns minutos, tomei um banho e me barbeei. Vesti uma calça jeans limpa e uma camiseta e fiquei indeciso quanto a ir ou não comer alguma coisa. Por mais estranho que parecesse, ainda estava sem fome. Com o sol já baixo no horizonte, o ar não tinha aquele calor úmido e opressivo do litoral, e senti o aroma das coníferas que se estendiam montanha abaixo. Era onde Savannah tinha nascido, e de algum modo eu sabia que ela ainda estava lá.

Embora eu pudesse ir à casa dos pais dela e perguntar, descartei a ideia, não sabendo como eles iriam reagir à minha presença. Em vez disso, dirigi pelas ruas de Lenoir, passando pelo distrito comercial e por sua diversificada série de lanchonetes e restaurantes. Só diminuí a marcha quando cheguei à parte mais pitoresca da cidade. Era o setor de Lenoir que não tinha mudado, no qual turistas eram bem recebidos, mas nunca seriam considerados locais. Estacionei num decrepito salão de bilhar, que me fez lembrar alguns dos lugares habituais de minha juventude. Letreiros de néon anunciando cerveja pendiam nas janelas, e o estacionamento estava cheio. Era num lugar assim que eu acharia a resposta da qual precisava.

Entrei. Uma música country saía aos brados de uma jukebox e filetes de fumaça de cigarro pairavam no ar. Havia quatro mesas de bilhar, bem juntas uma da outra; todos os jogadores usavam bonés e dois deles tinham claramente pedaços de fumo de mascar grudados no rosto. Troféus de pesca estavam pendurados nas paredes, cercados de memorabilia da NASCAR: fotos de Talladega, Martinsville, North Wilkesboro e Rockingham. Embora minha opinião sobre esse esporte não tivesse mudado, a visão me deixou estranhamente à vontade. Num canto do bar havia um pote cheio de

dinheiro, com um pedido de donativos para ajudar uma vítima de câncer local. Num inesperado impulso de simpatia, joguei alguns dólares lá dentro.

Sentei-me ao balcão e comecei a falar com o barman. Tinha mais ou menos a minha idade, e seu sotaque montanhês me lembrou Savannah. Após vinte minutos de conversa amena, tirei a foto dela da carteira e expliquei que era um amigo da família. Mencionei os nomes dos pais dela e fiz perguntas que implicavam que eu já estivera lá.

Ele estava ressabiado, e com razão. Cidades pequenas protegem seus moradores, mas acontece que ele tinha passado alguns anos no Corpo de Fuzileiros Navais, e isso ajudou. Em certo momento, assentiu.

– Sim, eu a conheço. Ela mora fora da cidade, em Old Mill Road, perto da casa dos pais.

Passava um pouco das oito horas da noite, o céu estava escurecendo à medida que as horas passavam. Dez minutos depois, deixei uma boa gorjeta no bar e saí.



Enquanto subia pela estrada de terra, comecei a reconhecer os pontos de referência; sabia que em poucos minutos veria a casa dos pais de Savannah. Quando passei por ela, inclinei-me sobre o volante, procurando a próxima interrupção da cerca antes de dobrar para uma longa estrada de cascalho. Ao fazer a curva, vi uma placa pintada à mão indicando algo chamado “Esperança & Cavalos”.

O estalar dos pneus ao passar pelo cascalho era um som estranhamente reconfortante. Estacionei sob um salgueiro, junto a uma pequena e maltratada picape. Olhei para a casa. Era quadrada, tinha um telhado bem inclinado com chaminé, pintura branca descascando e parecia centenária. Uma única lâmpada brilhava acima da porta de entrada gasta, e uma pequena planta num vaso pendia junto a uma bandeira americana, ambas oscilando

suavemente à brisa. A um lado da casa, havia um velho celeiro e um pequeno curral; mais além, um pasto verde-esmeralda, rodeado por uma bem-cuidada cerca branca que se estendia até uma fileira de maciços carvalhos. Junto ao celeiro se via outra construção, e nas sombras pude enxergar a silhueta de um equipamento agrícola envelhecido. Perguntei-me de novo o que estava fazendo lá.

Não era tarde demais para desistir e ir embora, mas não consegui me obrigar a dar meia-volta. O céu exibia tons de vermelho e amarelo antes de o sol desaparecer no horizonte, envolvendo as montanhas em soturna escuridão. Saí do carro e comecei a me aproximar da casa. O orvalho na grama molhava meus sapatos, e mais uma vez senti o aroma das coníferas. Ouvia o estridular dos grilos e o canto de um rouxinol. Os sons pareciam estar me fortalecendo quando cheguei à varanda. Tentei pensar no que ia dizer a Savannah se ela viesse abrir a porta. Ou o que diria ao marido dela. Enquanto tentava decidir o que fazer, um golden retriever se aproximou de mim abanando a cauda.

Estendi a mão, e ele me lambeu amistosamente antes de se virar e trotar degraus abaixo. A cauda continuou a se agitar enquanto ele contornava a casa. Ouvindo o mesmo chamado que me trouxera a Lenoir, deixei a varanda e o segui. Ele se arrastou sobre a barriga, passando por baixo da cerca, e entrou no celeiro.

Assim que o cão desapareceu, vi Savannah surgir do celeiro com fardos de feno nos braços. Cavalos vieram galopando do pasto em sua direção, enquanto ela distribuía a forragem em vários cochos. Continuei a avançar. Ela estava se limpando da palha e se preparando para voltar ao celeiro quando inadvertidamente olhou em minha direção. Deu um passo, olhou de novo e ficou paralisada.

Por um longo momento nenhum de nós dois se mexeu. Quando seu olhar cruzou com o meu, percebi que fora um erro ter vindo sem avisar. Sabia que devia dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas nada me veio à mente. Tudo que consegui fazer foi encará-la.

As lembranças vieram, todas elas, e notei como Savannah tinha muda-

do pouco desde a última vez que a vira. Como eu, vestia calça jeans e uma camiseta, manchada e suja, e suas botas de caubói estavam gastas e puídas. De algum modo, essa aparência despojada lhe conferia um encanto rústico. Seu cabelo estava mais comprido do que eu me lembrava, mas ainda tinha a pequena abertura entre os dentes da frente que eu sempre amei.

– Oi, Savannah.

Foi só depois de eu falar que ela percebeu que estava tão fascinada quanto eu. Na mesma hora abriu um amplo sorriso de inocente prazer.

– John? – gritou ela.

– É bom ver você de novo.

Ela balançou a cabeça, como que tentando clarear a mente, depois olhou para mim novamente. Quando enfim se convenceu de que eu não era uma miragem, correu até o portão e o atravessou num salto. Um momento depois, senti seus braços em volta de mim, o corpo quente e acolhedor. Por um segundo, nada parecia ter mudado. Eu queria abraçá-la para sempre, mas a ilusão se desfez quando ela recuou. Éramos estranhos mais uma vez. Em sua expressão residia a pergunta que eu não fora capaz de responder durante a longa viagem até lá:

– O que está fazendo aqui?

Desviei o olhar.

– Não sei. Eu simplesmente tinha que vir.

Ela ficou calada, mas havia um misto de curiosidade e hesitação em seu semblante, como se não estivesse certa de que queria mais explicações. Dei um pequeno passo para trás, dando-lhe espaço. Podia ver a silhueta dos cavalos na escuridão e senti que os acontecimentos dos últimos dias me atingiam novamente.

– Meu pai faleceu – sussurrei, as palavras parecendo vir do nada. – Estou vindo do funeral.

Ela se manteve silenciosa, sua expressão se suavizando até aquela compaixão espontânea que uma vez tanto me atraía.

– John, sinto muito – murmurou.

Savannah se aproximou, e dessa vez havia uma urgência em seu abra-

ço. Quando se afastou, metade de seu rosto estava na sombra.

– Como aconteceu? – perguntou ela, sua mão se demorando na minha.

Pude sentir uma tristeza autêntica em sua voz. Fiz uma pausa, incapaz de resumir os dois últimos anos numa única declaração.

– É uma longa história – respondi.

À luz que vinha do celeiro, pensei enxergar em seu olhar memórias que ela queria manter enterradas, uma vida de muito tempo atrás. Quando largou minha mão, vi sua aliança brilhando no dedo anelar esquerdo e recebi uma ducha fria de realidade.

Savannah percebeu minha expressão.

– Sim, eu me casei.

– Sinto muito – falei, balançando a cabeça. – Não devia ter vindo.

Surpreendendo-me, ela fez um leve gesto com a mão, descartando meu comentário.

– Está tudo bem – disse, inclinando a cabeça. – Como me encontrou?

– É uma cidade pequena – respondi, dando de ombros. – Perguntei a uma pessoa.

– E ela simplesmente... contou?

– Fui persuasivo.

A situação era constrangedora, e nenhum dos dois parecia saber o que dizer. Parte de mim esperava continuar ali de pé enquanto relembrávamos como velhos amigos tudo que acontecera em nossas vidas desde que nos víamos pela última vez. Outra parte esperava ver seu marido sair da casa a qualquer momento para apertar minha mão ou me desafiar para uma luta. Em meio ao silêncio reinante, um cavalo relinchou e, atrás dela, vi quatro cavalos com as cabeças abaixadas e enfiadas nos cochos, meio na sombra, meio no círculo da luz que vinha do celeiro. Outros três, inclusive Midas, olhavam para Savannah, como que perguntando se ela os tinha esquecido. Savannah finalmente olhou por cima do ombro.

– Preciso cuidar deles. É a hora de eles comerem, e estão ficando ansiosos.

Quando assenti, Savannah deu um passo para trás e se virou. Ao chegar

ao portão, ela me chamou com um aceno.

– Quer me dar uma ajuda?

Hesitei, fitando a casa. Ela seguiu meu olhar.

– Não se preocupe. Ele não está aqui, e eu preciso mesmo de ajuda.

Sua voz estava surpreendentemente firme. Embora eu não soubesse ao certo como interpretar sua resposta, assenti.

– Com prazer.

Savannah fechou o portão assim que passei por ele e apontou para um monte de esterco.

– Cuidado para não pisar, pode deixar seus sapatos manchados.

Dei um grunhido.

– Vou tentar.

Ela pegou um fardo de feno no celeiro, depois mais dois, e os passou para mim.

– É só pôr isso nos cochos ao lado dos outros. Vou buscar aveia.

Segui suas instruções, e os cavalos se aproximaram. Savannah chegou trazendo dois baldes.

– Dê um pouco de espaço a eles. Podem derrubar você sem querer.

Eu me afastei, e Savannah pendurou os baldes na cerca. O primeiro grupo de cavalos veio trotando em direção a eles. Savannah os contemplava com evidente orgulho.

– Quantas vezes por dia você precisa alimentá-los?

– Duas vezes, todo dia. Só que eles exigem mais do que apenas alimentação. Você se espantaria de saber como eles podem ser estabanados às vezes. O veterinário está na minha lista de discagem rápida.

Eu sorri.

– Parece que dá muito trabalho.

– E dá. Dizem que ter um cavalo é como viver preso a uma âncora. A menos que tenha alguém para ajudar, é difícil sair daqui, até mesmo para um fim de semana.

– Seus pais aparecem por aqui?

– Às vezes, quando preciso muito deles. Mas meu pai está ficando ve-

lho, e há uma grande diferença entre cuidar de um cavalo e cuidar de sete.

– Imagino.

Naquele morno abraçar da noite, eu ouvia o canto das cigarras, respirando em meio à paz daquele refúgio, tentando acalmar os pensamentos que passavam em disparada por minha cabeça.

– Este é exatamente o tipo de lugar em que imaginei você vivendo – falei por fim.

– Eu também. Só que é muito mais difícil do que pensei que ia ser. Tem sempre alguma coisa que precisa ser consertada. Você não imagina quantas goteiras havia no celeiro, e grandes trechos da cerca desabaram no último inverno. Foi nisso que nós trabalhamos durante a primavera.

Embora presumisse que “nós” se referia ao marido, eu não estava pronto ainda para falar sobre ele. E parecia que ela também não.

– Mas é bonito aqui, mesmo dando todo esse trabalho. Em noites como esta gosto de me sentar na varanda e ficar ouvindo o mundo. Quase não ouço carros passando, e é tudo tão... sereno. Ajuda a clarear a mente, ainda mais após um longo dia.

Percebi o modo como Savannah media as palavras e sua vontade de manter nossa conversa em terreno seguro.

– Aposto que sim.

– Preciso limpar alguns cascos. Quer ajudar?

– Não sei o que fazer.

– É fácil – disse ela.

Savannah entrou no celeiro e saiu trazendo o que parecia ser alguns pregos encurvados. Entregou-me um deles. Enquanto os cavalos comiam, ela se aproximou de um dos animais.

– Tudo que você precisa fazer é agarrar a pata junto ao casco e puxar, enquanto dá um tapinha atrás da perna dele, assim – disse, demonstrando.

O cavalo, ocupado com a palha, obedientemente levantou o casco. Ela o encaixou entre as próprias pernas.

– Agora é só raspar a sujeira em torno da ferradura.

Fui até o cavalo ao lado dela e tentei replicar os gestos de Savannah,

mas nada aconteceu. O animal era tão grande quanto teimoso. Puxei a pata mais uma vez e dei uma batidinha no lugar certo, depois puxei e bati outra vez. O cavalo continuou a comer, ignorando meus esforços.

– Ele não quer levantar a pata – reclamei.

Ela terminou de limpar o casco, depois se curvou junto a meu cavalo. Um tapinha e um puxão depois, o casco estava no lugar entre as pernas dela.

– Claro que quer. Ele apenas sabe que você não tem ideia do que está fazendo e que não se sente à vontade perto dele. Você precisa demonstrar segurança.

Ela deixou a pata cair e eu tomei seu lugar, tentando outra vez. O cavalo tornou a me ignorar.

– Olhe como eu faço – explicou ela, com cautela.

– Eu estava olhando – protestei.

Ela repetiu o exercício; o cavalo ergueu a pata. Um momento depois, eu a imitei e ele me ignorou. Embora eu não consiga ler a mente de um cavalo, tinha a estranha impressão de que o animal estava se divertindo com meus esforços. Frustrado, bati e puxei insistentemente até que enfim, como que por mágica, a pata do cavalo se ergueu. Mesmo tendo sido uma conquista irrisória, uma onda de orgulho me invadiu. Pela primeira vez desde que eu tinha chegado, Savannah riu.

– Bom trabalho. Agora só raspe a lama seca e passe para outro casco.

Savannah fez o serviço com os outros seis cavalos enquanto eu fazia com um. Quando terminamos, ela abriu o portão e os animais foram trotando para o pasto às escuras. Eu não sabia o que esperar, mas Savannah foi em direção à construção anexa. Tinha na mão duas pás.

– Chegou a hora de fazer uma limpeza – disse, entregando-me uma das pás.

– Limpeza?

– Do esterco – respondeu ela. – Se não, ele pode tomar conta de tudo aqui.

Peguei a pá.

– Você faz isso todos os dias?

– A vida não é um mar de rosas – provocou.

Ela tornou a se afastar e voltou com um carrinho de mão.

Enquanto recolhíamos o esterco, a lua começou sua subida acima do topo das árvores. Trabalhamos em silêncio, o tinido e o arrastar da pá num ritmo constante preenchendo o ar. Terminamos pouco tempo depois, e me apoiei em minha pá, olhando para ela. Na sombra do celeiro, Savannah era encantadora e esquiva como uma aparição. Ela não disse nada, mas percebi que estava me avaliando.

– Por que está aqui, John?

– Você já me perguntou isso.

– Eu sei, mas você não me respondeu.

Verdade, eu não tinha respondido. Não estava certo de que pudesse explicar nem a mim mesmo, e fiquei passando o peso do meu corpo de uma perna para a outra.

– Não sabia a que outro lugar poderia ir.

Surpreendendo-me, ela assentiu.

– De algum modo, você foi a melhor amiga que eu já tive.

Vi sua expressão ficar mais suave.

– Tudo bem.

Sua resposta me fez lembrar meu pai. Talvez ela tenha se dado conta disso também depois. Eu me forcei a olhar em volta, por toda a propriedade.

– Este é o rancho com que você sonhou desde o início, não é? – perguntei. – Esperança & Cavalos... É para ajudar no tratamento de crianças autistas, certo?

Ela passou a mão pelo cabelo, tirando uma palha de trás da orelha. Parecia estar satisfeita por eu ter me lembrado.

– Sim – confirmou. – É, sim.

– É tudo como você pensou que seria?

Savannah riu e jogou as mãos para mim.

– Às vezes. Mas não pense nem por um segundo que rende o bastante

para pagar as contas. Nós dois temos empregos, e todo dia me dou conta de que não aprendi na escola tanto quanto achava que tinha aprendido.

– Não?

Ela balançou a cabeça.

– Algumas crianças que aparecem por aqui, ou no centro, são difíceis de tratar. – Savannah hesitou, tentando encontrar as palavras certas. Por fim balançou a cabeça. – Acho que pensei que todas as outras crianças seriam como Alan, sabe? Você se lembra de quando lhe falei sobre ele?

Quando aquiesci, ela continuou:

– Acontece que a condição de Alan era especial. Não sei, talvez porque tenha crescido num rancho, mas ele se adaptou a isso com muito mais facilidade do que a maioria das crianças.

Como ela não prosseguiu, lancei-lhe um olhar interrogativo.

– Não foi o que você me contou. Pelo que me lembro, Alan ficou aterrorizado no início.

– É, eu sei. Mesmo assim... ele se acostumou com isso. E essa é a questão. Não saberia dizer quantas crianças temos aqui que nunca se adaptam inteiramente, não importa quanto trabalhemos com elas. Não é questão de um só fim de semana; algumas têm vindo aqui com frequência por mais de um ano. Nós trabalhamos no centro de avaliação de desenvolvimento, assim passamos muito tempo com elas. Quando começamos com o rancho, insistimos em que fosse aberto a todas, não importava a gravidade da condição. Sentimos que esse era um comprometimento importante, mas com algumas crianças... eu só queria saber como conseguir ter acesso a elas.

Percebi que Savannah estava organizando as ideias.

– Não quero dizer que estamos desperdiçando nosso tempo – continuou. – Algumas crianças têm se beneficiado do trabalho que fazemos. Elas vêm aqui, passam alguns fins de semana e é como... um botão de flor se abrindo lentamente e se transformando em algo muito bonito. Assim como aconteceu com Alan. É como se você pudesse sentir a mente se abrindo a novas ideias e possibilidades, e quando estão montando com um

grande sorriso no rosto é como se nada mais importasse no mundo. É um sentimento inebriante, e você quer que isso aconteça o tempo todo com todas as crianças que vêm aqui. Eu costumava pensar que era uma questão de persistência, que poderíamos ajudar cada uma delas, mas não podemos. Algumas crianças nem se aproximam dos cavalos, muito menos os montam.

– Você sabe que não é culpa sua. Eu também não fiquei muito animado com a ideia de montar, lembra?

Ela deu uma risada, parecendo uma garotinha.

– Sim, eu lembro. Na primeira vez que você montou num cavalo, estava mais apavorado do que muitas das crianças.

– Não, eu não estava – protestei. – Além disso, Pepper era muito arisco.

– Rá! Por que você acha que deixei você com ele? Pepper é o cavalo mais manso que você possa imaginar. Ele nem se remexe quando alguém o monta.

– Ele era arisco – insisti.

– Você falou como um autêntico novato – provocou ela. – Porém, mesmo estando errado, fico sensibilizada por você se lembrar.

Sua jovialidade trouxe de volta uma onda de lembranças.

– Claro que eu me lembro. Aqueles foram os melhores dias da minha vida. Nunca vou me esquecer deles.

Por cima do ombro dela, eu via o cão vagando pelo pasto.

– Talvez seja por isso que ainda não sou casado – concluí.

Quando ela ouviu isso, seu olhar vacilou.

– Eu me lembro também.

– Lembra?

– Claro – respondeu ela. – Você pode não acreditar, mas é verdade.

As palavras pairaram no ar.

– Você está feliz, Savannah?

Ela abriu um sorriso torto.

– A maior parte do tempo. Você não está?

– Não sei – respondi, o que a fez rir de novo.

– É sua resposta-padrão, você sabe disso. Quando pedem que olhe dentro de si para poder responder. É como se fosse um reflexo seu. Sempre foi. Por que não me pergunta o que realmente quer perguntar?

– O que é que eu realmente quero perguntar?

– Se eu amo ou não meu marido. Não é o que deseja saber? – perguntou, desviando o olhar por um momento.

Por um instante fiquei calado, mas percebi que seus instintos estavam corretos. Esse era o real motivo de eu estar ali.

– Sim – disse ela por fim, lendo minha mente mais uma vez. – Eu o amo.

A inconfundível sinceridade em seu tom de voz me doeu, mas antes que eu pudesse processá-la, ela voltou o rosto para mim. Vi ansiedade em sua expressão, como que se Savannah se lembrasse de algo doloroso, mas foi algo passageiro.

– Você já comeu? – perguntou ela.

Eu ainda estava tentando dar algum sentido ao que tinha acabado de ouvir.

– Não. Na verdade, não tomei café da manhã nem almocei.

Ela balançou a cabeça.

– Tenho ensopado de carne. Tem tempo para jantar?

Mesmo tendo pensado de novo no marido de Savannah, assenti.

– Tenho.

Fomos em direção à casa e paramos ao chegar à varanda, onde se enfileiravam botas surradas e cheias de lama. Savannah procurou apoio em meu braço de um modo que me impactou por ser tão fácil e natural, usando-me para se equilibrar enquanto descalçava as botas. Talvez tivesse sido seu toque que me fez ousar olhar para ela de verdade e, embora vendo aquele ar de mistério e de maturidade que sempre a tornava atraente, notei um indício de tristeza e de reticência também. Para meu coração dolorido, essa combinação a deixava ainda mais bonita.



Sua pequena cozinha era o que se poderia esperar de uma casa que provavelmente fora reformada meia dúzia de vezes durante o último século: pisos revestidos de linóleo antigo que descascavam um pouco junto às paredes; armários funcionais, brancos, sem ornamentos – com espessas e incontáveis camadas de pintura –, e uma pia de aço inoxidável embaixo de uma janela com caixilhos de madeira que deviam ter sido substituídos anos atrás.

O tampo do balcão estava rachando, e havia um fogão a lenha encostado numa parede, tão antigo quanto a casa. Em alguns lugares era possível ver a invasão do mundo moderno: uma grande geladeira e uma lava-louça junto à pia; um micro-ondas perto de uma garrafa de vinho pela metade. De algum modo, me lembrava a cozinha de meu pai.

Savannah abriu um armário e tirou uma taça.

– Gostaria de vinho?

Balancei a cabeça.

– Nunca fui muito de beber vinho.

Fiquei surpreso quando ela não guardou a taça. Em vez disso, foi buscar a garrafa e a encheu. Permanecemos sentados à mesa, e Savannah tomou um gole.

– Você mudou – observei.

Ela deu de ombros.

– Muita coisa mudou desde a última vez que vi você. – Savannah ficou

calada e pousou a taça na mesa. Então acrescentou com a voz mais baixa: – Nunca pensei que eu seria o tipo de pessoa que ia ficar ansiosa por uma taça de vinho à noite, mas eu fico.

Começou a girar a taça na mesa enquanto eu me perguntava o que tinha acontecido com ela.

– Sabe o que é engraçado? Eu realmente dou importância ao gosto do vinho. Quando tomei a primeira taça, não sabia distinguir o que era bom e o que era ruim. Agora, na hora de comprar, sou bastante seletiva.

Eu não reconhecia em nada a mulher que estava sentada diante de mim, e não soube o que responder.

– Não me entenda mal – continuou. – Ainda tenho em mente o que meus pais me ensinaram, e quase nunca tomo mais de uma taça por noite. Mas como o próprio Jesus transformou água em vinho, imaginei que isso não seja um grande pecado.

Sorri ante sua lógica, reconhecendo como seria injusto ficar apegado a uma versão encapsulada no tempo que eu tinha de Savannah.

– Não questione nada.

– Eu sei – replicou. – Mas estava se perguntando.

Por um momento, o único som na cozinha foi o zumbido baixo da geladeira.

– Sinto muito por seu pai – falou Savannah, acompanhando com o dedo uma rachadura no tampo da mesa. – Sinto mesmo. Não saberia dizer quantas vezes pensei nele nesses últimos anos.

– Obrigado.

Savannah começou a girar a taça de novo, parecendo absorta com as ondulações do vinho.

– Quer falar sobre isso?

Não estava certo de que queria, mas as palavras surpreendentemente vieram com facilidade. Contei sobre o primeiro infarto, e o segundo, e o tempo que passamos juntos em minhas visitas nos últimos dois anos. Contei sobre como a amizade entre nós crescera e o conforto que eu sentia ao estar com ele, sobre as caminhadas que meu pai começara a fazer e depois

abandonara. contei sobre os últimos dias com ele e a angústia por tê-lo internado numa clínica. Quando descrevi o funeral e contei da fotografia que encontrei no envelope, ela segurou minha mão.

– Estou contente por ele a ter guardado para você, mas isso não me surpreende.

– Eu me surpreendi – respondi, e ela riu. Foi um som reconfortante.

Ela apertou minha mão.

– Gostaria de ter ido ao funeral.

– Não foi grande coisa.

– Não precisava ser. Ele era seu pai, e isso é tudo que importa. – Ela hesitou antes de largar minha mão e tomar mais um gole de vinho. – Já quer comer?

– Não sei – respondi, emocionado ao pensar em seu comentário anterior.

Ela deu um sorriso forçado.

– Que tal se eu esquentar para você um prato de ensopado e vamos ver o que acontece?

– E é bom? – perguntei. – Isto é... quando a conheci você nunca mencionou que sabia cozinhar.

– É uma receita especial da minha família – respondeu Savannah, fingindo estar ofendida. – Mas tenho que ser sincera: foi minha mãe quem fez. Ela trouxe ontem.

– A verdade sempre aparece – brinquei.

– Isso é que é engraçado com a verdade. Em geral ela aparece.

Savannah levantou-se e abriu a geladeira. Fiquei pensando na aliança em seu dedo e onde estava seu marido enquanto ela entornava um pouco de ensopado numa tigela e a colocava no micro-ondas.

– Quer mais alguma coisa para acompanhar? Que tal pão com manteiga?

– Seria ótimo – concordei.

Alguns minutos depois, a refeição estava à minha frente e o aroma me

fez lembrar como eu estava faminto. Para minha surpresa, Savannah se sentou em seu lugar outra vez, segurando a taça de vinho.

– Você não vai comer?

– Não estou com fome. Na verdade, não tenho comido muito ultimamente.

Ela tomou mais um gole enquanto eu comia minha primeira garfada e deixava passar o comentário dela.

– Você tem razão. É delicioso.

Ela sorriu.

– Mamãe é uma grande cozinheira. Talvez você ache que eu deveria ter aprendido a cozinhar, mas não foi o que aconteceu. Estava ocupada demais. Estudando muito quando era jovem, e depois, recentemente, lidando com as várias reformas. – Ela fez um gesto em direção à sala de estar. – É uma casa antiga. Sei que não parece, mas fizemos muitas obras nos últimos dois anos.

– Ficou muito bom.

– Você só está sendo gentil. Devia ter visto o lugar quando nos mudamos. Era uma espécie de celeiro, sabe? Precisamos de um telhado novo, mas é engraçado, ninguém pensa em telhados quando fica imaginando o que reformar. É uma dessas coisas que todo mundo espera que uma casa tenha, mas nunca que um dia precise ser substituído. Quase tudo que fizemos entra nessa categoria. Instalar bombas de calor, janelas térmicas, consertar o estrago feito por cupins... Foram muitos dias longos.

Seu rosto assumiu uma expressão sonhadora. Savannah prosseguiu:

– Fizemos a maior parte do trabalho sozinhos, como aqui na cozinha. Sei que precisamos de novos armários e outro piso, mas quando nos mudamos havia goteiras na sala e nos quartos toda vez que chovia. O que podíamos fazer? Tivemos de priorizar, e uma das primeiras coisas que fizemos foi arrancar todas as telhas velhas. Devia estar fazendo quase 38 graus, e eu lá em cima com uma pá ganhando calos nas mãos. Mas... a sensação era boa, sabe? Dois jovens começando sozinhos no mundo, trabalhando juntos e consertando a casa? Havia um sentido de... união em tudo isso.

Foi a mesma coisa quando fizemos o piso da sala. Deve ter levado algumas semanas para lixá-lo e deixá-lo nivelado de novo. Nós o tingimos e acrescentamos uma camada de verniz, e quando finalmente andamos sobre ele foi como se tivéssemos lançado os fundamentos para o resto de nossas vidas.

– Você faz isso parecer quase romântico.

– De certo modo foi – concordou Savannah, enfiando uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Mas nos últimos tempos não tem sido tão romântico. Não, só está se tornando mais do mesmo. – Ela se levantou da cadeira. – Quer um pouco de água?

Encheu um copo na torneira e o pôs diante de mim. Enquanto bebia, vi que ela me observava.

– O que foi? – perguntei.

– Não consigo deixar de notar como você mudou.

– Eu?

– Sim, você! – insistiu ela. – Você parece... mais velho de alguma forma.

– Eu *estou* mais velho.

– Eu sei, mas não é isso. Está em seus olhos. São... mais sérios do que costumavam ser. Como se tivessem visto coisas que não deveriam ter visto. Um tanto cansados.

Eu não disse nada, mas Savannah balançou a cabeça quando viu minha expressão, parecendo constrangida.

– Não devia ter dito isso. Posso imaginar o que você tem passado ultimamente.

Comi mais uma garfada do ensopado, pensando no comentário dela.

– Na verdade eu deixei o Iraque no início de 2004. Desde então fiquei na Alemanha. Só uma pequena parte do Exército ficava lá num determinado período, fazíamos rodízio. Devo acabar voltando para lá, mas não sei quando. Se tiver sorte, as coisas terão se acalmado até lá.

– Você já não devia ter dado baixa agora?

– Eu me alistei de novo. Não havia motivo para não fazer isso.

Nós dois sabíamos o motivo pelo qual eu o fizera, e ela assentiu.

– Quanto tempo agora?

– Vou ficar até 2007.

– E depois?

– Não tenho certeza. Poderia continuar por mais alguns anos. Ou talvez eu vá para a faculdade. Quem sabe?

O sorriso dela foi estranhamente triste, e por um momento nenhum de nós disse nada.

– Há quanto tempo você está casada? – perguntei.

Savannah se remexeu na cadeira.

– Vai fazer dois anos agora em novembro.

– Vocês se casaram aqui?

– Como se eu tivesse escolha... – Ela revirou os olhos. – Minha mãe entrou de cabeça nessa coisa chamada casamento perfeito. Sei que sou filha única, mas ficaria feliz com algo bem menor. Com convidados teria sido perfeito.

– Você acha isso pouco?

– Comparado com o que acabou sendo? Sim. Não havia assentos na igreja para todo mundo, e meu pai me lembrava o tempo todo que ia levar anos para pagar por aquilo. Ele estava só me provocando, claro. Todos, do carteiro ao barbeiro, receberam um convite.

– Mas você está contente de ter voltado para casa?

– É confortável aqui. Meus pais estão por perto, e eu preciso disso, ainda mais agora.

Savannah não entrou em detalhes, bastando-se com esse comentário. Fiquei pensando nisso – e em centenas de outras coisas – quando me levantei e levei o prato até a pia. Depois de lavá-lo, eu a ouvi falar atrás de mim:

– Deixe-o aí. Ainda não tirei as coisas da lava-louça. Vou fazer isso depois. Quer algo mais? Minha mãe deixou umas tortas no balcão.

– Que tal leite? – sugeri e, quando ela começou a se levantar, acrescentei: – Posso pegar sozinho; só me mostre onde ficam os copos.

– No armário junto à pia.

Peguei um e fui até a geladeira. O leite estava na prateleira de cima; nas de baixo havia pelo menos dez recipientes cheios de comida. Enchi o copo e voltei para a mesa.

– O que está acontecendo, Savannah?

Ao ouvir essas palavras, ela meio que despertou e olhou para mim.

– Como assim?

– Seu marido. Quando vou poder conhecê-lo?

Em vez de responder, Savannah se levantou da mesa com seu copo de vinho. Despejou o que restara na pia e pegou uma xícara e uma caixa de chá.

– Você já o conheceu. É o Tim.



Eu podia ouvir a colher batendo na xícara quando Savannah se sentou diante de mim outra vez.

– Quanto você quer ouvir? – murmurou ela, olhando para a xícara.

– Tudo – respondi, recostando-me na cadeira. – Ou nada. Ainda não tenho certeza.

Ela suspirou.

– Acho que faz sentido.

Juntei as mãos.

– Quando começou?

– Não sei. Parece loucura, mas não aconteceu como você provavelmente está pensando. Não foi como se tivéssemos planejado. – Savannah pôs a colher sobre a mesa. – Mas, respondendo à sua pergunta, acho que começou no início de 2002.

Poucos meses após eu ter me realistado, constatei. Seis meses antes do primeiro infarto do meu pai, e mais ou menos na época em que percebi que as cartas dela tinham começado a mudar.

– Você sabe que éramos amigos. Mesmo ele sendo estudante de pós-graduação, acabamos tendo algumas aulas no mesmo prédio durante meu último ano na faculdade, e depois tomávamos um café ou acabávamos estudando juntos. Não era namoro, nem mesmo ficávamos de mãos dadas. Tim sabia que eu estava apaixonada por você... mas ele estava presente, sabe? Ele me ouvia quando eu dizia como sentia saudades de você e como era difícil estarmos separados. E *era* difícil. Naquela época eu pensava que você viria para casa.

Quando ergueu os olhos, eles estavam cheios de... o quê? Arrependimento? Eu não saberia dizer.

– Seja como for, passávamos muito tempo juntos e ele sabia me consolar sempre que eu estava para baixo. Sempre me lembrava que você estaria de volta de licença antes que eu percebesse, e não sei como expressar quanto eu queria ver você novamente. Aí seu pai ficou doente. Sei que você teve que ficar com ele, nunca o perdoaria se você não ficasse ao lado do seu pai, mas não era disso que nós dois estávamos precisando. Sei como minha afirmação soa egoísta, e me odeio até mesmo por ter pensado isso. Mas parecia que o destino estava conspirando contra nós.

Ela mergulhou a colher no chá e voltou a mexer, reunindo os pensamentos.

– Naquele outono, logo após eu terminar os meus estudos e voltar para casa, a fim de trabalhar no centro de avaliação de desenvolvimento aqui na cidade, os pais de Tim sofreram um terrível acidente. Estavam voltando de carro de Asheville quando perderam o controle da direção e o automóvel deu uma guinada, entrando na pista contrária da autoestrada. Um semirreboque acabou atingindo-os. O motorista do caminhão não se feriu, mas os pais de Tim morreram na hora. Tim teve que deixar a faculdade para poder voltar para casa e cuidar de Alan. – Savannah fez uma pausa. – Para Tim, isso foi horrível. Não só tinha que tentar superar a perda como cuidar de Alan, que estava inconsolável. Ficava gritando o tempo todo, e começou a arrancar o cabelo. A única pessoa que conseguia impedi-lo de se ferir era

Tim, mas ele esgotava toda a energia que ainda tinha. Acho que foi quando comecei a vir aqui. Você sabe, para ajudar.

Quando franzi as sobrancelhas, ela acrescentou:

– Esta era a casa dos pais de Tim. Onde ele e Alan cresceram.

Assim que ela disse isso, eu me lembrei. Claro que a casa era de Tim; ela tinha me contado uma vez que ele vivia num rancho próximo ao dela.

– Acabamos nos consolando. Eu tentava ajudá-lo e ele tentava me ajudar, e nós dois tentávamos ajudar Alan. Pouco a pouco, eu acho, começamos a nos apaixonar.

Pela primeira vez ela me olhou nos olhos. Depois prosseguiu:

– Sei que você vai ficar com raiva de Tim ou de mim. Provavelmente dos dois. E acho que merecemos. Mas você não sabe como era a situação naquele momento. Tanta coisa estava acontecendo, era tudo tão emocional o tempo todo... Eu me sentia culpada. Tim se sentia culpado. Mas depois de algum tempo começou a parecer que já éramos um casal. Tim passou a trabalhar no mesmo centro de avaliação de desenvolvimento que eu e depois decidiu que queria iniciar um programa de fins de semana para crianças autistas no rancho. Seus pais sempre quiseram que ele fizesse isso, e assim eu também fui trabalhar no rancho. Assim, estávamos juntos quase o tempo todo. Preparar o rancho para nosso projeto nos deu um objetivo, e ajudou Alan também. Ele adora cavalos e havia muito a fazer para que pouco a pouco se acostumassem com o fato de que seus pais não estavam mais lá. Foi como se estivéssemos nos apoiando... Tim me pediu em casamento mais tarde, naquele mesmo ano.

Quando Savannah parou, eu desviei o olhar, tentando digerir suas palavras. Ficamos sentados em silêncio por algum tempo, cada um se debatendo com os próprios pensamentos.

– Seja como for, esta é a história – concluiu. – Não sei quanto mais você quer ouvir.

Eu não sabia, tampouco.

– Alan ainda vive aqui? – perguntei.

– Ele tem um quarto lá em cima. Na verdade, é o mesmo que sempre

teve. No entanto, não é tão difícil quanto parece. Depois que termina de alimentar e escovar os cavalos, costuma passar a maior parte do tempo sozinho. Gosta de videogames. É capaz de jogar durante horas. Ultimamente não tenho conseguido fazê-lo parar. Alan jogaria a noite inteira se eu deixasse.

– Ele está aqui agora?

Ela balançou a cabeça.

– Não. Neste momento ele está com Tim.

– Onde?

Antes que ela pudesse responder, o cão começou a arranhar a porta insistentemente, e Savannah se levantou para abri-la. Ele entrou com a língua de fora, ainda abanando a cauda. Veio até mim e farejou minha mão.

– Ele gosta de mim – falei.

Savannah ainda estava junto à porta.

– *Ela* gosta de todo mundo. Seu nome é Molly. Inútil como cão de guarda, porém mais doce que açúcar. Mas tente evitar a baba. Ela vai deixar você todo babado, se permitir.

Olhei para minha calça jeans.

– Estou vendo.

Savannah olhou por cima do ombro.

– Ouça, acabei de me lembrar que preciso guardar algumas coisas. Tem previsão de chuva para esta noite. Não vai demorar muito.

Percebi que Savannah não tinha respondido à pergunta sobre Tim.

– Precisa de ajuda?

– Na verdade, não. Mas você será bem-vindo. A noite está bonita.

Saí com ela e Molly seguiu à nossa frente, esquecendo completamente que tinha acabado de pedir para entrar. Quando uma coruja apareceu entre as árvores, Molly correu e sumiu em meio à escuridão. Savannah calçou as botas outra vez.

Fomos até o celeiro. Eu estava pensando em tudo que ela tinha me contado e me perguntava por que tinha ido até ali. Não sabia ao certo se estava contente por Savannah ter se casado com Tim ou se ficava aborrecido pela

mesma razão. Tampouco estava satisfeito por saber a verdade; de algum modo, percebi, seria mais fácil não saber.

No entanto... havia algo que ela não estava me contando. Ouvi isso em sua voz, num indício de tristeza que não a abandonava nunca. Quando a escuridão nos envolveu, de repente percebi como estávamos próximos e me perguntei se ela estava sentindo a mesma coisa. Se estava, não deu sinal disso.

Os cavalos eram meras sombras a distância, vultos disformes. Savannah recolheu alguns cabrestos e os levou para o celeiro, pendurando-os em cavilhas. Enquanto ela fazia isso, eu peguei as pás que tínhamos usado e as coloquei junto com as outras ferramentas. Quando saímos, ela não se esqueceu de fechar o portão.

Olhando o relógio, vi que eram quase dez horas. Já era tarde, e ambos tínhamos consciência disso.

– Acho melhor ir embora. É uma cidade pequena, não quero dar margem a fofocas.

– Você tem razão.

Molly apareceu do nada e se sentou entre nós. Quando lambeu a perna de Savannah, ela se afastou para um lado.

– Onde você se hospedou? – perguntou.

– Num hotel à beira da estrada.

Seu nariz se enrugou, mas só por um instante.

– Conheço o lugar.

– É uma espelunca – admiti.

Ela sorriu.

– Não posso dizer que estou surpresa. Você sempre dá um jeito de descobrir os lugares mais inusitados.

– Como o Barraco do Camarão?

– Exatamente.

Enfiei as mãos nos bolsos. Será que essa seria a última vez que a veria? Se fosse, o momento me pareceu bastante anticlimático; eu não queria

que tudo terminasse numa conversa trivial, mas não consegui pensar em qualquer outra coisa para dizer.

Na estrada, a luz dos faróis de um carro iluminou a propriedade quando ele passou depressa pela casa.

– Então, acho que é isso – falei, na falta de outra coisa. – Foi bom vê-la mais uma vez.

– Estou contente por você ter vindo.

Assenti. Quando Savannah desviou o olhar, senti que era minha deixa para ir embora.

– Tchau.

– Tchau.

Saí da varanda e comecei a ir em direção ao carro, atordoado com o pensamento de que estava tudo acabado. Não tenho certeza de que esperava algo diferente, mas o desfecho trouxe à tona todos os sentimentos que eu reprimia desde que lera sua última carta.

Eu estava abrindo a porta quando a ouvi chamar.

– Ei, John?

– Sim?

Ela saiu da varanda e veio até mim.

– Você vai estar por aqui amanhã?

Quando Savannah se aproximou, eu soube que ainda estava apaixonado por ela. Apesar da carta, apesar do marido. Apesar do fato de que nunca mais poderíamos ficar juntos.

– Por quê?

– Estava pensando se você gostaria de vir até aqui. Por volta das dez. Tenho certeza que Tim vai ficar feliz em vê-lo...

Eu estava balançando a cabeça antes de ela terminar a frase.

– Não sei se é uma boa ideia.

– Você poderia fazer isso por mim?

Eu sabia o que ela queria: que eu visse que Tim ainda era a mesma pessoa de quem eu me lembrava, e, de algum modo, sabia que estava perdendo isso porque queria ser perdoada. Mesmo assim...

Savannah segurou minha mão.

– Por favor. Isso significaria muito para mim.

Apesar de sentir o calor de sua mão, eu não queria ver Tim, não queria ver os dois juntos nem me sentar a uma mesa fingindo que tudo parecia estar bem no mundo. Mas havia algo triste em seu pedido que me impediu de recusar.

– Está bem. Dez horas.

– Obrigada.

Um momento depois, ela já tinha ido embora. Fiquei parado um tempo antes de entrar no carro, vendo-a subir à varanda. Liguei o motor e dei marcha a ré. Savannah se virou, acenando uma última vez. Acenei também, depois saí para a estrada, sua imagem ficando cada vez menor no retrovisor. Olhando para ela, senti uma súbita secura na garganta. Não porque estava casada com Tim, não pela ideia de que iria ver os dois amanhã. Foi por ver Savannah enquanto eu me afastava, de pé na varanda com as mãos no rosto, chorando.



Na manhã seguinte, Savannah acenou para mim da varanda enquanto eu estacionava. Ela veio em minha direção quando desliguei o motor. Eu meio que esperava ver Tim aparecer à porta atrás dela, mas ele não estava à vista.

– Oi – disse ela, tocando em meu braço. – Obrigada por vir.

– Nada – respondi, com um relutante dar de ombros.

Pensei ter visto um lampejo de compreensão em seus olhos antes de Savannah perguntar:

– Dormiu bem?

– Na verdade, não.

Ele deu um sorriso torto.

– Está pronto?

– Como sempre.

– Certo. Vou pegar as chaves. A menos que você prefira dirigir.

A princípio não entendi o que ela quis dizer.

– Estamos saindo? – Apontei para a casa. – Pensei que ia ver o Tim.

– E vamos – disse ela. – Ele não está aqui.

– Onde ele está?

– Quer dirigir? – perguntou ela, como se não tivesse me ouvido.

– Sim, acho que sim.

Abri a porta para ela, fui para o lado do motorista e me sentei ao vo-

lante. Savannah estava passando a mão no painel, como que tentando provar a si mesma que era real.

– Eu me lembro deste carro. – Sua expressão era de nostalgia. – É do seu pai, não é? Uau, não posso acreditar que ainda funcione.

– Ele não o usava muito. Só para trabalhar e fazer compras.

– Mesmo assim.

Savannah ajustou o cinto de segurança, e fiquei me perguntando se ela tinha passado a noite sozinha.

– Para onde? – perguntei.

– Na estrada, vire à esquerda – respondeu ela. – Em direção à cidade.

Nenhum de nós falou durante o percurso. Savannah ficou olhando pela janela, os braços cruzados. Eu poderia ter me ofendido, mas havia alguma coisa em sua expressão que me dizia que suas preocupações não tinham nada a ver comigo, e a deixei sozinha com seus pensamentos.

Nos arredores da cidade ela balançou a cabeça, como se subitamente se desse conta de que tinha estado calada no carro.

– Sinto muito. Minha companhia está deixando muito a desejar, não é?

– Tudo bem – repliquei, tentando esconder minha crescente curiosidade.

Ela apontou para o para-brisa.

– Na próxima esquina, vire à direita.

– Para onde estamos indo?

Ela não respondeu de imediato. Virou a cabeça, olhando pela janela.

– Para o hospital.



Eu a segui por corredores que pareciam intermináveis, chegando finalmente à recepção. Atrás do balcão, uma voluntária idosa estendeu uma prancheta. Savannah pegou uma caneta e começou a assinar seu nome de forma automática.

– Está segurando a barra, Savannah?

– Tentando.

– Vai dar tudo certo. A cidade inteira está rezando por ele.

– Obrigada – disse Savannah, devolvendo a prancheta. – Ele está no terceiro andar – explicou para mim. – O elevador fica no fim do corredor.

Eu fui atrás, o estômago se revirando. Chegamos ao elevador exatamente quando alguém saía, e entramos. Quando a porta se fechou, senti que estava num túmulo.

Quando chegamos ao terceiro andar, Savannah seguiu pelo corredor. Parou na frente de um quarto cuja porta estava aberta e se virou para mim.

– Acho melhor eu entrar primeiro. Você pode esperar aqui?

– Claro.

Ela agradeceu e se afastou. Respirou fundo antes de entrar no quarto.

– Oi, meu bem! – Eu a ouvi falar em tom animado. – Como você está?

Durante alguns minutos não escutei mais nada. Fiquei de pé no corredor, assimilando o mesmo ambiente esterilizado e impessoal que tinha conhecido quando visitei meu pai. O ar recendia a um desinfetante qualquer, e vi um servente entrar num quarto no fim do corredor. No meio do corredor, um grupo de enfermeiras se reunia. Atrás de uma porta, em um dos quartos, pude ouvir alguém vomitando.

– Ei – chamou Savannah, pondo a cabeça para fora. Debaixo de seu corajoso semblante, eu ainda percebia sua tristeza. – Pode entrar. Tim está pronto para recebê-lo.

Eu a segui, preparando-me para o pior. Tim estava sentado, com um tubo intravenoso enfiado no braço. Parecia exausto, e sua pele estava muito pálida. Tinha perdido ainda mais peso do que meu pai e, quando olhei para ele, a única coisa em que pude pensar era que Tim estava morrendo.

Apenas seu olhar bondoso não tinha sido afetado. No outro lado do quarto havia um jovem, por volta dos 20 anos, meneando a cabeça de um lado para outro, e eu soube na mesma hora que era Alan. O lugar estava atulhado de flores: dúzias de buquês e de cartões se empilhava em cada su-

perfície livre de mesa ou prateleira. Savannah se sentou na cama ao lado do marido e segurou sua mão.

– Oi, Tim.

Ele parecia estar cansado demais para sorrir, mas conseguiu responder:

– Oi, John. É bom ver você de novo.

– Digo o mesmo. Como vai?

Assim que fiz a pergunta, percebi como tinha soado ridícula. Tim devia estar acostumado com isso, pois nem se retraiu.

– Estou bem. Sinto-me melhor agora.

Assenti. Alan continuava a movimentar a cabeça; olhei para ele, sentindo-me um intruso em uma situação que gostaria de ter evitado.

– Este é meu irmão, Alan – apresentou Tim.

– Oi, Alan.

Como o jovem não respondeu, ouvi Tim cochichar para ele:

– Ei, Alan? Está tudo bem. Ele não é médico. É um amigo. Cumprimente-o.

Levou alguns segundos, porém Alan enfim se levantou, atravessou o quarto todo empertigado e, embora evitasse me olhar, estendeu a mão.

– Oi, eu sou Alan – disse, numa voz monotônica surpreendentemente profunda.

– Prazer em conhecê-lo, Alan – falei, apertando sua mão, que estava frouxa.

Ele apertou a minha uma vez, depois a largou e voltou a se sentar.

– Tem uma cadeira, se quiser sentar – indicou Tim.

Fui até o outro lado do quarto e a peguei. Antes que eu pudesse formular a pergunta que tinha em mente, Tim a respondeu:

– Melanoma, caso você queira saber.

– Mas você vai ficar bem, certo?

A cabeça de Alan se movia ainda mais rápido, e ele começou a bater nas coxas. Savannah desviou o olhar. Eu já sabia que não deveria ter perguntado isso.

– É para isso que servem os médicos – falou Tim. – Estou em boas

mãos. Rezei por você durante todo o tempo em que estive no Iraque.

– Obrigado.

– E depois disso, o que andou fazendo? Ainda está no Exército?

Tim fez um aceno em direção a meu cabelo cortado bem rente, e passei a mão nele.

– Sim, parece que vou acabar ficando lá para sempre.

– Que bom. O Exército precisa de pessoas como você.

Eu não disse nada. A cena me parecia surreal, como se eu estivesse me vendo em um sonho. Tim se voltou para Savannah.

– Querida, pode ir comprar um refrigerante com o Alan? Ele não bebeu nada desde hoje cedo. Se puder, tente convencê-lo a comer alguma coisa.

– Claro – respondeu ela.

Savannah o beijou na testa e se levantou da cama.

– Venha, Alan. Vamos pegar alguma coisa para beber, está bem?

Tive a impressão de que Alan estava processando lentamente as palavras. Por fim, o rapaz se levantou e seguiu Savannah; ela pousou a mão em suas costas com gentileza a caminho da porta. Depois que os dois saíram, Tim olhou para mim.

– A situação toda tem sido muito difícil para Alan. Ele não está lidando muito bem.

– Como poderia?

– Não se deixe enganar por esse balançar da cabeça. Não tem nada a ver com autismo ou com inteligência. É mais um tique que ele tem quando fica nervoso, assim como esse bater nas coxas. Alan sabe o que está acontecendo, mas isso o afeta de um modo que em geral deixa outras pessoas desconfortáveis.

Juntei as mãos.

– Não fiquei desconfortável. Meu pai tinha dessas coisas também. Alan é seu irmão, e é óbvio que está preocupado. Faz sentido.

Tim sorriu.

– Foi gentil de sua parte dizer isso. Muita gente fica assustada.

– Eu não. Acho que me daria bem com ele.

Surpreendentemente Tim soltou uma gargalhada, o que pareceu consumir todas as suas forças.

– Estou certo disso. Alan é doce. Talvez até doce demais. Ele não é capaz de matar uma mosca.

Assenti, percebendo que toda aquela conversa amena era sua maneira de me fazer sentir mais à vontade. Não estava funcionando.

– Quando você descobriu?

– Há um ano. Quando cocei um sinal em minha panturrilha que estava me incomodando, ele começou a sangrar. Na hora, é claro, não dei muita importância. Há seis meses fui a um médico. Era uma sexta-feira. No sábado fui operado e deram início ao interferon na segunda. Agora, estou aqui.

– Você permaneceu no hospital esse tempo todo?

– Não, eu fico entrando e saindo. Geralmente o interferon não exige internação, mas nós não nos damos muito bem, por isso eu recebo o tratamento aqui. Para o caso de eu adoecer muito e me desidratar. Como aconteceu ontem.

– Sinto muito.

– Eu também.

Olhei em volta, e me detive numa fotografia com uma moldura barata, ao lado da cama, de Tim e Savannah de pé abraçando Alan.

– Como é que Savannah está lidando com isso? – perguntei.

– Como era de esperar. – Tim traçou um sulco no lençol com a mão livre. – Ela tem sido ótima. Não só comigo, mas com o rancho também. Nos últimos tempos teve que cuidar de tudo e nunca reclamou. E, sempre que está comigo, tenta ser forte. Fica me dizendo que vai dar tudo certo. – Em seu rosto se formou o esboço de um sorriso. – Metade das vezes eu até acredito nela.

Não respondi nada e Tim se esforçou para se sentar mais ereto na cama. Gemeu, mas a dor pareceu passar e tornou a ser ele mesmo outra vez.

– Savannah me contou que você jantou no rancho ontem à noite.

– Sim.

– Aposto que ela ficou contente em vê-lo. Sei que Savannah sempre se sentiu mal por vocês dois terem terminado daquele jeito, e eu também. Eu lhe devo desculpas.

– Não. Está tudo bem.

Ela deu um sorriso irônico.

– Você só disse isso porque estou doente, sei bem. Se eu estivesse saudável, você provavelmente ia querer quebrar meu nariz de novo.

– Talvez.

Ele riu de novo, mas desta vez foi um som doentio.

– Eu mereço – disse ele, alheio a meus pensamentos. – Talvez você não acredite, mas eu me senti mal com o que aconteceu. Sei que vocês gostavam muito um do outro.

Eu me inclinei para a frente, apoiado nos cotovelos.

– O que passou, passou.

Eu não acreditava nisso, e Tim não acreditou quando eu o disse. Mas foi o bastante para nós dois deixarmos a questão de lado.

– O que o trouxe aqui depois de tanto tempo?

– Meu pai faleceu na semana passada.

A despeito de sua condição, seu rosto expressou sincera consternação.

– Sinto muito, John. Sei quanto seu pai significava para você. Foi de repente?

– No fim, sempre é. Mas ele já estava doente havia algum tempo.

– Isso não torna as coisas mais fáceis.

Fiquei me perguntando se Tim se referia só a mim ou também a Savannah e a Alan.

– Savannah me contou que você perdeu seus pais.

– Em um acidente de carro – respondeu ele. – Foi... inacreditável. Tínhamos jantado com eles umas duas noites antes, e quando percebi estava preparando o funeral. Sempre que estou em casa fico esperando ver minha mãe na cozinha e meu pai fazendo coisas no jardim. – Ele hesitou um ins-

tante, e eu sabia que estava evocando essas imagens. Por fim balançou a cabeça. – Isso aconteceu com você?

– Toda hora.

Tim inclinou a cabeça para trás.

– Acho que foram dois anos duros para Savannah e para mim. O bastante para testar sua fé.

– Até mesmo no seu caso?

O sorriso dele foi cálido.

– Eu disse que foi um teste para a fé. Não que acabou com ela.

– Não, não creio que tivesse acabado.

Ouvi a voz de uma enfermeira que se aproximava; pensei que fosse entrar, mas ela passou em direção a outro quarto.

– Estou contente por você ter vindo ver Savannah. Sei que parece banal, considerando tudo que vocês dois vivenciaram, mas ela precisa de um amigo neste momento.

Minha garganta ficou apertada.

– É.

Ele ficou calado, e eu sabia que não íamos mais falar sobre isso. Depois, Tim adormeceu, e fiquei ali sentado olhando para ele, minha mente curiosamente vazia.



– Desculpe por não ter contado ontem – disse Savannah uma hora depois.

Quando Alan e ela voltaram para o quarto e encontraram Tim dormindo, ela me sinalizou que a acompanhasse até a cafeteria.

– Fiquei surpresa quando vi você, e sabia que deveria ter dito algo, mas toda vez que tentava, não conseguia.

Havia duas xícaras de chá na nossa frente, já que nenhum de nós dois estava com vontade de comer.

– Tinha sido um desses dias, sabe? Eu tinha passado horas no hospital, com as enfermeiras me lançando olhares cheios de pena... Bem, parecia que elas estavam me matando pouco a pouco. Sei que isso soa ridículo, considerando tudo pelo que Tim está passando, mas é tão difícil vê-lo assim doente... Odeio essa situação. Preciso estar lá para lhe dar apoio, mas é sempre pior do que eu esperava. Ontem ele ficou tão mal depois do tratamento que pensei que estava morrendo. Não conseguia parar de vomitar. Quando parecia que não havia mais nada dentro dele, Tim continuou a ter ânsias de vômito. A cada cinco ou dez minutos começava a gemer e a se remexer na cama tentando evitar, mas não havia nada que se pudesse fazer. Eu o segurava e consolava, mas não consigo nem começar a descrever como isso fazia eu me sentir impotente.

Ela ficou tirando e repondo o saquinho de chá na água.

– E toda vez é assim – acrescentou Savannah.

Eu brincava com a asa da xícara.

– Gostaria de saber o que dizer.

– Não há nada que você possa dizer, eu sei. É por esse motivo que estou conversando com você. Porque sei que você vai lidar com isso. Na verdade, não tenho mais ninguém. Nenhum de meus amigos sequer faz ideia do que estou passando. Meus pais têm sido ótimos... de certo modo. Sei que farão tudo que eu pedir e estão sempre oferecendo ajuda. Mamãe sempre traz comida, mas vive à beira do choro. Parece estar apavorada com a possibilidade de dizer ou fazer algo errado, então, quando tenta ajudar, é como se eu é que tivesse de lhe dar apoio, e não o contrário. Às vezes é demais para mim. Odeio dizer isso a respeito dela porque minha mãe está fazendo o melhor que pode, mas só gostaria que ela fosse mais forte, sabe?

Lembrando-me da mãe dela, assenti.

– E quanto a seu pai?

– A mesma coisa, mas de modo diferente. Ele evita o assunto. Não quer falar sobre isso. Quando estamos juntos, ele fala sobre o rancho e sobre meu trabalho, sobre tudo, menos Tim. É como se quisesse compensar a incessante preocupação da minha mãe, mas nunca pergunta como vão as

coisas ou como estou lidando com tudo. – Savannah balançou a cabeça. – E tem o Alan. Tim é tão bom para o irmão, e gosto de pensar que Alan está melhorando. Mesmo assim... há momentos em que ele começa a se ferir e a quebrar coisas, e eu acabo chorando porque não sei o que fazer. Não sou Tim, e nós dois sabemos disso.

Seus olhos se fixaram em mim por um momento antes de eu desviar os meus. Tomei um gole de chá, tentando imaginar como era a vida de Savannah agora.

– Tim contou o que está acontecendo? Sobre o melanoma?

– Um pouco – respondi. – Não o bastante para eu saber a história toda. Contou-me que tinha descoberto um sinal e que ele sangrava. Que ignorou isso por algum tempo e depois procurou um médico.

Ela assentiu.

– É uma dessas coisas malucas, não é? Isto é, se Tim passasse muito tempo no sol, daria para entender. Mas foi na panturrilha. Você o conhece, pode imaginar ele de bermuda? Tim quase nunca usa short, mesmo na praia, e era ele quem sempre insistia que usássemos filtro solar. Não bebe, não fuma, é cuidadoso com a alimentação. Mas por algum motivo tem um melanoma. Eles retiraram tecido da região em torno do sinal e, por causa do tamanho, obtiveram dezoito de seus nódulos linfáticos. Desses, um deu positivo para melanoma. Começaram com o interferon e tentamos ficar otimistas. Mas as coisas foram dando errado. Primeiro com o interferon, e depois, algumas semanas após a cirurgia, ele teve celulite perto da incisão na virilha.

Ao ver que eu franzia o cenho, Savannah caiu em si.

– Desculpe, nos últimos tempos eu me acostumei a conversar com médicos. Celulite é uma infecção de pele, e a de Tim foi bem grave. Passou dez dias na UTI por causa dela. Pensei que ia perdê-lo, mas ele é um lutador, sabe? Saiu dessa e continuou com o tratamento, mas no mês passado descobrimos lesões cancerosas perto do lugar do melanoma original. Isso significou mais cirurgia, é claro, e que o interferon provavelmente não estava funcionando como deveria. Tim fez uma tomografia com emissão de

pósitrons e uma ressonância magnética. Não deu outra... Encontraram algumas células cancerosas em seu pulmão.

Ela fitou a xícara. Fiquei sem palavras, me sentindo exaurido, e por um longo tempo ficamos em silêncio.

– Sinto muito – sussurrei por fim.

– Não vou desistir, John – disse Savannah, a voz começando a falhar. – Tim é um homem tão bom... É doce, paciente e eu o amo muito. É só que não é justo. Não faz nem dois anos que estamos casados.

Ela olhou para mim e respirou fundo algumas vezes, tentando se recompor.

– Ele precisa sair daqui. Deste hospital. Tudo que podem fazer aqui é administrar interferon e, como eu disse, não está funcionando tão bem quanto deveria. Tim precisa ir para um lugar como o MD Anderson, ou a Clínica Mayo, ou o Johns Hopkins. Nesses lugares há pesquisas de ponta acontecendo. Se o interferon não está fazendo sua parte como deveria, talvez haja outra droga que podem acrescentar. Os médicos de lá estão sempre tentando combinações diferentes, mesmo sendo experimentais. Em outros lugares fazem bioquimioterapia e experimentos clínicos. Dizem até que o MD Anderson vai testar uma vacina em novembro, não para prevenção, como a maioria das vacinas, mas para tratamento, e os dados preliminares mostram bons resultados. Quero que Tim faça parte desse teste.

– Então vá em frente.

Ela deu uma breve risada.

– Não é tão fácil assim.

– Por quê? Para mim, parece muito claro. Uma vez fora daqui, vocês entram no carro e vão.

– Nosso plano de saúde não vai pagar por isso – disse ela. – Não agora, pelo menos. A companhia de seguro pagou pela internação, pelo interferon e todos os extras. Até colocaram uma assistente social à minha disposição e, pode acreditar, ela tem sido simpática com o nosso caso. Mas não há nada que possa fazer, já que o médico acha melhor continuar ministrando interferon por mais algum tempo. Nenhuma companhia de seguro no mun-

do vai pagar por tratamentos experimentais, fora do padrão, ainda mais se for em outros estados e em locais que estejam tentando coisas novas, sem a mínima ideia se vão funcionar.

– Abra um processo contra eles, se necessário.

– John, nossa seguradora arcou com os custos do tratamento intensivo e internação extra. A verdade é que Tim está sendo cuidado adequadamente. A questão é que não posso provar que ele ficaria melhor em outro lugar, recebendo tratamento alternativo. Eu *acho* que isso o ajudaria, eu *espero* que ajude, mas ninguém tem certeza disso. – Savannah balançou a cabeça e suspirou. – De qualquer maneira, mesmo se eu a processasse e a companhia de seguro-saúde acabasse pagando por tudo que eu exigisse, isso levaria tempo... e tempo é algo que não temos.

– De quanto dinheiro você está falando?

– Muito. E se Tim acabar tendo uma infecção no hospital e indo para a UTI, como já aconteceu, nem sei como avaliar. Mais do que eu jamais poderia pagar, isso é certo.

– E o que vai fazer?

– Arranjar o dinheiro. Não tenho outra escolha. E a comunidade tem dado todo o apoio. Assim que souberam da situação de Tim, houve repercussão na mídia local e as pessoas em toda a cidade prometeram arrecadar dinheiro. Abriram uma conta bancária especial e tudo o mais. Meus pais ajudaram. Os pais de algumas crianças com quem trabalhamos ajudaram. Ouvi dizer que há recipientes para coleta de doativos em muitos estabelecimentos.

Lembrei-me do pote na extremidade do bar no salão de bilhar no dia em que cheguei a Lenoir. Eu tinha depositado nele alguns dólares, mas de repente aquilo pareceu ser algo totalmente inadequado.

– Está chegando perto?

– Não sei. – Savannah balançou a cabeça, como se não quisesse pensar sobre o assunto. – Tudo isso começou a acontecer há pouco tempo, e desde que Tim iniciou o tratamento tenho estado aqui e no rancho. Mas se trata de uma quantia exorbitante. – Ela empurrou para um lado a xícara de chá,

com um sorriso triste. – Nem sei por que estou lhe contando isso. Quero dizer, não posso garantir que, mesmo se Tim for para algum desses outros lugares, o tratamento vá ajudá-lo. Tudo que posso dizer é que se ficarmos aqui, sei que ele não vai conseguir. Talvez não sobreviva em outro lugar, mas pelo menos há uma chance... e, neste momento, é tudo que eu tenho.

Ela se deteve, incapaz de prosseguir, olhando para o tampo manchado da mesa.

– Sabe o que dói mais? – perguntou finalmente. – Você é a única pessoa a quem contei tudo isso, e de algum modo, sei que é a única pessoa capaz de entender pelo que estou passando, sem que eu sinta que devo medir as palavras.

Ergueu sua xícara, e a pousou outra vez.

– Sei que não é justo, considerando que seu pai...

– Está tudo bem.

– Talvez, mas é egoísmo assim mesmo. Você está tentando lidar com as próprias emoções após ter perdido seu pai e aqui estou eu, importunando-o com as minhas, a respeito de algo que pode ou não acontecer.

Ela voltou o olhar para a janela da cafeteria, mas eu sabia que não estava vendo de fato o gramado.

– Ei – falei, segurando sua mão. – Estou contente por você ter me contado, se só assim você conseguiu desabafar.

Passado um instante, Savannah deu de ombros.

– Então, isto é o que somos agora? Dois guerreiros feridos em busca de apoio?

– Parece que sim.

Seus olhos se ergueram, procurando os meus. E, apesar de tudo, meu coração palpitou.



Passamos a maior parte da tarde no quarto de Tim. Ele estava dormin-

do quando chegamos, então acordou por alguns minutos, e adormeceu outra vez. Alan manteve sua vigília ao pé da cama, ignorando minha presença, concentrado no irmão. Savannah ora ficava sentada na cama junto a Tim, ora na cadeira ao lado da minha.

Quando estava perto de mim, falávamos da condição de Tim, dos detalhes específicos de possíveis tratamentos alternativos. Ela tinha passado semanas pesquisando na internet e sabia detalhes de cada experimento clínico em curso. Sua voz nunca se elevava acima de um sussurro; Savannah não queria que Alan ouvisse. Quando terminou, eu sabia mais sobre melanoma do que imaginava ser possível.

Foi pouco depois da hora do jantar que Savannah enfim se levantou. Tim havia dormido a maior parte da tarde, e pela ternura de seu beijo de despedida eu vi que ela acreditava que ele também dormiria a maior parte da noite. Beijou-o mais uma vez, apertou sua mão e foi em direção à porta. Esgueiramo-nos para fora silenciosamente.

– Vamos para o carro – disse ela, quando estávamos no corredor.

– Você vai voltar?

– Amanhã. Se ele acordar, não quero lhe dar motivo para pensar que tem que ficar acordado. Tim precisa descansar.

– E quanto a Alan?

– Ele vai de bicicleta. Vem de bicicleta toda manhã e volta tarde da noite. Não viria comigo, mesmo se eu pedisse. Mas Alan vai ficar bem. Tem feito a mesma coisa já faz alguns meses.

Poucos minutos depois, deixamos o estacionamento do hospital e nos encontrávamos no fluxo do tráfego noturno. O céu estava ficando de um cinza carregado, e havia nuvens pesadas no horizonte, prenunciando o mesmo tipo de tempestade comum no litoral. Savannah estava perdida em pensamentos e falava pouco. Em seu rosto vi estampada a mesma exaustão que eu sentia. Não consegui imaginar ter de voltar amanhã, e no dia seguinte, e no seguinte, sabendo o tempo todo que havia uma possibilidade de melhora para Tim em outro lugar.

Quando parei ao lado de sua casa, olhei para Savannah e vi uma lágri-

ma escorrendo lentamente por sua face. Isso me cortou o coração. Ela a enxugou assim que percebeu que eu a encarava. Estacionei o carro debaixo do salgueiro, perto da picape maltratada. As primeira gotas de chuva começaram a cair no para-brisa.

Perguntei-me mais uma vez se essa seria nossa despedida. Antes que pudesse pensar em algo para dizer, Savannah se virou para mim.

– Está com fome? Tem uma tonelada de comida na geladeira.

Algo em seu olhar me dizia que eu devia recusar, mas quando me dei conta já estava concordando.

– Sim, gostaria de comer alguma coisa.

– Que bom – disse, numa voz suave. – Eu não queria mesmo ficar sozinha esta noite.

Quando saímos do carro, a chuva começou a apertar. Fomos correndo até a porta, mas, quando chegamos à varanda, eu já sentia a umidade atravessando a roupa encharcada. Molly nos ouviu chegar, aparecendo quando Savannah abriu a porta. Olhando para a cadela, pensei em minha chegada no dia anterior e como tudo tinha mudado durante o tempo em que Savannah e eu ficamos separados. Era muita coisa para processar. Assim como fazia durante a patrulha no Iraque, eu me concentrei no presente, mas alerta quanto ao que poderia acontecer.

– Temos um pouco de cada coisa – disse ela a caminho da cozinha. – É assim que minha mãe tem lidado com tudo isso: cozinhando. Temos ensopado, chili, empadão de frango, churrasco de porco, lasanha... – Savannah estava com a cabeça enfiada na geladeira quando entrei na cozinha. – Alguma dessas comidas desperta seu apetite?

– Tanto faz. O que você quiser.

Vi em seu rosto que ela ficou desapontada com minha resposta, e soube na mesma hora que Savannah estava cansada de tomar decisões. Pigarreei.

– Lasanha seria uma boa pedida.

– Certo. Vou esquentar agora mesmo. Você está superfaminto ou só com fome?

Pensei no assunto.

– Só com fome, acho.

– Quer salada para acompanhar? Posso acrescentar umas azeitonas pretas e tomates. Fica muito boa com molho ranch e croûtons.

– Parece delicioso.

– Ótimo. Não vai demorar muito.

Savannah tirou a alface e os tomates da gaveta de baixo da geladeira. Ela os lavou na torneira da pia, fatiou-os e os colocou numa tigela de madeira. Acrescentou as azeitonas e pôs na mesa. Separou generosas porções de lasanha, pôs em dois pratos e enfiou o primeiro no micro-ondas. Havia firmeza em seus movimentos, como se considerasse reconfortantes aquelas tarefas simples.

– Quanto a você, não sei, mas eu poderia tomar uma taça de vinho. – Apontou para um pequeno armário acima da bancada da pia. – Tenho um bom Pinot Noir.

– Vou experimentar. Quer que eu abra?

– Não, eu faço isso. Meu saca-rolhas é um tanto temperamental.

Ela abriu o vinho e encheu duas taças. Logo depois estava sentada à minha frente, nossos pratos diante de nós. A lasanha fumegava. Após a primeira garfada, exclamei:

– Uau! Isso é mesmo muito bom.

– Não é? – respondeu ela, mas, em vez de comer um pedaço, preferiu um gole do vinho. – É o prato favorito de Tim também. Depois que casamos, ele vivia pedindo à minha mãe que lhe fizesse uma. Ela adora cozinhar, e fica feliz quando vê que gostam da comida dela.

Eu a vi, no outro lado da mesa, passar o dedo pela borda da taça. O vinho tinto aprisionava a luz como se fosse a faceta de um rubi.

– Se quiser mais, tenho muita lasanha – acrescentou. – Acredite, você estaria me fazendo um favor. Na maior parte do tempo a comida vai para o lixo. Sei que devia pedir para ela fazer menos, mas ela não receberia isso muito bem.

– Está sendo difícil para ela. Sua mãe sabe como você está sofrendo.

– Eu sei.

Savannah tomou mais um gole de vinho.

– Você vai comer, não vai?

Apontei para seu prato intocado.

– Não estou com fome. É sempre assim quando Tim está no hospital...

Esquento alguma coisa com a intenção de comer, mas meu estômago se contrai assim que a comida está na minha frente.

Olhou para seu prato como querendo tentar, depois balançou a cabeça.

– Coma alguma coisa – pedi. – Você precisa comer.

– Vou ficar bem.

Parei, o garfo a meio caminho do prato.

– Faça isso por mim, então. Não estou acostumado com pessoas me olhando enquanto como. É muito esquisito.

– Está bem.

Ela pegou o garfo, tirou um pedacinho mínimo e comeu.

– Feliz agora?

– Ah, mas é claro – respondi. – Era exatamente isso que eu quis dizer.

Fique segurando o garfo e fingindo que come.

Ela riu.

– Estou feliz por você estar aqui. Nestes dias você é a única pessoa capaz até mesmo de pensar em falar comigo dessa maneira.

– Que maneira? Com franqueza?

– Sim. – Ela largou o garfo e empurrou o prato para um lado, ignorando meu pedido. – Você sempre foi bom nisso.

– Lembro de já ter dito a mesma coisa sobre você.

Ela jogou o guardanapo na mesa.

– Bons tempos aqueles.

O modo como ela estava olhando para mim fez o passado voltar. Por um momento eu revivi cada emoção, cada esperança e sonho que tivera para nós. Savannah era mais uma vez a jovem que eu conheci na praia, com a vida toda pela frente, uma vida que eu queria tornar parte da minha.

Então ela passou a mão no cabelo, fazendo o anel em seu dedo brilhar na luz. Baixei os olhos, focando-me em meu prato.

– Pois é.

Comi mais uma garfada, tentando apagar as imagens da mente. Assim que engoli, já estava atacando a lasanha outra vez.

– Qual é o problema? – perguntou ela. – Você está zangado?

– Não – menti.

– Está agindo como se estivesse.

Savannah era a mesma mulher de quem eu me lembrava – exceto que agora estava casada. Tomei um gole de vinho que esvaziou metade da taça.

– Por que estou aqui, Savannah?

– Não sei o que quer dizer com essa pergunta.

– Isto – respondi, apontando para a cozinha em volta. – Convidando-me para jantar mesmo não querendo comer. Evocando os velhos tempos. O que está acontecendo?

– Nada.

– Então por que me convidou?

Em vez de responder, Savannah se levantou e tornou a encher sua taça com vinho.

– Talvez eu só precise de alguém com quem falar. Como disse, não posso conversar com meus pais; não posso conversar nem mesmo com Tim sobre isso. – Pelo seu tom de voz, ela parecia estar quase derrotada. – Todo mundo precisa de alguém para conversar.

Ela tinha razão. Esse foi o motivo de eu ter vindo para Lenoir.

– Posso compreender isso – falei, fechando os olhos. Quando os abri novamente, percebi que Savannah estava me avaliando. – Só que não tenho certeza do que fazer com tudo isso. O passado. Nós. Você casada. Até mesmo o que está acontecendo com Tim. Nada disso faz muito sentido.

O sorriso dela estava cheio de melancolia.

– E acha que faz sentido para mim? Quer saber a verdade? – perguntou, e não esperou pela resposta: – Só estou tentando passar cada dia com energia suficiente para enfrentar o dia seguinte.

Fechou os olhos como se admitir isso fosse doloroso, depois os abriu outra vez e prosseguiu:

– Sei o que você ainda sente por mim e gostaria de dizer que sinto um desejo secreto de saber tudo pelo que passou desde que mandei aquela carta horrível, mas, para ser sincera... não sei se quero mesmo saber. Quando você apareceu ontem, eu senti... que estava tudo bem. Não foi uma sensação ótima nem boa, mas também não me senti mal. Aí é que está. Nos últimos meses tudo que fiz foi me sentir mal. Acordo todo dia tensa e com raiva e frustrada e aterrorizada com a ideia de perder o homem com quem me casei. Isso é tudo que sinto até o sol se pôr. Todo dia, o dia inteiro, nos últimos seis meses. Esta é minha vida agora, mas a pior parte é saber que de agora em diante tudo vai piorar. Agora tenho uma responsabilidade a mais, a de achar algum modo de ajudar meu marido. De tentar encontrar um tratamento que possa ajudar. De tentar salvar a vida dele.

Ela fez uma pausa e olhou para mim, tentando medir minha reação.

Eu sabia que devia haver palavras para consolar Savannah, mas não soube o que dizer. Como sempre. Tudo que sabia era que ela ainda era a mulher por quem eu me apaixonei uma vez, a mulher que eu ainda amava, mas que nunca poderia ter.

– Sinto muito – disse ela num tom cansado e exaurido. – Não queria constrangê-lo. – Exibiu um frágil sorriso. – Só quis que soubesse que estou contente por você estar aqui.

– Que bom – respondi, tentando manter meus sentimentos sob controle.

Savannah foi até a mesa. Pôs mais vinho em minha taça, embora ainda estivesse pela metade.

– Eu ponho meu coração para fora e tudo que você diz é “Que bom”?

– O que queria que eu dissesse?

Savannah se afastou em direção à porta da cozinha.

– Você poderia dizer que também está contente por ter vindo – respondeu ela, numa voz quase inaudível.

Com isso, Savannah saiu. Não ouvi a porta da frente se abrir, e presumi que ela havia se refugiado na sala. Seu comentário me incomodou, mas não estava a fim de ir atrás dela. As coisas tinham mudado entre nós, e não

havia como voltarem a ser o que eram antes. Comi a lasanha de forma obstinada, como se fosse um desafio, perguntando-me o que Savannah queria de mim. Foi ela quem enviou a carta, foi ela quem terminou. Foi ela quem se casou. Deveríamos fingir que nada disso tinha acontecido?

Acabei de comer, levei os dois pratos para a pia e os lavei. Pela janela, vi meu carro, sabendo que devia simplesmente ir embora sem olhar para trás. Isso tornaria as coisas mais fáceis para nós dois. Mas quando já buscava as chaves no bolso, gelei. Acima do ruído da chuva no telhado, ouvi um som que vinha da sala, um som que neutralizou minha raiva e minha confusão. Savannah estava chorando.

Tentei ignorar, mas não consegui. Fui para a sala carregando o vinho. Savannah estava sentada no sofá, a taça cheia nas mãos. Ela ergueu o olhar quando entrei.

Lá fora o vento tinha recomeçado e a chuva caía ainda mais forte. Pelas vidraças da sala lampejavam relâmpagos, seguidos por longos e abafados trovões.

Sentando-me a seu lado, pus minha taça na mesinha lateral e passei o olhar pela sala. Sobre a cornija da lareira havia fotografias de Savannah e de Tim no dia do casamento: numa delas, os dois cortavam o bolo, outra fora tirada na igreja. Ela estava linda e eu me peguei desejando ser aquele que estava a seu lado na foto.

– Desculpe, sei que não devia chorar, mas não consigo evitar.

– É compreensível – murmurei. – Com tanta coisa acontecendo com você.

No silêncio que se formou, eu ouvia rajadas de chuva batendo nas vidraças.

– É uma tremenda tempestade – observei, tentando encontrar palavras que preenchessem aquele silêncio tenso.

– É mesmo – respondeu Savannah, sem prestar muita atenção.

– Você acha que Alan vai ficar bem?

– Ele não vai sair até a chuva parar. Não gosta de relâmpagos. Mas não vai durar muito tempo. O vento vai empurrar as nuvens para o litoral. Ao

menos é assim que tem sido ultimamente. Lembra-se da tempestade que nos surpreendeu? Quando eu levei você para ver a casa que estávamos construindo?

– É claro.

– Eu ainda penso naquela noite. Foi a primeira vez que eu disse a você que o amava. Estava me lembrando dela outro dia, sentada aqui, bem onde estou agora. Tim estava no hospital, Alan com ele. Enquanto olhava para a chuva, tudo isso voltou. A memória era tão nítida, foi como se tivesse acabado de acontecer. E então a chuva parou e eu sabia que estava na hora de alimentar os cavalos. Voltei à minha vida normal, e de repente senti como se tivesse imaginado tudo aquilo. Como se tivesse acontecido com outra pessoa, alguém que nem conheço mais. Do que mais você se lembra?

– De tudo.

Ela olhou através dos cílios semicerrados.

– Nada em especial?

A tempestade lá fora fazia a sala parecer escura e íntima, e senti um arrepio de culpa ao pensar onde toda aquela conversa poderia dar. Eu a queria tanto quanto jamais poderia querer alguém, mas bem no fundo sabia que Savannah não me pertencia mais. Eu sentia a presença de Tim por toda parte a minha volta, e sabia que Savannah não estava sendo ela mesma.

Tomei um gole de vinho e pus a taça de volta na mesinha.

– Não. – Mantive a voz firme. – Nada em especial. Mas foi por isso que você sempre quis que eu olhasse para a lua, certo? Para que eu sempre me lembrasse de tudo.

O que eu não disse foi que ainda mantinha esse hábito.

– Quer saber do que eu me lembro mais? – perguntou.

– De quando quebrei o nariz de Tim?

– Não. – Ela riu, depois ficou séria de novo. – Lembro-me das vezes em que fomos à igreja. Foram as únicas em que vi você de gravata. Devia se vestir assim com mais frequência. Você ficou bonito. – Pareceu estar refletindo sobre isso. – Está namorando alguém?

– Não.

Ela assentiu.

– Eu achava que não. Achei que, se estivesse, você mencionaria. – Ela se virou para a janela. A distância, viu um dos cavalos galopando na chuva. – Vou ter que alimentá-los daqui a pouco. Eles já devem estar pensando onde me meti.

– Eles vão ficar bem – tranquilizei-a.

– É fácil para você dizer. Pode acreditar, eles ficam irritadiços quando estão com fome.

– Deve ser difícil cuidar de tudo isso sozinha.

– É, mas que alternativa eu tenho? Pelo menos nosso empregador tem sido compreensivo. Tim está de licença e, enquanto estiver no hospital, eles me deixam tirar o tempo de que precisar. – Então, num tom provocador, acrescentou: – Igualzinho ao Exército, certo?

– Ah, sim, quase a mesma coisa.

Ela deu um risinho, e ficou séria novamente.

– Como foi no Iraque?

Eu já ia contar a piada de sempre sobre a areia, mas me contive.

– É difícil descrever.

Savannah ficou esperando enquanto eu pegava minha taça de vinho, ganhando tempo. Mesmo com ela, não tinha certeza de que ia querer entrar nesse assunto. Mas algo estava acontecendo entre nós, algo que eu desejava e ao mesmo tempo não desejava. Obriguei-me a olhar para a aliança de Savannah e imaginei o sentimento de culpa por uma traição que ela sem dúvida teria. Fechei os olhos e comecei com a noite da invasão.

Não sei por quanto tempo falei, mas foi suficiente para a chuva parar. Com o sol ainda baixando devagar, o horizonte brilhava nas cores do arco-íris. Savannah tornou a encher a taça. Quando terminei, estava esgotado, sabendo que nunca mais falaria sobre isso.

– É diferente do que eu imaginava – comentou ela.

– Sério? – perguntei.

– Quando você passa os olhos pelas manchetes, na maior parte do tem-

po nomes de soldados e de cidades do Iraque são apenas palavras. Mas, para você, isso é pessoal... é real. Talvez até demais.

Eu não tinha mais nada a acrescentar, e senti sua mão segurar a minha. Seu toque me sobressaltou.

– Gostaria que você não tivesse passado por isso.

Apertei sua mão e senti que ela correspondia. Quando enfim a soltou, a sensação de seu toque permaneceu, e como num velho hábito redescoberto, eu a vi enfiar uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– O destino age de um modo estranho – disse ela, quase num sussurro.

– Você alguma vez imaginou que sua vida ia mudar do jeito que mudou?

– Não – respondi.

– Eu também não. Quando você foi para a Alemanha pela primeira vez, eu sabia apenas que nós dois nos casaríamos um dia. Tinha mais certeza disso do que de qualquer outra coisa na vida.

Fiquei olhando para a minha taça enquanto ela continuava:

– E depois, na segunda vez que você partiu, tive mais certeza ainda. Especialmente depois que fizemos amor.

– Não... Podemos não falar disso?

– Por quê? – perguntou. – Você está arrependido?

– Não. – Não aguentei ficar olhando para ela. – Claro que não. Mas você está casada agora.

– Mas aconteceu – rebateu ela. – Quer que eu me esqueça disso?

– Não sei. Talvez.

– Não consigo – disse ela, parecendo surpresa e magoada. – Foi minha primeira vez. Nunca esquecerei isso e, do jeito que foi, sempre será especial para mim. O que houve entre nós foi muito bonito.

Tive medo do que poderia ser minha resposta. Após um momento ela pareceu se recompor.

– Quando soube que eu tinha casado com Tim, o que pensou?

Demorei a responder, escolhendo as palavras com cuidado.

– Meu primeiro pensamento foi que, de certo modo, fazia sentido. Ele passou anos apaixonado por você. Eu soube no momento em que o conhe-

ci. Depois, eu me senti... dividido. Estava contente por você ter encontrado alguém como ele, porque Tim é um cara legal e vocês dois têm muita coisa em comum, mas depois eu só estava... triste. Não faltava muito tempo para nós estarmos juntos. Hoje eu já estaria fora do Exército há quase dois anos.

Ela apertou os lábios.

– Sinto muito – murmurou.

– Eu também. – Tentei sorrir. – Se quer saber a minha opinião, sinceramente, acho que você devia ter esperado por mim.

Savannah riu sem muita segurança, e fiquei surpreso com sua expressão saudosa.

– Também tenho pensado sobre isso. Onde teríamos estado, onde estaríamos vivendo, o que estaríamos fazendo com nossas vidas. Tenho pensado mais nisso recentemente. Na noite passada, depois que você foi embora, foi só no que consegui pensar. Sei como pode soar horrível, mas nestes dois últimos anos tenho tentado me convencer de que, mesmo que nosso amor fosse real, ele não ia durar muito. – Sua expressão era de desamparo. – Você realmente se casaria comigo, não?

– Sem a menor hesitação. Casaria agora, se pudesse.

O passado de repente pareceu nos envolver, tão avassalador em sua intensidade.

– Foi real, não foi? – Sua voz tremia. – Você e eu?

A luz cinzenta do crepúsculo se refletia em seus olhos enquanto esperava minha resposta. Nesse meio-tempo senti o peso do prognóstico de Tim pairando sobre nós dois. Meus pensamentos se atropelavam, eram mórbidos e errados, mas estavam lá. Eu me odiei por sequer pensar numa vida após Tim, querendo que essa ideia se esvaísse.

Mas não consegui. Queria tomar Savannah nos braços, abraçá-la, recuperar tudo que tínhamos perdido nos anos em que estivemos separados. Instintivamente comecei a me inclinar em sua direção.

Savannah sabia o que ia acontecer, mas não se afastou. Não a princípio. Quando meus lábios se aproximaram dos dela, no entanto, ela se virou

de forma brusca e o vinho que estava em sua mão se derramou em nós dois.

Ela se levantou num salto, pôs a taça na mesinha e puxou a blusa, descolando-a da pele.

– Sinto muito – falei.

– Está tudo bem. Vou trocar de blusa. Tenho de pôr esta de molho. É uma das minhas favoritas.

– Está bem.

Eu a observei enquanto deixava a sala e seguia pelo corredor. Soltei um palavrão quando ela desapareceu de vista. Balancei a cabeça, aturdido com minha estupidez, depois notei o vinho em minha camisa. Levantei-me e fui para o corredor, procurando o banheiro.

Após girar a maçaneta, eu me vi diante do espelho do banheiro. No reflexo, atrás de mim, vi Savannah através da porta entreaberta do quarto, no outro lado do corredor. As costas estavam nuas, voltadas para mim e, embora tentasse, não consegui desviar o olhar.

Savannah devia ter sentido que eu a observava, pois olhou para mim sobre o ombro. Pensei que ia fechar a porta correndo ou se cobrir, mas não. Em vez disso, olhou-me nos olhos e sustentou o olhar, querendo que eu continuasse a olhar para ela. Então, devagar, se virou.

Ficamos ali, nos olhando pelo reflexo do espelho, com apenas um corredor estreito a nos separar. Seus lábios estavam um pouco entreabertos, e ela ergueu um pouco o queixo; eu soube então que se vivesse mil anos nunca iria esquecer como Savannah estava esplendorosa naquele momento. Quis cruzar o corredor e ir até ela. Mas fiquei onde estava, imobilizado pelo pensamento de que ela um dia ia me odiar pelo que nós dois tão obviamente queríamos.

E Savannah, que me conhecia melhor do que ninguém, baixou os olhos como se subitamente tivesse chegado a essa mesma conclusão. Ela se virou quando a porta da frente se abriu. Um lancinante lamento varou a escuridão.

Alan...

Saí correndo até a sala. Alan já tinha desaparecido na cozinha, e ouvi as portas dos armários sendo abertas e fechadas com violência enquanto ele continuava a gemer, quase como se estivesse morrendo. Congelei, não sabendo o que fazer. Um momento depois, Savannah passou correndo por mim, vestindo uma blusa nova.

– Alan! Estou chegando! – gritou ela numa voz frenética. – Vai ficar tudo bem!

Alan continuou a gemer, e as portas dos armários seguiram sendo batidas.

– Precisa de ajuda?

– Não. Deixe-me cuidar disso. Esse tipo de coisa acontece às vezes quando Alan chega em casa do hospital.

Ela correu para a cozinha. Eu mal a ouvia quando começou a falar com ele. Sua voz quase desaparecia naquele clamor, mas percebi firmeza nela, e chegando mais para o lado pude vê-la de pé ao lado dele, tentando acalmá-lo. Não parecia estar fazendo qualquer efeito, e senti um ímpeto de ajudá-la, mas Savannah mantinha a calma. Continuou a falar com Alan, depois pôs a mão sobre a dele, acompanhando seu gesto de bater as portas.

Por fim, depois do que pareceu ser uma eternidade, as batidas começaram a diminuir e ficaram mais ritmadas; a partir daí, lentamente foram se espaçando até parar. O mesmo aconteceu com os gritos de Alan. A voz de Savannah agora era mais suave, e eu não conseguia mais distinguir as palavras.

Sentei-me no sofá. Alguns minutos depois, levantei-me e fui até a janela. Estava escuro; as nuvens tinham passado e agora era possível ver as estrelas acima da montanha. Pensando no que poderia estar acontecendo, fui até um ponto na sala de onde tinha um vislumbre da cozinha.

Os dois estavam sentados no chão da cozinha. Alan tinha a cabeça poucada no peito de Savannah, que passava a mão em seu cabelo com ternura, encostada nos armários. As lágrimas brilhavam nos olhos dela, mas notei seu ar de concentração, e sabia que estava determinada a não deixar que ele percebesse quanto ela sofria.

– Eu o amo – ouvi Alan dizer, não mais com aquela voz profunda no hospital; esse era um dolorido apelo de um menininho assustado.

– Eu sei, benzinho. Eu o amo também. Muito. Sei que você está assustado. Estou assustada também.

Por seu tom de voz, constatei quanto estava sendo sincera.

– Eu o amo – repetiu Alan.

– Dentro de alguns dias ele vai sair do hospital. Os médicos estão fazendo tudo que podem.

– Eu o amo.

Savannah beijou o alto de sua cabeça.

– Ele também ama você, Alan. E eu também. Tim está ansioso por cavalgar com você novamente. Ele me disse isso. E está tão orgulhoso de você... Ele me fala o tempo todo do bom trabalho que você está fazendo aqui.

– Estou assustado.

– Também estou, querido. Mas os médicos estão fazendo tudo que podem.

– Eu o amo.

– Eu sei. Eu o amo também. Mais do que você possa imaginar.

Continuei a observá-los, sabendo de repente que não pertencia àquele lugar. Durante todo o tempo que fiquei ali, Savannah nunca olhou para cima, e fui invadido pela consciência de tudo que havíamos perdido.

Tirei as chaves do bolso e me virei para ir embora, sentindo a ardência das lágrimas nos olhos. Abri a porta. Apesar do rangido estridente, eu sabia que Savannah não ouviria nada.

Desci os degraus aos tropeços, pensando se alguma vez na vida tinha me sentido tão cansado. Enquanto dirigia para o hotel e ouvia o ronco baixo do motor, à medida que esperava o sinal de trânsito abrir, sabia que os passantes estariam vendo um homem chorar, um homem cujas lágrimas aparentemente nunca iam parar de rolar.



Passei o resto da noite sozinho no quarto de hotel. Ouvia pessoas estranhas passando por minha porta lá fora. Quando entravam carros no estacionamento, meu quarto se iluminava por um momento com a luz dos faróis, projetando imagens fantasmagóricas nas paredes. Pessoas em movimento, pessoas seguindo com suas vidas. Deitado na cama, eu estava cheio de inveja e me perguntava se alguma vez poderia dizer o mesmo de mim.

Nem tentei dormir. Só conseguia pensar em Tim. Porém, em vez da figura extenuada que tinha visto no quarto de hospital, só enxergava o jovem que tinha conhecido na praia, o estudante de sorriso fácil. Pensei em meu pai, e em como teriam sido suas últimas semanas de vida. Tentei imaginar a equipe da clínica ouvindo ele discorrer sobre moedas, rezando para que o diretor tivesse falado a verdade quando disse que meu pai tinha morrido tranquilamente enquanto dormia. Pensei em Alan e no estranho mundo que habitava sua mente. Mas, acima de tudo, pensei em Savannah. Recapitulei o dia que tínhamos passado juntos e não parei de vivenciar o passado, tentando escapar do vazio que não queria ir embora.

Vi o sol nascer na manhã seguinte. Tomei banho e levei os poucos pertences que havia no quarto de volta para o carro. No restaurante do outro lado da rua, pedi um café da manhã completo, mas quando o prato fumegante estava à minha frente, eu o coloquei de lado e tomei uma xícara de café, me perguntando se Savannah já estaria de pé, alimentando os cavalos.

Eram nove horas da manhã quando cheguei ao hospital. Apresentei-me na recepção e peguei o elevador para o terceiro andar; atravessei o mesmo corredor que tinha atravessado na véspera. A porta do quarto de Tim estava entreaberta, e dava para ouvir o som da televisão.

Ele me viu e sorriu, surpreso.

– Ei, John – disse, desligando a televisão. – Entre. Eu só estava matando o tempo.

Quando me sentei na mesma cadeira em que tinha sentado no dia anterior, notei que a cor de seu rosto tinha melhorado. Tim se esforçou para sentar mais apertado na cama antes de olhar para mim outra vez.

– O que o traz aqui tão cedo?

– Estou me preparando para ir embora. Tenho que pegar um voo amanhã de volta para a Alemanha. Você sabe como são essas coisas.

– Sim, eu sei. Se tudo correr bem, vou ter alta hoje. Passei bem esta noite.

– Ótimo. Fico feliz em saber.

Estudei sua expressão, procurando algum sinal de suspeita em seu olhar, qualquer sugestão do que quase tinha acontecido na noite anterior, mas não havia nada.

– Qual é o real motivo de você estar aqui, John? – perguntou ele.

– Não tenho muita certeza – confessei. – Apenas senti que precisava vê-lo. E que talvez você também quisesse me ver.

Ele assentiu.

– Quer saber o que é a pior coisa em tudo isso, John? É a minha preocupação com Alan. Sei o que está acontecendo comigo. Sei que os prognósticos estão contra mim e que existe uma grande chance de eu não sobreviver. Posso aceitar isso. Como disse ontem, ainda tenho minha fé e sei que algo melhor me aguarda. Quanto a Savannah... sei que ela ficará arrasada se algo acontecer comigo. Mas sabe o que aprendi quando perdi meus pais?

– Que a vida não é justa?

– Sim, é claro. Mas aprendi também que é possível continuar, não importa quanto pareça impossível. O tempo cura a dor. Talvez nunca vá embora completamente, mas depois de algum tempo ela não é tão avassaladora. Isso é o que vai acontecer com Savannah. Ela é jovem e forte, e será capaz de continuar com sua vida. Mas Alan... Não sei o que vai acontecer com ele. Quem vai cuidar dele? Onde vai viver?

– Savannah vai cuidar dele.

– Sei que vai. Mas seria justo esperar que ela assuma essa responsabi-

lidade?

– Não importa se é justo ou não. Savannah não permitirá que nada de mau aconteça a ele.

– Como? Ela terá que trabalhar. Quem vai zelar por Alan, então? Ele ainda é jovem. Só tem 19 anos. Posso esperar que ela cuide dele durante os próximos cinquenta anos? Para mim, foi simples. Ele é meu irmão. Mas Savannah... – Ele balançou a cabeça. – Ela é jovem e bonita. Seria justo esperar que nunca se case outra vez?

– Do que está falando?

– Será que o novo marido dela vai querer tomar conta de Alan?

Quando não respondi, Tim ergueu a sobrancelha.

– Você iria querer?

Abri a boca para responder, mas as palavras não saíram. Sua expressão se amenizou.

– É nisso que fico pensando enquanto estou aqui. Isto é, quando não estou passando mal. Na verdade, penso em uma porção de coisas, inclusive em você, John.

– Em mim?

– Você ainda a ama, não?

Mantive a expressão impassível, mas ele assim mesmo a decifrou.

– Tudo bem. Eu sei. Sempre soube. – Sua expressão era quase melancólica. – Ainda me lembro do rosto de Savannah na primeira vez que me falou de você. Eu nunca a tinha visto daquele jeito. Fiquei feliz por ela, porque havia uma coisa em você que me despertou confiança. Durante todo aquele primeiro ano em que você esteve fora, ela sentiu tanto a sua falta... Você era tudo em que ela conseguia pensar. Depois Savannah soube que você não viria para casa, e fomos para Lenoir, e meus pais morreram e... – Ele não terminou. – Você sempre soube que eu também estava apaixonado por ela, não?

– Sim.

– Imaginei. – Ele pigarreou. – Eu a amo desde 12 anos. E, aos poucos, o inverso aconteceu, e Savannah se apaixonou por mim também.

– Por que está me dizendo isso?

– Porque não é a mesma coisa. Sei que Savannah me ama, mas nunca me amou do mesmo jeito que amou você. Nunca teve essa paixão ardente por mim, mas estávamos indo bem juntos. Ela ficou tão feliz quando começamos com o rancho... e eu me senti muito bem por poder fazer isso por ela. Então fiquei doente, mas ela está sempre aqui, cuidando de mim, assim como eu cuidaria dela se isso acontecesse com ela.

Tim fez uma pausa, tentando encontrar as palavras certas, e notei uma angústia em sua expressão.

– Ontem, quando você entrou, eu vi o modo como ela olhava para você. Savannah sempre o amará. Isso me corta o coração, mas não há nada que eu deseje mais do que vê-la feliz. É tudo que sempre quis para ela.

Minha garganta estava tão seca que quase não consegui falar.

– O que quer dizer com isso?

– Estou dizendo que não se esqueça de Savannah se alguma coisa acontecer comigo. E prometa que vai sempre tratá-la com o maior carinho, assim como eu tratei.

– Tim...

– Não diga nada, John. – Ele ergueu a mão, não sei se para me interromper ou para se despedir. – Apenas lembre-se do que eu disse, está bem?

Quando ele se virou para o outro lado, soube que nossa conversa tinha terminado.

Levantei-me e saí silenciosamente do quarto, fechando a porta.



Fora do hospital, fiquei ofuscado pela intensa luz matinal. Ouvia pássaros chilreando nas árvores, mas, embora procurasse por eles, os animais permaneceram ocultos.

O estacionamento estava um pouco cheio. Aqui e ali eu via as pessoas indo para a entrada ou voltando a seus carros. Todas pareciam tão soturnas

quanto eu, como se o otimismo que demonstravam na frente de seus entes queridos se desvanecesse no momento em que ficavam a sós. Sabia que milagres eram sempre possíveis, não importava a doença da pessoa, e que as mulheres na maternidade eram só alegria com os filhos recém-nascidos nos braços, mas minha sensação era de que a maioria dos visitantes mal conseguia se segurar.

Sentei-me num banco bem na frente, perguntando-me por que tinha vindo e desejando não ter feito isso. Repassei minha conversa com Tim e a imagem de sua angústia me fez fechar os olhos. Pela primeira vez em anos, meu amor por Savannah parecia ser de certo modo... *errado*. Amor deveria trazer consigo alegria, proporcionar paz de espírito, mas naquele momento só estava trazendo dor e sofrimento. Para Tim, para Savannah, até mesmo para mim. Eu não tinha vindo para tentar Savannah nem arruinar seu casamento... Ou será que tinha? Não estava certo de ser tão nobre quanto pensava que era, e essa constatação fez com que me sentisse vazio.

Tirei a foto de Savannah de minha carteira. Estava amarrotada e desgastada. Não sabia se Tim ia viver ou morrer, e não queria pensar sobre isso. Sabia que, não importava o que acontecesse, o relacionamento entre mim e Savannah nunca voltaria a ser como antes. Nós tínhamos nos conhecido num tempo livre de preocupações, num momento cheio de promessas; em seu lugar havia agora as duras lições do mundo real.

Esfreguei minhas têmporas, tomado pela ideia de que Tim sabia o que quase tinha acontecido entre Savannah e eu na noite anterior, e que talvez ele até tivesse esperado que acontecesse. Suas palavras deixavam isso claro, assim como seu pedido de que eu promettesse amá-la com a mesma devoção que ele. Sabia exatamente o que estava sugerindo que eu fizesse se ele morresse, mas sua permissão fez com que eu me sentisse ainda pior.

Por fim, comecei a caminhar até o carro devagar. Não tinha certeza do lugar para onde queria ir; só sabia que precisava me afastar do hospital o máximo possível. Precisava ir embora de Lenoir, nem que fosse para ter a oportunidade de pensar. Pus a mão no bolso para pegar as chaves.

Só quando estava chegando perto do carro, percebi a picape de Savan-

nah estacionada junto a ele. Ela estava sentada no banco da frente e abriu a porta quando me viu chegar. Esperou por mim, alisando a blusa, enquanto eu me aproximava.

Parei quando estava bem perto.

– John, você foi embora sem se despedir ontem à noite.

– Eu sei.

Ela assentiu de leve. Ambos sabíamos por quê.

– Como sabia que eu estava aqui?

– Eu não sabia – respondeu. – Passei pelo hotel e eles disseram que você tinha fechado a conta. Quando vim para cá, vi seu carro e decidi esperar. Você visitou Tim?

– Sim. Ele está se sentindo melhor. Acha que vai ter alta ainda hoje, mais tarde.

– Que boa notícia! – Ela indicou meu carro. – Você está deixando a cidade?

– Tenho que ir. Minha licença acabou.

Ela cruzou os braços.

– Você ia se despedir de mim?

– Não sei. Ainda não tinha pensado muito nisso.

Vi um lampejo de mágoa e desapontamento em seu rosto.

– Sobre o que você e Tim conversaram?

Olhei por cima do ombro para o hospital, depois para ela outra vez.

– Você devia perguntar isso a ele.

Sua boca se crispou e seu corpo pareceu se enrijecer.

– Então isto é um adeus?

Ouvi um carro buzinar na estrada mais além e vi alguns outros desacelerando de repente. O motorista de um Toyota vermelho passou para a outra pista tentando contornar o trânsito parado. Enquanto olhava, sabia que estava protelando e que Savannah merecia uma resposta.

– Sim, acho que sim.

Os nós de seus dedos se destacaram embranquecidos em contraste com os braços.

– Posso escrever para você?

Obriguei-me a não desviar o olhar, desejando mais uma vez que as coisas tivessem sido diferentes entre nós.

– Não sei se seria uma boa ideia.

– Não entendo.

– Sim, você entende. Você está casada com Tim, não comigo. – Esperei as palavras fazerem efeito para ela e para mim enquanto reunia forças para dizer o que queria dizer em seguida. – Tim é um bom homem, Savannah. Um homem melhor do que eu, e estou contente que tenha se casado com ele. Por mais que eu a ame, não quero romper um casamento por causa disso. E, bem no fundo, não creio que você queira. Mesmo que você me ame, você o ama também. Levei algum tempo para perceber, mas tenho certeza disso.

Não mencionei o futuro incerto de Tim, e pude ver seus olhos se encherem de lágrimas.

– Será que vamos nos ver de novo?

– Não sei. – As palavras queimavam minha garganta. – Mas eu realmente espero que não.

– Como pode dizer isso? – perguntou Savannah, a voz começando a falhar.

– Porque isso significaria que Tim vai sair dessa. E tenho um pressentimento de que tudo vai ser como deveria ser.

– Você não pode dizer isso! Não pode prometer isso!

– Não, não posso.

– Então por que tem que terminar agora? Dessa maneira?

Uma lágrima escorreu por seu rosto. Apesar de saber que deveria simplesmente ir embora, dei um passo em sua direção. Já bem perto, enxuguei a lágrima com delicadeza. Em seus olhos vi medo e tristeza, raiva e traição. Porém, mais do que tudo, vi que me imploravam que mudasse de ideia.

Engoli em seco.

– Você está casada com Tim e seu marido precisa de você. Não há es-

paço para mim, e nós dois sabemos disso.

Quando começaram a escorrer mais lágrimas pelo seu rosto, senti meus próprios olhos se inundarem. Inclinei-me e beijei Savannah levemente nos lábios, depois a tomei nos braços e a abracei bem forte.

– Eu amo você, Savannah. Sempre amarei – disse num sussurro. – Você é a melhor coisa que já me aconteceu. Você foi a minha melhor amiga, minha amante, e não me arrependo de um só momento que tive com você. Você fez com que eu me sentisse vivo outra vez. Mais do que tudo, você me deu meu pai. Nunca esquecerei que devo isso a você. Você sempre será a melhor parte de mim. Sinto muito que tenha de ser dessa maneira, mas preciso ir embora, e você tem que cuidar do seu marido.

Enquanto falava, senti seu corpo estremecer com soluços. Continuei a abraçá-la ainda por um longo tempo. Quando enfim nos separamos, sabia que era a última vez que a teria nos braços.

Recuei, meu olhar sustentando o de Savannah.

– Eu também amo você, John.

E, com isso, ela enxugou as lágrimas e começou a caminhar na direção do hospital.



Aquela despedida foi a coisa mais difícil que tive que fazer na vida. Parte de mim queria dar meia-volta com o carro e correr de volta para o hospital, dizer-lhe que sempre estaria disponível para ela, contar-lhe o que Tim me dissera. Mas não fiz isso.

No caminho, saindo da cidade, parei num posto para encher o tanque. Na loja de conveniência, comprei uma garrafa de água. Quando fui até o balcão, vi um pote que o dono tinha posto ali para coletar dinheiro para Tim. Estava cheio de moedas e de notas de um dólar; no rótulo estava o nome de um banco local e o número da conta. Pedi para trocar alguns dólares em moedas, e o homem atrás do balcão me fez esse favor.

Meus pensamentos voavam quando voltei para o carro. Abri a porta e comecei a percorrer os documentos que o advogado tinha me dado, procurando também um lápis. Achei o que estava querendo e fui até um telefone público. Ficava à margem da estrada, e os carros passavam roncando por ele. Disquei para o serviço de informações e tive que apertar o fone na orelha para ouvir a voz computadorizada me informar o número que tinha pedido. Eu o rabisquei nos documentos e desliguei. Depositei algumas moedas, disquei o número numa ligação interurbana e escutei outra voz de computador pedir que depositasse mais dinheiro. Deixei cair mais algumas moedas e logo ouvi o ruído de chamada.

Quando o homem atendeu, disse quem eu era e perguntei se ele se lembrava de mim.

– Claro que lembro, John. Tudo bem?

– Mais ou menos. Meu pai faleceu.

Houve uma breve pausa.

– Sinto muito – disse ele. – Tem alguma coisa que eu possa fazer?

Fechei os olhos pensando em Savannah e Tim, esperando que de algum modo meu pai me perdoasse pelo que estava prestes a fazer.

– Sim – respondi ao comerciante de moedas. – Na verdade, tem. Quero vender a coleção de moedas de meu pai e preciso do dinheiro o mais rápido possível.

Epílogo



Lenoir, 2006

O que significa amar de verdade outra pessoa?

Penso nessa pergunta novamente, sentado na encosta da montanha e vendo Savannah se movimentar entre os cavalos. Por um momento, me recordo daquela noite em que apareci no rancho para encontrá-la... mas para mim aquela visita parece cada vez mais um sonho.

Vendi as moedas por menos do que valiam. Fiquei apenas com o *buffalo nickel*, pois não suportaria abrir mão dele. Fora a fotografia, era tudo que me restara do meu pai, e o carrego sempre comigo. É uma espécie de talismã que contém todas as minhas lembranças dele; a todo momento eu o tiro do bolso e o olho. Passo meus dedos pelo estojo de plástico que o contém e visualizo meu pai lendo o *Greysheet* em seu escritório ou preparando bacon na cozinha. Isso me faz sorrir e por um momento sinto que não estou mais sozinho.

Mas estou, e parte de mim sabe que sempre estarei ao ver Savannah e Tim a distância, de mãos dadas. Eles se tocam de um jeito que fica evidente a afeição que sentem um pelo outro. Formam um belo casal, tenho de admitir. Alan se junta a eles, e os três entram na casa. Eu me pergunto por um instante sobre o que estariam conversando, mas tenho plena consciên-

cia de que não é da minha conta. Tim não está mais em tratamento e a maioria das pessoas na cidade espera que se recupere.

Soube disso pelo advogado local, que contratei em minha última visita a Lenoir. Entrei em seu gabinete com um cheque e pedi que o depositasse na conta que fora aberta para o tratamento de Tim. Devido à relação de sigilo entre advogado e cliente, ele não contaria nada a ninguém na cidade. Era importante não deixar que Savannah soubesse o que eu tinha feito. Em qualquer casamento, só há espaço para duas pessoas.

Contudo, pedi ao advogado que me mantivesse informado. Ele me contou que Savannah irrompeu em choro quando soube da doação anônima. Uma semana depois, ela levou Tim para o MD Anderson. O marido era o candidato ideal para a vacina que estavam planejando começar a testar em novembro. Antes de se submeter ao experimento clínico, Tim tinha passado pela bioquimioterapia e os médicos estavam esperançosos de que os tratamentos acabariam com as células cancerosas que se acumulavam em seus pulmões. Dois meses antes, o advogado tinha me ligado para contar que o tratamento havia sido ainda mais bem-sucedido do que os médicos esperavam, e que Tim estava tecnicamente em processo de remissão.

Não é uma garantia de que viverá até a velhice, mas lhe assegura uma possibilidade de lutar pela vida, e isso é tudo que eu quero para os dois. Quero que sejam felizes. Quero que Savannah seja feliz. E, a julgar pelo que testemunhei hoje, eles são. Eu vim até aqui porque precisava saber se fiz a escolha certa ao vender as moedas para pagar o tratamento de Tim, acertei ao nunca mais entrar em contato. Parece que sim.

Vendi a coleção porque enfim compreendi o que significa amar de verdade. Tim me ensinou que amar significa se preocupar com a felicidade de outra pessoa mais do que com a sua. Eu saí do quarto de Tim no hospital sabendo que ele estava certo. Mas fazer o que é certo não é fácil. Naquela época, eu levava minha vida sentindo que faltava alguma coisa. Sei que meu sentimento por Savannah nunca irá mudar, e sei que sempre vou me questionar quanto à escolha que fiz.

E às vezes eu me pergunto se Savannah sente o mesmo. O que sem dú-

vida explicaria a outra razão de eu ter ido a Lenoir.



Fico olhando para o rancho e tudo se encaixa. É a primeira noite de lua cheia. Prendo a respiração quando a lua começa a lenta ascensão acima das montanhas, seu brilho leitoso tocando a beira do horizonte. As árvores parecem agora feitas de prata líquida e, embora queira voltar a ter minhas lembranças agridoces, eu me viro e olho para o rancho mais uma vez.

Por muito tempo espero em vão. A lua continua a traçar seu longo arco pelo céu, e uma por uma as luzes da casa se apagam. Meu olhar se encontra fixo na porta de entrada, esperando o impossível. Sei que ela não vai aparecer, mas ainda não consigo me obrigar a ir embora. Inspiro devagar quando enfim a vejo sair da casa, sinto um estranho formigamento no corpo, algo que nunca tinha experimentado antes. Ela para nos degraus e se vira em minha direção. Fico paralisado, sem motivo. Sei que é impossível ela me ver. Vejo Savannah fechar a porta atrás dela em silêncio. Desce os degraus sem pressa e vai para o meio do quintal.

Lá, ela para e cruza os braços, olhando sobre o ombro para se certificar de que ninguém a seguiu. Nesse momento, parece relaxar. E então, quando ela ergue o rosto para a lua, parece que estou contemplando um milagre. Eu a vejo se embeber dessa visão e sinto o fluir das lembranças que Savannah desencadeou, desejando mais do que tudo fazê-la saber que estou aqui. Mas fico onde estou e contemplo a lua também.

Por um breve instante, é quase como se estivéssemos juntos novamente.

Agradecimentos



Escrever este romance foi uma alegria e um desafio.

Alegria, porque espero que os personagens reflitam sobre a honra e a integridade daqueles que prestam serviço militar. Desafio porque... bem, para ser sincero, acho que todo romance que escrevi foi um desafio. No entanto, há pessoas que o tornam muito mais fácil de enfrentar. Sem mais cerimônias, quero agradecer:

A Cat, a mulher que amo de todo o coração. Obrigado por sua paciência, amor.

A Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah, meus filhos. Obrigado por seu entusiasmo infinito, meninos.

A Theresa Park, minha agente. Obrigado por tudo.

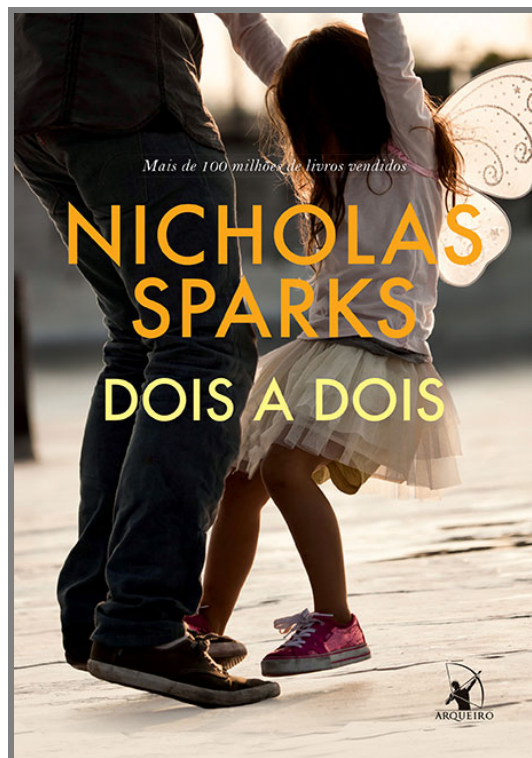
A Jamie Raab, meu editor. Obrigado por sua gentileza e seu discernimento.

A David Young, o novo CEO da Hachette Book Group dos Estados Unidos, a Maureen Egen, Jennifer Romanello, Harvey-Jane Kowal, Shannon O'Keefe, Sharon Krassney, Abby Koons, Denise DiNovi, Edna Farley, Howie Sanders, David Park, Flag, Scott Schwimer, Lynn Harris, Mark Johnson... agradeço imensamente pela amizade de vocês.

A meus colegas da equipe de atletismo de New Bern High: Dave Simpson, Philemon Gray, Karjuan Williams, Darryl Reynolds, Anthony Hendrix, Eddie Armstrong, Andrew Hendrix, Mike Weir, Dan Castelow, Mar-

ques Moore, Raishad Dobie, Darryl Barnes, Jayr Whitfield, Kelvin Hardesty, Julian Carter e Brett Whitney... Que temporada, amigos!

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



Dois a dois

Com uma carreira bem-sucedida, uma linda esposa e uma adorável filha de 6 anos, Russell Green tem uma vida de dar inveja. Ele está tão certo de que essa paz reinará para sempre que não percebe quando a situação começa a sair dos trilhos.

Em questão de meses, Russ perde o emprego e a confiança da esposa, que se afasta dele e se vê obrigada a voltar a trabalhar. Precisando lutar para se adaptar a uma nova realidade, ele se desdobra para cuidar da filhinha, London, e começa a reinventar a vida profissional e afetiva – e a se abrir para antigas e novas emoções.

Lançando-se nesse universo desconhecido, Russ embarca com London

numa jornada ao mesmo tempo assustadora e gratificante, que testará suas habilidades e seu equilíbrio emocional além do que ele poderia ter imaginado.

Em *Dois a dois*, Nicholas Sparks conta a história de um homem que precisa se redescobrir e buscar qualidades que nem desconfiava possuir para lutar pelo que é mais importante na vida: aqueles que amamos.



No seu olhar

Filha de imigrantes mexicanos, Maria Sanchez é uma advogada inteligente, bonita e bem-sucedida que aprendeu cedo o valor do trabalho duro e de uma rotina regrada. Porém, um trauma a faz questionar tudo em que acreditava e voltar para sua cidade natal, a pequena Wilmington.

A cidade também é o lugar que Colin Hancock escolheu para se dar uma segunda chance. Apesar de jovem, ele sofreu mais violência e abandono do que a maioria das pessoas. Também cometeu sua parcela de erro e magoou mais gente do que gostaria. Agora está determinado a mudar de vida, tornar-se professor e dar às crianças o carinho e a atenção que ele próprio não teve.

Colin e Maria não foram feitos um para o outro, mas um encontro casual durante uma tempestade mudará o rumo de suas histórias. Ao con-

frontar as diferenças entre os dois, eles questionarão as próprias convicções. E ao enxergar além das aparências, redescobrirão a capacidade de amar.



Diário de uma paixão

Duke é um homem simples com uma vida modesta, mas amou alguém de todo o coração e, para ele, isso sempre foi suficiente. Na clínica de repouso em que vive, Duke se dedica a ler poemas para os outros pacientes, mas, para uma senhora que sofre de Alzheimer – e somente para ela –, lê um diário especial à espera de que um milagre aconteça.

Nele está escrita a emocionante história de Allie Nelson e Noah Calhoun, dois jovens que descobrem o verdadeiro significado da paixão, mas são separados por uma série de obstáculos e mal-entendidos.

Muitos anos depois, a vida dá conta de uni-los novamente e a paixão volta com todo o seu fulgor. Já noiva de um bem-sucedido advogado, Allie precisa optar entre manter o rumo estável de sua vida e se entregar ao verdadeiro amor, correndo todos os riscos. Com a leitura do diário, Duke re-

corda a própria vida e, às vezes, a senhora consegue romper as barreiras da doença e retomar sua antiga identidade alegre e vivaz. E, sempre que isso acontece, Duke tem a certeza de que o amor relatado nas páginas do diário é a força mais poderosa do universo.

Diário de uma paixão foi o primeiro romance publicado por Nicholas Sparks e é uma prova do talento que o consagrou por todo o mundo. Entre-meando as histórias de Allie, Noah e Duke, ele construiu um conto romântico que se tornou um verdadeiro clássico.



A escolha

A escolha levanta uma das questões mais difíceis da vida: até onde você iria em nome de um amor verdadeiro?

Para Travis Parker, felicidade é estar com a irmã e os amigos, viajar, andar de moto e praticar esportes radicais. Ele nunca teve um relacionamento amoroso sério, mas não sente falta disso. Para ele, sua vida já está completa.

Pelo menos até conhecer Gabby Holland, a bela médica que acaba de se mudar para a casa ao lado em busca de felicidade e independência. Mas conquistá-la não será tão simples. A jovem tem namorado e fica muito confusa com os sentimentos que o vizinho lhe desperta. E, depois de um fim de semana em especial, ela terá que tomar uma decisão.

Mostrando que sentimentos imprevisíveis levam a caminhos surpreen-

dentes, Nicholas Sparks mais uma vez constrói personagens sensíveis e cenas emocionantes que trazem tanto sorrisos como lágrimas num espaço de poucas páginas.



Uma longa jornada

Aos 91 anos, com problemas de saúde e sozinho no mundo, Ira Levinson sofre um terrível acidente de carro. Enquanto luta para se manter consciente, a imagem de Ruth, sua amada esposa que morreu há nove anos, surge diante dele.

Mesmo sabendo que é impossível que ela esteja ali, Ira se agarra a isso e relembra momentos de sua longa vida em comum: o dia em que se conheceram, o casamento, o amor dela pela arte, os dias sombrios da Segunda Guerra e seus efeitos sobre eles e suas famílias.

Perto dali, Sophia Danko, uma jovem estudante de história da arte, acompanha a melhor amiga até um rodeio. Lá é assediada pelo ex-namorado e acaba sendo salva por Luke Collins, o caubói que acabou de vencer a competição.

Ele e Sophia começam a conversar e logo percebem como é fácil estarem juntos. Luke é completamente diferente dos rapazes privilegiados da faculdade. Ele não mede esforços para ajudar a mãe e salvar a fazenda da família.

Aos poucos, Sophia começa a descobrir um novo mundo e percebe que Luke talvez tenha o poder de reescrever o futuro que ela havia planejado. Isso se o terrível segredo que ele guarda não puser tudo a perder.

Ira e Ruth. Luke e Sophia. Dois casais de gerações diferentes que o destino cuidará de unir, mostrando que, para além do desespero, da dificuldade e da morte, a força do amor sempre nos guia nesta longa jornada que é a vida.



O melhor de mim

Na primavera de 1984, os estudantes Amanda Collier e Dawson Cole se apaixonaram perdidamente. Embora vivessem em mundos muito diferentes, o amor que sentiam um pelo outro parecia forte o bastante para desafiar todas as convenções de Oriental, a pequena cidade em que moravam.

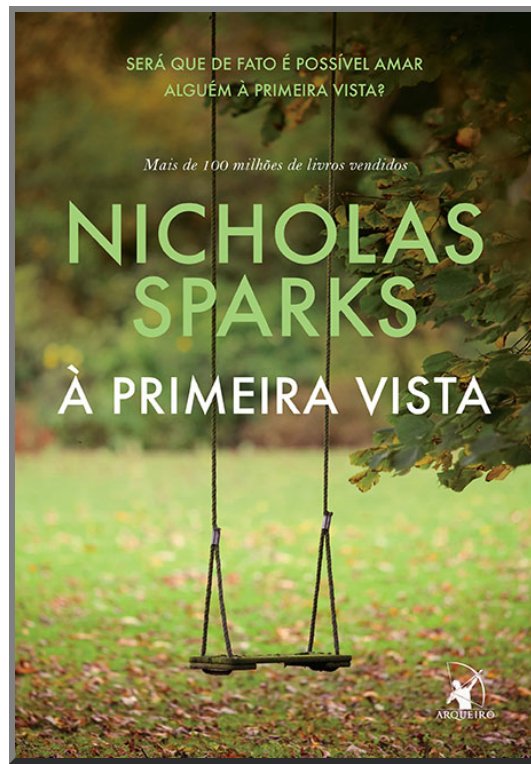
Nascido em uma família de criminosos, o solitário Dawson acreditava que seu sentimento por Amanda lhe daria a força necessária para fugir do destino sombrio que parecia traçado para ele. Ela, uma garota bonita e de família tradicional, que sonhava entrar para uma universidade de renome, via no namorado um porto seguro para toda a sua paixão e seu espírito livre. Infelizmente, quando o verão do último ano de escola chegou ao fim, a realidade os separou de maneira cruel e implacável.

Vinte e cinco anos depois, eles estão de volta a Oriental para o velório

de Tuck Hostetler, o homem que um dia abrigou Dawson, acobertou o namoro do casal e acabou se tornando o melhor amigo dos dois.

Seguindo as instruções de cartas deixadas por Tuck, o casal redescobrirá sentimentos sufocados há décadas. Após tanto tempo afastados, Amanda e Dawson irão perceber que não tiveram a vida que esperavam e que nunca conseguiram esquecer o primeiro amor. Um único fim de semana juntos e talvez seus destinos mudem para sempre.

Num romance envolvente, Nicholas Sparks mostra toda a sua habilidade de contador de histórias e reafirma que o amor é a força mais poderosa do Universo – e que, quando duas pessoas se amam, nem a distância nem o tempo podem separá-las.



À primeira vista

Jeremy Marsh tinha três certezas: jamais se mudaria de Nova York, não se apaixonaria novamente e nunca teria filhos.

Mas agora ele está prestes a se casar com Lexie Darnell e aguarda a chegada da primeira filha, enquanto conduz a reforma de sua nova casa na pequena cidade de Boone Creek, na Carolina do Norte.

Em meio a tantas mudanças, Jeremy luta para reencontrar o equilíbrio pessoal e profissional ao lado da mulher que o fez mudar todos os seus planos. Quando tudo parece estar entrando nos eixos, Jeremy recebe um misterioso e-mail que dá início a uma série de acontecimentos que irão testar a força dessa paixão.

Atormentado pela ideia de estar sendo traído, vivendo uma crise criativa que o impede de trabalhar e angustiado com a gestação complicada de

Lexie, ele não poderia imaginar que o pior – e o melhor – ainda estava por vir.

À primeira vista captura toda a incerteza, a tensão e a angústia da vida desse jovem casal, mas também retrata o romantismo, o companheirismo, a descoberta e o amadurecimento que só o verdadeiro amor pode proporcionar.

Sobre o autor



NICHOLAS SPARKS lançou seu primeiro livro aos 31 anos, ao qual se seguiram outros 19. Suas obras foram traduzidas para 50 idiomas e já venderam mais de 100 milhões de exemplares no mundo todo. Onze de seus livros ganharam adaptações para o cinema. No ano de seu lançamento, *Querido John* entrou na lista de mais vendidos do *The New York Times*. Um dos maiores best-sellers de Sparks, o livro recebeu uma adaptação cinematográfica em 2010 estrelada por Amanda Seyfried e Channing Tatum. O autor mora na Carolina do Norte e tem cinco filhos.

www.nicholassparks.com

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Parte Um](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[Parte Dois](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[Parte Três](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

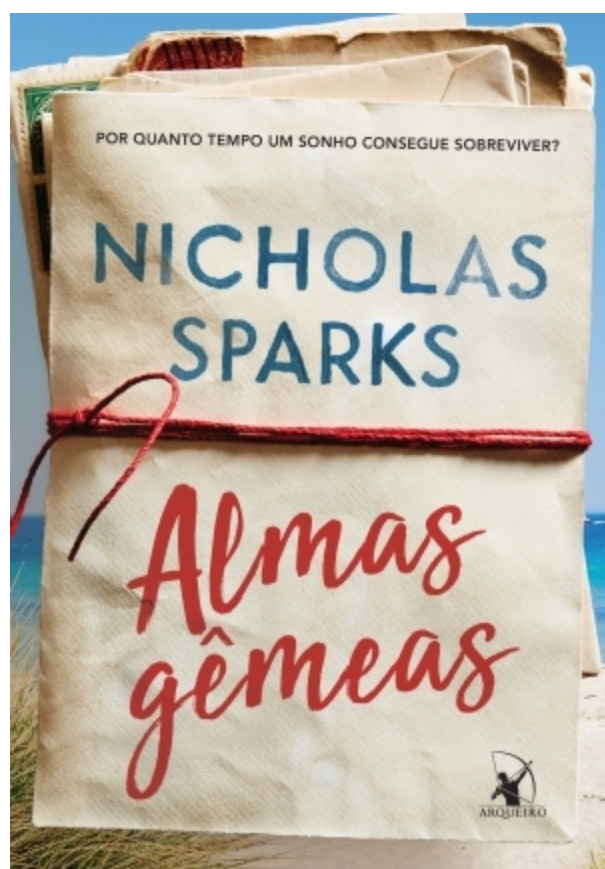
[20](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)



Almas gêmeas

Sparks, Nicholas

9788580418644

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Hope Anderson está numa encruzilhada. Aos 36 anos, namora o mesmo homem há seis, mas não tem perspectivas de casamento. Quando seu pai é diagnosticado com uma grave doença degenerativa, ela resolve passar uma semana na casa de praia da família, na Carolina do Norte, para pensar nas difíceis decisões que precisa tomar em relação ao próprio futuro. Tru Walls nasceu numa família rica no Zimbábue. Nunca esteve nos Estados Unidos, até receber uma carta de um homem que diz ser seu pai biológico, convidando-o a encontrá-lo numa casa de praia na Carolina do Norte. Intrigado, ele aceita e faz a viagem. Quando os dois estranhos se cruzam na praia, nasce entre eles uma ligação eletrizante e imediata. Nos dias que se seguem, os sentimentos que desenvolvem um pelo outro os obrigam a fazer escolhas que colocam à prova suas prioridades e reais chances de felicidade. O novo romance de Nicholas Sparks, na tradição de Diário de uma paixão e Noites de tormenta, aborda as muitas facetas do amor, os arrependimentos e a esperança que nunca morre. "Nicholas Sparks é conhecido por escrever romances que despertam emoções profundas, e confirma seu talento nesta encantadora e comovente história de um amor que desafia o tempo." – Booklist

[Compre agora e leia](#)

Pode o amor resistir
às más duras provocações?

Da autora
de **DESEJO
PROIBIDO**

eternamente
 você

SOPHIE JACKSON



Eternamente você

Jackson, Sophie

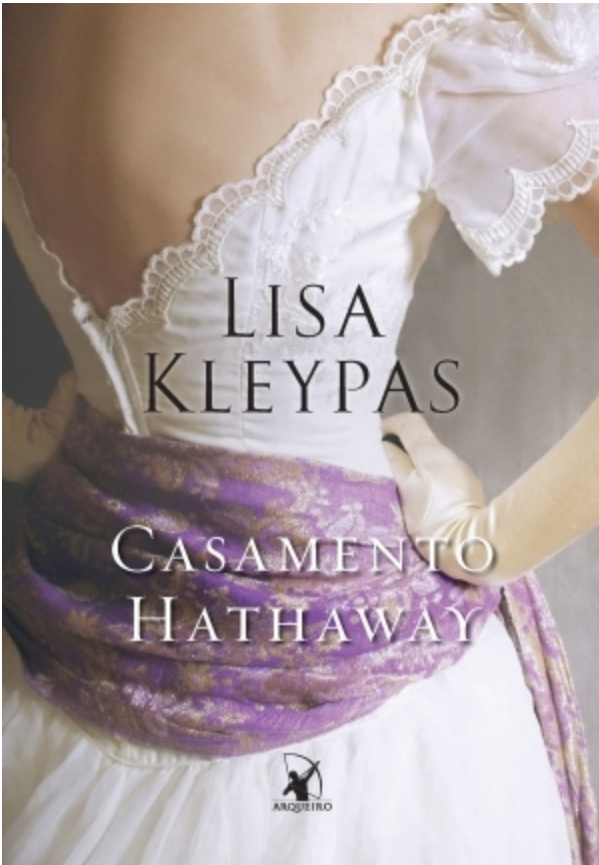
9788580414820

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)



Casamento Hathaway

Kleypas, Lisa

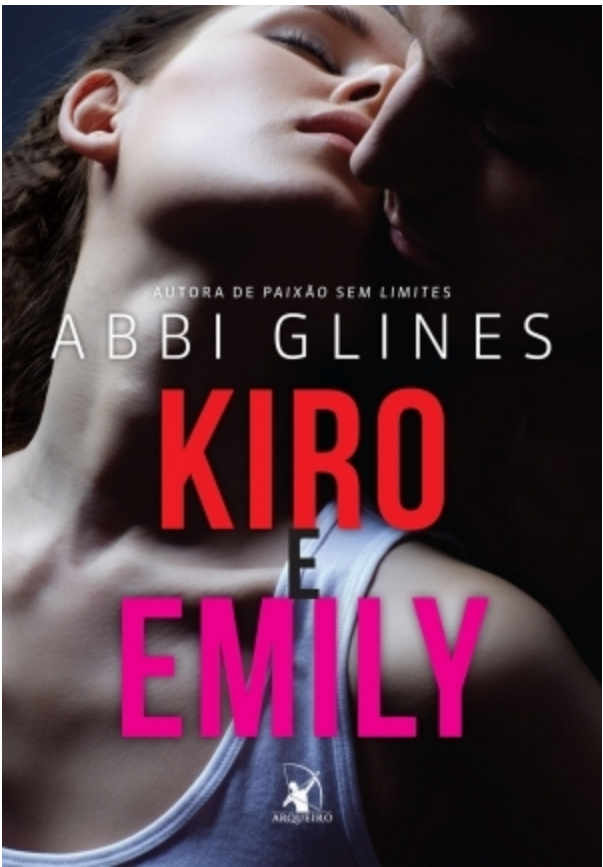
9788580418484

36 páginas

[Compre agora e leia](#)

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância. Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improviso e convidados surpresa. Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

[Compre agora e leia](#)



Kiro e Emily

Glines, Abbi

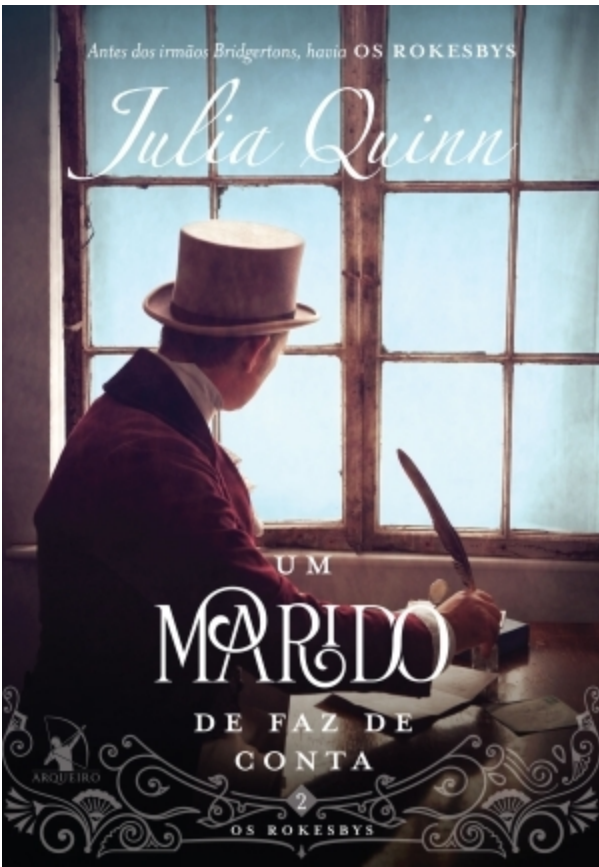
9788580416107

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

O ano é 1992, e a Slaker Demon é a maior banda do momento. Ganhadores do disco múltiplo de platina, tendo turnês inteiras com ingressos esgotados, liderando as paradas de sucessos e acumulando rios de dinheiro, seus integrantes são a definição perfeita de deuses do rock. Por isso, não é de estranhar que o bad boy incrivelmente sedutor Kiro Manning, vocalista da banda, tenha todas as mulheres a seus pés. Ou pelo menos era isso que ele pensava até ser rejeitado por Emily, uma jovem linda que apareceu inesperadamente em uma das badaladas festas pós-show. Emily é diferente. Determinada. Pura. Especial. Ele a deixou escapar quando se conheceram, mas não para de pensar nela desde então. E ao se reencontrarem, Kiro promete não desistir desse sentimento novo que faz com que ele queira ser alguém melhor. Alguém que mereça ser amado. Nesse livro emocionante, Abbi Glines nos transporta de volta no tempo para apresentar o romance secreto que todos os jornalistas tentaram desvendar em A primeira chance. E, nessa jornada, ela mostra que o amor verdadeiro supera qualquer barreira.

[Compre agora e leia](#)



Um marido de faz de conta

Quinn, Julia

9788580419238

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Enquanto você dormia... Depois de perder o pai e ficar sabendo que o irmão Thomas foi ferido durante uma batalha, Cecilia Harcourt tem duas opções: se mudar para a casa de uma tia ou se casar com um vigarista. Para fugir desses destinos, ela cruza o Atlântico, determinada a cuidar do irmão. Após uma semana sem conseguir localizá-lo, ela encontra o melhor amigo dele, Edward Rokesby, inconsciente e precisando desesperadamente de cuidados. Mas, para permanecer a seu lado, Cecilia precisa contar uma pequena mentira... Eu disse a todos que era sua esposa. Quando Edward recobra a consciência, não entende nada. A pancada na cabeça o fez esquecer tudo que aconteceu nos últimos três meses, mas ele certamente se lembraria de ter se casado. Apesar de saber que Cecilia é irmã de Thomas, eles nunca foram apresentados. Mas, já que todo mundo a trata como esposa dele, deve ser verdade. Quem dera fosse verdade... Cecilia coloca o próprio futuro em risco ao se entregar ao homem que ama. Mas, quando a verdade vem à tona, Edward também pode ter algumas surpresas guardadas para a nova Sra. Rokesby. "Esse é um daqueles romances em que queremos gritar com os personagens e mandá-los contar logo a verdade um para o outro." – Kirkus Reviews "Um romance fabuloso! Um marido de faz de

conta evoca todo o encanto dos primeiros livros de Julia Quinn." –
Freshfiction.com

[Compre agora e leia](#)